almanaque
d' OTICO TICO
1945
PREÇO
CR$ 10,00

A PROFESSORA ACONSELHA :
Sua prova está limpa e bem feita, mas a tinta que você usou é horrivel! Use tinta "Sardinha" e fará provas completas e perfeitas.
PRODUTO DA
EMPREZA INDUSTRIAL DE TINTAS "SARDINHA"
Rua do Senado, 218
RIO
Nº 15
TINTA PARA CANETA
SARDINHA
RIO DE JANEIRO
SARDINHA

Eu também uso ATLAS crême dental
No combate às infecções dentárias
não há dentifrício mais poderoso!
O NOVO CRÊME DENTAL
ATLAS
contém sulfanilamida,
enérgico bactericida
AS EXPERIENCIAS DOS LABORATORIOS PROVAM E O USO DO MODERNO CREME DENTAL ATLAS CONFIRMA NÃO HA INFECÇÃO DENTARIA QUE RESISTA À AÇÃO DO ENERGICO BACTERICIDA SULFANILAMIDA. VEICULANDO A SULFANILAMIDA NA SUA ABUNDANTE ESPUMA O CRÊME DENTAL ATLAS É O MAIS PODEROSO DENTIFRICIO PARA COMBATER A INFECÇÃO DENTARIA
ALEM DA SULFANILAMIDA O CRÊME DENTAL ATLAS CONTÉM OUTROS INGREDIENTES QUE NEUTRALIZAM OS ACIDOS BUCAIS QUE CORROEM OS DENTES, PROVOCANDO A CARIE DE SABOR AGRADABILISSIMO. O CRÊME DENTAL ATLAS PERFUMA O HALITO E EMBELEZA OS DENTES
EMBORA SEJA UM PRODUTO DE ALTA CLASSE, ESTA AO ALCANCE DE TODOS. É VENDIDO PELO PREÇO DOS DENTIFRICIOS COMUNS. EXPERIMENTE HOJE PARA USAR SEMPRE O CRÊME DENTAL ATLAS.
CRÊME DENTAL ATLAS
REFRESCANTE GERMICIDA SABOROSO
LABORATÓRIOS • ATLAS

Almanaque d'O Tico-Tico

EXPEDIENTE

Edição e propriedade da

S. A. "O MALHO"

39.º ano de publicação

Diretor:

Antonio A. de Souza e Silva

Redação:

Rua Senador Dantas, 15, 5.º

Caixa Postal, 880

RIO DE JANEIRO

Preço: — Cr$ 10,00

O camelcão africano apesar do aspecto verdadeiramente diabólico que apresenta é completamente inofensivo, alimentando-se de insetos que caça com sua enorme língua pegajosa, lançando-a como um dardo sôbre a vítima.

A carne da baleia é bastante saborosa. O óleo que se extrái do corpo dêsse cetáceo tem grandes aplicações na indústria, na medicina etc.

Além disso, os ossos e as barbatanas são, também, de grandes utilidade para o homem.

QUE ENGANO!!

— Ah! Deixe-me saborear esta salsichinha!!!

PREITO À VERDADE

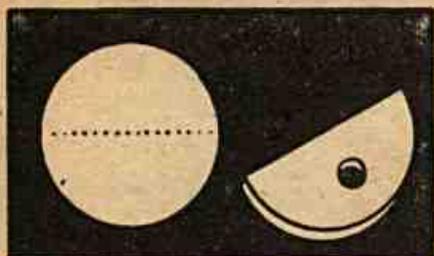
César foi um dos grandes inimigos políticos de Cicero e até consta que haja sido um dos responsáveis pelo assasinio do grande tribuno romano. Entretanto, estando êle um dia em casa de um de seus netos, foi êsse surpreendido com uma das obras de Cicero na mão e escondeu o livro na túnica. César, notando isso, tomou o livro, leu de pé uma grande parte, e entregando-o ao rapaz disse-lhe:

— Foi um sábio, meu filho. Um sábio que amava sua pátria!

REPITA O ERRO!...
COMPRE UM

Tank
Colegial

E veja quanto tempo durará

Fábrica: Rua Visconde de Niterói, 448 — Mangueira — Rio

UM APITO

◆

CORTA-SE (com atenção e cuidado para evitar qualquer tragédia...) a tampa de uma lata redonda, de uns 7 e meio centimetros de diâmetro, alizam-se os bordos com uma tesoura *apropriada* afim de que fiquem lisos e sem pontos cortantes e salientes.

Dobra-se, depois, à fôlha pelo meio, tal como indica a figura, e fazem-se 2 buracos, um de cada lado, perto da dobra central, obtendo-se assim um apito fortissimo.

Para usá-lo terá o leitor que colocar o lado reto (dobra) na boca, apertando com força os lábios contra o apito e de modo que os dois orificios fiquem para dentro dos labios.

Põe-se a lingua sôbre o bordo réto e sopra-se, procurando a posição até encontrá-la.

Uma vez com êle familiarizado... tocará que vai ser um Deus nos acuda em casa ! !

A serpente vingativa

Por que não há flores verdes?

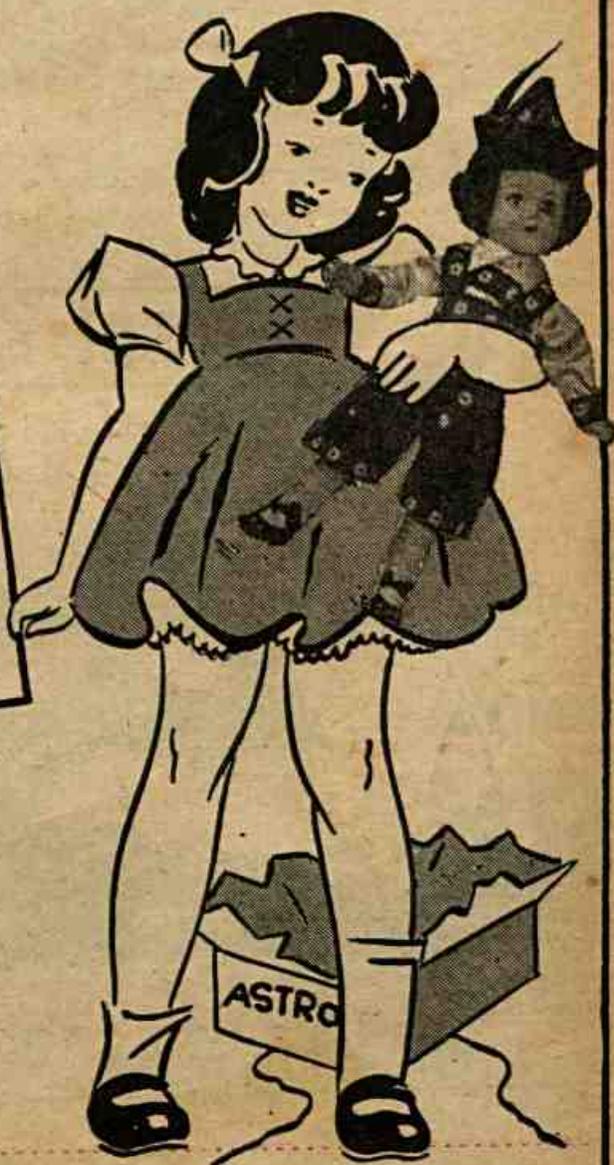
Cada uma das partes duma planta desempenha o seu papel especial na vida dela. As fôlhas servem-lhe para tirar do ar o alimento de que necessita, para o que lhe é indispensavel a substância verde de que são dotados, e que se chama *clorofila*.

O papel das flores é inteiramente diferente. Elas existem não precisamente para servir às plantas que as produzem, mas sim para a creação de outras plantas novas.

As partes da flor que desempenham um papel mais interessante nessa função, são as pétalas, que não são mais que fôlhas que sofreram uma importante modificação.

As pétalas não são verdes, primeiro porque a planta já produz muitas fôlhas dessa côr, em outros sitios. Em segundo lugar, porque se fossem verdes não chamariam a atenção dos insetos.

As plantas, em geral, precisam que os insetos pousem nas suas flores, para a polinazação.

A diferença, pois, de côr, entre as fôlhas e as flores, serve de guia, ou atrativo, ou chamariz, para que os insetos polinizadores as descubram.

Conservatorio para... canarios

Nem mesmo se tratando de canários basta ter voz para cantar bem. Da mesma maneira que as pessoas dotadas de cordas vocais privilegiadas, êsses pássaros musicais necessitam aperfeiçoar-se, passar por um "conservatório".. Mas quando um canário chega a emitir um "dó" de peito verdadeiramente de tenor, seu preço sobe tanto como a nota que êle é capaz de dar. Um inglês, apaixonado pelos canários, pagou duzentas libras por um exemplar, de côr amarela, cujos trinados eram excepcionais.

Duzentas libras — calculada a libra a cem cruzeiros — equivalem a vinte mil cruzeiros de nossa moeda.

Na Inglaterra vendem-se por ano quatrocentos mil canários cantores, cem mil dos quais são de origem belga ou alemã e os restantes de procedência indígne.

Apenas nascido, o canário destinado à carreira artística é separado de seus pais e irmãos, pois sua permanência junto a eles teria como consequência o malogro, desde o princípio, do aperfeiçoamento e do apuro de sua voz. Instalado em uma gaiola à parte, em companhia de um mestre-cantor, o canário que se dinsingue dos seus congêneres, logo que começa a soltar trinados, aprende com o mestre, imitando-o, as ajustadas e perfeitas modulações do canto. Não obstante, sua verdadeira educação lírica não começa senão depois da muda.

Os alunos cantores são então encerrados, separadamente, em pequenas gaiolas, colocadas sobre planos diferentes de uma estante que ocupa todas as paredes da sala de canto, ou seja, se se quer, do conservatório. Cobrindo as gaiolas com um véu bastante espesso, consegue-se que os canários se habituem, pouco a pouco, a uma semi-obscuridade que lhes favorecem prestar atenção ao ensino do "bel-canto", executado pelo mestre-cantor, isolado no centro da sala.

Nem todos os discípulos aproveitam as lições de igual modo; aos rebeldes e distraidos faz-se sofrer um pouco de fome.

Num dado momento, os melhores discípulos são separados dos medíocres, sendo êsses últimos afastados da escola por serem incapazes.

Aos que continuam na escola, ou conservatório, trata-se de evitar toda a espécie de ruidos que possam distraí-los e perturbar o delicadissimo sistema de educação a que são submetidos.

Guaraná Champagne
INDISPENSAVEL EM TODAS AS FESTAS
REFRIGERANTE GENUINAMENTE NACIONAL
★ 3 COPOS NUMA GARRAFA
GRANDE MARCA
é da ANTARCTICA
A. 106
★ Continental

AS antenas dos insétos parecem ser receptores de rádio. Colocados dois insétos da mesma espécie num lugar, de modo a ficarem separados por uma parede espaca, êles se viram um na direção do outro e suas antenas convergem exatamente umas para outras.

•

Os selvagens do Bornéo, quando recebem sapatos de presente, nunca os usam nos pés mas dependuram no pescoço como ornamento.

•

Quando o elefante é tratado com carinho por alguem., êle nunca se esquece, mesmo que passem longos anos sem o vêr. Se o tratador se ausenta, o elefante recusa por longo tempo alimentos por outra pessôa.

•

Houve tempo em que as locomotivas não tinham apito. Os maquinistas é que sopravam numa grande trombêta, para avisar que ia passar a máquina. Em 1832 um carro carregado com ovos foi atropelado por um trem e então se pensou em inventar um meio de evitar desastres, sendo idéiado, então o apito que todos nós hoje conhecemos.

•

Há sementes que podem ficar séculos sem perder seu poder de germinação. As sementes de feto macho e do lotus permanecem mais de mil anos sem perder seu poder germinativo. As que foram encontradas num fossil, plantadas deram esplendidos exemplares de feto macho, quando contavam mais de mil anos de estadia no fossil.

Fenômenos óticos

Se, com o auxilio de uma lente, olharmos um desenho a côres, veremos que as linhas não estão tôdas no mesmo plano; parece que umas se elevam sôbre as outras, como se saissem do papel.

Êsse fenômeno se deve à natureza da luz e à imperfeição dos nossos aparelhos visuais, tendo sido observado pela primeira vez quando alguém examinava sêlos para uma coleção. Nos sêlos vermelhos, a tinta preta do carimbo parece que está mais alta que a de impressão do sêlo. Tal coisa não se nota na côr verde nem nas linhas vermelhos sobre fundo branco.

Se traçarmos uma série de circulos concêntricos verdes e negros, azues e negros, vermelhos e negros, sem deixar faixa branca, entre êles, vê-se, com o uso da lente, que os circulos vermelhos estão em um nivel aparentemente mais alto, e os verdes afundam no papel.

Pura ilusão, entretanto. Mas que prova o quanto esta maravilha que é a nossa vista ainda é imperfeita.

TONICO INFANTIL
UM PRODUTO
★ RAUL LEITE ★

PORQUE PAROU O TREM?

Sim: por que parou o trem em baixo da ponte?

Por causa da vaquinha!

Qual? A que está escondida...

Procure-a com atenção e, depois de achá-la, o trem poderá seguir viagem...

A Precocidade dos Musicos

Luli, sendo ainda muito pequeno, tocava guitarra admiravelmente e compunha melodias inspiradíssimas.

Handel, aos oito anos de idade, tocava cravo no pálacio do duque de Saxonia.

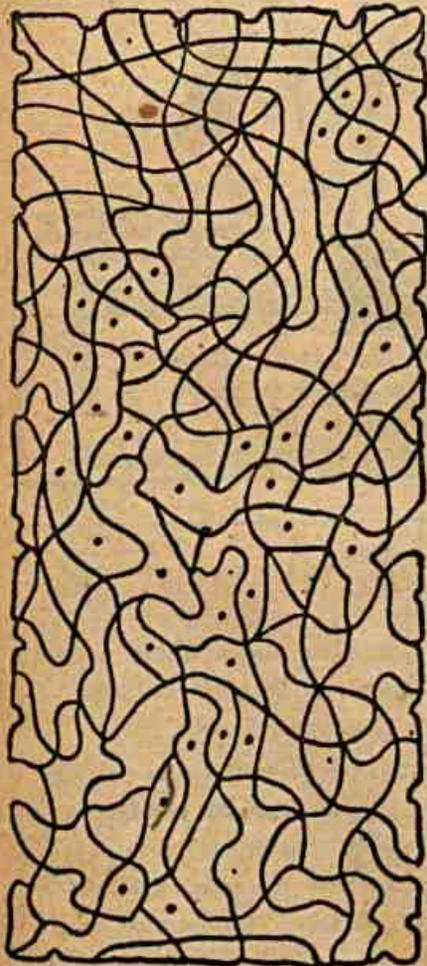
Haydn compôs uma missa aos três anos de idade; aos quatro executava trechos difíceis, com muito gôsto, e compunha alguns minuetes; e aos seis fazia-se aplaudir em Munich e Viena.

Aos oito anos, Beethoven era habilíssimo no violino, e aos treze compôs três quartetos magníficos.

Paganini compôs uma sonata aos oito anos.

Meyerbeer, aos quatro anos de idade, reproduzia no piano, acompanhando-se com a mão esquerda, as peças que ouvia nos realejos.

Por último Schubert entrou com grande êxito e reputação para o conservatório de Viena, contando apenas onze anos.

Faça isto

Encha, com o seu lápis, os espaços que estão assinalados com uma bolinha e verá aparecer um camarada jogando futebol.

O VELHOTE DISTRAÍDO

— Arre! Que ventania!! Não posso sair do lugar!! Nunca vi vento tão forte!!

NOSSA CAPA

A bonita capa desta edição do *Almanaque d'O TICO-TICO* foi desenhada para vocês por J. Carlos.

J. Carlos é o autor das inigualaveis páginas cuja heroina é a pretinha Lamparina, e de tantas outras que "O TICO-TICO" oferece mensalmente aos seus leitores, lindamente desenhadas e coloridas.

J. Carlos

Desde os primeiros anos de publicação d'O TICO-TICO e do seu Almanaque, suas creações têem feito a delicia de pequenos e grandes, pois o inimitavel artista, que é uma legitima glória da arte nacional, sabe, como ninguém, crear tipos originais e interessantes e fazer ilustrações bonitas de verdade.

A prova disso, têem-na vocês na capa a que nos estamos referindo, e na história de Lamparina, Carrapicho e Jujuba que irão encontrar mais adiante.

— Menino, que bobagem! Você escreveu espingarda com dois pp!! Onde já se viu isso?
— Ora, professora!! Eu pensei que era espingarda de dois canos...

O PRIMEIRO PROFESSOR

Quem foi o primeiro professor no Brasil ? — Foi José de Anchieta. Tendo nascido de familia fidalga e sendo estudante rico, abandonou tudo para a vida perigosa na América. Vindo bastante moço para o Brasil, em missão de Jesuita, Anchieta muito se dedicou aos indios. Tornou-se, entre os nativos, médico, professor, dedicando-lhes quarenta anos de trabalho e paciência. Mostrou o caminho da fé e da liberdade. O santo fazia as suas alpercatas, cosia sua roupa e plantava legumes para o seu sustento. Nas praias de Urutuba, na serra de Cubatão; trabalhava com os discípulos que eram os índios mansos. Fez grandes estudos de guaraní e, enquanto os invasores guerreavam matavam e escravizavam o nativo, como se fosse bicho, José Anchieta dava-lhe instrução, educando-o. Fazia-o civilizado como nós.

SEBASTIÃO FERNANDES

•

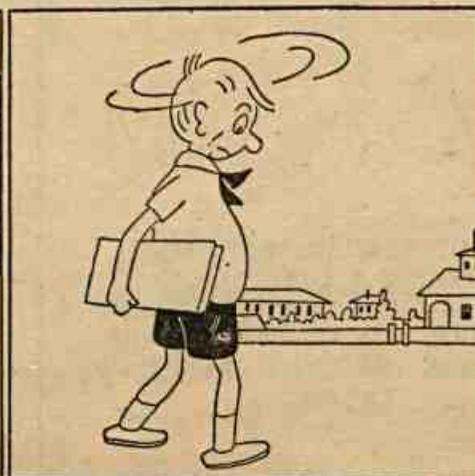
É erroneo chamar-se, como faz todo mundo, dromedário a todo camelo de uma só bossa. Dromedário é na verdade o nome de uma raça de camelos muito velozes empregados apenas na montaria.

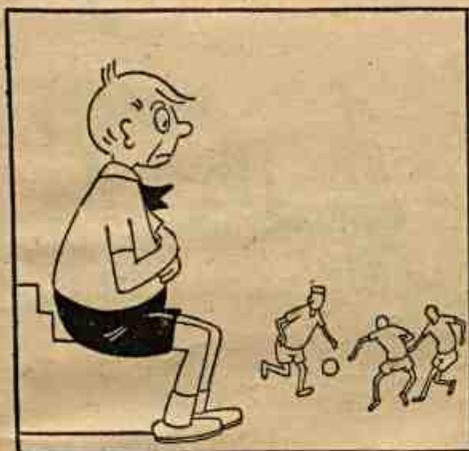
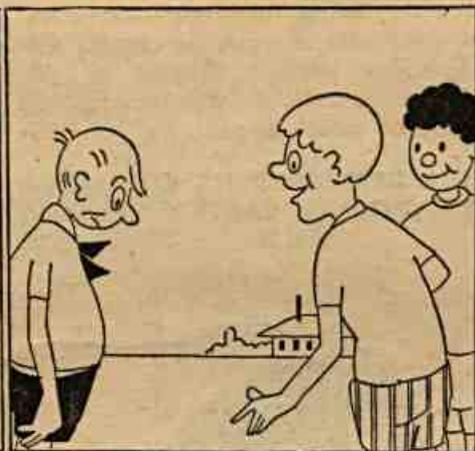
•

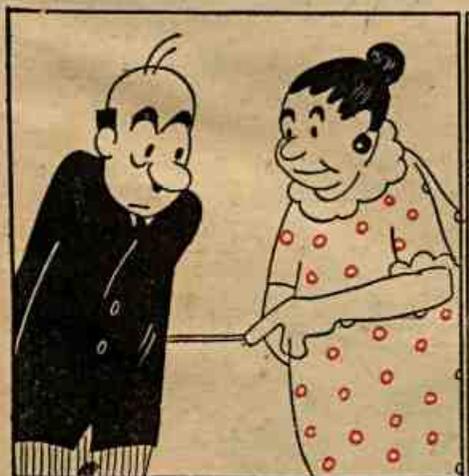
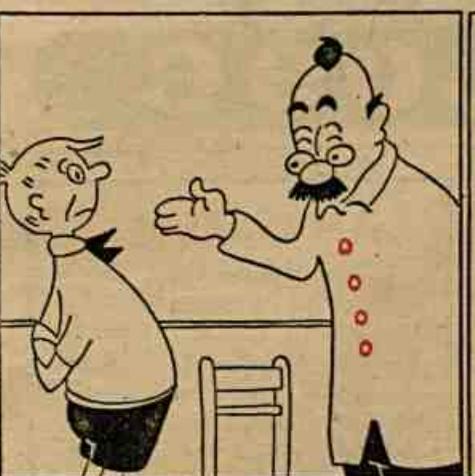
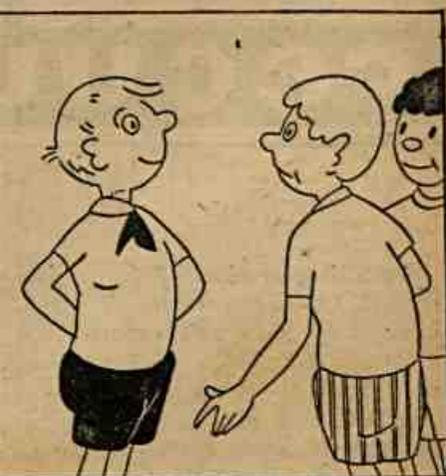
O muco segregado pela pele de certos batraquios como o sapo é venenosissimo quando injetado no corpo humano, mas por não possuirem orgãos inoculadores, êsses animais nos são completamente inofensivos.

•

A Historia do Joãozinho

Joãozinho era considerado o piór aluno do colégio onde estudava. Nunca sabia as lições, e a professora ralhava muito com êle pois encontrava-o sempre dormindo em aula, sem prestar atenção às lições.

Quando andava pela rua, Joãozinho ia sempre cabisbaixo, sempre com uma cara muito triste que até fazia pena. Quem olhasse para êle via logo ser um menino indolente, sem ânimo e sem vida.

Em casa, era uma luta! Sua mãe vivia num eterno desespero ralhando constantemente com êle, castigando-o, pois nada fazia de util e nem mesmo cumpria com as obrigações escolares.

No colégio, enquanto os seu colégas se entregavam alegremente aos folguedos esportivos, êle se deixava ficar a um canto indolentemente, olhando tudo com aquela cara sempre triste.

E alguns deles se divertiam à sua custa, fazendo troça, chamando-o por uma porção de apelidos como "barriguinho", "amarelão", "João Preguiça" e muitos outros. E o coitado do Joãozinho sofria...

Para comer, porém, não havia outro igual: comia a tôda hora, e não engordava. Era de uma gulodice por dôces, de fazer medo! A cozinheira dizia que ele tinha dez estômagos!

Um dia seu pai percebeu que aquele apetite e aquela indolência não eram coisa natural num menino da idade do Joãozinho. E depois de muito matutarem ficou decidido que o levariam a um médico.

Assim que o doutor viu o Joãozinho, amarelão e com aquela barriga muito grande fez o diagnostico. O que ele tinha em grande quantidade era vermes. E sem mais pensar, receitou-lhe um milagroso remédio.

Meses depois, Joãozinho era outro. Estava forte e robusto e vendia saúde. Tornou-se um aluno exemplar respeitado pelos colégas. E tudo isso graças unicamente ao *Vermiol Rios*.

FLEUGMA

Os ingleses são, na maioria, verdadeiros flegmáticos.

Ferido por estilhaço de bala em uma perna, em 1915, esteve o Marechal French, entregue aos cuidados de cirurgiões durante mais de oito dias, durante os quais fizeram fórtes e explirações no ferimento e seus arredores.

O Marechal tudo suportou, fleugmàticamente, sem proferir uma queixa e sem pedir que lhe exlicassem a razão dos sofrimentos que lhe impunham. Até que, ao fim de uma semana, já fatigado, sem dúvida com aquelas manobras dos médicos, perguntou-lhes, finalmente:

— Mas, que procuram os senhores, nesta perna?

— A bala! — respondeu um dos médicos.

— A bala? Ora, adeus! — disse o Marechal — antes tivessem dito logo... Arranquei-a, eu mesmo, da ferida e guardei-a num bolso do meu uniforme. Ainda lá deve estar.

Uma lição

Rapaz, não sabes manejar isto para cortar a grama!

Olha cá! Vou dar-te uma lição. Corta-se a grama...

... assim!.!

Cavalheirismo

Ratcliff, o revolucionário da fracassada revolução contra Pedro I, havia sido condenado à morte pelo Tribunal. A sentença, onde a pessoa de Ratcliff era aviltada por expressões injuriosas, foi levada ao imperador, para receber a assinatura. Pedro I, depois de haver lido o documento, exclamou encolerizado:

— Não assino. E modifiquem êsses termos. Morra o homem mas não o insultem numa sentença.

Almanaque d'O TICO-TICO

APARECENDO mais uma vez, para alegria e deleite dos seus leitores, o "Almanaque d'O TICO-TICO", para 1945, representa todo um esfôrço no sentido de agradar plenamente.

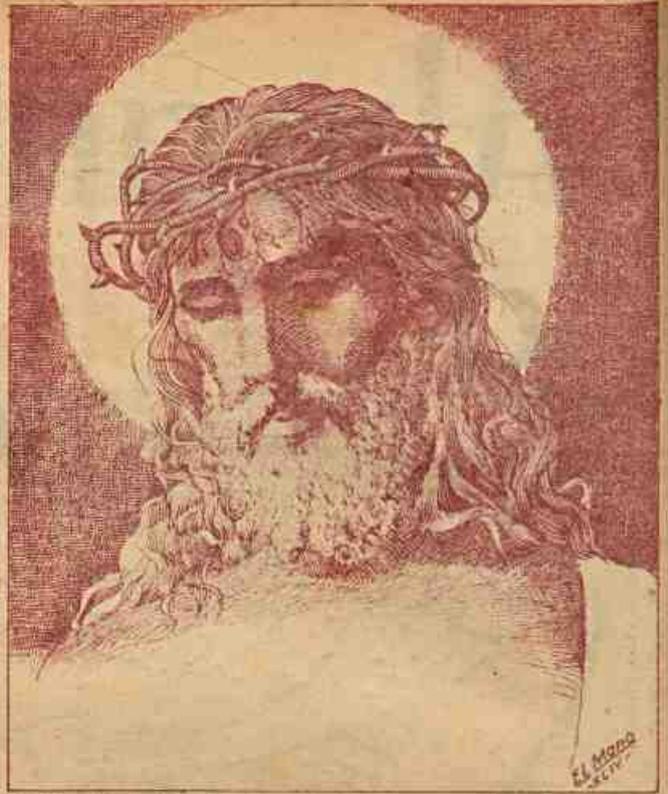
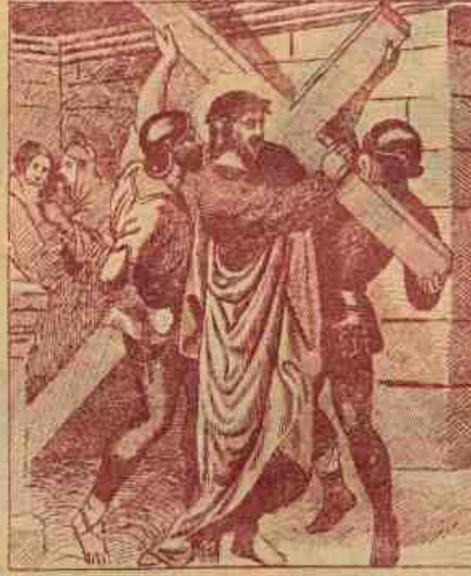
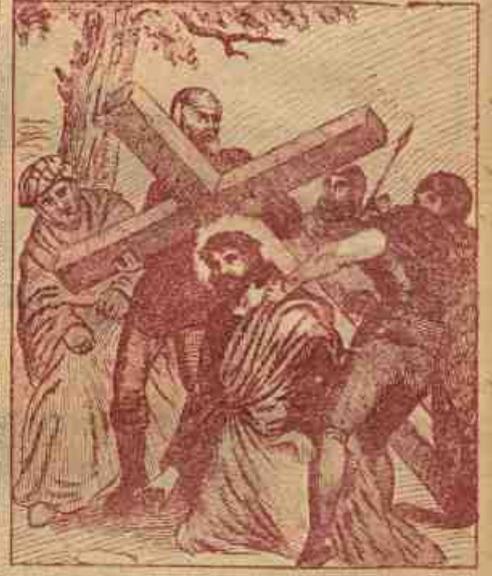
As páginas que vocês vão ler foram cuidadosa e meticulosamente escolhidas, pelo seu fundo alegre, otimista, construtor, sadio, moral e patriótico. Porque só as leituras que são marcadas por essas qualidades devem merecer a nossa preferência, e só o que é belo e inspira sentimentos bons é digno da nossa apreciação.

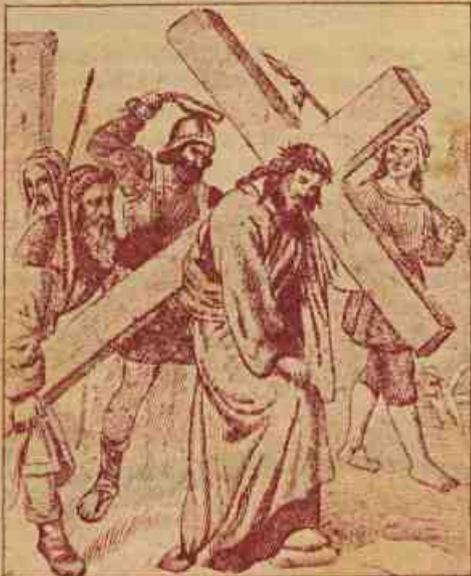
O "Almanaque d'O TICO-TICO", sendo a mais antiga das publicações do seu gênero, em todo o Brasil, sente-se feliz por mais esta oportunidade de estar em contacto com a infância brasileira, para a qual tem vivido e à qual endereça, aqui, os melhores votos de um felicíssimo Ano-Novo.

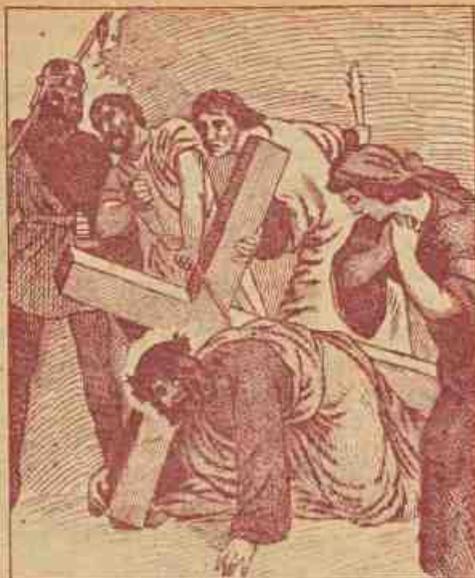
ESTAS duas páginas nos mostram, queridos leitores, as passagens principais da dolorosa Paixão de N. S. Jesús Cristo. São quadros ou **estações** da Via Sacra, e recordam todo o grande e piedoso sofrimente a que voluntàriamente se submeteu o próprio Deus, na pessoa de seu Filho, para salvar a Humanidade.

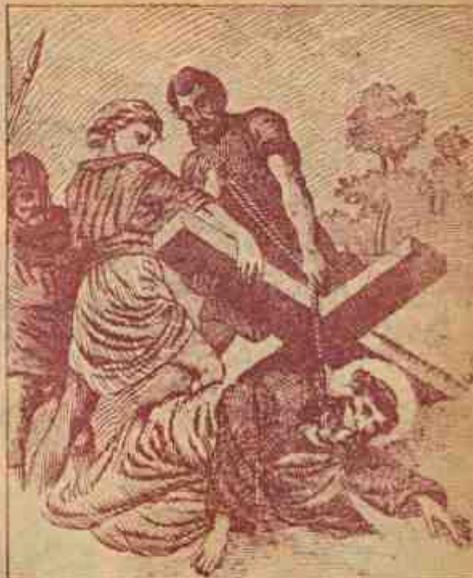
Traido, preso, condenado, apupado, açoitado e martirizado no suplicio da crucificação, Jesús é um exemplo sublime para todos nós.

Êle foi a imagem viva de tôdas as virtudes: da paciência, da bondade, da mansidão, da humildade, do amor ao próximo.

Morrendo, no Calvário, supliciado por uma populaça céga e fanática, derramou seu precioso sangue para que a Humanidade fosse redimida, e deixou o exemplo vivo de sua vida virtuosa para ser seguido por todos os que querem conquistar o Céu.

Jesús é condenado à morte.

Jesús recebe em seus ombros o lenho da cruz.

Jesús cái pela primeira vez em terra, sob o peso da cruz.

Jesús encontra sua Mãe Santíssima.

Simão de Cirene ajuda a Jesús a carregar a cruz.

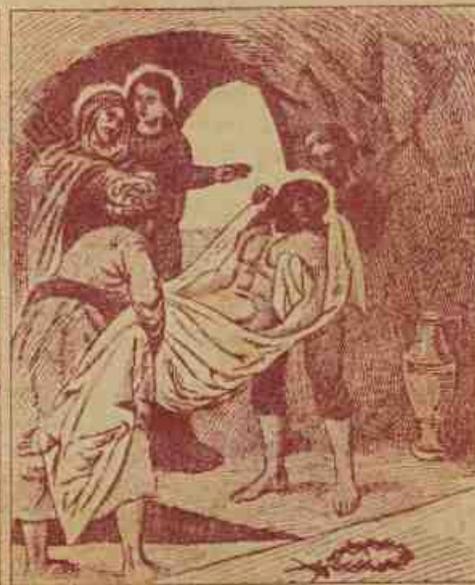
A piedosa Verônica enxuga o rosto de Jesús.

Jesús cái pela segunda vez em terra, sob o peso da cruz.

Jesús consola e anima as mulheres de (Jerusalém).

Sob o peso da cruz, cái Jesús pela terceira vez em terra.

Jesús é despojado de suas vestes.

Jesús é pregado à cruz.

Jesús morre na cruz.

Descida da cruz. Jesús é depositado nos braços de Maria Santíssima.

Jesús é levado ao sepulcro.

Ecce Homo!

JESUS — o Lirio Suave da Pureza,
Ao ser julgado, porque não tem crime,
O olhar tristonho alonga pela multidão inquieta!

Seu ser envolve o halo de infinita doçura.
— É o amor que o coração dos homens desconhece!

Por êste imenso Amor, Êle afronta, vendido,
A longa e funda vereda da provação.
O aspero e deserto caminho que os seus pés magoados
Conduz a noite tragica do suplicio!

Aos [illegible] fustiga o chicote os seus membros lassos!

Vem seus ombros cobrir o manto carmesim
E a cruz pobre, como cetro, em seus braços verdeja!

A coroa de espinhos o faz rei por escarneo!

A angustia ultima dos Sete Passos e a morte na Cruz!

O mais triste crepusculo que a terra já teve
Seu vulto alonga pelos seculos em fóra,
Porque tudo podendo, Êle, o Justo, Êle o Santo,
Quizera apenas
Seu grande e puro amor difundir entre os homens!

[illegible]

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

O MENINO DE NAZARÉ

Tradução e adaptação de
ALBERTUS DE CARVALHO

AQUELA criança paralítica, raquítica e triste, aparecia todos os dias à janela de sua casa, para gozar o espetáculo soberbo das outras crianças, sadias e fortes, a brincarem na rua.

Era uma rua estreita como tôdas as de Nazaré e os raios de sol iluminavam somente parte daquela via pública, projetando sombras dos edifícios, em arabescos, sôbre o chão sempre úmido da calçada.

De repente Simão — assim se chamava o inválido — fixou o olhar em alguém que acabava de aparecer na rua. Era o Menino, como êle lhe chamava, quem se aproximava da janela.

— A paz esteja contigo! — exclamou o Menino ao passar, segun- [illegible]

— A paz esteja contigo! — respondeu Simão, sorrindo, enquanto seus olhos se encheram de lágrimas, quando o Menino seguiu seu caminho. Desejou ardentemente que êle subisse as escadas de sua casa, chegasse ao seu quarto e conversasse um pouco. Simão não tinha amigos e como seu pai era um comerciante endinheirado que lhe fazia tôdas as vontades apenas ambicionava um companheiro, um menino de sua idade, que compreendesse sua desventura e o confortasse nos momentos de aflição e de dôr.

Fazia já muitas semanas que, todos os dias, esperava com ansiedade a passagem daquêle Menino que o cumprimentava sempre com as mesmas palavras. Havia algo nessa criatura que fascinava, que atraía todos os olhares, apesar de seu aspecto igual ao das crianças de sua idade, salvo uma estranha expressão de bondade que iluminava seu rosto e o brilho particular que se desprendia de suas pupilas de olhar doce e terno. O Menino corria como os outros, jogava como todos, brincava com alegria; nele havia, porém, qualquer cousa que subjugava Simão, sem que êle pudesse explicar qual a razão dessa preferência.

Numa linda e fresca manhã, aconteceu algo que ficou gravado na memória do infeliz paralítico, espectador obrigatório de tudo que ocorria na rua.

Um grupo de garôtos perseguia um passarinho que apenas ensaiava os primeiros vôos; um dêles atirou sôbre a avesinha indefesa uma pedra; outro, o gôrro pesado, que a atingiu em cheio, aprisionando-a. Entre gritos e risadas, os improvisados caçadores iam apoderar-se da prêsa, quando o Menino apareceu no extremo da rua e se aproximou correndo. Nesse instante, o passarinho, aproveitando uma pequena abertura, saiu do gôrro e, saltando, foi pousar no ombro do recem-chegado.

— Agarra-o, depressa! Agora! Segura-o, tolo! — gritaram todos, cercando o Menino.

Simão, empinou o tórax para vêr. O Menino, porém, parecia não ouvir os gritos frenéticos de seus companheiros e, estendeu a mão para a ave que veiu pousar, dòcilmente, sôbre seus dedos.

Sorrindo, passou o rosto sôbre o aveludado da plumagem do corpo pequenino da ave e pronunciou algumas palavras carinhosas que o aleijadinho não poude ouvir, apesar dos esforços empregados para isso. A garotada, raivosa, olhava o bemfeitor.

Finalmente, o garôto que arrojára sôbre a ave o gôrro, reclamou para si a posse do passarinho; Simão viu que o Menino, como resposta, abriu a mão e soltou a ave que, chilreando, voou...

— Estupido! Por que o soltas?... Não avalias o trabalho que tivemos para pegá-lo!...

Si Simão pudesse saltar à rua e apanhar passarinhos, é possivel que não o houvesse impressionado tanto a atitude do Menino; êle, porém, que era como um pássaro preso numa gaiola, incapaz de mover-se, de correr, de vagar pelos campos, soube interpretar aquêle áto de bondade e, da sua janela, sorriu com ternura para o Menino quando êste passou correndo, fugindo dos outros que queriam castigá-lo.

Um dia, o Menino passando frente à sua janela, disse:

— Quando voltar virei visitar-te. Não o faço agora, porque tenho de cumprir ordens de meu pai.

— Oh! Vem depressa. Há tanto tempo desejo falar contigo! — respondeu o aleijadinho, contente.

O Menino sorriu e desapareceu na curva da rua.

Êsse era um dia de festa e o pai de Simão disse:

— Hoje é um dia sagrado, meu filho. Por isso, eu e tua mãe, resolvemos presentear-te com o que quiséres. Dize-nos, o que preferes.

O rico comerciante calou e contemplou o rosto pálido e triste de seu único filho.

Simão permaneceu absorto, olhando do longe, pensando nas pernas ágeis do Menino, quando passava correndo sob sua janela. E, depois de muito pensar, respondeu:

— Não há nada no mundo que me interêsse tanto, meu pai, como correr, correr muito, sob o sol e brincar na rua como todos os meninos de Nazaré.

O pai ocultou o rosto para que Simão não visse duas grossas lágrimas correrem-lhe pelas faces. E, disfarçando o pranto que ia arrebentar, respondeu:

— Êsse desejo, meu querido filho, teu pai não pode satisfazer.

Entretanto, o Menino corria rumo ao campo, para cumprir, depressa, as ordens do seu genitor e, no regresso, conversar com o aleijadinho que estava sempre imóvel na janela daquela casa rica. A razão dêsse desejo, não podia explicar. Sentia, porém, especial simpatia por essa infeliz criatura, mais ainda, desde o dia que sorriu para êle, como que aprovando sua atitude de soltar o passarinho, libertando-o da sanha desenfreada daquêles meninos máus.

Divagando dessa maneira, o Menino sentia-se feliz.

De repente interrompeu o vôo de sua imaginação; algo lhe veiu à memória e sentiu necessidade de cumprir logo a promessa. Era um dever e êle havia de cumpri-lo.

Algo, porém, cruzou seu caminho e se deteve um instante: Um cão perseguia um coelhinho que, desesperadamente, fugia ao seu encalço. No seu desespero o coelho tomou o lado do Menino e, aproximando-se dêle, buscou proteção. O cão, estacando repentinamente, a língua de fóra, os olhos em chispas, ficou indeciso e começou a ladrar. O Menino acariciou o coelhinho, dirigiu uma suave reprovação ao cachorro e seguiu seu caminho.

Depois, apressando o passo, foi entregar o rebanho sob sua guarda ao dono e se dirigiu à casa de Simão, o "paralítico" como era conhecido naquele povoado.

— Por quê o chamam "paralítico"? — perguntava a si mesmo o Menino, sem compreender o sentido dessa palavra.

Cumprida sua missão, o dono do rebanho obsequiou-o com um cordeirinho, para que o levasse a seu pai, o carpinteiro. Com o animal em seus braços, correu à casa de Simão, que ficava próxima. Lá estava o pobrezinho à janela, o olhar sofredor fixo no extremo da rua, à sua espera.

— Venho do campo, onde fui buscar um rebanho. Olha o que me deram, como presente! — exclamou o Menino com o cordeiro entre os braços.

— Que lindo! — disse Simão — Sóbe ao meu quarto, Menino. Toda a tarde estive a esperar-te.

O Menino subiu a escada carregando o cordeirinho e, de repente, se deteve, olhando à direita e à esquerda, deslumbrado com tanto luxo. Sua casa era tão humilde!...

Entretanto, apesar da pobreza, havia na casa de seu pai, modesto carpinteiro, uma luz diferente, outra alegria que faltava àquele luxuoso salão.

Depois, fixou seu olhar terno e brando, cheio de doçura, no rosto triste de Simão e a compaixão inundou tôda sua alma.

— Vem — disse-lhe. Olha como é mansinho o cordeiro que trago do campo!

Simão olhou-o assombrado e, empalidecendo, resumiu tôda a sua tristeza nestas palavras:

— Aproxima-te tu; eu não posso caminhar.

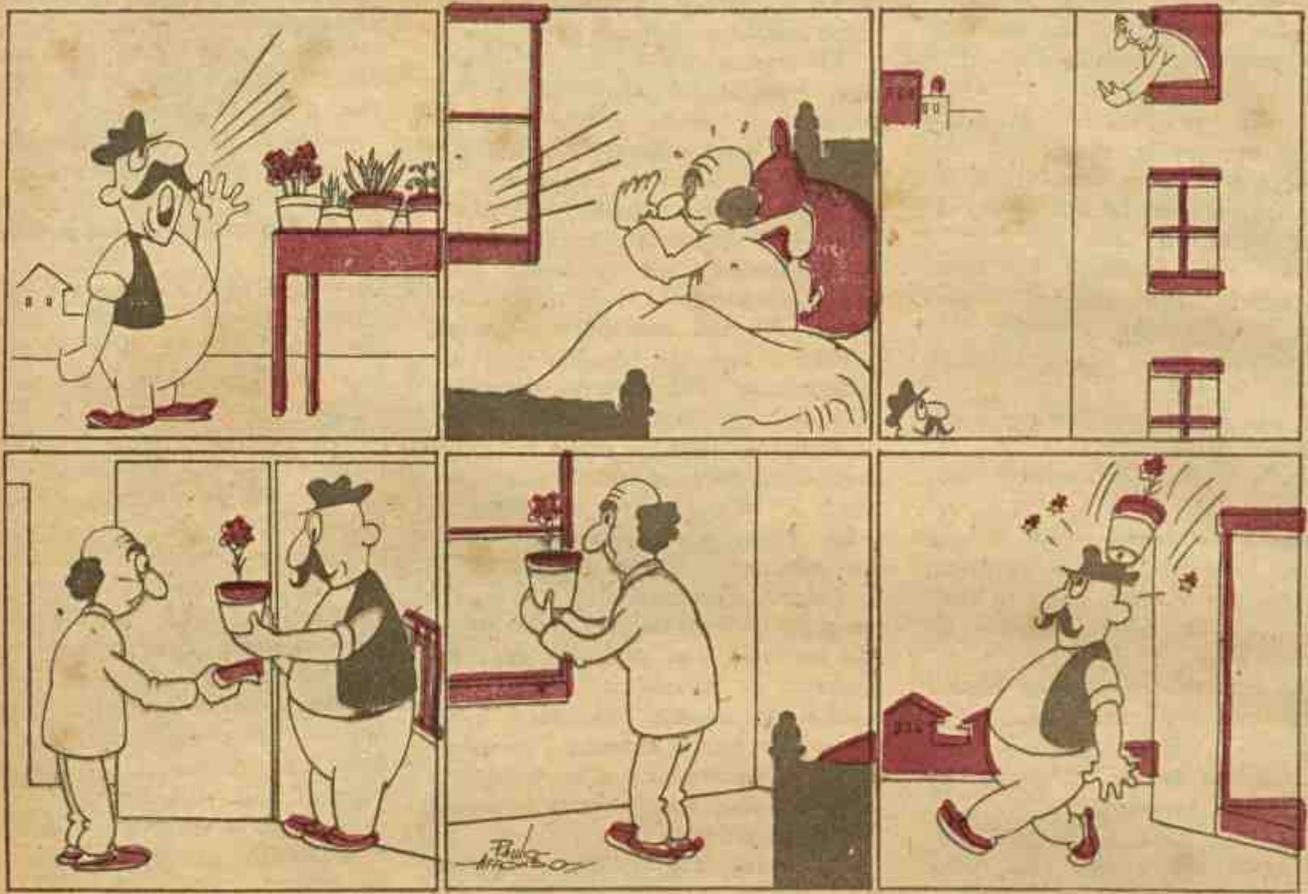
Surpreendido, o Menino largou o cordeiro e se encaminhou para Simão, dizendo, ao mesmo tempo que o fazia descer de sua cadeira de entrevado:

— Vem comigo, e caminharás.

Lentamente, movendo as pernas com certa dificuldade, Simão, abraçado a Êle, deu uns passos até chegar junto do cordeirinho.

— Mas... mas... eu... eu... posso caminhar!, eu posso caminhar! — repetia como em um sonho, sem sair de seu assombro.

O Menino sorriu, e Simão se sentiu iluminado por aquêle sorriso, através do qual acabava de lhe ser transmitida fôrça, alegria, vida...

A VINGANÇA DO PRAXEDES

O MENINO DE NAZARE'

(Conclusão)

Simão sentiu desejos de pular e pulou, pulou até cair de cansado.

Nêsse instante entrou seu pai que, perplexo, esfregando os olhos, julgou estar sonhando.

Seu filho Simão saltando como um pássaro! Era possível tamanho milagre?!...

Sim, era Simão que corria para êle e o tirava de dúvidas, dizendo:

— Posso andar, meu pai! Já posso andar! O Menino fez-me andar!

Aproveitando êsse momento de alegria e confusão, o Menino fugiu para a rua com seu cordeirinho e tomou a direção de casa, julgando que se havia atrazado.

Outra vez, enquanto corria pela rua, sentiu essa sensação estranha, êsse repentino surgir de uma idéia que parecia adormecida em sua mente, murmurou:

— Devo ir, com meu pai e minha mãe para Jerusalém.

Sem fazer ruído, com seu andar suave, entrou na humilde mansarda. Sua família estava sentada à mesa, pronta para a merenda. A mãe, sorrindo ao vê-lo, disse:

— Alegro-me em vêr-te de volta. Já estava apreensiva com tua demora!

O Menino sorriu, sua resposta, porém, foi esta:

— Minha mãe, eu devo cumprir minha missão na terra.

Entretanto, no lar de Simão, seus pais continuavam assombrados: olhavam-no, tocavam-no, faziam-no andar de um lado para outro e lhe faziam mil perguntas sôbre aquele Menino que se tinha ido sem lhes dar tempo de saber quem era.

Simão, porém, pouco sabia d'Êle; disse que o cumprimentava tôdas as manhãs quando passava sob sua janela.

— Mas, nem ao menos o seu nome tu sabes, Simão? — insistiu o pai.

Simão pensou um instante e respondeu:

— Sim, chama-se Jesús!

OS SIGNOS DO ZODIACO

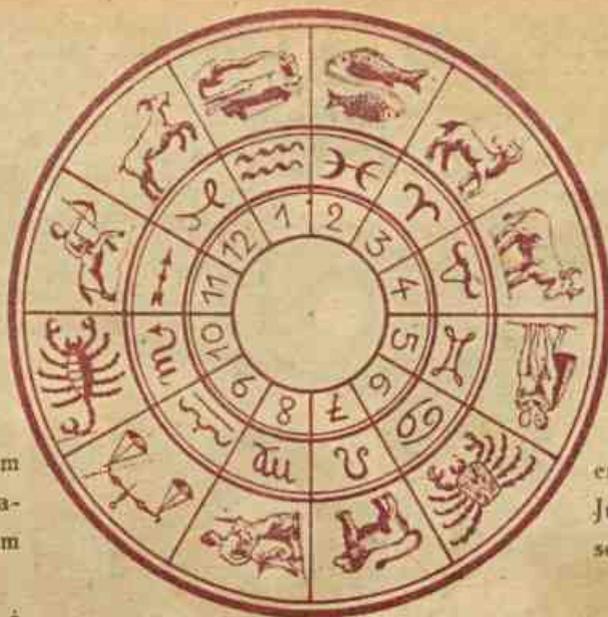
MUITOS meninos lêem nas folhinhas e almanaques que há um signo que corresponde a cada mês do ano e que êsses signos pertencem a determinadas zonas do Zodiaco. E' possivel, no entanto, que nem todos saibam o que é o Zodiaco e o que são os signos. Dá-se o nome de Zodiaco à zona circular, que contém dôze constelações o qual o sol parece percorrer no espaço de um ano.

Todo o giro do sol num ano é o Zodiaco completo, e cada passagem do grande astro para cada uma das constelações é o que convencionámos chamar um mês. Cada constelação é representada por um signo. Assim, o mês de Janeiro tem o signo Aquário; o de Fevereiro, Peixes; o de Março, Aries ou Carneiro; o de Abril, Touro; o de Maio, Gêmeos; o de Junho, Caranguejo; o de Julho, Leão; o de Agosto, Virgem; o de Setembro, Libra ou Balança; o de Outubro, Scorpião; o de Novembro, Sagitário, e o de Dezembro, Capricórnio.

No *cliché* desta página podem vocês ver a representação gráfica do Zodiaco e dos signos em que o mesmo se divide.

— Mas, por que razão cada uma das constelações que ficam na róta circular do sol recebeu tais nomes?

E' fácil a resposta.

Em primeiro lugar é preciso que se saiba que quasi todas as constelações de estrêlas têm nomes que se referem à mitologia. Assim sendo, os signos tinham forçosamente de possuir relação com a mitologia.

O signo Aquário representa o formoso Ganimedes, um frigio filho de Tros, o qual foi raptado por Júpiter quando estava no monte Ida, na Grécia, tosquiando as ovelhas de seu pai, para ser copeiro do Olimpo.

O signo Peixes, que convenceram e levaram Anfitrite para se casar com Neptuno. Esta, para compensar tal serviço, colocou-os entre as constelações.

O signo Aries, ou Carneiro, de lã de ouro para a conquista do qual Jasão comandou a célebre expedição dos Argonautas.

O signo Touro foi colocado entre as constelações para comemorar a fama de touro que Júpiter tomou para roubar Europa, filha de Agenor, rei da Fenicia.

Os Gêmeos representam Castor e Polux, colocados entre as constelações por seus pais, Júpiter e Leda, em recompensa de seu amor fraternal.

O signo do Caranguejo relaciona-se com [illegible] que mordeu o calcanhar [illegible] ercules, quando êste matava a h[illegible] erna.

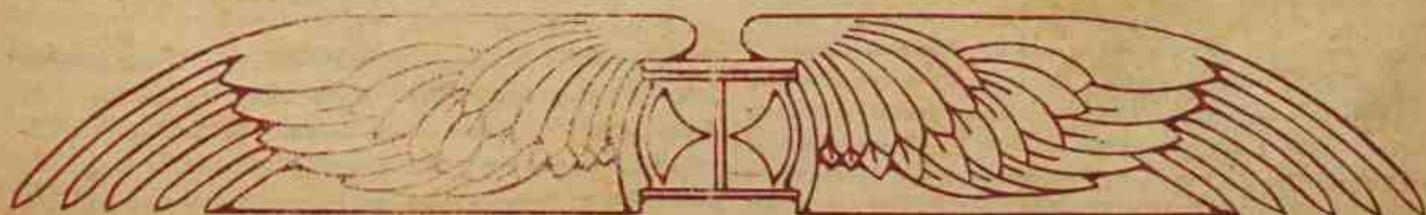
O signo Leão [illegible] rei dos animais, que Hér[illegible] nos braços possantes.

O signo Virgo representa Astroas ou Cêres, deusa das cearas, que, com o ramo de louro na mão, desce aos infernos.

O signo Balança ou Libra representa a balança de Temis. Como a balança simbolisa a justiça e a divisão em partes iguais, seu nome foi dado para designar a região que o sol atravessa quando reparte o tempo em dias e noites de igual duração.

O signo Scorpião representa Orion, que Diana, para colocá-lo nas constelações, metamorfoseou em Scorpião.

O signo Sagitário é Chiran, o Centauro que ensinou a Aquiles o uso das armas.

Finalmente, o signo de Capricórnio simbolisa Almatéa, a cabra que amamentou o deus Júpiter.

A MOEDA DE OURO

de JOSUÉ MONTELLO

Ilustrações de Luiz Sá

SOB a chuva miuda, que caía na cidade havia quasi uma semana, o mendigo aventurou-se a ir pelas ruas molhadas, tiritando de frio, arrimado a uma bengala, para poder implorar aos transeuntes, no seu velho posto ao pé de uma escadaria de igreja, a esmola de que precisava para matar a fome.

Fazia três dias que, obrigado pela invernia a ficar no seu tugúrio, não levava à bôca outro alimento que não fosse uns restos de pão dormido encontrados por acaso no fundo de sua sacóla de pedinte. Na terceira manhã, ao comer o o último farelo, resolutamente deliberou afrontar o tempo. Se continuasse ali, em breve morreria de fome. Enfiou-se, então, no seu velho paletó andrajoso, apanhou a bengala, e lá se foi, rua abaixo, arrimado no bordão. O vento, finíssimo, entrava-lhe pelos resgões da roupa e lacerava-lhe a carne. O miserável tremia, e avançava pela rua, encolhido, tiritando, batendo o queixo. Mais de uma hora depois, chegou à igreja, completamente encharcado. E começou, sem descanço, o seu triste ofício de mendigo, estendendo a mão e implorando uma esmola aos transeuntes. Ainda aí, o tempo lhe foi adverso; as pessoas que passavam, compelidas pela chuva, andavam apressadamente, sem lhe dar a menor das atenções.

Ninguém o ouvia. E a chuva continuava a cair, pingando dos beirais, indiferentemente tamborilando nas calçadas. A fome o martirizava. Sentia-se exausto, o coração batia-lhe desordenadamente. E quasi não tinha fôrças para erguer, ali, o seu clamor de miseravel. Uma idéia má, nêsse instante, acudiu-lhe à mente: pensou em penetrar na igreja e furtar um dos castiçais de prata do altar-mór, para ir vendê-los adiante, na loja de penhores de um judeu. Logo compreendeu o enorme pecado de tal pensamento e procurou afastar da lembrança essa insinuação do diabo. Mas a idéia, renitente, tornou a voltar. E trouxe argumentos em seu favor. Circunvagou o olhar, fitou o tempo. Viu que a igreja estava fechada.

Graças a Deus! — disse, arrependido, falando baixinho consigo mesmo.

E não pensou mais em assaltar a Casa do Senhor.

A noite o encontrou no mesmo lugar. A fome parecia rasgar-lhe a carne, queimando-o por dentro. Ninguem, durante todo o dia, se apiedara da sua pobreza. Nenhuma moeda fôra atirada, por mão caridosa, ao seu chapéu sovado.

A cidade, sob a claridade das lâmpadas elétricas, ia ficando deserta. Quasi não passavam automóveis. E um ou outro vulto, debaixo dos guarda-chuva ou embuçado pelas capas, esgueirava-se celeremente, junto às paredes, sob a proteção dos beirais. E sumia-se, sem dar pela presença do miserável.

Rarearam as pessoas, dentro da noite gelada. Sem fôrças para erguer-se, o mendigo estirou-se no degráu da igreja, certo de que aquela seria a sua última noite nêste mundo. Morreria ali, de frio e fome, dentro de alguns momentos, sem uma única testemunha humana para amparà-lo na agonia da morte. Seus olhos, miudos e febris, de vez em quando abriam-se, num lampejo de esperança, ao sentir, pelo rumor de passos, a aproximação de um viandante solitário. E não via ninguém.

A rua ficára despovoada. A chuva, nos arredores das lâmpadas acêsas, era uma poeira finíssima, esfarinhando-se do alto sôbre o asfalto e as lages das calçadas. Nas esquinas, os anúncios luminosos projetavam de instante a instante clarões multicores. E as vitrines, com a etiqueta comercial dos preços, exibiam mostruários de luxo, artisticamente arrumados e dispostos.

Um sono bom desceu sôbre as pálpebras do miserável. E num sonho feliz, viu-se ricamente vestido com uma das roupas do mostruário da loja fronteiriça. Era milionário, não sentia fome. Mergulhava as mãos no bolso e apalpava moedas de ouro. E ia andando por aquela mesma rua, numa linda tarde clara, atirando muitas moedas a todos os mendigos que encontrava nos vãos das portas, nas esquinas, na escadaria da igreja. Sentiu, a essa altura do sono, um repelão violento. Abriu os olhos, estremunhado: à sua frente estava o guarda do quarteirão, a dizer-lhe, ameaçadoramente:

— O senhor não sabe que é proibido dormir na rua?

Num salto, pôz-se de pé. Agarrou a sacóla, engendrou uma desculpa, enterrou o chapéu na cabeça e saiu caminhando aos tombos, apoiado na bengala. O medo de ser preso e ficar encerrado nas quatro paredes lôbregas de enxovia, dera-lhe animo bastante para erguer-se e caminhar.

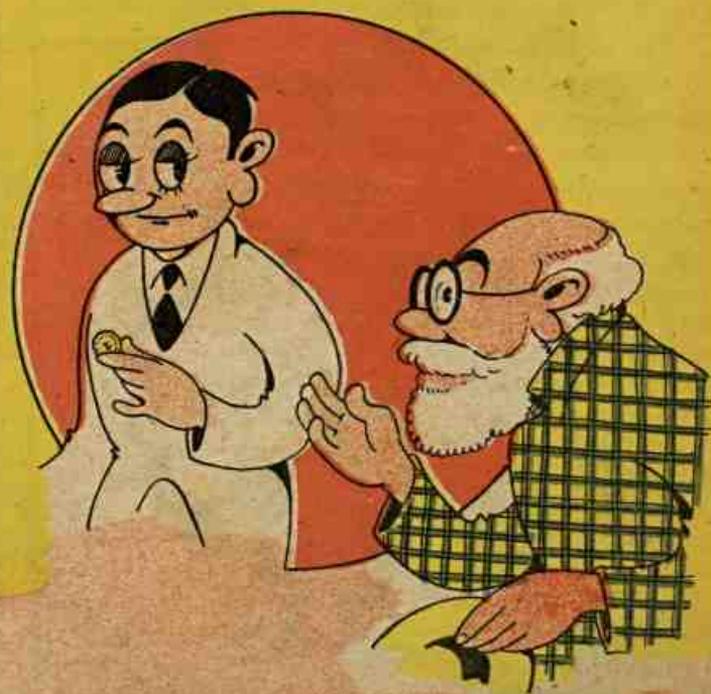
Lá adiante, sentiu a vista sombria, num principio de vertigem. Agarrou-se a um poste, para não tombar redondamente ao chão. E ficou assim até passar o começo do desmaio. Na esperança de achar um diminuto farelo de pão que lhe désse animo para chegar ao seu tugúrio, mergulhou a mão na sacóla. Seus dedos hirtos de frio tatearam o fundo do saco e apalparam uma rodéla dura, do tamanho de um níquel comum. Puxou o braço, bruscamente, para ver o que era, à luz da lâmpada do poste. Ficou surpreso, os olhos esbugalhados, não acreditando no que via. Era u'a moeda — e u'a moeda de ouro!

Num relance, esqueceu o frio e a fome e, escondendo bem a moeda na palma da mão fechada, caminhou apressadamente, sem importar-se mais com a chuva e o vento gelado que aspermente soprava. Com aquêle dinhero compraria uma nova roupa e mataria a fome de muitas semanas! E, pensando nisto, apertava mais a moeda nos dedos angulosos, imaginando a felicidade imprevista que o chado mirculoso traria à sua miséria de esfarrapado. Nem pensou, para abençoá-la, na mão caridosa que teria jogado na sacóla a moeda de ouro: agora, apenas tinha imaginação para pensar no confôrto que o dinheiro lhe daria.

Chegou ao seu tugúrio meia hora depois. Era por baixo de uma escada, num vão estreitíssimo onde mal cabia um colchão e um banco. Puxou a esteira, que servia de porta ao aposento, riscou um fósforo e, ao clarão da chama vermelha, ficou, enamoradamente, mirando e remirando o seu tesouro. Só então se lembrou de erguer uma das mãos para o céu, agradecendo a Deus o milagre. E seus olhos não se despregavam da moeda de ouro, na contemplação do verso e do reverso, olhando embevecidamente a efígie e o desenho da cara e da coroa.

Súbito, sem êle saber como, a moeda caiu-lhe da mão. No mesmo instante, precisamente, à luz do fósforo apagou a um sôpro enérgico de vento. Ouviu-se um tinido de metal no cimento. Atarantadamente, na escuridão cerrada apalpou o solo, à procura do seu tesouro. E não o achou. Alumiou nervosamente outro fósforo e, à claridade, soltou um grito de espanto: em vez de uma, estavam no chão duas moedas de ouro! Era um milagre! Era uma fortuna! E o miserável, inspirado pela ambição, deixou que as duas moedas caissem outra vez no solo. Imediatamente outras duas apareceram, também de ouro e de igual tamanho. Era a riqueza! Era Deus que o ajudára, compensando com êsse milagre repentino os seus longos e atormentados anos de mendicância! E, ambicionalmente, continuou, de vez em quando, a atirar ao chão as moedas. E elas se iam multiplicando, sempre na mesma proporção. A meia noite já a sacóla, que até à véspera guardára apenas migalhas de pão, estava repleta de ouro. Estava riquissimo, muitas vezes milionário, o pobre que, havia poucas horas, pensára em morrer de frio e fome, dentro da noite gelada.

Parou, então, prudentemente, a multiplicação da moeda, porque alí, no canto lôbrego do seu tugúrio, não havia espaço onde as acumulasse. E passou o resto da noite em vigília, os olhos abertos no negror da treva, as mãos crispadas apertando a bôca da sacóla, a imaginação fantasiando a felicidade de sua vida futura. Nunca mais atravessaria dias de fome e noites de frio. Estava também liberto dos andrajos que, agora, mais do que nunca, moralmente o torturava. E pensava em construir um palácio, em ter automóveis de luxo, em pagar criados de libré para servi-lo como a um príncipe. Todo êsse mundo de fantasias, que jámais lhe tinha chegado à sofredora imaginação de miserável, estava ao alcance de seu destino, graças ao contínuo milagre da multiplicação das moedas.

(Conclúe no fim do Almanaque)

RÉCO-RÉCO, BOLÃO E AZEITONA por Luiz Sá

SER ESCOTEIRO É SERVIR AO BRASIL.

Baden Powell

SEMPRE que há qualquer acontecimento em que é preciso contar com a colaboração de uma porção de pessôas, o que logo se nota é a presença dos escoteiros.

Os pequenos soldadinhos de calças curtas estão sempre prontos a dar a sua contribuição e nunca falham como auxiliares e cooperadores, obedientes, prestativos, disciplinados e compenetrados da importância do papel que teem a desempenhar.

Tem sido assim, sempre, quando há epidemias, enchentes, comemorações cívicas, exercícios de alarme anti-aereo e defesa passiva, e em tôdas essas ocasiões os "boy-scouts" revelam a alta qualidade de disciplina que recebem e a compreensão que teem do que representa a contribuição individual para o bem coletivo.

O escotismo, no nosso país, tem sido uma grande escola de civismo e nada melhor, para uma criança, do que começar, desde cêdo, a aprender as belas lições dessa escola, que representam nada mais e nada menos do que as primeiras letras do cumprimento do dever de verdadeiros soldados do grande Exército Nacional.

O escotismo nasceu por iniciativa de um velho general inglês, Baden Powell, e quando êsse oficial "inventou" essa milícia de crianças, já foi por precisar da colaboração de "muitas pessôas", e por ter a convicção de que não podia conseguir melhores auxiliares do que os meninos.

A história é simples.

Havia, no Transwaal uma guerra e Baden Powell tinha de defender a pequena cidade de Mafeking. Tinha, porém, poucos soldados, e como precisava de organizar vários serviços auxiliares, como estafetas, policiamento, vigilância, sinalização, comunicação entre os hospitais, etc., arregimentou as crianças locais e, incutindo nelas a noção de que eram úteis, e podiam ser heróicos colaboradores para a defesa, conseguiu os mais formidáveis resultados.

Foi assim que nasceu o escotismo.

Vindo para a Inglaterra, Baden Powell achou que aquela idéia podia ser aproveitada, e em 1908 apareceram naquêle país os primeiros meninos pertencentes à organização escoteira, que tantos serviços já teem prestado ao mundo inteiro.

O escotismo, por ser tão bom "achado", se espalhou por todo o mundo. Não há, hoje, povo civilizado que não tenha o seu nucleo de "scouts", em terra e no mar, e nunca se disse dessa fôrça de soldadinhos de calça curta senão que foi útil, que foi disciplinada, que prestou auxílios preciosos e que se mostrou heróica e valorosa.

Os escoteiros se orientam por um código, ou regulamento, que é o mais sadio e elevado que se possa imaginar.

Em dez mandamentos está concentrada a Lei Escoteira, que todos os valentes milicianos cumprem antes de mais nada, fazendo dêles seu primeiro e principal objetivo:

O escoteiro tem uma só palavra: sua honra vale mais que a própria vida.

O escoteiro é leal.

O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e praticar diàriamente uma bôa ação.

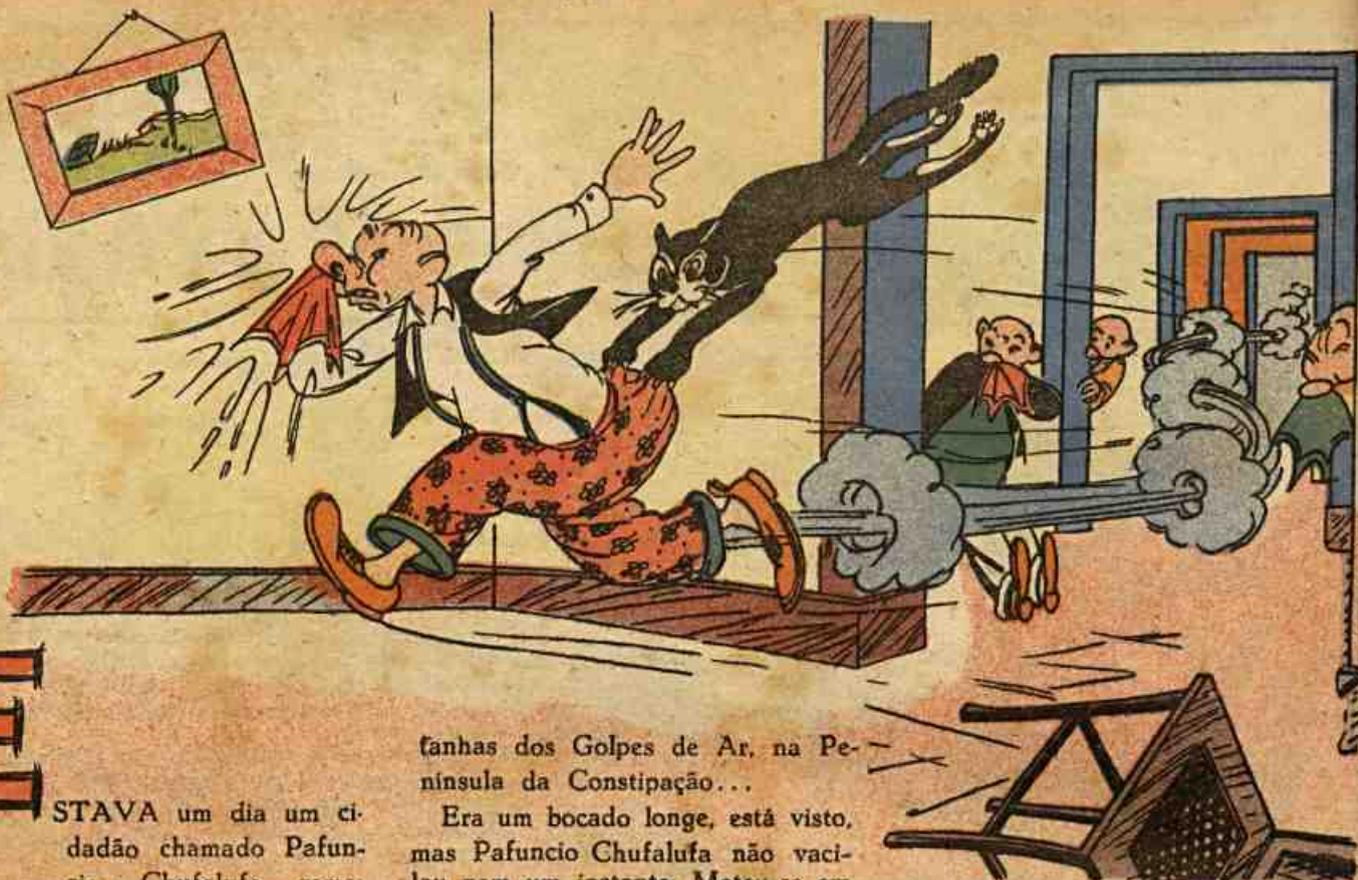
O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.

O escoteiro é cortês.

O escoteiro é bom para os animais e as plantas.

O escoteiro é obediente e disciplinado.

O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.

O palácio dos ESPIRROS

ESTAVA um dia um cidadão chamado Pafuncio Chufalufa remexendo em seu arquivo de velhíssimos manuscritos, cheios de pó e de teias de aranha, quando, ao voltar uma página, exclmaou:

— Oh! Lá! Lá!

E, dando um salto mortal, coçou violentamente a cabeça, bebeu de um trago a tinta de um grande tinteiro, sentou-se sôbre o chapéu e deu uma dentada na palma da mão. Todas estas barbaridades eram sinal evidente de que Pafuncio Chufalufa estava contentissimo.

Que teria lido, que lhe produzira tamanho entusiasmo?

Apenas isto: que existia uma certa misteriosa pomada capaz de fazer nascer cabelos até no mármore de uma pia de cozinha. E como Chufalufa tinha a cabeça pelada como uma melancia — embora usasse chinó de ótima fabricação, e tão bom que parecia verdadeiro — resolveu ir procurar aquela pomada onde quer que ela se encontrasse. O livro, entretanto, já dizia onde era: no Palácio dos Espirros, no reino dos Resfriados, na cumiada das montanhas dos Golpes de Ar, na Península da Constipação...

Era um bocado longe, está visto, mas Pafuncio Chufalufa não vacilou nem um instante. Meteu-se em viagem.

* * *

Um dia, afinal, encontrou essas coisas todas, e alcançou o Palácio dos Espirros. Mal chegou, viu uma enorme "bicha" de carecas, que se dirigiam para a mesma direção. E êle ia entrar na fila, quando, não sabia porque, se formou uma enorme *encrenca*. E' que todos queriam chegar em primeiro lugar junto ao lugar onde se encontrava a pomada, que alguem tivera a infeliz idéia de dizer que talvez fosse pouca para todos...

Nosso amigo Chufalufa, aproveitando a confusão, esgueirou-se sorrateiro e, vendo uma janela aberta, pulou para dentro dela.

Mal, porém, pôz o pé no chão, deu um tremendo, atroador espirro, e foi dar com o nariz contra a parede fronteira, derrubando um quadro. Apareceu, então, um gato preto, peludo, feio, com cara de feroz, e ficando de pé como ficam os cães amestrados, assim falou:

— Que vem aqui fazer a fina flôr dos Chufalufa?

— Buscar pomada — disse Pafuncio.

— Não nasceste para ser peludo — disse o gato.

Pafuncio Chufalufa deu outro pavoroso espirro, e desta vez com tal violência que o gato foi projetado contra a parede, e caiu meio tonto.

— Se queres a pomada — disse, quando voltou a si — chega a essa janela e repete, três vezes, sem rir: — *Eu sou o bôbo peludo!* Se não te ris, a pomada será toda tua. Mas se não conseguires ficar sério, eu te darei dois arranhões num lugar que não te poderás sentar direito durante dois meses...

Pafuncio Chufalufa chegou imediatamente à janela, contemplando com assombro a quantidade de carécas que estava em baixo estacionada. E fazendo toda a força para se conservar sério como em dia de enterro, disse, convencido:

— Eu sou um bôbo pelado!

Mal, porém, acabára de dizer isso, sentiu uma vontade furiosa de rir. O mesmo que se lhe estivessem fazendo cócegas na barriga, em baixo dos braços, nas plantas dos pés, no gógó, em todos os lugares ao mesmo tempo. Não poude: soltou uma gargalhada e vinte e cinco espirros!

Aí, o gato misterioso pulou em cima dêle. Cravou-lhe unhas e dentes, no sitio mais carnudo das costas...

Pafuncio, sentindo aquele carinho do gato, disparou na maior carreira de sua vida. E levou o gato agarrado. Passou como um raio através das salas e corredores do palácio, e a confusão que se formou foi tão grande que nem quero descrever a vocês, pois vocês não acreditariam, garanto. Foi um tal de caréca espirrando e correndo para todos os lados, que parecia o fim do mundo!!

Conto maluco traduzido por GALVÃO DE QUEIROZ

Pafuncio não queria saber de nada: queria era correr. Derribava tudo o que ia encontrando à sua frente. E o gato agarrado... E êle correndo, pulando, dando pinotes... E o gato firme...

Afinal, ao passar uma porta, esta se fechou após êle e perdeu o gato, que foi forçado a largar a presa.

O pobre Pafuncio respirou... Descansou em pé, pois não poderia sentar-se mesmo, mas como era um camarada teimoso, disse:

— Sem a pomada eu não volto para casa! Quero ficar cabeludo, de qualquer maneira!!!

Abriu, então, outra porta, e foi entrando, para procurar a pomada. Afinal, depois de muito procurar, deu com uma sala onde havia um baú de lata contendo uma caixa com um embrulho que encerrava uma lata onde havia um boião no qual estava escrito: "Pomada maravilhosa".

Cheio de alegria, abriu o boião, e viu no interior uma pasta amarela. Meteu o dedo na pasta e sacudiu um pouco da pasta no chão. No chão nasceu cabelo. Seu dedo ficou logo cabeludo que parecia uma lagarta de fogo. Então passou a pomada na cabeça, e foi um tal de crescer cabelo que logo ficou êle com lindas tranças, parecendo uma castelã antiga. Olhou-se num espelho e deu três pulos para traz, assustadíssimo. Tão espantado ficou, que disparou na carreira, com medo de si mesmo. Corria tanto, como quando levava o gato grudado. Mas desta vez não levava, não. Ia sozinho. Sozinho com as tranças.

Saiu do palácio e uns garotos que o viram, começaram a vaiá-lo. Entrou pelo bosque. Afinal, cansado de correr, apoiou-se a uma arvore. E mal tocou a mão no tronco, como estava ainda com os dedos sujos de pomada, começou a nascer cabelo no tronco. E como nasceu cabelo! Dentro de pouco, Chufalufa estava verdadeiramente emaranhado no meio daquele cipoal de pêlos.

— Maldito êsse desejo de ter cabelos! — gritava êle.

Arranhado, mordido, cabeludo como a Julieta do Romêu de Shakespeares, depois de uma luta enorme voltou para sua casa. Felizmente chegou à noite. Não foi visto por ninguem. Mandou chamar um barbeiro discreto, muito seu amigo, e fez arrancar em sêco todos aqueles cabelos, como as senhoras arrancam as sobrancelhas.

E quando se viu, afinal, calvo como era antes, exclamou, satisfeito:

— Bendita a minha linda careca! Bendita a minha bola de bilhar!! Afinal de contas, enquanto eu fui pelado, sempre fui um camarada de pêlo... O azar me veio justamente por querer ser peludo...

E viveu e morreu careca, e feliz.

Mas não se sentou direito durante três meses, em vez de dois, como o gato havia dito...

O SOBRETUDO

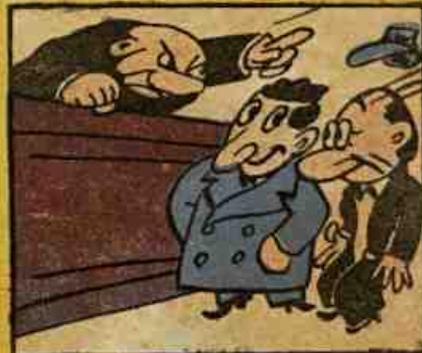
Desanimado de cobrar cem cruzeiros que emprestou ao Juvenal, o Venâncio lhe diz:

— Não espero mais! Chega! Tens que me restituir o dinheiro!

— Bem que gostaria de fazê-lo, mas...

— Nada disso! Vamos à Delegacia! Agora mesmo!

— E queres que eu vá à Delegacia com êste terno velho e amarrotado? — diz Juvenal. Ao menos, empresta-me teu sobretudo!

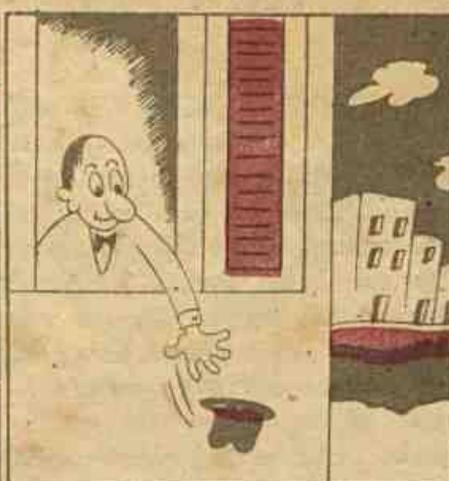
— Vá lá! Para isso sou teu amigo. Toma! Veste-o e vamos! — disse Venâncio, danado.

— É verdade — perguntou o Delegado a Juvenal — que você deve cem cruzeiros ao seu amigo e não lhe quer pagar?

— Seu Delegado, êsse camarada é meio gira... Não devo nada... Êle é maníaco. Não se admire se êle disser que êste sobretudo que estou vestido é dêle...

— E é meu, mesmo! — gritou Venâncio, furioso.

— Bem, bem — disse a autoridade. — É melhor, vocês irem dando o fóra daqui... Não gosto de histórias com malucos, sabem? Rua! Rua!

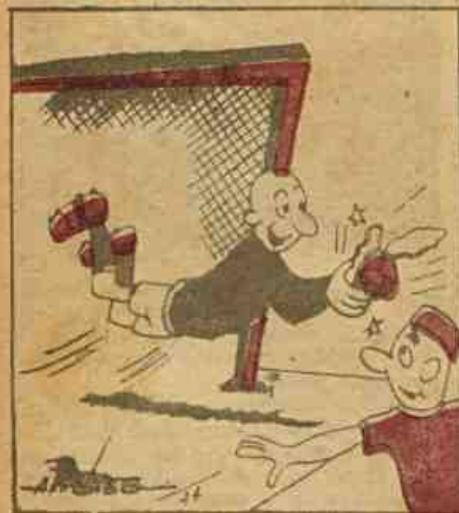
O AZAR DO AZARIAS

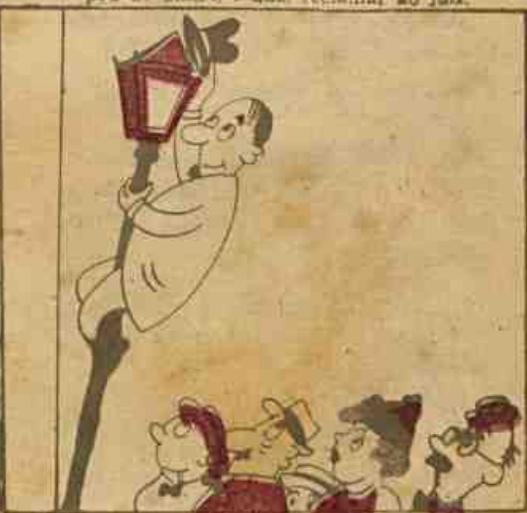
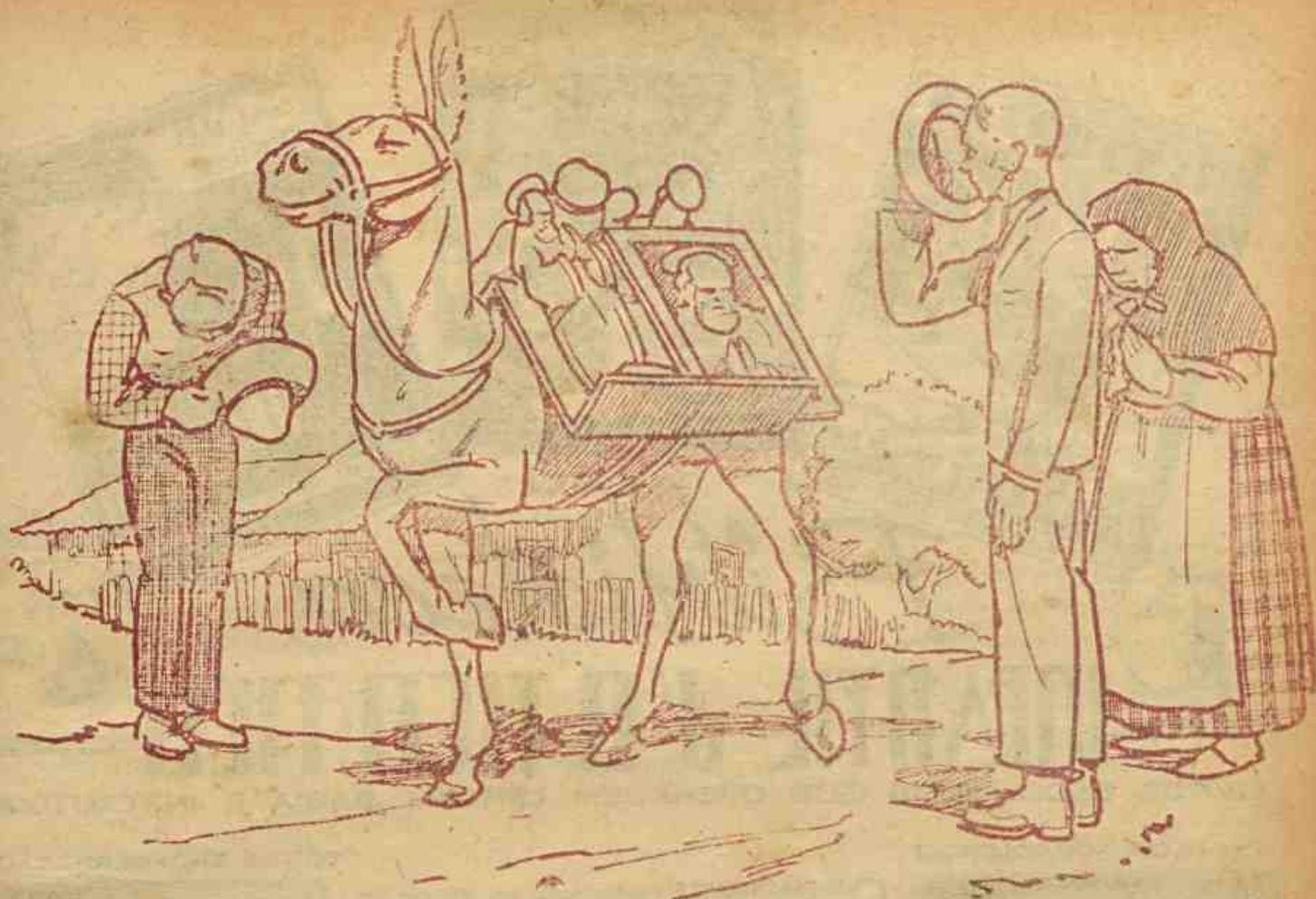
Azarias tinha um chapéu de fêltro, que há muitos anos era o seu companheiro inseparável, protetor da sua cabeça, nos dias de sol e de chuva. Todos os dias, antes de sair de casa, ao botá-lo na cabeça, ficava horas esquecidas, frente ao espelho, mirando-se vaidosamente.

Um dia, não se sabe porque, o nosso amigo Azarias desgostou-se do chapéu e resolveu jogá-lo fora. E sem pestanejar, atirou-o sem dó nem piedade pela janela do oitavo andar. E o pobre chapéu às cambalhotas como um avião, fazendo piruetas, veio caindo, caindo, caindo...

E foi encarapitar-se bem em cima de um lampeão que ficava na esquina. Azarias foi então a uma loja onde comprou um palheta, novinho em folha, reluzente que só vendo. Quando saiu da loja, todo prosa, ainda olhou com desdém para o pobre chapéu de fêltro lá em cima do poste.

Naquele dia, havia a décima partida da melhor de três entre o Quebra-cabeças e o Torce-pernas Futebol Clube, e o Azarias meteu-se lá no campo para assistir à fenomenal peleja. Colocou o palheta entre as pernas, e começou a torcer saboreando um bruto refresco.

No campo, os dois quadros debatiam-se furiosamente aos sôcos e ponta-pés. De-repente Pé de Anjo deu um chute tão violento na pelota, que esta subiu, e veio encaixar-se dentro do palheta do Azarias, atingindo-lhe o nariz e entornando o refresco.

E depois de saltar prá cá e prá lá sobre a cabeça dos espectadores, foi cair novamente nos pés do terrível Pé de Anjo que saiu em escapada para cima da trave. O arqueiro ficou embasbacado quando viu aquela bola de chapéu de palha, e quis reclamar ao juiz.

Mas Pé de Anjo não conversou: levantou no ar o seu 44 bico largo e soltou a perna com vontade. O chute saiu como um tiro de canhão, mas o arqueiro num elegante e calculado salto acrobático conseguiu segurar o couro com as suas mãos de ferro.

Não é preciso dizer que, como acontece em tôdas as partidas de futebol, houve muita pancadaria. Assim que o Azarias viu o campo sem ninguém saiu à procura do chapéu, e encontrou apenas os restos mortais do palheta que lhe custára tantos cruzeiros!

E muito desconsolado, voltou o Azarias para casa, quando, bem perto dela, deu com uma porção de gente olhando para o velho chapéu encarapitado no poste. Ele, então, sem mais aquela, subiu ao poste, onde foi buscar o antigo chapéu, companheiro de muitos anos, que tantos serviços lhe prestara.

O BURRO E AS RELÍQUIAS

(Adaptação)

A um burro por uma estrada, num domingo em que tôda a gente vinha à feira, no povoado.

Como êsse burro ia carregando relíquias para uma igreja nova do povoado, tôda a gente, quando o burro passava, tirava o chapéu respeitosamente.

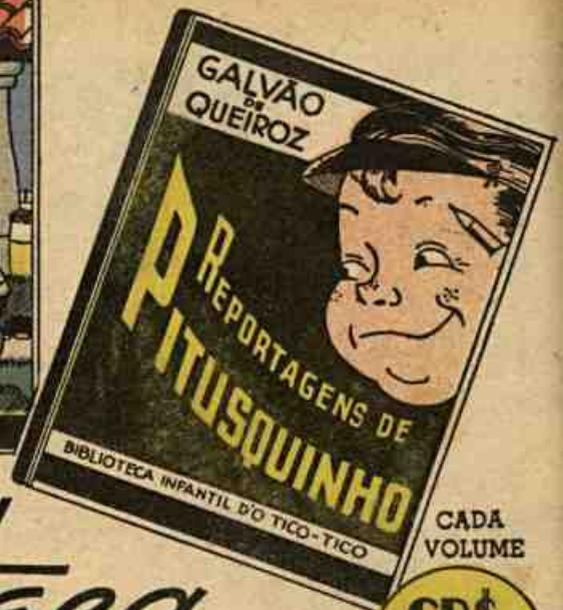
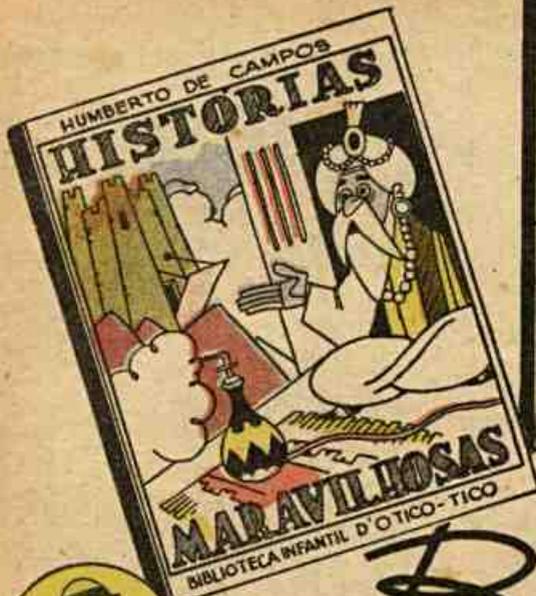
Cada vez que alguém se descobria, o burro se empertigava, olhava para a direita e para a esquerda e passava impando de orgulho. E se acaso alguém não o via, o burro zurrava de modo a chamar a atenção; em seguida, e invariavelmente, a pessoa distraída tirava o chapéu e cortejava.

O burro estava tão entusiasmado que, ao chegar ao povoado, até já acreditava ser um tipo novo de automóvel Ford.

Depois de descarregado, o burro voltou e se molestou sèriamente porque homens, mulheres e crianças não lhe ligavam a menor atenção. Houve até alguns garotos que lhe atiraram pedras.

Ao chegar à estrebaria, resolveu consultar um velho burro que, de tanto viver, tinha aprendido um pouco, apesar de dizerem que burro velho não aprende.

— Ora! — respondeu-lhe o prudente e velho animal. Tôda a gente tirava o chapéu, não para [illegible] e, sim, para as relíquias! Tôda a gente fazia o [illegible] o que se faz aos juízes, às autoridades, às pessoas que, não tendo valor, ocupam cargos altos. A gente tira o chapéu à toga, ao cargo, à autoridade, não à pessoa. Perdido o cargo, adeus cumprimentos, respeito e cortezia.

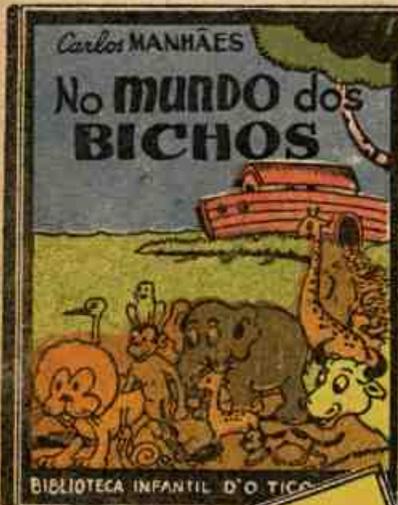
O pedante burro essa noite recolheu-se cedo e não quiz mais conversas com ninguém, desapontado do seu engano, que é igual ao de muitos hom

CADA VOLUME CR$ 6,00

Biblioteca INFANTIL d'O TICO-TICO

LIVROS ESCOLHIDOS QUE OFERECEM LEITURA SADÍA E INSTRUTIVA

CAPAS DE LINDO COLORIDO

SÓLIDA ENCADERNAÇÃO

Carlos MANHÃES
No mundo dos BICHOS
BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO

COMPLETAMENTE modernizada, em atraente formato e caprichosamente impressa a côres, a nova série da BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO oferece à infância brasileira oito livros bonitos e interessantes; de autores consagrados da nossa literatura infantil.

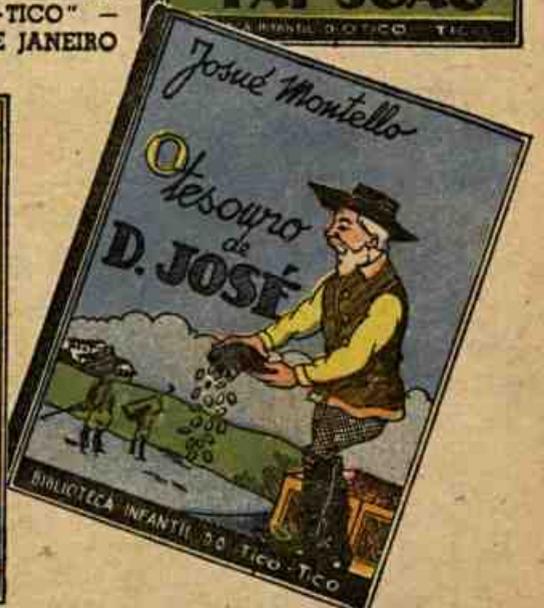
Páginas cheias de graça, movimento, bom humor e deliciosa ingenuidade, ao par de outras em que reponta o espírito da aventura, do heroismo e da coragem.

Ensinamentos suaves ministrados sutilmente aos pequeninos leitores, sob a forma mais agradavel possivel.

Oito verdadeiras joias da literatura infantil, que farão o enlevo e a alegria das crianças brasileiras.

PREÇO DE CADA VOLUME CR$ 6,00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS PELO SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL À "BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO" — RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º — RIO DE JANEIRO

RUA SENADOR DANTAS, 15 - 5º ANDAR - RIO

O SOL

O Sol é a fonte da vida,
Da energia e do calôr;
Ao homem êle convida
A ir a um plano superiór.

Que creatura atrevida
Póde olhá-lo, ainda ao se pôr?
Entanto, a sua luz, partida,
Cabe num calix de flôr.

O Sol — Hércules do espaço —
Peito de ouro, férreo braço,
Vence a treva, a escuridão.

Depois, como um Deus glorioso,
Passeia, altivo e orgulhoso,
Sua luz pela amplidão.

O RIO

O rio é a imagem da vida,
Da vida universal, dessa
Vida eterna, que não cessa
Na planicie ou na descida.

Ora como alma dorida
Soluça; ora vai depressa
Como cumprindo a promessa
Do não parar na corrida.

A's vezes, a inchar, exerce
Atroz vingança, abalando
Das cidades o alicerce;

Mas, logo, leve, deslisa,
E terras, campos, num brando,
Doce abraço fertiliza...

O MAR

Olhai, queridos, o oceano
Imenso, largo, profundo...
Como que, ansioso, em seu fundo
Pulsa um coração humano.

Ao ver o furor insano
Desse gigante iracundo,
Dirieis ouvir do mundo
O clamor do desengano.

Sôbre êle — procélas, ventos,
Travam duélos violentos
Pelas noites sem luar...

Que tragedias, que heroismos
Nos tenebrosos abismos
Das profundezas do mar!

VERSOS DE LEONCIO CORREIA

AS AVES

Como as aves são graciosas!
Que doces são seus gorgeios!
Parecem concertos cheios
De baladas harmoniosas.

Lembram policromas rosas
De asas; os seus volteios
sóbem, ágeis, sem receios,
A's paragens luminosas.

Os pássaros, meus queridos,
São aviões pequeninos
Que vôam com doces ruidos...

Gargantas de ouro que cantam
Zarzuélas, óperas, hinos,
Que arrebatam e que encantam!

AS ÁRVORES

As árvores, meus netinhos,
São nossas amigas; délas
As armonias mais belas
Sóbem do fundo dos ninhos.

Pela beira dos caminhos
Dão sombra; sorriem nelas
Flôres azues, amarelas,
Róseas ou alvas como arminhos.

Arrogantes ou modestas,
São penhores de saúde
Nas cidades e florestas;

Nada há que as feições lhes mude,
Como um adorno de festas,
Como tábuas de alaúde.

O CEU

Do céu é que a chuva desce
Para a terra fecundar,
E a chuva é uma estranha prece
Que só Deus sabe rezar.

Aos nossos olhos parece
O céu um grande bazar...
E de almas brancas — que mésse
Debruçado sôbre o mar!

O céu é o pálio do monte;
Se se arqueia o amplo horizonte
Sangra de beleza e luz;

Se queres compreendê-lo
Faze com amôr e zelo
O que te ensina Jesús

RECREAÇÃO

A CASCA DE NOZ QUE PULA

Estamos em boa época para fazer este brinquedo, que é tão fácil, aliás, que dispensaria explicações. Contudo, vamos explicar.

Fura-se a casca em 2 pontos dos lados.

Por êles se passa um barbante que é emendado formando uma volta.

Entre os dois fios se coloca um palito, ou fósforo, conforme está visível na figura, e enrola-se o cordão, fazendo girar o fósforo ou palito.

Sem o soltar, vira-se a casca de nóz, e coloca-se sobre a mesa.

Manda-se alguem apanhar e mal a pessoa lhe toca ela pu'a, pregando um bruto susto na vitima da brincadeira.

Mas é preciso ver com quem se brinca, para não faltar com o respeito aos mais velhos.

O EQUILIBRIO DO OVO

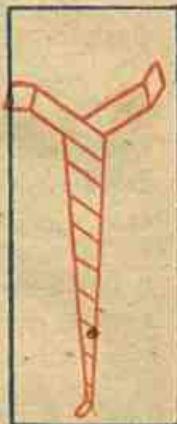
Quando os ovos estiverem custando barato, façam esta prova.

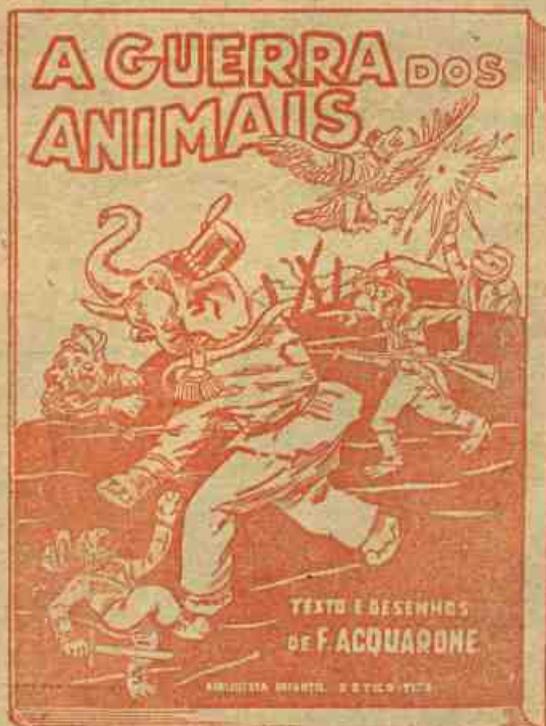
Umideçam ligeiramente com agua a beira de um prato. Coloquem um prato. Coloquem um pedaço de casca de ovo sôbre a dita beirada: com um pequeno movimento de munheca, inclinem depois o prato e verão como a casca girará sôbre si mesma, dando volta em redor do prato.

Colocando dentro da casca um boneco recortado de revista — o Chiquinho, ou o Zé Macaco, por exemplo — pode-se fazê-lo dansar, girando em redor do prato.

Colocando na beira do prato várias cascas de ovos, com seus respetivos bonecos, póde-se fazer todos dansarem de uma vez, produzindo isso um efeito interessantissimo.

O TORPEDO AEREO

Este torpedo se constrói com pedaços de papel de uns 15 centimetros de comprimento por 13 milimetros de largura, aproximadamente, cada um. São enrolados um em tôrno do outro até à metade do comprimento, tal como se vê na figura, dobrando-se as "asas" livres, uma para cima e a outra para baixo.

Subindo-se a uma cadeira, e deixando cair (sem cair da cadeira) o torpedo lá do alto do braço erguido, este girará com rapidez, enquanto cair. Tanto maior será a rapidez quanto maior fôr a altura de que fôr lançado.

O movimento se origina pela ação das corerntes de ar sôbre as duas asas.

JANEIRO

Domingo	—	7	14	21	28	—
Segunda	1	8	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Quarta	3	10	17	24	31	—
Quinta	4	11	18	25	—	—
Sexta	5	12	19	26	—	—
Sábado	6	13	20	27	—	—

O signo de Janeiro é AQUARIO.

Tem 31 dias e seu nome se deriva de Jano, o deus mitológico que tinha duas faces.

Neste mês se festejam a Confraternização Universal, o dia de Reis e, no Rio de Janeiro, o padroeiro da cidade, S. Sebastião.

HOROSCOPO

AS pessoas nascidas neste mês serão muito felizes no comércio onde, com facilidade, enriquecerão.

Como talismã devem usar as pedras onix branco, rubi e granada.

As côres que devem usar são: azul e preto e as "nuances" castanho e cinzento.

FEVEREIRO

Domingo	—	4	11	18	25	—
Segunda	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Quarta	—	7	14	21	28	—
Quinta	1	8	15	22	—	—
Sexta	2	9	16	23	—	—
Sábado	3	10	17	24	—	—

O signo de Fevereiro é PEIXE. Tem 28 dias habitualmente e 29 nos anos bissextos.

Neste mês não há festas nacionais nem dias santificados. Quase sempre é em Fevereiro que se festeja o Carnaval, dependendo isso de uma questão ligada às fases da lua.

HOROSCOPO

AS pessoas nascidas em Fevereiro são geralmente alegres e comunicativas.

Seus meses mais felizes são Abril e Agosto, seu melhor dia, o sábado, e suas pedras talismãs: a safira, a opala ou turquesa.

Suas côres preferidas devem ser o azul, o preto, o verde-claro e o róseo.

Quéro Quéro

Quéro-quéro, ave rainha,
Da garganta de clarim...
Todo Gaúcho adivinha
Quando tu cantas assim:
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

Apregoador de bonança,
O teu grito, com certeza,
Deve ser côr de esperança
Como a propria natureza...
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

Tu resumes, vaqueando,
Insatisfeito, no espaço,
O simbolismo pampeano
De um belo tiro de laço.
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

E's pequenino, e, no entanto,
Tu te supões um condôr...
E quando cantas, teu canto
Tem rataplans de tambôr.
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

E's um desejo no espaço
Do Pampa, que tanto adoras...
Teu canto marca o compasso
Do tic-tac de espóras,
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

Dormes tarde, e, já bem cêdo
Teu grito alacre se expande...
E's o gaúcho sem mêdo,
Sentinela do Rio Grande.
Quéro-quéro ! Quéro-quéro !

FERNANDO BORBA

Ao pé da letra!

Seu Malazartes foi ao médico e êste depois de um exame rigoroso, aconselhou:

— Meu caro amigo, o senhor precisa de coisas alegres ! Procure tudo o que o possa alegrar ! Busque divertir-se ! Coisas alegres, note bem !

Seu Malazartes saiu dali e, para seguir à risca o conselho, a primeira coisa que fez foi dar uma volta de bonde. No bonde "ALEGRIA"...

A MÃE, MEDROSA: Meu Deus ! Você vai fazer essa pedra rolar, Tutuínha ! Não a empurre !!

PASSATEMPO DA SALADA

Vamos... fazer uma salada ?

Vamos ! Mas para isso você vai descobrir os nomes dos ingredientes, isto é, dos vegetais que dela farão parte. Êles estão escondidos aqui. As letras foram baralhadas.

AFCELA

CALBEO

OMTTAE

NAIOETZA

TABAAT

NEUACOR.

(Se não descobrir por si, procure a solução à solução à página 140).

MARÇO

Domingo	—	4	11	18	25	—
Segunda	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Quarta	—	7	14	21	28	—
Quinta	1	8	15	22	29	—
Sexta	2	9	16	23	30	—
Sábado	3	10	17	24	31	—

O signo de Março é CARNEIRO.

Seu nome se deriva de Marte.

Neste mês começa o Outôno Também não tem dida de festa nacional, mas geralmente é em Março que se comemora a Quaresma, com a Semana Saita e seus ritos cheios de piedade.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Março terão grande predileção pela poesia e pela pintura.

Seus meses mais felizes, são Maio e Junho; seu melhor dia, o sábado, e as pedras talismãs o topázio e a madrepérola.

Deverão optar pelas seguintes côres: verde, azul claro e rosa.

O signo de Abril é TOURO. Seu nome se deriva de Aperire (abrir) porque em Abril começava o ano, antigamente. Comemora-se em Abril o suplício de Tiradentes, e o Dia da Juventude Brasileira, aniversário do Presidente Getúlio Vargas.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Abril serão de grande mentalidade e inteligência e conseguirão prosperar em tudo em que empregarem sua fôrça intelectual.

Seus meses mais felizes são Junho e Julho, e seu dia propício a terça-feira. Suas pedras talismãs: o diamante, a ametista ou a ágata.

Suas côres: o branco e o vermelho, e a combinação: rósea

ABRIL

Domingo	1	8	15	22	29	—
Segunda	2	9	16	23	30	—
Terça	3	10	17	24	—	—
Quarta	4	11	18	25	—	—
Quinta	5	12	19	26	—	—
Sexta	6	13	20	27	—	—
Sábado	7	14	21	28	—	—

A VOZ DOS SINOS

(CÔRO ORFEÔNICO A 3 VOZES)

"FOLC-LORE" NORDESTINO

Ten-ten-ton, ten-ton-ten-ton...
Ten-ton-ten-ton-ten...

Repicam sinos na capelinha
Chamando o povo pra devoção,
Para ir rezar sua ladainha
E do vigário ouvir o sermão.

O sino grande faz: "bão, bão, bão...
Mas o pequeno faz: tin, tin, tin...
E os dois, unindo-se no meião
Discutem juntos cantando assim:

1.ª VOZ: — "Tem, tem, tem, tem,
tem, tem, tem!...

2.ª VOZ: — Não tem, não tem!...
3.ª VOZ: — Não tem!...
JUNTOS: — Frade da Penha,
— Não deve a ninguem".

1.ª e 3.ª VOZ: — Quem diz que êle deve
Vergonha não tem.
3.ª VOZ: — Não deve a ninguem.
Não deve a ninguem.
JUNTOS: — Pois frade da Penha
Não pega em vintem:
Ten ton ten, ton ten ton ten...
Tlen!...

EUSTORGIO WANDERLEY

UMA DIVISÃO

Com 4 linhas retas, devida o quadro em 10 espaços, cada um dos quais deve conter 5 números que, somados, dêem um total igual a 25 para cada grupo.

(*Se não conseguir fazê-lo, dentro de 15 minutos, recorra à pág. 140*).

QUE VALENTE GENERAL!

Domingo	–	6	13	20	27	–
Segunda	–	7	14	21	28	–
Terça	1	8	15	22	29	–
Quarta	2	9	16	23	30	–
Quinta	3	10	17	24	31	–
Sexta	4	11	18	25	–	–
Sábado	5	12	19	26	–	–

O signo de Maio é GEMEOS. Seu nome vem de Maius Majoribus — os velhos. Neste mês há a festa internacional do "Dia do Trabalho", a de "13 de Maio", abolição da escravatura; a da "Batalha de Tuiuti" e, no dia 3, a do descobrimento do Brasil.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Maio serão inteligentes, tendo grande habilidade manual. Possuem esplêndida memória, são amigos leais e generosos, porém prejudicam, às vezes, sua felicidade quando se deixam arrebatar pela ira.

Seus melhores meses são: Maio e Julho; seu dia mais feliz a sexta-feira.

O signo de Junho é CARANGUEIJO.

Seu nome vem de Juno. No dia 11 se comemora a Batalha de Riachuelo. Neste mês são as festas tradicionais de Sto. Antônio, S. João e S. Pedro. Neste mês começa o inverno.

HORÓSCOPO

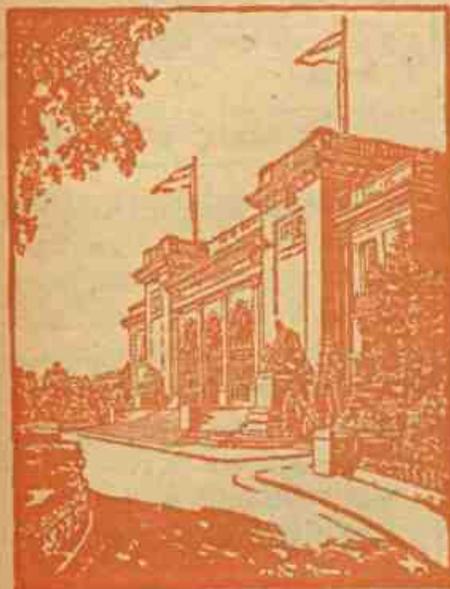
AS pessoas nascidas em Junho serão bons médicos e melhores políticos, não estando nunca satisfeitos com o que fazem ou conseguem obter.

Exagerados em tudo, excedem-se no comer e no beber, de sorte a sofrerem do estômago e do fígado.

Seus meses mais felizes são: Abril e Agôsto; seu melhor dia a sexta-feira; e suas pedras talismãs: a água-marinha, o berilo e a safira.

Domingo	–	3	10	17	24	–
Segunda	–	4	11	18	25	–
Terça	–	5	12	19	26	–
Quarta	–	6	13	20	27	–
Quinta	–	7	14	21	28	–
Sexta	1	8	15	22	29	–
Sábado	2	9	16	23	30	–

A União Panamericana

A União Panamericana tem sua séde em Washington, nêsse bonito palácio que vocês estão vendo aqui.

A União Panamericana é uma organização a que pertencem tôdas as repúblicas do Novo Mundo. A finalidade dêssa organização é estreitar os laços de amisade e fraternidade entre os povos que habitam os países norte, centro e sulamericanos. O palácio-séde da União é lindissimo por dentro...

..Há nêle um grande corredor onde se encontram os bustos, em bronze, de todos os grandes homens dos países da América, um de cada país O brasileiro que lá figura é José Bonifácio de Andrada e Silva.

A séde da "União" é um grande centro de cultura, com riquissima bibliotéca.

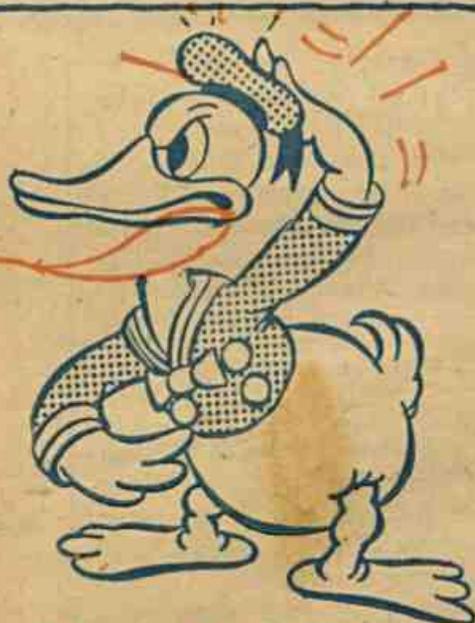
Todos os países das Americas mateem alí delegados, ou representantes. Esses representantes estudam os assuntos comuns, isto é, que interessam aos seus países e aos outros igualmente e tudo fazem para manter a amisade e o entendimento entre os povos da América.

O "Dia Panamericano", comemorado a 14 de Abril, é uma creação da União.

A PROPAGAÇÃO DO SOM

QUANDO uma onda sonora que se propaga pelo ar encontra uma parede, comunico-lhe o seu movimento, provocando nela uma serie de ondulações da mesma forma e frequencia, embora de menores dimensões, pois, na passagem de um para outro meio, a onda perde parte da sua força.

As ondas propagam-se então pela parede e são transmitidas por ela ao ar que ha do outro lado, do mesmo modo que um tambor determina vibrações no ar com que está em contato. Quando as ondas passam pela segunda vez ao ar perdem ainda mais energia, de modo que, o som enfraquece consideravelmente na sua passagem pela parede. A diminuição de intensidade dependerá, é claro, da grossura da parede e das materias que a formam, assim como da sua estrutura.

Se empregarmos materias como lá ou a serradura ou se interpuzermos espessos cortinados que vibram com muita dificuldade, a maior parte das ondas sonoras será absorvida e o som resultará mais fraco.

Domingo	1	8	15	22	29	—
Segunda	2	9	16	23	30	—
Terça	3	10	17	24	31	—
Quarta	4	11	18	25	—	—
Quinta	5	12	19	26	—	—
Sexta	6	13	20	27	—	—
Sábado	7	14	21	28	—	—

O signo de Julho é LEÃO. Julho não tem festas nacionais. O dia 14 recorda uma data notável para a humanidade: a tomada da Bastilha, na Revolução Francesa, dia antigamente feriado, mas que não é mais. O nome do mês deriva do de Julius Cesar.

HOROSCOPO

AS pessoas nascidas em Julho serão muito inteligentes, dotadas de magnânimo coração e de superior habilidade na direção de grandes empresas.

Teem muito espirito crítico, não poupando os defeitos do próximo, porém zangando-se quando lhes apontam os seus.

Seus melhores meses são: Fevereiro e Setembro.

O signo de Agôsto é VIRGEM.

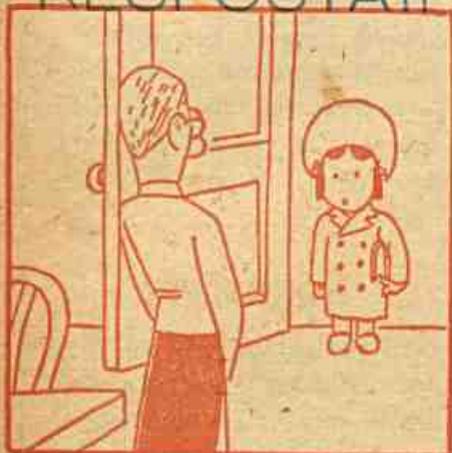
Seu nome vem de Augusto, imperador romano. Neste mês se festeja o dia de aniversário do nascimento de Caxias, consagrado "Dia do Soldado". Caxias é o patrono do Exército Nacional e um dos grandes exemplos para os meninos.

HOROSCOPO

AS pessoas nascidas em Agôsto serão generosas e dotadas de muita habilidade manual, porém não gostam de trabalhar, sendo preciso incentivá-las a cada momento.

Seus meses mais felizes são Janeiro e Outubro, seu melhor dia o domingo.

Domingo	—	5	12	19	26	—
Segunda	—	6	13	20	27	—
Terça	—	7	14	21	28	—
Quarta	1	8	15	22	29	—
Quinta	2	9	16	23	30	—
Sexta	3	10	17	24	31	—
Sábado	4	11	18	25	—	—

BOA RESPOSTA!!

Dona Chincha recebe sempre com máu humor a Bilisca, sua alúna de catecismo. Naquele dia, aconteceu isto:

— Senta-te e comecemos!
— Mamãe me ensinou que só me devo sentar quando a professora se sentar também — disse a garótinha. — Só se a senhora se sentar!
— Ora! Eu estou em minha casa, e, portanto, faço o que me agrada — disse, já zangada, a professora.

— Mas, vamos à aula! Onde estava Deus, antes de criar o Mundo?....
— Na casa dêle...
— E que fazia êle, em sua própria casa?
— Era como a senhora: fazia o que bem lhe agradava!

CORVO E URUBÚ

CHAMAR de "corvo" ao "urubú" é erro absoluto, pois o corvo é o "corvus corax", grande ave negra, canirostra do genero das gralhas e das graúnas, mas muito maior; enquanto que o "urubú" é o "catartes foeteus", da genero dos abutres, que é muito diferente do outro. O "corvo" não tem a peculiaridade do "urubú", não procura como ele, a carniça. Alimenta-se de cereais, insetos e principalmente frutos, constituindo terror para os agricultores, notadamente no hemisferio norte.

Não ha razões, portanto, para se confundir um com o outro, porquanto a unica analogia que existe entre essas duas aves é a côr negra.

DIZ-SE que o girasol é originário do Perú. As plantações que dêle se fazem teem um grande poder desinfetante. Experiencias realizadas na França, Belgica, Italia e Holanda demonstraram que, plantando-se o girasol em lugares baixos e pantanosos, desaparecem em pouco tempo as águas estagnadas, ficando completamente saneados os terenos. Além de sua qualidade de purificador da atmosfera, produz o girasol, com suas sementes, azeite abundante para a iluminação, porque dá uma luz muito clara.

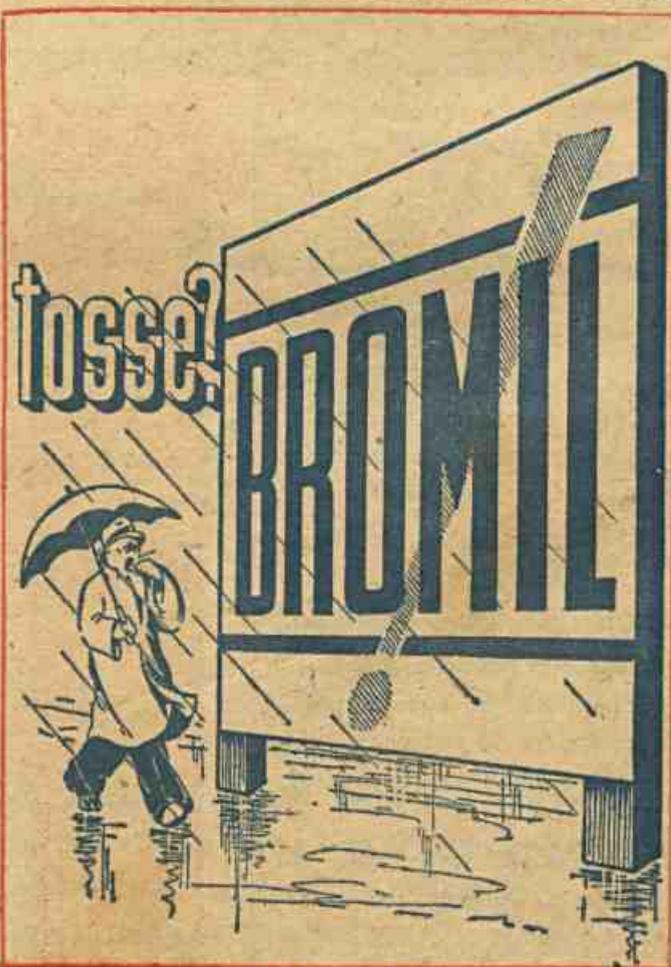
PROCURE AS PROFISSÕES

VAMOS ver se você é hábil.

Com as letras que compõem essas palavras atrapalhadas, colocando-as em outros arranjos, você será capaz de achar os nomes de profissões?

(Se não conseguir, veja a página 140)

1 — TASDINET
2 — ROITAON
3 — TORDATUR
4 — ZIJU
5 — QUOCIMI
6 — GONAMORO
7 — ILTRAIM
8 — CIEMOD
9 — RINIVARETOE
10 — TRUFAOCMECAL

Domingo	—	2	9	16	23	30
Segunda	—	3	10	17	24	—
Terça	—	4	11	18	25	—
Quarta	—	5	12	19	26	—
Quinta	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sábado	1	8	15	22	29	—

O signo de Setembro é BALANÇA.

Era o sétimo mês do ano e daí o seu nome. Há nele a "Semana da Pátria", festa da Independência do Brasil. Nele começa a Primavéra, que tem sua festa também.

HOROSCOPO

AS pessoas nascidas em Setembro serão muito felizes nas emprêsas a que se dedicam, e teem decidida vocação para a música.

Seus meses mais felizes são Fevereiro e Novembro. Seu memelhor dia: a quarta-feira e suas pedras talismãs: o jaspe roseo, a opala ou a pérola.

Suas côres devem ser o amarelo, o azul e o castanho.

Domingo	—	7	14	21	28	—
Segunda	1	8	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Quarta	3	10	17	24	31	—
Quinta	4	11	18	25	—	—
Sexta	5	12	19	26	—	—
Sábado	6	13	20	27	—	—

O signo de Outubro é ESCORPIAO.

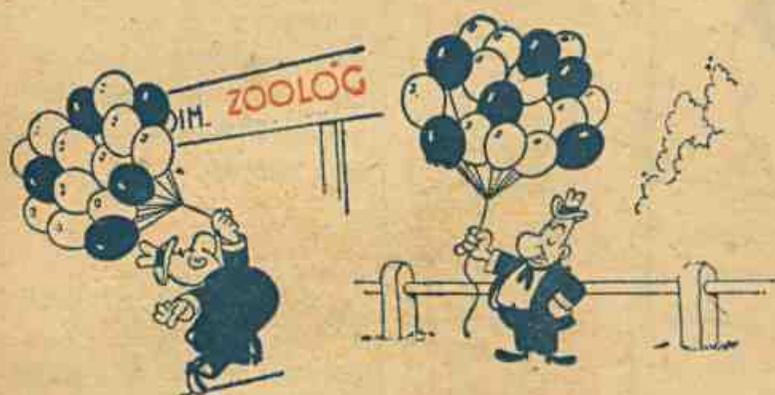
Era o 8.º mês do ano antigo, donde o seu nome. Nele se comemora a descoberta da América, o "Dia da Criança", a "Semana da Asa" e no dia 11 faz anos O TICO-TICO, a querida revista das crianças do Brasil.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Outubro serão ativas, animosas, entusiastas. Não conhecem o desalento, alcançando sempre o que desejam.

São máus pagadores de dividas, embora sejam honrados.

Seus melhores meses são: Agosto e Dezembro e seu mais feliz dia a sexta-feira: suas pedras talismãs: o diamante e a opala.

O ELEFANTE GULOSO

Esta é a aventura sensacional de um vendedor de balões que foi dar uma voltinha pelo Jardim Zoológico.

O ENXOFRE

O conhecimento do enxofre data de muitos séculos. As cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra foram destruidas por torrentes de enxofre em chamas. E os guerreiros antigos usavam-no em mistura com o salitre e resina de pinheiro, para incendiar os edifícios e navios inimigos.

Esta composição era conhecida por "fogo-grego", e sua fórmula assemelha-se de certo modo à da pólvora que é, como se sabe, uma mistura de enxofre, carvão e salitre. Ninguem sabe ao certo quando a pólvora foi inventada, mas sabe-se que sua fórmula consta de um manuscrito de Roger Bacon, um monge inglês, publicado em 1249.

O Santo e os bandidos

SAO Francisco havia instituido um convento em Mont-Cazal. Como frequentemente se ausentasse, havia entregue a guarda do convento ao irmão Angelo, que era ainda jovem.

Naquêle tempo três famigerados bandidos habitavam naquela região. Um dia chegaram ao convento de Mont-Cazal, e pediram a Frei Angelo que lhes desse de comer.

Mas Frei Angelo recebeu-os com rudeza, reprovou-lhes a má conduta e mandou-os embora sem lhes dar nada.

Quando Frei Angelo fez a São Francisco o relato do que houvera acontecido o contou-lhe como houvera despachado os bandidos, São Francisco repreendeu-o e disse-lhe que êle havia procedido como um ímpio, desde que os máus têem necessidade de ser tratados com doçura e compaixão, afim de se poder reconduzí-los ao caminho do bem.

— Desde que procedeste contra a caridade e contra o exemplo de Jesús, exijo que tomes esta sacola cheia de pão e esta garrafa de vinho, e que vás por montes e vales à procura dos três bandidos, até que os encontres. Oferecer-lhes-ás então êste vinho e êste pão, da minha parte, depois do que, ajoelhar-te-ás diante dêles e em voz alta e humildemente, manifestarás o arrependimento pela grosseria de tua impolidez. Em seguida, pedirás a êles, de minha parte, que se abstenham de praticar o mal, que temam a Deus e deixem em paz o próximo.

Frei Angelo cumpriu o que lhe havia sido recomendado; e sucedeu que quândo os bandidos acabaram de comer o pão e beber o vinho que São Francisco lhes havia enviado, puseram-se a conversar entre si e disseram :

— Ai de nós ! infortunados que somos; vivemos a despojar os homens e a matá-los sem nenhum remorso; enquanto o santo frade se acusa humildamente diante de nós por causa de umas poucas palavras bastantes justas que nos disse, e nos trás a mensagem de caridade do santo pai Francisco.

Abalados pelo remorso, foram ter com São Francisco, que os acolheu, a todos três, com bondade e ternura, e lhes assegurou que êles alcançariam o perdão de Deus.

Desde então os três homens mudaram de vida; e havendo sido, enfim, recebidos na Ordem de São Francisco, a êste se ligaram tanto pelo espírito como pelo hábito de burel.

NOVEMBRO

Domingo	—	4	11	18	25	—
Segunda	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Quarta	—	7	14	21	28	—
Quinta	1	8	15	22	29	—
Sexta	2	9	16	23	30	—
Sábado	3	10	17	24	—	—

O signo de Novembro é SAGITARIO.

Nele se homenageiam os mortos, no dia de Finados, festejam-se Todos-os-Santos, comemóra-se a Proclamação da República, a instituição da Bandeira Nacional e a festa máxima, a implantação do Estado Nacional, pelo presidente Getúlio Vargas.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Novembro serão dotadas de lúcida inteligência.

Teem ambição de mando, não gostando de ser subordinadas e procurando ser chefe de quaisquer movimentos.

Seus melhores meses são Fevereiro e Julho; seu mais feliz dia é terça-feira, e sua pedra talismã: o topázio.

O signo de Dezembro é CAPRICÓRNIO.

E' o mês das festas, das férias, dos bons exames e do Almanaque d'O TICO-TICO. Festeja-se nele o nascimento de Jesús, a data maior da cristandade.

HORÓSCOPO

AS pessoas nascidas em Dezembro serão francas e enérgicas e tão trabalhadoras que lhes faz mal aos nervos a preguiça... dos outros.

Seus meses mais felizes são: Fevereiro e Junho, seu maior dia a quinta-feira e suas pedras talismãs: a turqueza e o carbúnculo.

Suas côres prediletas são: o amarelo, o vermelho, o verde e o preto.

DEZEMBRO

Domingo	—	2	9	16	23	30
Segunda	—	3	10	17	24	31
Terça	—	4	11	18	25	—
Quarta	—	5	12	19	26	—
Quinta	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sábado	1	8	15	22	29	—

DUAS FATURAS

UM menino ouviu uma noite os pais falarem de algumas contas, que era preciso pagar no dia seguinte.

Ocorreu-lhe, então, a idéia de apresentar também a nota dos serviços que entendia haver prestado à sua mãe.

Pela manhã, à hora do almôço, a mãe achou com surprêsa debaixo do prato esta fatura:

Mamãe deve ao seu filho Jorge:

Por ter ido ver quem bate à porta	$1.00
Por ter ido ao açougue buscar o pêso de carne	$1.40
Por ter pôsto o lixo na rua	$1.60
Soma	$4.00

A mãe guardou a fatura sem dizer nada.

À noite, à hora da ceia, Jorge encontrou, por sua vez, debaixo do prato a conta mais a importância.

Muito satisfeito, embolsa o dinheiro.

Dá, porém, sob a sua fatura, com outra que estava redigida nestes têrmos:

Jorge deve a mamãe:

Pelos cuidados e dôres que por êle tem sofrido	NADA
Pelo leite de seu peito com que o amamentou e criou	NADA
Pelas noites em claro que passou à sua cabeceira	NADA
Soma	NADA

Quando Jorge leu essa fatura não menos surpreendente, ficou corrido de vergonha.

Desfeito em pranto, os lábios a tremer, corre para a mãe, atira-se-lhe nos braços e, restituindo o dinheiro, diz-lhe:

— Querida mãezinha, peço-lhe que me perdôe. A sra. não deve nada a seu filho. Sei que não poderei pagar nunca tudo quanto lhe devo. De hoje em diante, farei o que a sra. quiser sem pensar em nenhuma recompensa.

A "pororóca" é um fenomeno que se verifica no Amazonas. E' produzido pelo avanço rapido da alta maré, rio acima, em ondas sucessivas, as quais, fazendo subir consideravelmente o nivel do rio e atravancando a correnteza, revolve as aguas e põe em perigo as embarcações. A correnteza do Amazonas é tão forte que avança no mar até trinta quilometros longe da costa, o que se verifica pela agua doce que se encontra a essa altura.

AS CRIANÇAS

JOSÉ MAGARINOS

A's vezes, como são grandes
As pequeninas crianças
— Esses homens pequeninos,
Esses trapos de esperanças! —

Uma, alegre, aqui correndo;
Outra, ali, batendo bola:
São como os trens, as crianças,
Precisam boa bitola...

"O espinho que vai furar,
De pequeno traz a ponta";
Assim, para os pequeninos:
Olhe-se o espinho que aponta..

Construindo seus castelos,
Pulando ou galgando um muro.
As crianças se revelam
Os homens do seu futuro.

Garridas e folgasãs,
— Flores de bons atributos —
Perfumai, enquanto flores...
Confortai depois de frutos...

Sêde pequenas nos portes,
Porém, grandes nas ações;
Elevai a inteligência;
Crescei vossos corações.

Dai ao pobre que depende
A magra e pálida mão;
Mas, dai bondade, e dai arte
Ao cérebro e ao coração.

Crescei no Belo, crianças,
Nas letras, também no Amôr,
Lembrando, que vossos frutos,
Nunca deixam de ser flor.

O Belo, o Amôr, a Bondade
Devem formar alianças;
Mas devem brotar, risonhas,
No coração das crianças.

....

Construindo seus castelos,
Pulando ou galgandoum muro,
As crianças se revelam
Os homens do seu futuro.

Os signos do Zodíaco

COMPLETE, na lista abaixo, os nomes dos signos do zodíaco, por ordem alfabética. Se o fizer em 10 minutos, EXCELENTE; em 12, MUITO BOM; em 15 minutos, REGULAR.

(Solução à página 149)

1. — q — — r — —,
2. — r — — s.
3. — — n — e —,
4. — — p — — — — r — — —,
5. — — c — — — i —,
6. — — m — — — s.
7. — — o.
8. — — b — —,
9. — — s — — — —,
10. — a — — — — — r — —,
11. — a — — — — —
12. — i — — —

Robertinho era um menino bom e estudioso. Mas... na escola, era uma lástima! Não conseguia, por mais que estudasse, conservar na memória o que Dona Margarida ensinava! E, com isso, vivia desanimado, triste...

Um dia, Dona Margarida mandou chamar seu pai e teve com êle uma conversa demorada. Aconselhou-o que fôsse a um médico, e levasse Robertinho, pois estava claro que êle tinha era fraqueza, esgotamento, cansaço...

...cerebral. E o pai do menino assim fez. O médico logo confirmou as suspeitas da professora, e receitou para o menino um excelente tônico, indicado para os casos dessa natureza, um granulado de ótimo sabôr,...

...garantindo que com o seu uso o garoto voltaria a ser o estudante que fôra. Êsse tônico, que o pai de Robertinho logo adquiriu na primeira Farmácia, tinha um nome até bonito: Kola Fosfatada Werneck. E o nosso...

...amigo, desde que começou a tomar, sentiu logo que as coisas estavam melhorando. Voltava-lhe a memória, sentia-se mais disposto! Não demorou e estava outro: sadio, alegre, sabendo as lições, animado nos brinquedos.

Ora, aconteceu que a boa Dona Margarida ia dar uma prova, e como estava entusiasmada com a transformação por que passára Robertinho, assim organizou a pergunta para a classe: "Qual é o tônico maravilhoso...

...que restitue a memoria, a energia, a alegria e a saúde às crianças fracas, desanimadas e doentias? Seu nome se escreve com três letras: K F W". E o resultado foi surpreendente: todos, na classe, acertaram e responderam direitinho! Agora, vocês, leitores! Quem é que sabe responder àquela pergunta? Quem é que desvenda o mistério daquelas letras? Quem souber, e quiser ganhar um bonito prêmio, leia as condições que estão no quadro ao lado, e proceda conforme ali está indicado.

TÔDAS as crianças que enviarem a resposta certa da pergunta feita por Dona Margarida aos seus alúnos, juntando à resposta nome e endereço completo e, ainda, um rótulo do produto que salvou o Robertinho, receberão pelo Correio, inteiramente GRATIS, uma linda coleção de livrinhos coloridos, contendo cada um uma linda historia.

Entre os livros da coleção figuram: Don Quixote, Simbad, o marítimo; Pele de Asno; Riquete da Crista; o Soldadinho de Chumbo; Pinóquio; Branca de Neve; O Gato de Botas; etc.

As cartas, com a solução, o rótulo e o endereço do remetente, devem ser endereçadas exclusivamente a "Professora Margarida — Caixa Postal n.º 1.681 — Rio de Janeiro".

O prazo para recebimento termina a 30 de junho de 1945.

Cenas da HISTÓRIA PÁTRIA

Por LEONOR POSADA

Ilustrações de EL MANO

A TERRA

I

VIVIA desconhecida
a nossa terra querida.
Era formosa, no entanto.
Montanhas em cada canto
e uma costa que ondulava
para o oceano que arfava.

Rios, lagos e florestas...
Animais, aves, em festas,
celebravam a grandeza
deste lugar de beleza...

. . . .

Há milênios, uma ilha,
verdadeira maravilha
e Atlântida denominada,
foi nestes mares tragada.

E depois surgiu, radiosa,
a nossa terra formosa
que viveu desconhecida
tantos séculos de vida...

O NAVEGANTE

II

MAS, um dia, um navegante
de treze naus comandante,
para as Índias viajava.
Bandeira real levava
das terras de Portugal;
e das velas, no frontal,
pela fé que em tudo exalta,
vermelhas cruzes de Malta.

Buscava as Índias possantes,
de produtos abundantes:
cravo, canela, pimenta,
o que é bom e condimenta,
noz moscada, sêdas boas...
Cheias as naus, pôpas, prôas,
voltavam para o broquel
dos reinos de D. Manuel...

E o navegante real
era-Pedro Alv'res Cabral!

A DESCOBERTA

(22 de Abril de 1500)

III

PARA fugir à calmaria
que havia
nas largas costas africanas,
levou Cabral ao largo mar
as lindas naves lusitanas.

E aconteceu que assim fazendo
foi vendo
que pelo mar iam levadas
as treze naus de Portugal
com as velas brancas enfunadas.

Tempos depois, com alegria,
o guia
sinais de terra viu, contente:
—folhagens, troncos a boiar...
E a nova deu à toda a gente:

"Terra! gritou. Terra bem perto!"
E, certo,
olhando os vôos das gaivotas,
louvou a Deus e a Portugal
com frases nobres e patriotas.

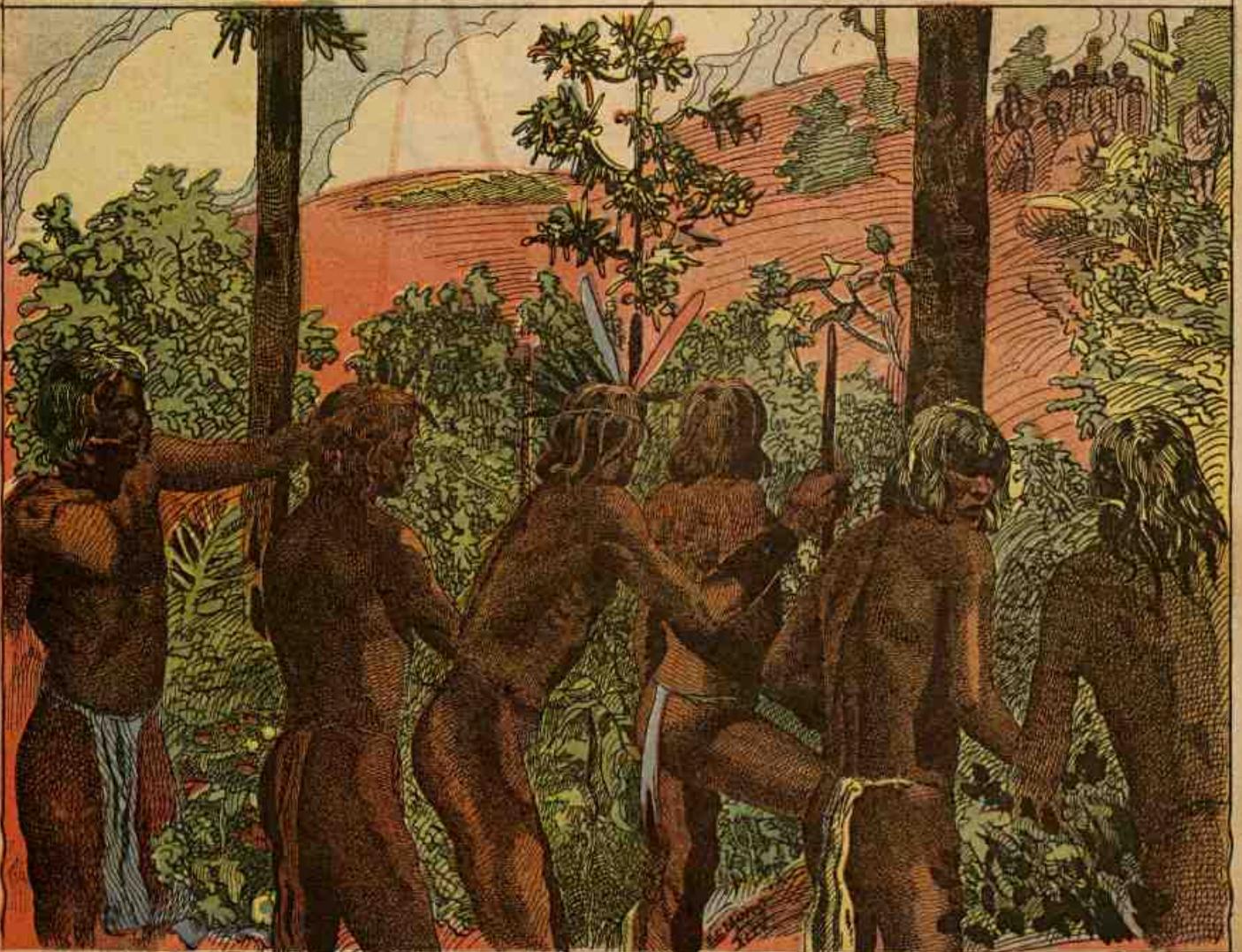
E vendo um monte desenhadc
riscado
no céu azul, curvo, profundo,
chamou o monte de Pascoal...
—Estava em páscoas todo o mundo!...

A POSSE

IV

DESCERAM os marinheiros
e desceu tambem Cabral.
E juntos e prazenteiros,
em nome de Portugal,
tômaram posse da terra
como um presente real.

E a cruz da Fé que era tudo
foi como um manto de amor.
A seus pés, vencido, mudo,
Cabral rezava ao Senhor
a gloria de haver-lhe dado
aquela terra — um primor!

E depois, numa homenagem
ao Pái eterno da luz,
como humilde vassalagem
ao Santíssimo Jesus,
da madeira, que cortaram,
erigiram uma Cruz.

A MISSA

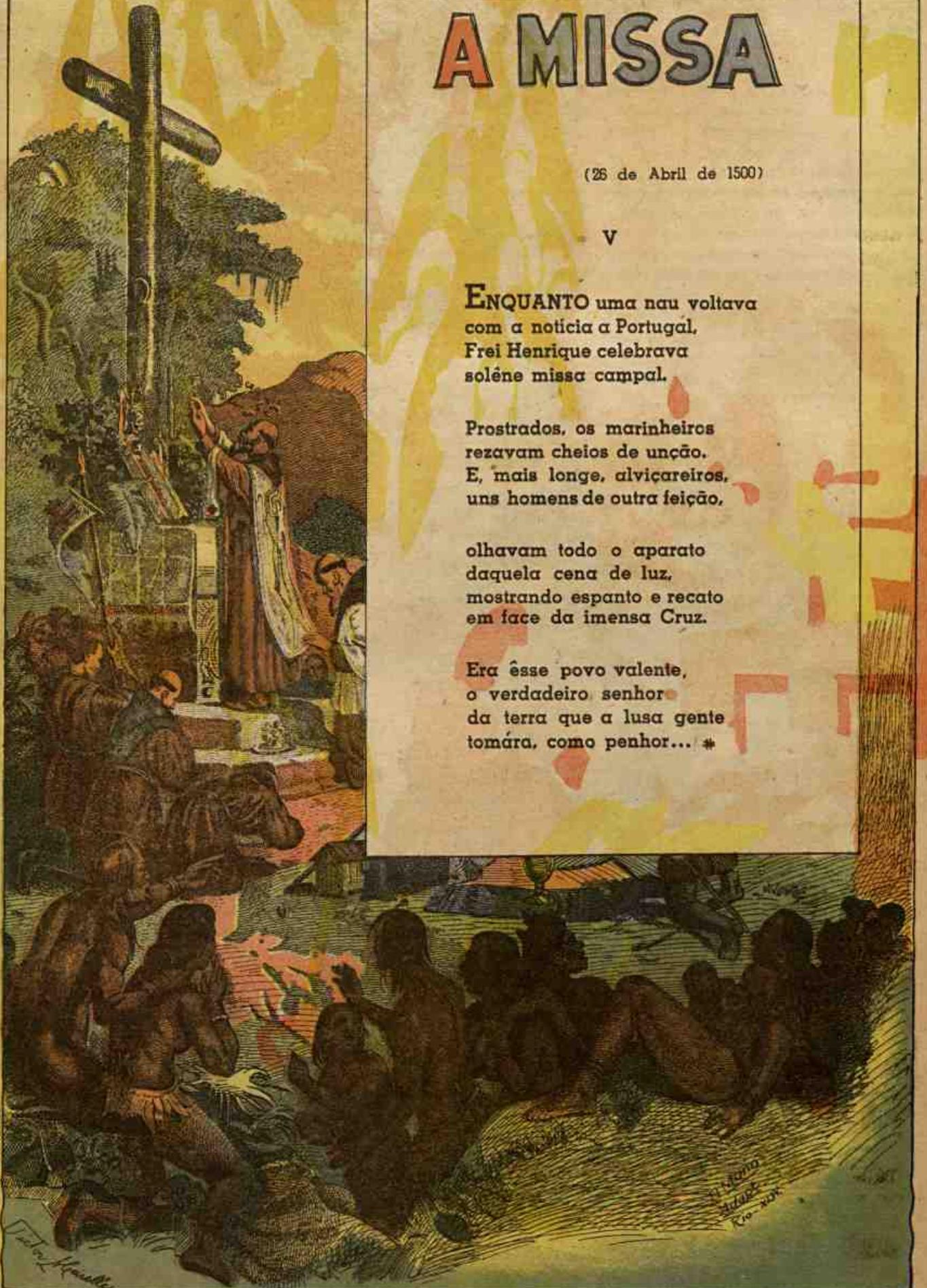
(26 de Abril de 1500)

V

ENQUANTO uma nau voltava
com a notícia a Portugal,
Frei Henrique celebrava
solêne missa campal.

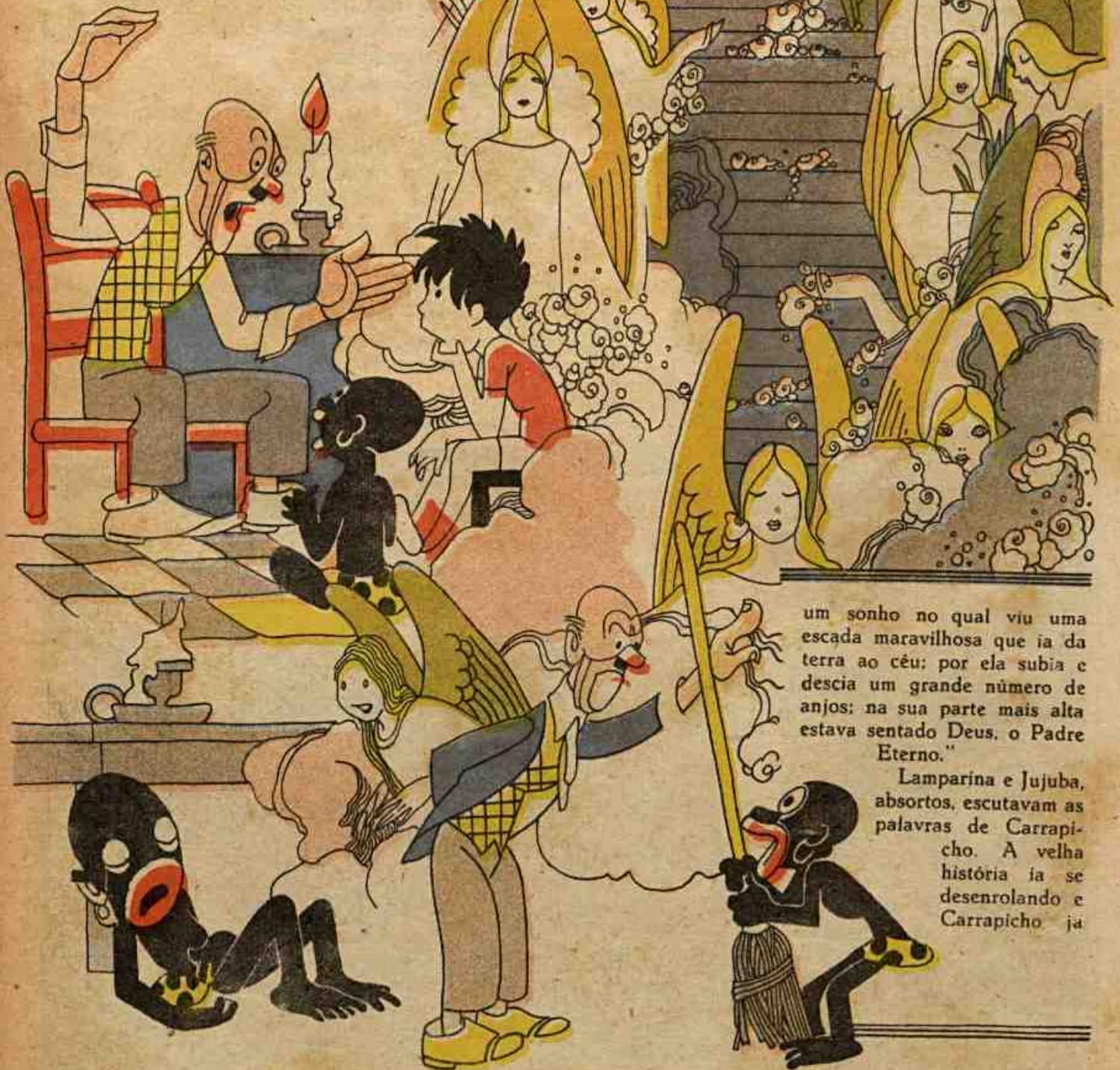
Prostrados, os marinheiros
rezavam cheios de unção.
E, mais longe, alviçareiros,
uns homens de outra feição,

olhavam todo o aparato
daquela cena de luz,
mostrando espanto e recato
em face da imensa Cruz.

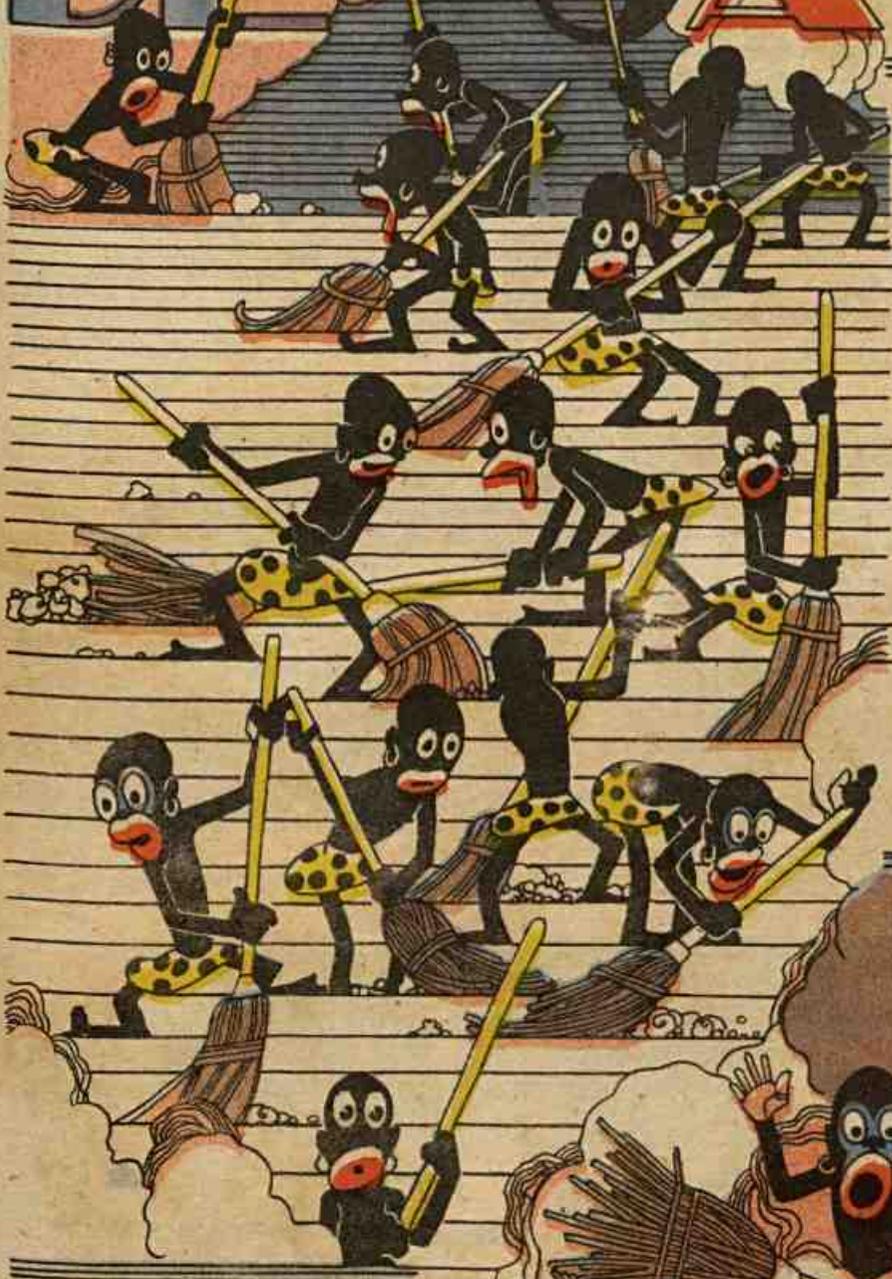
Era êsse povo valente,
o verdadeiro senhor
da terra que a lusa gente
tomára, como penhor... *

A ESCADA

NAQUELA noite chovia muito. Um vento úmido penetrava por baixo das portas e a luz elétrica faltára.

Carrapicho, então, mal iluminado pela chama de uma vela, narrava a velha história de Jacob:

"— Por uma noite linda achava-se Jacob descansando no campo: teve um sonho no qual viu uma escada maravilhosa que ia da terra ao céu: por ela subia e descia um grande número de anjos; na sua parte mais alta estava sentado Deus, o Padre Eterno."

Lamparina e Jujuba, absortos, escutavam as palavras de Carrapicho. A velha história ia se desenrolando e Carrapicho já

DE JACOB

tinha quase chegado ao fim. Era já muito tarde. Lamparina sentia as pálpebras pesadas e adormecera. Sonhára também com a escada de Jacob, que após a passagem dos anjos ficára cheia de flores pisadas.

Carrapicho, então lhe havia mandado varrer aquilo tudo: mas eram muitos degráus e, com uma vassoura só, seria tarefa para muito tempo. Mesmo assim, Lamparina fazia o possivel para terminar o serviço quando começaram a surgir outras Lamparinas, também armadas de vassouras.

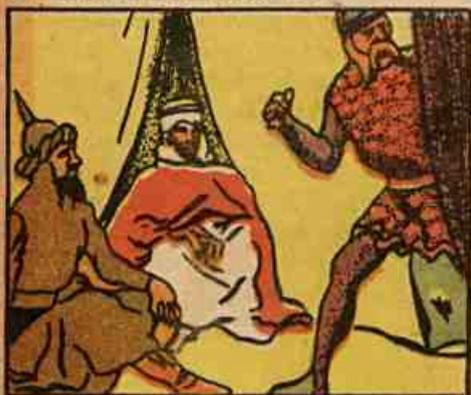
Mas entre as creaturas humanas é comum protestar contra o peso das tarefas e impedir que alguem as ajude. Foi por isso que explodiu a primeira discussão entre duas Lamparinas e aquela multidão se dividiu em dois grupos. Depois, sobreveio a luta armada e um bolo de Lamparinas, misturado com vassouras, rolou tôda a escada de Jacob.

Mas foi um sonho...

DURANDAL, A ESPADA INVENCIVEL

1) Esta história se passou em Espanha, no tempo em que Marcilio, o mouro, reinava em Saragosa. O rei Marcilio fôra vencido em batalha pelas tropas de Carlos Magno . . .

2) . . . e guardára grande rancor não só ao rei cristão como principalmente ao cavaleiro Orlando, o mais valente dos capitães de Carlos Magno.

3) Não podendo vencer Orlando em combate, o rei Marcilio resolveu usar de astucia. Mandou seu primo, o emir Plandabriu á presença de Carlos Magno

4) O pretexto d'essa embaixada era propôr a paz, mas o verdadeiro intuito era descobrir meios de matar Orlando.

5) Então o conde Ganeleu, inimigo de Orlando, disse ao emir: «Fiquem sabendo que Orlando é invencivel. Por causa de sua espada, que é chamada Durandal.

6) Basta que se apoderem de Durandal e o cavaleiro será vencido. Ora, Orlando tem que ir amanhã á França, para isso tem que atravessar um rio . . .

7) ...que está agora muito cheio; depois tem que atravessar um campo de neve. Se em tudo isso a espada se enferrujar, ele estará perdido.

8) Bastará esperal-o á volta da França; privado de Durandal, Orlando será vencido em combate como qualquer cavaleiro.

9) Aproveitando estes conselhos, o emir foi procurar o velho Ali, armeiro de Carlos Magno, e propôs-lhe um negócio.

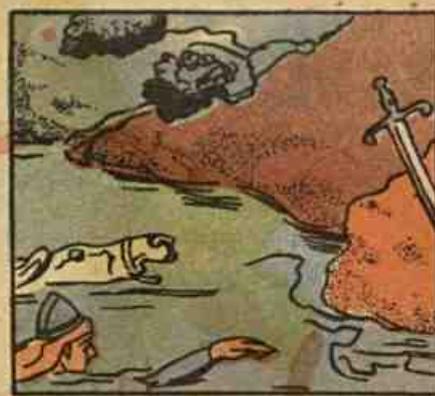
10) Ali, pago pelo emir, inutilizou a bainha de Durandal, queimando todo o couro por dentro. E assim entregou a espada a Orlando.

11) O cavaleiro partiu, sem suspeitar cousa alguma, mas, a pequena distância notou . . .

12) . . . que a bainha da sua espada estava caindo. Ficou com a espada núa

DURANDAL, A ESPADA INVENCIVEL

1) Chegando ao rio, Orlando encontrou-o muito cheio, mas meteu o cavalo pela água.

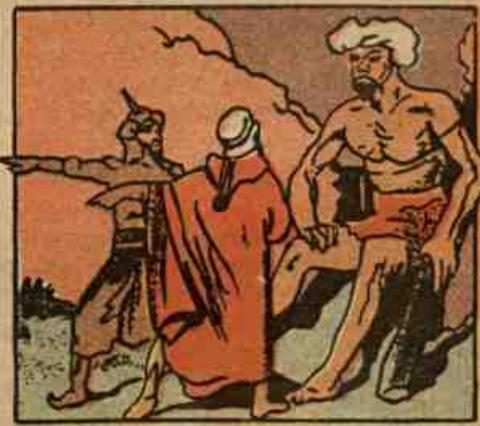
2) Quando o animal perdeu o pé e foi obrigado a nadar, Orlando se pôs de pé sôbre a sela.

3) Mas, vendo que o cavalo estava se fatigando muito, pôs-se a nadar tambem ; mas, para não molhar a espada, atirou-a em terra.

4) Depois, como tinha de atravessar um lago, Orlando cortou com a espada invencivel várias árvores . . .

5) . . . fez uma jangada e dêste modo poude passar com o seu cavalo.

6) Mais adiante encontrou o campo de neve. Que fazer?

7) Orlando cortou uma vara de árvore, partiu-a ao meio e com os dois pedaços . . .

8) . . . fez uns patins, com os quais conseguiu atravessar o campo de neve, sem molhar a espada.

9) O amir, que não podia imaginar êsses recursos de Orlando e julgava-o sem espada, foi chamar o gigante Ferragus . . .

10) . . e ordenou-lhe que fosse matar Orlando, à saida do campo de neve. Orlando que vinha chegando . . .

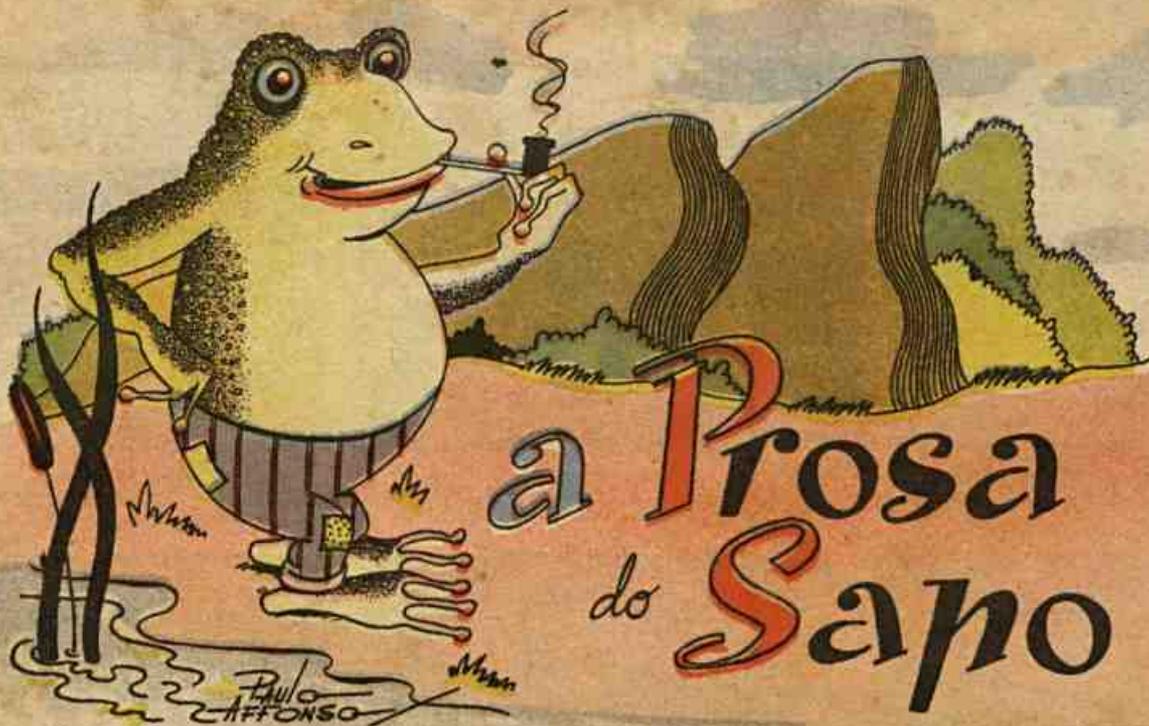
11) . . . viu logo diante de si o monstruoso gigante. Êste, que o acreditava desarmado, atacou-o.

12) Mas Orlando, com um só golpe da sua Durandal, abriu-o ao meio, e assim continuou vencedor.

a Prosa do Sapo

(Do FOLCLORE BRASILEIRO)

Adaptado por

PAULO AFFONSO

NO tempo em que os animais falavam, havia no reino da Bicholândia um animal que, além de prosa, era bastante orgulhoso: o Sapo. Tão convencido era êle, que se julgava superior a todos os outros bichos, não só em beleza física, como na fôrça, na inteligência e em tudo mais.

Aquela prosa e convencimento, corriam de bôca em bôca no meio da bicharada e eram motivo de um sem número de pilhérias e anedotas, que faziam rebentar nas mais gostosas gargalhadas o mais sizudo dos bichos.

Mas, o sapo pouco se incomodava com aquilo.

O orgulho não deixava que êle visse quanto se tornava ridiculo aos olhos dos outros animais.

O Jaboti, que era na Bicholândia animal de grandes conhecimentos, cujas opiniões e conselhos os outros bichos aceitavam e seguiam à risca, por várias vezes fizera ver ao Sapo o quanto eram feios e prejudiciais os seus defeitos. Mas qual! Não adiantava nada!

O castigo, porém, estava reservado e não tardou muito a chegar.

Certo dia, o Sapo havia comido demais. Devorara no almôço nada menos que um suculento ensopado de mosquitos, una enorme fritada de miolos de gafanhotos, meia dúzia de maribondos assados, e por fim uma apetitosa canja de grilos.

Comeu tanto que a barriga inchou e a pele ficou esticada como a pele de um tambor.

Quando êle se viu naquele estado, teve tanto medo que deu para tremer como varas verdes. E não era para menos! A barriga dêle parecia que ia rebentar a qualquer momento como uma dessas bolas coloridas que as crianças enchem de vento.

Dentro da sua casa, que era um buraco debaixo de um amontoado de pedras, fazia um calor medonho, porque o sol naquele dia parecia estar muito zangado e queria queimar tudo com os seus raios ardentes.

Então êle resolveu sair para fazer a sésta. Veio pulando, pulando, até à beira do rio onde havia um capinzal cuja folhagem dava uma sombra muito agradavel.

Acocorou-se no meio do mato, acendeu o cachimbo de barro e ficou pitando.

Pouco depois cochilava e do cochilo passou a um sôno pesado. Roncava a bom roncar e nem ouviu um barulho ali no mato, bem pertinho dêle.

Era o compadre Boi que pastava na beira do rio, onde o capim era cheiroso, verde e fresquinho como quê.

O Boi andava um pouquinho, arrancava o capim, parava e ficava mastigando, mastigando com aqueles olhos grandes e tristes olhando lá não sei p'ra onde. E vinha vindo, vinha vindo, abanando o rabo, prá lá e p'ra cá, como o pêndulo de um relógio.

E tão distraido estava que nem viu o Sapo ali, tão pertinho dêle: sem querer, botou-lhe a pata em cima.

Com o pêso, o Sapo sentiu-se esborrachado. Os olhos ficaram esbugalhados, querendo saltar fóra das órbitas, e a bôca escancarou-se de maneira tal, que quase se via o estômago do bicho.

Queria respirar e quase não podia. Pensou em gritar, para chamar a atenção do Boi mas o orgulho fê-lo calar-se. Era preferivel morrer, a dar o braço a torcer, dizia consigo mesmo.

O Boi nem dava pela coisa. Continuava a arrancar o capim verde e fresquinho, sem dar um passo, nem para a frente, nem para trás.

Parecia até que estava grudado naquele lugar.

E, estava o sapo naquela situação, quando, no seu passo lento e descansado, aproximou-se dêle o Jaboti que, muito admirado perguntou:

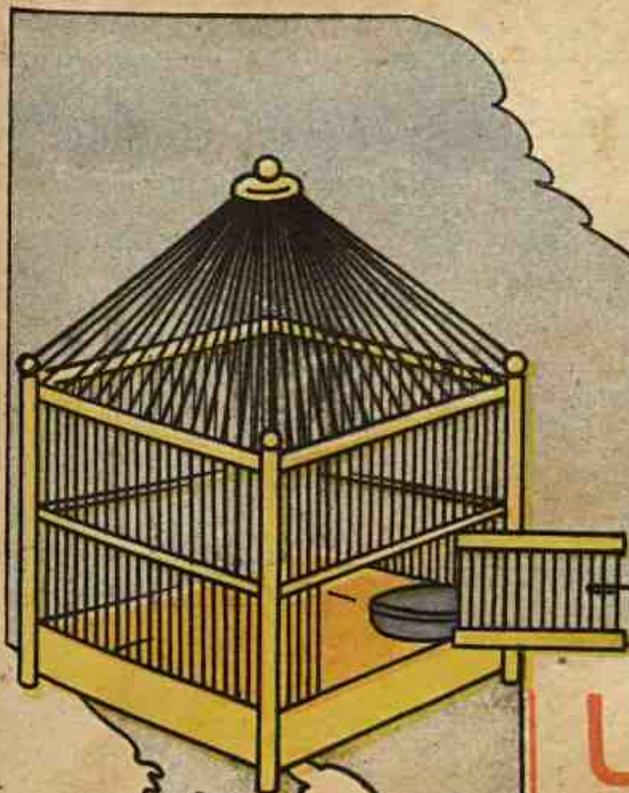
— Ué! que está fazendo aí, compadre Sapo?

E o Sapo, já quase esmagado, com os olhos ainda mais esbugalhados e vermelhos como duas brasas, respondeu com uma voz rouquenha, uma voz estrangulada, que até fazia dó:

— Eu... eu... estou segurando êste Boi para êle não fugir...

Não é preciso dizer, que, diante daquela resposta, o Jaboti, depois de uma risadinha irônica, foi saindo dali no seu passinho lento e descansado.

E o Sapo, assim que se viu livre daquele pêso, saiu aos pulos, soltando uns gritos exquisitos, rouquenhos, e foi se meter dentro da sua casa, debaixo do amontoado de pedras, todo deformado, e lá vive até hoje, coaxando, com aquela voz feia e rouquenha, como se alguem estivesse a apertar-lhe a garganta.

A Liberdade

UM menino caçou, certo dia, um passarinho, que foi posto em linda gaiola.

O pequeno carcereiro tinha, para seu prisioneiro, tôdas as atenções e cuidados: punha, para que êle se alimentasse, não só alpiste como biscoitos, folhas verdes e frescas de alface, pedrinhas de açúcar e agua clara e fresca em abundância, em um bebedor e em uma vasilha maior, para que nela a avezinha se banhasse.

Ao ver o pássaro cantar e comer de tudo, tomar banho e saltar com graça pelos ponteiros da gaiola, qualquer pessoa acreditaria que êle era feliz, e que nunca abandonaria aquela prisão dourada.

Sucedeu, porém, certo dia, que o menino se descuidou e deixou a porta aberta. O passarinho meteu por ela a cabecinha, espiou, e, abrindo as asas, se lançou no espaço.

O menino, então, na sua inocência, ficou à espera de que êle haveria de voltar à morada que lhe tinha dado.

E como o tempo passou, e o pássaro nunca mais voltou à gaiola, pôs-se a chorar, exclamando:

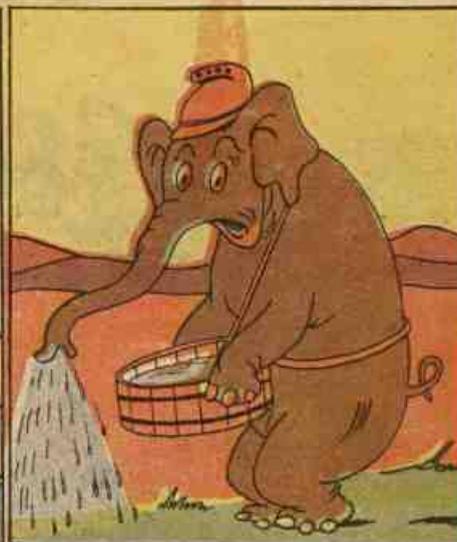
— Foi um ingrato! Dei-lhe tudo, tudo o que póde fazer feliz um pássaro, e êle partiu e não voltou.

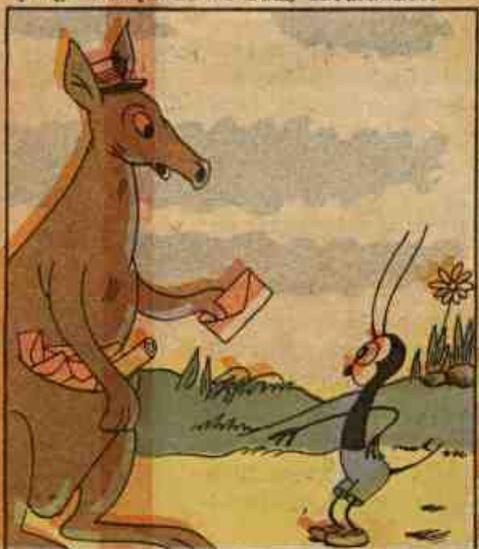
— Não esqueças, meu filho — disse o pai do menino, que ouvira sua triste queixa — de que lhe déste muitas coisas mas lhe tiraste, por outro lado, o supremo bem que Deus lhe déra: a liberdade. Os pássaros, Deus os fez para voar pelo espaço, cantando, felizes, contentes. É um crime encarcerar quem nasceu para ser livre.

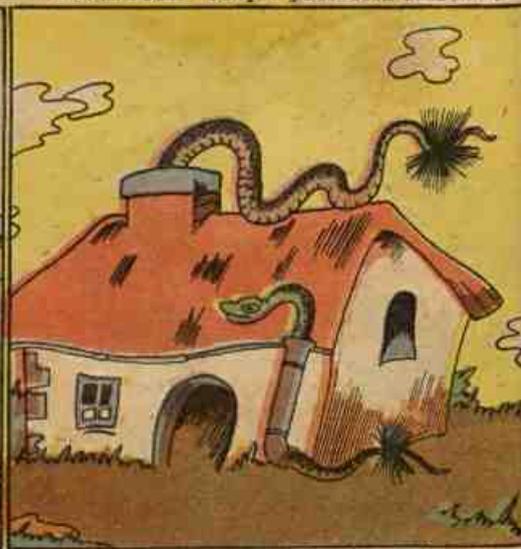
E o menino compreendeu e guardou para sempre a beleza e a verdade das palavras de seu pai.

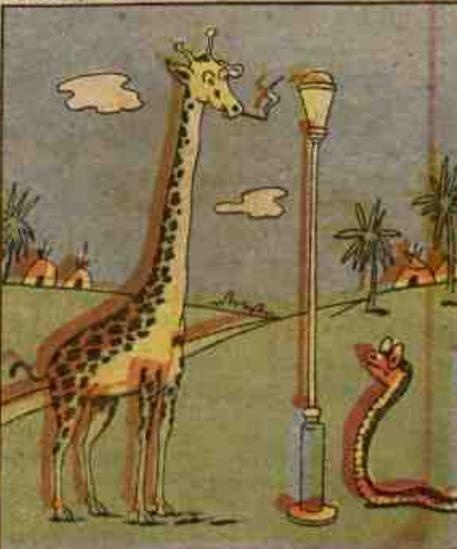
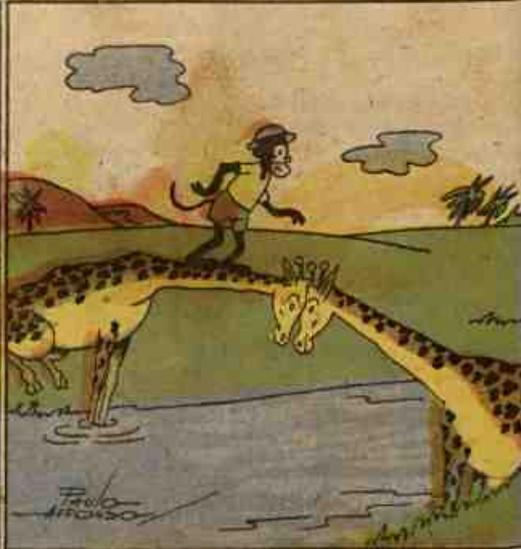
E nunca mais quís roubar a liberdade de ninguém.

APROVEITANDO OS ANIMAIS

Um dia sua majestade o rei Leão chamou o Macaco e lhe disse:
— Devemos imitar o bicho homem e dar a cada um dos animais, um emprego adequado às suas faculdades.

Os Elefantes, por exemplo, serão nomeados bombeiros. Nas horas de folga trabalharão na irrigação dos campos para evitar a poeira nos jardins e ruas da bicholândia.

Os Crocodilos, por sua vez, por serem animais de respeito, servirão como policiais, inspecionando o tráfego. Como vocês vêem, o bicho praece que nasceu mesmo com vocação para essa carreira.

Nenhum outro animal poderia desempenhar o papel, de carteiro melhor do que o Cangurú, pois tinha até uma bolsa na barriga, onde cabiam muitas cartas, telegramas e registrados.

Os Avestruzes foram muito bem indicados. Uns serviriam como postes, ligando fios telegráficos, enquanto outros exerceriam as funções de telegrafistas, recebendo e transmitindo...

...mensagens. As cobras também teriam uma ocupação de acôrdo: com espanadores amarrados às caudas, seriam empregadas na limpeza das chaminés das casas, nos encanamentos...

...e em outros serviços idênticos. E as Lagostas? Ficariam como porteiros dos cinemas, dos teatros e dos campos de futeból, e não precisariam daqueles aparêlhos com os quais são picotadas as entradas, pois já possuiam pinças...

...afiadas. A Girafa, coube o papel de acendedor de lampeões. E ela soube desempenhar o papel a contento, sem se amofinar muito graças à sua altura e ao seu pescoço comprido.

E ainda foram elas que, inteligentemente, como vocês vêem, serviram de ponte segura sôbre os rios, facilitando a passagem dos animais que não sabiam nadar, e dos que tinham mêdo de água fria.

ERA uma vez três ladrões que andavam assaltando, nas estradas, os viajantes descuidados. Certo dia encontraram um pequeno cofre, cheio de joias e moedas de ouro. A alegria foi grande e ficou combinado que a fortuna seria dividida em três partes iguais. Mas, durante a noite, Magalath facilmente convenceu Zelebhut que seria melhor eliminar o companheiro que estava dormindo, pois assim a fortuna caberia sómente aos dois. E Ralebeth foi morto enquanto dormia.

Magalath e Zelebhut prosseguiram a viagem, porém, cada qual pensando no meio de matar o outro, para ficar sózinho, na posse da fortuna. A noite chegou e êles procuraram um recanto para pernoitar. Ambos estavam possuídos de grande pavôr, pois cada qual sabia que um desejava a morte do outro. O destino quís que Zelebhut adormecesse primeiro. Magalath não perdeu um momento. Com um só golpe, eliminou o companheiro e afastou-se, o mais que poude, do lugar do crime. Já vinha raiando o sol, e êle sentiu que estava com fome. Tinha, no bornal, duas fatias de presunto e um pedaço de pão. Devorou tudo, com grande apetite. Momentos depois, começou a sentir dôres atrozes. E quando o sol estava mais alto que as montanhas Magalath era um cadaver jogado na estrada... Zelebhut tinha envenenado o presunto!

E o pequeno cofre cheio de pedras preciosas e moedas de ouro ficou ali, na estrada, à espera de ser encontrado por mãos honestas...

UMA CAÇADA NA ÁFRICA

SEJA UMA MINHOCA OU UM INSETO, PARA MIM É A MESMA COISA. HÁ QUEM CHAMA ÊSTE BICHO DE "COBRA"

ESTA COBRA VAI ME PRESTAR BOM SERVIÇO COMO CINTO.

ASSIM QUE EU ACABAR DE ME BARBEAR VOU PARA A ÁFRICA

ALÔ, RAPAPÉ! AQUI FALA KAXIMBOWN. CONVIDO-TE PARA UMA CAÇADA NA ÁFRICA. PANDARECO E A CAMBADA TÔDA IRÃO TAMBÉM.

ESTOU DOIDO PARA UMA CAÇADA NA ÁFRICA, ONDE ESTIVE ANTES DE NASCER. DIABO! QUANDO CHEGARÁ O PÉ NO FUNDO DA BOTA?

UM ANIMAL FEROZ!
SANGUINÁRIO!
QUE FOI QUE ENCONTROU, PIPOCA?
UMA PULGA ANTE-DILUVIANA

QUE É AQUILO? UMA ILHA? NEM SEI QUE RIO É ÊSTE
É O RIO DE JANEIRO. ÊSSE É O "PÃO DE AÇÚCAR"

MAS... NÃO ERA...

OLÉ, PESSOAL! AQUI ESTOU COM O MEU CARRO "PONTO E VÍRGULA"
SALVE, AMIGO PANDARECO! VOCÊ ACERTOU O CAMINHO

NÃO CONHEÇO OBSTÁCULOS. AGORA VOU APANHAR ALGUNS CÔCOS

VOCÊS NÃO SABIAM QUE MEU TANQUE É ESTICÁVEL? HÁ LUGAR PARA A CAMBADA TÔDA

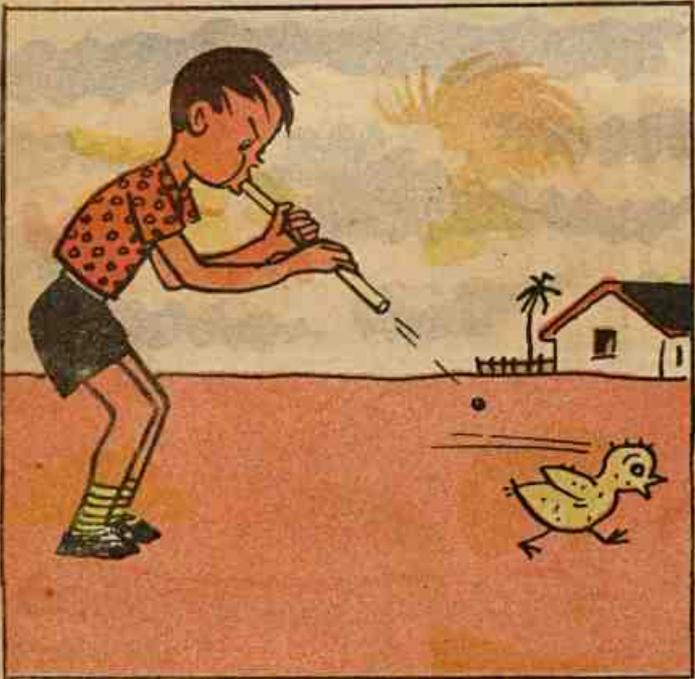
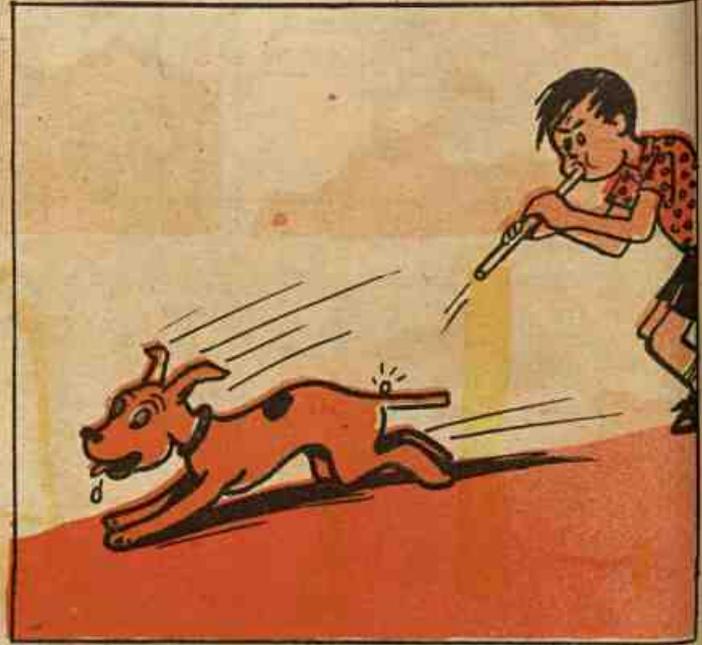
UPA! FALTA GASOLINA. HAVERÁ UM POSTE POR AÍ?

UÉ! PANDARECO, CADÊ SEU CARTÃO DE RACIONAMENTO DA GASOLINA?
TANK "PONTO E VÍRGULA"

PÁRE, PANDARECO! ISTO NÃO É BOMBA DE GASOLINA. É UM INSETO QUE SE CHAMA ALIFANTE!
LARGUE, SEU MACACO!
QUE HÁ AÍ, HEIN?
Mantoh

O MELHOR SISTEMA DE PONTE, SEGUNDO A IDÉIA DE KAXIMBOWN, É A SUCURIPONTE

CASTIGO MERECIDO

HISTÓRIA SEM PALAVRAS

O libertador das aves

Apanhadas de surpreza,
contra as leis da natureza,
as pobres rôlas sem sorte
lá vão, lá vão conduzidas
ao cativeiro ou à morte.

As pobres rôlas... coitadas!
perninhas e asas atadas,
não soltam sequer um pio!
Foram roubadas dos ninhos,
onde a prole sem carinhos,
ficou de fome e de frio
tiritando...
chorando...

Leva-as um adolescente
único, mas inconciênte,
autôr de tanta maldade.
Se a mãe perdesse algum dia,
só então aprenderia
o que é sofrer na orfandade.

Fosse o filho quem morresse,
e a mãe chorava por êsse,
como a mãe dos passarinhos.
— Filho ou órfão, não prosigas!
Por que, menino, castigas
as inocentes dos ninhos?

Mas eis que na estrada assoma
Francisco, que vem de Roma,
e aproximando-se, ao vê-las,
as pobres rôlas, coitadas,
perninhas e asas atadas,
enternece-se por elas,
rezando...
chorando...

As pobrezinhas fitaram
o Pobrezinho e choraram,
e o menino também chora...
No capuz, como em sacola,
Francisco recebe a esmola
das aves, livres agora!

Sufocado pelo pranto,
o menino, aos pés do Santo
redime o crime nefando
e corre em busca dos ninh s,
a salvar os orfãosinhos,
chorando...

Ao chegar ao seu a-risco,
em frente à porta Fr nci co
finca no chão o cajado.
Êste enraiza-se, viça,
folhas e galhos eriça
e faz-se roble copado.

Do milagre para prova,
nos galhos da árvore nova,
das rôlas o alegre bando
encontrou os próprios ninhos,
e neles os seus pombinhos
cantando!

AUGUSTO DE LIMA

UM CRIADO IDEAL

Um criado irlandês estava a mostrar a alguns visitantes de um antigo solar, onde servia, os retratos da família de uma galeria. Apontando para um quadro, disse:

— Êste oficial aqui era bisavô do atual proprietário dêste solar. Era bravo como um leão. Mas era um homem infeliz. Nunca entrou numa batalha que não perdesse uma perna ou um braço...

E, tendo feito uma pausa, acrescentou com um certo orgulho:

— E êle tomou parte em vinte e quatro batalhas!

FAÇA uma boneca:

Pensamentos:

A verdade causa, algumas vezes, brechas. A mentira sempre produz ruinas.

George Sand

•

Muitas vezes sucede que uma pequena negligencia ocasiona um grande mal.

Franklin

•

Dizer bem e bem pensar não significam coisa alguma, sem *fazer bem.*

La Chaussée

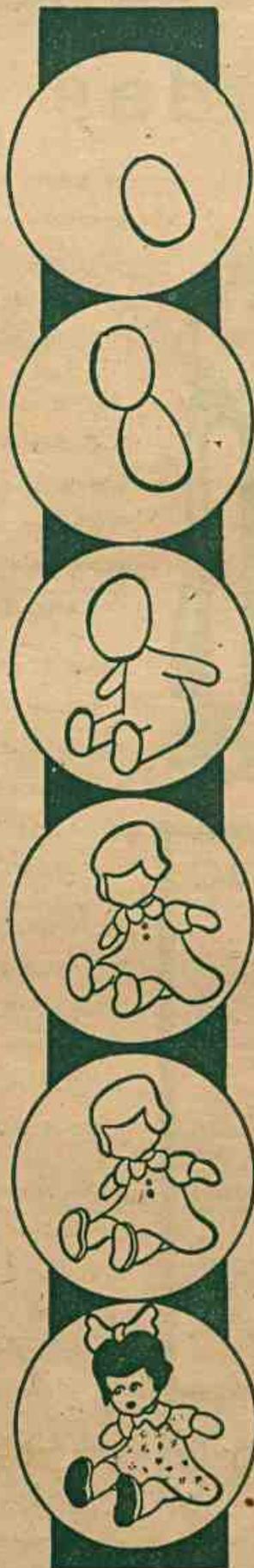
•

O perfeito valor é só fazer, sem testemunhas, o que se seria capaz de fazer diante de tôda a gente. — *La Rochefoucauld.*

•

Triunfa-se dos maus hábitos com mais segurança, *hoje*, que *amanhã.*

Confucius

•

Noites Brasileiras

(VALSA-SERENATA)

(Ver a música na página seguinte)

Nas noites enluaradas,
belas noites brasileiras,
ao som das violas maguadas,
passam cantigas fagueiras.

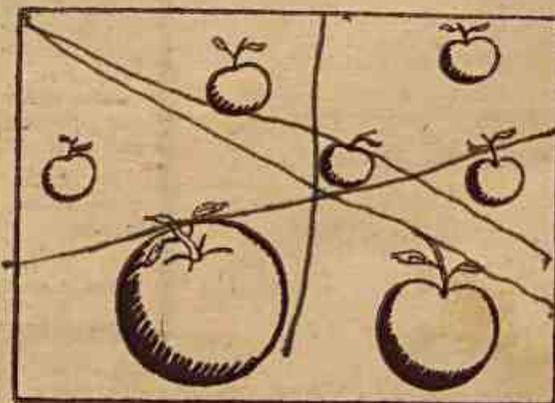
Tudo sorri, tudo encanta,
até a estrela no azul
parece que também descanta,
bem formosa e taful!

Refrão

Cantai, cantai, crianças da minha terra,
cantai as nossas belezas sem par,
enquanto a noite seu manto descerra
e majestoso fulgura o luar!

Vão-se abrindo os corações
nessas noites de luar,
nas melodiosas canções,
vibram almas a sonhar.

No firmamento estrelado,
surge o formoso Cruzeiro,
que ilumina êste sólo adorado,
êste belo torrão brasileiro!

Divída as maçãs

Com apenas três linhas retas é possivel você colocar cada uma dessas maçãs em um compartimento separado. Veja se consegue fazê-lo. E' fácil, sabe? Mas, se de todo não conseguir, veja a solução à página 140 dêste Almanaque.

NOITES BRASILEIRAS

Por MARY BUARQUE

VEJA NA PAGINA ANTERIOR A LETRA DESTA MÚSICA

Zoológico Fantasma

ESTA página é um verdadeiro Jardim Zoológico. Mas os animais estão ocultos. Com o seu lápis você pode ir cobrindo os traços desnecessários, em cada quadro, até deixar visíveis os bichos que compõem a coleção.

MOSTRE QUE É BOM DETETIVE...

O detetive Ramiro — já é nosso conhecido... — chegou ao apartamento de André Vasconcelos pouco depois de ter recebido a informação telefônica transmitida por Alberto Silva. Vinha com êle o médico legista.

— Entre, detetive — disse André. Estava à sua espera. Sou Alberto Silva. Há seis meses moro com o meu amigo André. Esta manhã me chamou a atenção o fato de que seu quarto esteja até agora fechado a chave. Bati à porta inutilmente...

— O senhor não tem a chave do quarto dele?

— Não — respondeu Alberto. Tenho só a do meu.

— Tem certeza de que André está dentro do quarto?

— Tenho, senhor detetive. Ontem regressámos depois de cear no restaurante "O Guloso", e André me disse:— "Estou muito cansado. Vou dormir agora mesmo." Meteu-se no quarto, fechou a porta e não mais o vi.

A porta foi arrombada, com o auxílio de um serralheiro. André estava no leito, sem vida. Junto dêle o detetive Ramiro encontrou um revólver.

— Suicidou-se! — exclamou Alberto, muito impressionado. — E' incrível!

— O senhor não suspeitava de nada?... perguntou o detetive.

— Absolutamente — respondeu Alberto. — Embora... para falar a verdade... Não sei... Parece-me que André de certo tempo para cá, já não era o mesmo. Sim; andava preocupado... Talvez tenha deixado alguma carta, explicando os motivos...

— Procuraremos... — disse o detetive.

não achou carta nenhuma, nem nada.

Examinou detidamente o quarto e que lhe chamasse a atenção. Saíram, então, para o corredor.

No cabide estava a capa do morto. O detetive examinou os bolsos da capa e neles encontrou um canivete, uma carteira, um livrinho de endereços, a chave do quarto e um pequeno retrato de uma jovem muito bonita.

— Como tudo isto é estranho! — exclamou Alberto!

— Pois eu estou vendo tudo bem claro... — disse o detetive. André não se suicidou. Foi assassinado. E você sabe muito bem disso... — acrescentou — porque foi você quem o matou! Posso provar o que digo!

COMO TERIA, E POR QUE, O DETETIVE RAMIRO DESCOBERTO A TRISTE VERDADE? PENSE BEM, LEIA A HISTÓRIA OUTRA VEZ E MOSTRE QUE E' TÃO BOM DETETIVE QUANTO ÊLE. (SE NÃO DESCOBRIR DENTRO DE 10 MINUTOS, VEJA A SOLUÇAO À PÁGINA N.º 140).

CONTO DE FADA

— Vê A, mamãe, o Joli rasgou meu vestido de sêda!

— Ora, Neide, você não deve brincar dêsse modo com o cachorrinho. Êle não sabe o que faz e você já está mocinha... Vá buscar o meu cêsto de costura e faça uma cerzidura.

— Oh, mamãe! E' difícil cerzir esta fazenda! E' um tecido tão delicado... Eu gostaria de saber quem inventou êste tecido.

— A sêda, Neide, é filha da paciência. Até para conhecer-se a história da sêda é preciso paciência.

Há quatro mil e seiscentos anos, mais ou menos, uma imperatriz chinesa, chamada Siling-Chi, fez a primeira criação do bicho da sêda. Alimentou a lagarta com fôlhas de amoreira, acompanhou tôdas as fases de seu desenvolvimento, até à formação do casulo. Depois, com a paciência caraterística dos chineses, foi destacando os fios. Com êles a imperatriz bordou uma almofada, encantadora, com desenhos de flores e pássaros, e deu-a a seu espôso Huang-Ti.

O imperador ficou maravilhado. Prevendo a riqueza que daquele fiozinho poderia tirar, tratou logo de organizar a indústria da sêda. Os tecidos chineses eram levados para diversas partes do mundo e vendidos de modo original: ouro num prato da balança e sêda no outro.

A velha China guardou por muitos séculos o segrêdo da fabricação da sêda. As amoreiras, de cujas fôlhas se alimenta o bicho da sêda, eram plantadas nos jardins do palácio real. Nos seus salões reuniam-se os mais hábeis tecelões do império e ali faziam tecidos jamais imitados.

Assim nasceu a indústria da sêda. Quando os europeus conheceram a sericicultura, já os chineses a exploravam havia mais de três mil anos.

Quem revelou o segrêdo aos europeus foram dois monges gregos, que de volta da China trouxeram, às ocultas, mudas de amoreira e ovos do bicho da sêda. Da Grécia o bicho da sêda espalhou-se pelo mundo. Hoje, em vários países, constitue êle rendosa indústria. Nós já produzimos uma safra anual de seiscentos mil quilos de casulos, mas consumimos dezoito vêzes mais.

A idéia da sericicultura, aqui no Brasil, cabe a D. Pedro II, um dos organizadores da primeira companhia para explorar essa indústria entre nós.

Chama-se *Bombyx mori* a mariposa, cuja lagarta é a principal produtora da sêda. Dos ovos dessa borboleta saem as lagartas, que se alimentam, com voracidade, da fôlha da amoreira. Durante alguns dias tecem o casulo, depois as lagartas se transformam em crisálidas e estas em borboletas. As mariposas furam o casulo, saem, vão pôr ovos. Os criadores costumam matá-las dentro dos casulos para que elas não os estraguem, deixando, no entanto, sair algumas para continuar a criação.

— Muito bonita a história da sêda, mamãe. Até parece um conto de fada.

HENRIQUE RICCHETTI

NÃO É BONITO INTERROMPER QUEM ESTÁ FALANDO

Quando você estiver com soluço

Quando você estiver com soluço, experimente um dêstes meios para fazer o soluço passar:

- **Beber um copo de água, em pequenos góles.**
- **Comer uma colherinha de açúcar fino.**
- **Retêr a respiração por alguns instantes, imobilizando o diafrágma voluntàriamente.**
- **Contrair os músculos da barriga, para trás.**
- **Manter a língua para trás, dentro da bôca, durante uns minutos.**
- **Tapar os ouvidos e conter a respiração.**
- **Apertar o nariz.**
- **Apoiar o polegar da mão direita em baixo do queixo, com regular energia, mas sem exagêro.**

O COBRE

O cobre é um metal de côr avermelhada, dútil, maleável, e um dos melhores condutores de calor e eletricidade. O cobre puro é fundido sob a temperatura de 1083° C. ou sejam 1980° F. e tem inúmeras aplicações, tanto em estado natural como sob a forma de latão, bronze e outras ligas. Quimicamente êsse metal é univalente (compostos cuprosos) e bivalente (compostos cúpricos).

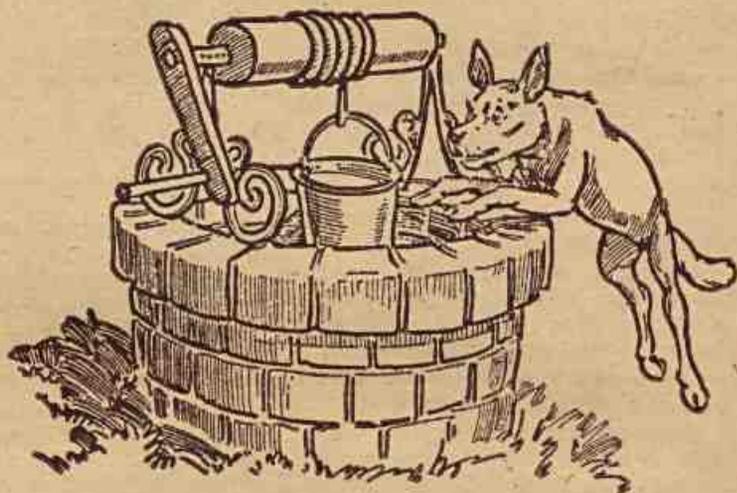
Dizem as crônicas que o cobre foi descoberto por Cunos, filho de Agriopas, na ilha de Chipre. E os arqueólogos espanhóis, baseados em excavações praticadas em seu território, afirmam haver existido uma idade de cobre, a qual teria lugar, històricamente, entre a idade da pedra polida e a idade do bronze.

Na Grécia e em Roma a maior parte dos objetos de culto era feita de cobre. E os feiticeiros, que atribuiam a êsse metal singulares virtudes, cozinhavam suas misteriosas beberagens em recipientes de cobre. Igualmente, conta também a lenda que os lacedemônios acreditavam poder afugentar os máus espiritos dando uma simples pancada num objeto de cobre.

O LÔBO E A RAPOSA

LA FONTAINE

UMA raposa andava sem comer havia muitos dias.

Uma noite, passando por uma cisterna, viu, retida na água, a imagem da lua, e essa imagem lhe pareceu um queijo. Encheu-se de saliva a bôca da raposa, que já antegozava as delicias do queijo.

Para retirar água do poço havia uma roldana, na qual uma corda sustinha, em cada ponta, um balde.

A raposa matutou, matutou, e pulou no balde vazio. Com o seu pêso o balde desceu enquanto o outro subia. Mas, ao chegar lá em baixo, além do banho de água fria, ainda a raposa passou pela decepção de não encontrar senão pedras.

A raposa tremia de frio, quando um lobo, que passava, espiou para dentro da cisterna e ela teve, então, uma idéia engenhosa.

— Olá, ilustre cavalheiro e senhor lobo! Com fome, hein? Pois desça até aqui que darei a você êste queijo esplêndido que vê daí. Eram dois; eu comi o outro e guardei este para você.

O lobo, que é feroz, mas estúpido, pulou depressa no balde que estava em cima e desceu, cruzando com a raposa, que subia pelo outro.

Quando acabou a subida, a raposa sacudiu-se tôda para se enxugar e, antes de ir à procura de alimentos, ainda se despediu do lobo:

— Passe bem, senhor lobo! E, se tiver algum portador de confiança, mandarei a você um sabonete e um pente fino.

O lobo nem a ouvia. Zangado e procurando um meio de safar-se, resmungou:

— Eh! eh! Na vida a gente sempre encontra alguém mais esperto. Essa raposa!!! Hum! se a pilhar um dia...

QUEM SEMEIA VENTOS, COLHE TEMPESTADES

APRENDA A DESENHAR

UM BESOURO E UM PINGUIM

A um adolescente

RONALD DE CARVALHO

Faze do instante que passa
Tôda a tua aspiração:
Que o mundo cheio de graça
Caberá na tua mão!

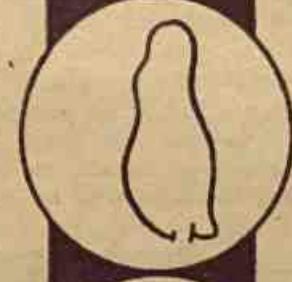
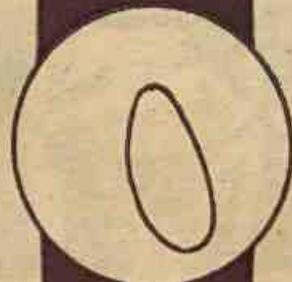
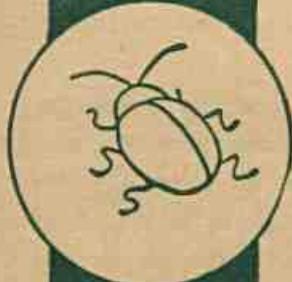
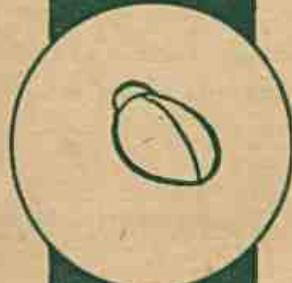
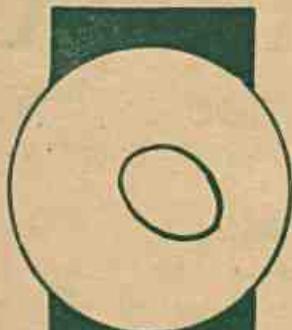
Sê sóbrio: com um copo de água,
Um fruto, e um pouco de pão,
Nem sombra de leve mágua
Cortará teu coração...

Ama a rude terra virgem,
Com todo o teu rude amôr;
Pois colherás, na vertigem
De cada sonho, uma flôr.

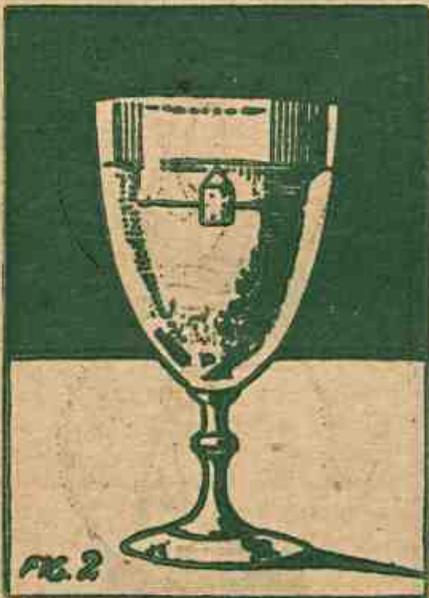
Sofre em silêncio, sòzinho,
Porque os sofrimentos são
O mais saboroso vinho
Para a sombra e a solidão...

Para acabar com as moscas

AS moscas morrerão instantaneamente, se você lhes "oferecer", em um prato, a seguinte mistura: um pouco de leite, uma pitada de pimenta do reino (em pó) e uma pequena quantidade de vinagre.

Depois de pegar a pimenta do reino, lave a mão demorada e cuidadosamente, pois é um perigo para os olhos!

Uma bússola improvisada

É fácil fazer uma bússola, imantando uma agulha (operação que não é das mais difíceis) e colocando-a a flutuar em um copo de água. Para que ela flutue, basta que esteja engordurada, até mesmo com a gordura da mão de quem a segura. Deixando-a cair horizon-

talmente sôbre a água, ela ficará boiando.

Se houver dificuldade em fazer isso, pode-se solucionar conforme a fig. 2: enfia-se a agulha imantada em uma fôlha pequena e esta, boiando, manterá a "bússola" em forma.

O PEREGRINO

HUMBERTO DE CAMPOS

O sol havia se afundado, muito vermelho, no túmulo cinzento das grandes montanhas distantes, quando o ancião, trôpego, barbas muito brancas a se confundirem com a alvura do burel, bateu, amparado ao seu bastão de viagem, à porta da velha cabana solitária.

Aquela pancada em meio da noite, o casebre iluminou-se tibiamente, a porta abriu-se nos batentes seculares e uma voz rouca, soturna, poderosa, perguntou de dentro:

— Quem bate?

— Sou eu! — respondeu, apoiando-se à porta, para não cair, o misterioso viandante.

— Eu, quem? não te conheço a voz! — tornaram, do interior da cabana.

— Aquele infante que mandaste, há trezentos e sessenta e cinco dias, percorrer o mundo, — informou, tossindo, o ancião do cajado e das barbas veneráveis. — Provavelmente, se me vires, não me reconhecerás, de tão mudado que estou. Os cuidados, as maldições, as responsabilidades, envelheceram-me, acabrunharam-me, fazendo de mim a ruina de mim mesmo.

— E que fizeste? que viste? que trouxeste da tua peregrinação? — tornou a voz, recordando-se.

— Cumpri o meu destino, o destino que me déste, Senhor! Vi os homens se guerrearem, os túmulos se abrirem, os berços se multiplicarem. Logo à partida, atiraram-me flores, cobriram-me de bençãos, soltaram em torno de mim as grandes borboletas da esperança. Pássaros cantavam em tôdas as frondes e botões desabrochavam, cheirando, em todos os galhos. No regresso, porém, tudo mudou. As árvores não tinham sombra. O sólo era de pedra, que me ensanguentava os pés. Os galhos só possuiam espinhos, que me feriam as mãos. Parti saüdado pelas crianças e volto apressado, perseguido pelos cães. Quero repouso. Dá-me, por Deus, um leito ao lado dos meus irmãos que já passaram.

Nesse momento, ouviu-se, perto, um ladrar de cães, que se aproximavam.

— Entra! — gritou, de dentro, o Tempo, dono da cabana.

O peregrino entrou, fechando a porta. Pela outra porta, do outro lado da casa, saía, nêsse instante, com as mãos cheias de rosas, uma criança.

Era o Ano Novo, que partia...

MENTIR UMA VEZ, DESACREDITA PARA SEMPRE

CALENDÁRIO PERPÉTUO

A ANO							B MÊS											
18..				19..			J.	F.	M.	A.	M.	J.	J.	A.	S.	O.	N.	D.
1	29	57	85		25	53	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
2	30	58	86		26	54	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
3	31	59	87		27	55	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
4	32	60	88		28	56	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
5	33	61	89	1	29	57	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
6	34	62	90	2	30	58	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
7	35	63	91	3	31	59	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
8	36	64	92	4	32	60	5	1	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
9	37	65	93	5	33	61	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
10	38	66	94	6	34	62	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
11	39	67	95	7	35	63	2	5	5	1	3	0	1	4	0	2	5	0
12	40	68	96	8	36	64	3	6	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
13	41	69	97	9	37	65	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
14	42	70	98	10	38	66	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
15	43	71	99	11	30	67	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
16	44	72		12	40	68	1	4	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
17	45	73		13	41	69	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
18	46	74		14	42	70	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
19	47	75		15	43	71	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
20	48	76		16	44	72	6	2	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
21	49	77		17	45	73	1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
22	50	78		18	46	74	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
23	51	79		19	47	75	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
24	52	80		20	48	76	4	0	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
25	53	81		21	49	77	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
26	54	82		22	50	78	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
27	55	83		23	51	79	1	4	4	0	2	5	0	3	0	1	4	6
28	56	84		24	52	80	2	5	6	2	4	0	2	5	1	3	0	1

C DIA						
D.	1	8	15	22	29	36
S.	2	9	16	23	30	37
T.	3	10	17	24	31	
Q.	4	11	18	25	32	
Q.	5	12	19	26	33	
S.	6	13	20	27	34	
S.	7	14	21	28	35	

Quase todos os Calendários dêste gênero são complicados, de difícil manejo. O que êste ano oferecemos aos nossos leitores é simples, fácil de usar e vai do ano de 1801 a 1980. Por seu intermédio se poderá saber em oue dia da semana foi proclamada a Independência, em que dia foi a Batalha do Riachuelo, ou a Proclamação da República... E' só usar o Calendário e... a cabeça. Querem saber como se procura? Vamos usar um exemplo concreto. Vejamos, por exemplo, em que dia da semana caiu esta data: 14 de fevereiro de 1942. Vê-se no quadro A (ano) 1942. Segue-se horizontalmente a linha até encontrar a vertical correspondente a F (Fevereiro), onde há um zero (quadro B) soma-se ao número aí encontrado (que no caso foi um zero), o número do dia que se procura (que no caso é 14). A soma é, então, 14 mesmo. No quadro C se procura 14 e se verifica que êsse número está na última linha, que correspondente à letra S, abreviatura de sábado. Logo, aquela data foi sábado...

COMO SE PREPARA O SÔRO ANTI-OFÍDICO

Sôro anti-ofídico é o que se emprega contra as picadas de cobra em geral. Aqui está como é êle preparado. Primeiro se retira cuidadosamente o veneno da cobra, operação perigosa como vocês vêem.

O veneno, dissolvido, é injetado no cavalo, em dose que não mata.

Tempos depois se extrái o sangue do mesmo cavalo, e dêsse sangue se retira o sôro.

O sôro, tratado cientificamente, é então fechado em ampôlas, para uso no homem quando picado por cobra.

ARTISTAS DO MARFIM

Atraz da grande mesquita de "Delhi" têm suas oficinas os artistas indús do marfim, cujas obras deram fama à cidade. Ali se vendem trabalhos que levaram, às vezes, dez ou quinze anos de árduo labor. Os mais simples e comuns custam umas quantas rupias (moeda que equivale, aproximadamente, a um "shilling" e meio), porém já se chegou a pagar o preço de 10.000 rupias por certas caixas com adornos de marfim em que se conta a história da vida de Krishna.

A arte de talhar o marfim tem segredos zelosamente guardados pelos artezãos, que os transmitem de pais a filhos. Há em Delhi uma oficina em que a mesma família vem trabalhando desde o ano de 1630, até aos nossos dias. O dia de trabalho de um artista do marfim é de quatro horas, pois a sua tarefa é tão delicada, que não podem prolongá-la por mais tempo.

QUEM DIZ O QUE QUER, OUVE O QUE NÃO QUER

A ESTATUA

AMASIS, depois da morte de Apries, converteu-se em dono e senhor de todo o Egito, cujo trôno ocupou durante quarenta anos.

Como era de humilde origem, o povo, no princípio de seu reinado, não fazia mais que murmurar contra êle.

Amasis soube disso e lhe doeu muito aquela atitude, mas pensou que era necessário proceder prudentemente e fazer que aquele povo, que o desprezava, o respeitasse como soberano.

Tinha um grande vaso de ouro que era de seu uso pessoal. Fê-lo, pois, fundir secretamente e man-

dou fazer a estátua de um deus, que foi exposta à veneração pública. O povo acudiu, em massa e pressuroso, a render ao tal deus suas homenagens. Tratava-se de um deus pagão e o povo egípcio era idólatra.

Um dia, Amasis revelou ao povo que o ouro de que era feita aquela estátua se tinha obtido pela fusão de uma jarra.

— Se uma jarra, transformada em estátua — disse êle — recebeu de vós as honras de um verdadeiro idolo, por que Amasis convertido em rei, não há de merecer o respeito e a obediência de seu povo?

AQUI estão duas curiosidades aritméticas muito interessantes.

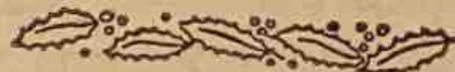
Se vocês realizarem estas multiplicações, ficarão admirados com os resultados:

$9 \times 9 + 7 = 88$
$98 \times 9 + 6 =$ .....
$987 \times 9 + 5 =$ .....
$9876 \times 9 + 4 =$ .....
$98765 \times 9 + 3 =$ .....
$987654 \times 9 + 2 =$ .....
$9876543 \times 9 + 1 =$ .....
$98765432 \times 9 + 0 = 888888888$

E agora estas outras multiplicações:

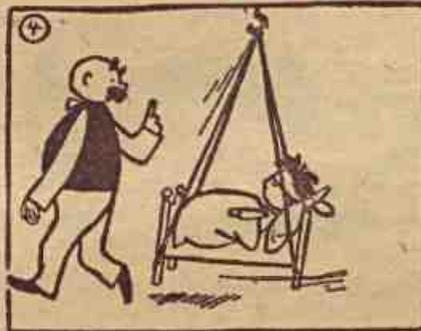
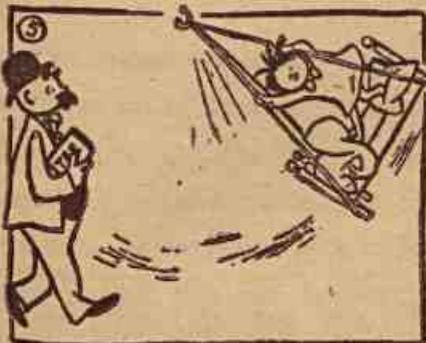
$1 \times 8 + 1 = 9$
$12 + 8 \times 2 =$ .....
$123 \times 8 + 3 =$ .....
$1234 \times 8 + 4 =$ .....
$12345 \times 8 + 5 =$ .....
$123456 \times 8 + 6 =$ .....
$1234567 \times 8 + 7 =$ .....
$12345678 \times 8 + 8 =$ .....
$123456789 \times 8 + 9 = 987654321$

QUE PONTARIA!

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

PARA A ESCOLA!

A hora de levantar para ir para a aula, Biluca disse: — Estou com dôr de cabeça!

Papai ficou com pena e fez vir o café na cama, e como é camarada, arranjou uma corda...

...e ajeitou um balanço com a cama, onde Biluca ficou a ser embalado, como num berço.

Mas papai tinha que sair, a tratar de negócios, e foi apanhar o casaco e o chapéu.

E quando voltou, surpreendeu Biluca dêsse jeito. — Ah! você estava fingindo doença, heim?

— Pai, não se engana! ! Vá se vestir e já para a escola! (*Que coisa feia fez o Biluca! Não foi?*)

"Não se deve usar a expressão: "Que ótimo"! porque é falar errado. Ótimo quer dizer "muito bom" e ninguem dirá "que muito bom!"

Amizade fraternal

No reinado do imperador Hong-wou, alguém acusou Tching-cai de ter relações secretas com o inimigo. Tendo êste sido prêso por um aguazil, o irmão mais novo pediu para o substituir.

— Eu é que sou o culpado, exclamou êle; como hei de consentir que meu irmão mais velho seja castigado em meu lugar?

— Eu sou o chefe da familia, disse então o mais velho; sou eu quem deve sofrer o castigo do crime.

Meu irmão mais novo está inocente.

Os dois irmãos desputavam-se assim qual havia de ir para a prisão.

Hong-wou, informado desta luta de dedicação, disse:

— Tais homens são incapazes de traição.

E deu-lhes emprego.

MUITO BOA!

PAI E FILHO:

— Vejo que dos 20 alúnos da tua classe és o último.

— Não tenho a culpa de que na minha classe só haja 20 alúnos. Talvez, se houvesse mais um, estivesse depois de mim...

Os "mandamentos" de Franklin

Benjamim Franklin compôs para seu uso um código com treze artigos que constituem um belo código moral e de conduta prática. Eis essas regras:

1 — Não comer nem beber demasiado.

2 — Não falar senão o que pode aproveitar a outros ou a si mesmo: evitar conversação ociosa.

3 — Colocar cada coisa em seu lugar: fazer que cada parte do seu negócio tenha seu tempo próprio.

4 — Resolver fazer o que deve ser feito; executar o que tiver decidido.

5 — Não fazer nenhuma despesa inútil: não desperdiçar nada.

6 — Não perder tempo: ocupar-se sempre em alguma coisa útil: fugir a atos desnecessários

7 — Não usar engano prejudicial: pensar e falar com pureza e justiça.

8 — Não injuriar a ninguem: nem deixar de fazer benefícios

9 — Evitar sempre os extremos: fugir de ressentir as injurias tanto quanto julgamos que merecem.

10 — Não tolerar nenhuma impureza no corpo, na roupa ou na habitação

11 — Não se perturbar com ninharias, ou com acidentes comuns e inevitáveis.

12 — Evitar manchar a própria reputação e a alheia.

O maior e mais útil

QUANTO maior e mais útil fôr o animal, mais o homem o persegue. Engenhoso e de extraordinário poder criador, vai o homem aos poucos aprimorando-se no aproveitamento das presas.

Noutros tempos, os valorosos homens do mar constantemente arriscavam a vida no arpoamento da baleia. No entanto, muito pouco aproveitavam dela. Êste muito pouco, porém, era tão rendoso que a caça à baleia se foi incrementando cada vez mais. Usavam, para tal fim, um processo rudimentar.

Ao avistá-la ao longe, os arpoadores tomavam pequenos botes afim de surpreendê-la quando viesse à tona, para respirar. Quando o cetáceo emergia, atiravam-lhe o arpão. Sentindo-se ferida, a baleia mergulhava. Os arpoadores davam-lhe corda, até que ela voltasse novamente à superfície. Novo arpão cravado. E assim até que ela morresse. Em seguida rebocavam-na para junto da baleeira. Alí, por meio de ganchos, roldanas e pás de lâminas aceradas, retiravam-lhe o toucinho. O restante era abandonado ao sabor das ondas. Tubarões e aves aquáticas iam aos poucos dando cabo daquele banquete gigantesco.

Atualmente, a bordo de navios especiais que servem de usina às baleeiras, utilizamo-nos de processos modernos para o aproveitamento de quase tudo do enorme mamífero.

A baleia possue uma camada de toucinho de 30 a 45 centímetros de espessura que, derretido, dá um óleo muito empregado na indústria do sabão. Os resíduos da refinação dêste óleo podem ser usados como lubrificante de qualidade inferior. Da pele, carne o ossos, faz-se uma espécie de farinha, utilizada como excelente adubo e também como alimento de suinos. De uso bastante conhecido são as barbatanas da baleia, a qual ainda nos nece o espermacete e a margarina, sendo esta última usada como sucedâneo da manteiga em alguns paises de insuficiente produção de leite.

Assim se explica por que os homens tanto perseguem as baleias, a ponto de quase exterminar-lhes as espécies. Felizmente há um acôrdo, firmado por tôdas as nações interessadas, afim de conservar tão útil espécie animal.

ESTRANHO PAR DE CALÇADOS

Um homem tinha um criado estúpido, e um dia pediu-lhe que lhe trouxesse um par de botinas. Ao ser atendido, exclamou, zangado:

— Que é isto que você trouxe? Isto não é um par de botinas: é uma botina e um sapato.

— Isto me surpreende também muito! — disse o criado. — E o que mais me espanta é que há um outro par, igualzinho a êste, lá em baixo.

Onde estão?

Na figura ao lado você só está vendo um ganso, não é mesmo?

Pois fique sabendo que aí estão mais seis bem escondidinhos... Veja se os encontra. Ajude o pobre guardador de aves a encontrá-los, pois êle tem que dar conta dos fugitivos ao seu patrão e não sabe onde os palmípedes se meteram.

Para maior facilidade, queremos esclarecer que vocês só verão as cabeças deles.

Os defeitos

UM sábio ancião do Oriente, ao ser perguntado por seus discípulos, de que modo podiam corrigir os próprios defeitos, respondeu-lhes com voz tranquila e a maior simplicidade de palavra:

— Meus filhos, já que estamos passeando por êste bosque, vou mostrar-vos como vos podeis emendar e corrigir vossos defeitos.

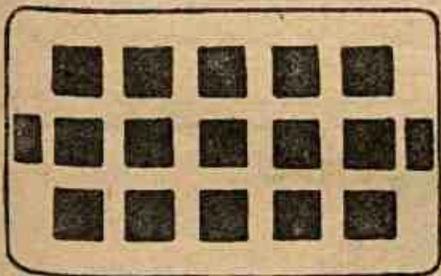
Depois, apontou para um arbusto e pediu a um dos jovens que o arrancasse. O discípulo obedeceu sem a menor dificuldade, e com uma só mão. Depois, o sábio lhes mostrou outro maior, que o jovem arrancou também, mas com um pouco mais de estôrço, e utilizando as duas mãos, pois com uma só lhe teria sido impossivel realizar tal trabalho.

Para arrancar o terceiro, muito maior, o discipulo pediu ajuda a um dos seus companheiros, demorando bastante tempo em arrancá-lo. E por último, ao indicar o sábio a quarta planta, foi necessário que se reunissem todos e, ainda assim, só conseguiram arrancá-la depois de grandes esforços.

— Meus filhos — disse o ancião — o mesmo ocorre com os nossos defeitos. A princípio não teem raizes muito profundas e é fácil arrancá-los. Mas se nos descuidamos, e, à medida que vão passando os anos, não nos corrigimos, as raizes são já tão fortes que é quase impossível arrancá-las.

Pensai bem nesta lição, que espero vos será muito proveitosa.

FAÇA O SULTÃO

Uma curiosa ilusão ótica

São sem conta as ilusões óticas interessantes, e esta é uma delas. Olhem fixamente para este desenho. E reparem que chega um certo momento em que se vêem umas sombras... que não existem.

Ficam elas entre os quadrinhos negros, e são de côr cinza.

Na realidade, tais manchas não estão no papel, e sim são o resultado do efeito do contraste entre o preto e o fundo branco.

Então? Não é mesmo muito curioso? Por isso é que nem sempre é bom acreditar no que os nossos olhos parecem vêr...

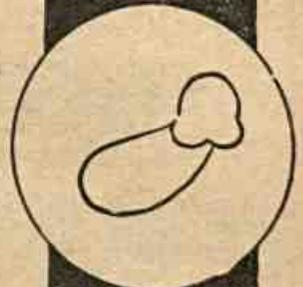
Vencendo a teimosia das rôlhas

AS vezes a gente vai abrir uma garrafa e a rolha — pluf!! — em vez de sair, se mete para dentro dela.

E agora? Como vai ser? Nada mais simples.

Toma-se de um pedaço de barbante e se dá na ponta dêle uma série de nós, uns em cima dos outros, de modo a formar uma bola. Mete-se a extremidade dentro da garrafa (vasia, é claro) e vira-se esta de gargalo para baixo, de modo tal que a rôlha venha cair de pé, na direção do gargalo. Puxa-se, então, o barbante e êste por sua vez puxa a rôlha, que penetra na passagem.

O volume do nó, à medida que se vai puxando, arrasta a rôlha para fóra.

Outro processo é enfiar um barbante dobrado ao meio, na garrafa, e fazer com que a rôlha se coloque "em posição", feito o que, puxa-se o barbânte, de modo que a curva envôlva a rôlha, e ela possa ser puxada para fóra.

DESPEDIDA

Eu parto. Adeus, Carlinhos! A rosada
Manhã já vejo despontar no Oriente.
Faço jus a um descanso, finalmente,
Na terra do meu sonho muito amada!

Esta vida monótona me enfada;
A vizinhança até me põe doente;
Quero ver novas aves, outra gente,
E sossegar minha alma atribulada

Parto, pois, satisfeito e venturoso.
O que não folgarei pelos caminhos!
Que esplendida viagem não farei!

O que me deixa um tanto pezaroso,
E' não levar comigo, bom Carlinhos,
Aquêles dez mil réis que te emprestei...

AGENOR SILVEIRA

ELEFANTE ENGRAÇADO

Este elefante é ensinado. Se vocês duvidam, tomem da tesoura, recortem-no, e separem os três pedaços cortando pelos dois riscos brancos. Feito isso, dêem volta no pedaço do centro e coloquem-no no meio como está, mas com o ângulo para cima. Depois de juntar os três pedaços, verão como o elefante fica engraçado, com um barrigão de quem jantou duas vezes...

AS MUSAS

As Musas da Mitologia eram nove, e cada uma presidia uma das artes ou ciências.

Clio presidia a História e Melpomene a Tragédia.

Talia era a deusa da Comédia, e Euterpe, inventora da flauta, presidia a Música.

A dansa ,era presidida por Terpsicore e a Poesia lírica tinha por deusa Eráto.

Por sua vez, Calíope presidia a Poesia épica, ou heróica, Urânia, a Astronomia e Polinea, o Gesto e a Pantomina.

APRENDA

Jerusalém, cidade hebraica, foi conquistada por um grande rei mouro, chamado Saladino, que possuia enorme fortuna.

Êste poderoso monarca deixou determinado em seu testamento que, quando o levassem à sepultura, colocassem à ponta de uma lança uma mortalha e fosse um arauto proclamando em altas vozes esta frase: "O senhor de tôda a Asia, de todos os reinos que conquistou e de tôdas as riquezas que adquiriu em vida, não leva para a sepultura mais que esta mortalha !"

Que é mortalha? Dá-se êsse nome a duas cousas. A uma espécie de túnica, ou camisola, com que antigamente se vestiam as pessoas mortas, para enterrar — e o rei Saladino queria se referir a uma destas — e ao papel de sêda ou palha de milho com que os fumantes enrolam o fumo dos seus cigarros, ao fazê-los.

POR QUE?

Por que não se deve ter no quarto, à hora do sono, plantas ou flores?

— Porque a superficie úmida das pétalas é um terreno fértil para numerosas espécies de micróbios, os quais, com o calor do ambiente, se desenvolvem com assombrosa rapidez. E porque as flores que exalam perfumes prejudicam o sistema nervoso durante o repouso preciso.

Até a água, na qual estão imersas, se transforma num fóco de infecção.

ASSOVIA MELHOR QUEM ASSOVIA POR ÚLTIMO...

"Seu" Frederico estava contente, assoviando...

Na hora de pagar, verificou que estava sem niquel...

E teve de pagar a engraxada com outra engraxada!!

O AMOR DA PATRIA COMEÇA NA FAMILIA — *BACON*

OS SINAIS "Mais" e "Menos"

— Havia, antigamente numa cidade européia um homem que negociava em vinhos. Êsse homem recebia diàriamente vários tonéis de vinho. Os tonéis que chegavam do fabricante eram cuidadosamente pesados. Se o tonel continha mais do que devia, o homem marcava-o com um sinal em forma de cruz (+). Se no tonel parecia faltar uma certa porção de vinho o homem marcava-o com um traço (—). Os sinais usados outróra pelo negociante de vinho são, até hoje, empregados na matemática por todos nós

Pensamentos

Toda bondade que de que sejas capaz, não redimirá a culpa de uma só injustiça que tiveres praticado.

Faze tudo o que estiver ao teu alcance para assistir com a tua bondade o sofrimento de outrem. Sempre que as tuas possibilidades permitam, acode à aflição alheia.

A esmola dada em segrêdo conforta mais ao doador do que a quem a recebe.

A fé caracteriza todos os ideais

ERA UMA VEZ...

...um homem que, sempre que passava diante de um espêlho, fechava os olhos e ficava parado. parado... para vêr como era a própria cara — quando estava dormindo.

...um homem que fazia suas galinhas nadarem em água quente, para vêr se elas botavam ovos já cozidos.

...um camarada tão distraido que tôdas as noites punha a mulher para fóra da cozinha, dava corda no gato e se deitava ao lado do despertador.

...uma senhora tão madrugadora que fazia as camas dos filhos antes dêles se levantarem.

...um pobre que pedia esmola assim: — Por favor, dê-me um pouco de água, pois estou com tanta fome que não tenho onde passar a noite...

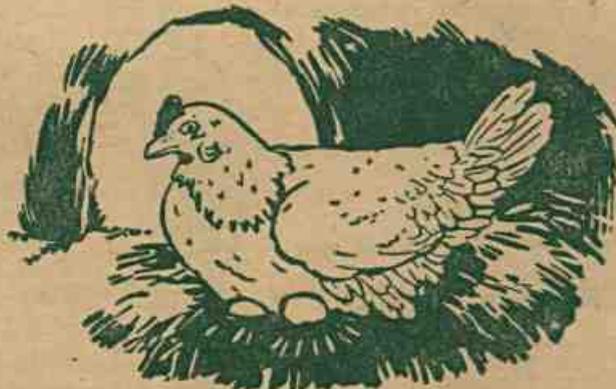
...um homem que cantava muito mal e explicava sempre: — A culpa não é minha. Estudei canto por correspondência e o Correio extraviou uma porção de lições...

...um camarada tão distraido, mas tão distraido, que estava morrendo afogado porque, ao cair na água, nem se lembrou de que era campeão de natação.

...um preguiçoso que vivia devéras aborrecido porque não sabia o que seria melhor: ficar na cama tôda a manhã ou levantar-se bem cêdo para ter mais tempo para não fazer nada durante o dia.

A galinha que punha ovos de ouro

Um homem tinha
Uma galinha
Que Juno bela
Por desenfado
Tinha fadado.

Vivia ela
Dentro dum covo
Punha um ovo
D'oiro luzente
Em cada dia,
Que valeria
Dobrão e meio.

Examinou-a:
Porque supunha
Que em si continha
Rico tesouro,
Visto que punha
Os ovos de ouro;

Mas o patrão
Um dia cheio
D'ímpia ambição,
Foi-se à galinha
E degolou-a.

Mas nada achou!
E por avaro
Se despojou
Do rico amparo
Que nela tinha.

Outra galinha
Jamais topou
Com tal condão;
E assim pagou
Sua ambição.

A PROFESSORA NÃO ME QUER BEM...

— A professora não me quer bem... — diz Lolita.

E' uma pena, sem dúvida, que uma menina tão boa se encontre em situação como a sua e que até pense em não ir mais ao colégio!

Eu não sei por que lhe parece que a professora não gosta dela.

A professora gosta da Lolita de antes. Não gosta é da outra Lolita, da que conversa durante a aula e joga bolinhas de papel nas companheiras. Esta Lolita despresa os esforços da professora, prejudica as companheiras porque as distrái e malgasta tôlamente as horas dedicadas ao estudo.

A professora, cansada de pedir-lhe que seja boa, disse-lhe no sábado que não gostava mais dela.

Mas a Lolita de antes, a verdadeira Lolita, não tem por que se afligir. Amanhã, quando chegar à aula, que vá ao encontro da professora e lhe diga:

— Professora, nunca mais a aborrecerei enquanto a senhora nos estiver ensinando. Desejo ser uma alúna digna de professora como a senhora. Perdôe-me se fui má, professora, e dê-me um beijo diante da classe... para que tôdas saibam que também gosta de mim...

Verá com que alegria e com que ternura a professora a beijará!

CONSTANCIO C. VIGIL

PARA TUDO HÁ JEITO

Subindo e descendo escadas

EIS aqui os benefícios dêsse exercício, tão simples quanto benéfico, que é o subir e descer escadas:

- **Ativa a respiração.**
- **Aumenta a capacidade pulmonar.**
- **Fortifica o coração.**
- **Ativa a circulação.**
- **Dá agilidade às pernas.**
- **Fortifica a musculatura abdominal (da barriga).**

E há tanta gente preguiçosa que detesta subir e descer escadas ! ! !

RECURSO CURIOSO CONTRA O CALOR

EIS um recurso curioso contra o calôr, que poderá ser experimentado sem qualquer inconveniente por todos os nossos amiguinhos. Basta aplicar uma gôta de água, bem fria, atrás de cada orelha.

A ostra é um molusco acéfalo, que vive nos mares de águas não muito frias, e constitue um comestivel apreciado desde a antiguidade, sendo bastante desenvolvida a sua cultura. São famosas as do mar da Mancha e as de Arcachon. Seguem-se-lhes as de Nápoles, as do golfo do Leão e as de Ostende, embora estas não contem com grande número de apreciadores. Há ainda a portuguesa, que é mais conhecida. No Brasil encontram-se duas espécies: a "parasitica" que vive nas pedras, nos mangues, etc., e a "virgínica". A primeira é a mais saborosa. As ostras criadas em parques são alimentadas por algas, as diatomáceas, que lhe dão a côr verde. No mar, são dizimadas pelos peixes, que comem as conchas novas, pelas estrelas do mar e por outros moluscos, que partem a concha para devorar a ostra.

QUANDO UM NÃO QUER, DOIS NÃO BRIGAM

Quatro Piadas Muito Boas...

UM roceiro, encontrando um marujo, que estava de partida para uma longa viagem de circunavegação, perguntou-lhe onde seu pai tinha morrido.

— Em um naufrágio, — respondeu o marinheiro.

— E seu avô ?

— Morreu também no mar. Um dia que estava a pescar sardinhas, desencadeou-se forte temporal e o barco afundou.

— E seu bisavô ?

— Também perdeu a vida no mar.

Disse, então, o roceiro:

— Pois olhe, meu amigo, se eu fôsse você não embarcaria. Seguro morreu de velho...

O marinheiro, por seu turno, perguntou ao roceiro onde lhe morrera o pai. —

Na cama, — respondeu o outro.

— E seu avô ?

— Teve a mesma sorte. Todos de minha família morreram na cama.

— Pois, então, meu amigo — disse o marinheiro — se eu fôsse você não iria nunca para a cama. Seguro morreu de velho...

CATÃO, um dos homens mais ilustres da antiga Roma, recebeu certa vez a visita de um seu vizinho, que se mostrava muito inquieto.

— Que há ? — perguntou-lhe Catão.

— Um caso bem grave, responde a visita. Sonhei esta noite que um rato preto estava a comer um dos meus sapatos. Tu, que és sábio, vais explicar-me o significado desse sonho esquisito, que me parece de mau agouro...

Catão estava com uma grande vontade de rir. Reprimiu-se e tomou um ar muito sério, simulando entregar-se à mais profunda reflexão.

Quando viu que o desassossêgo do amigo havia atingido o auge, disse:

— Tranquiliza-te. O mal não é dos maiores. Sera pior, e deveras alarmante se...

— Oh ! fala... fala, por favor !

— ...se o teu sapato, esta noite, comer o rato preto.

PRETENDEM os parisienses que as burras fabricadas em Paris, a Cidade-Luz, como lhe chamam, são as mais seguras contra o fogo.

— Os cofres-fortes de Paris ? Que buxas !... — disse um dia certo marselhês. — Não me falem nêles, que os nossos, os de Marselha, os deixam a perder de vista. Imaginem os senhores que, por ocasião de um incêndio — o fogo durou 24 horas — haviam pôsto um coelho dentro de um dos nossos cofres-fortes, um dos que são fabricados aos milhares, todos os dias, em Marselha. Apagado o incêndio retiram o coelho... Ora, adivinhem o que havia acontecido...

— O coelho inda estava vivo... disse uma das pessoas que estavam na sala.

— Não, senhor. Estava morto...

— Até aí nada de espantar ! — exclamam os presentes.

— Esperem... Escutem. O coelho morrera de frio... Estava gelado !

QUANDO Noé plantou a vinha, Satã andava ali por perto. Viu os preparativos e, sempre curioso, aproximou-se do patriarca.

— Que estás aí a plantar ? — indaga o príncipe dos demônios.

— Uma vinha — responde Noé.

— Para que serve isso ? — pergunta o tentador.

— Os bagos da uva, em lindos cachos — explica o construtor da arca — são tão agradáveis à vista como deliciosos ao paladar. Tira-se dêles um licor que alegra o coração dos homens.

— Se assim é, — respondeu o capeta — eu quero ajudar-te.

Não demorou a voltar. Trazia um cordeiro, um leão, um macaco e um porco. Matou-os todos e, com o sangue de cada um, regou a vinha.

Aí está por que, desde então, sempre que o homem bebe um pouco de vinho, aí coisa de uns dois dedos, torna-se meigo e carinhoso como um cordeiro.

Se aumenta a dose, ei-lo forte e corajoso como um leão. Se prossegue a beber, aqui o temos desatinado, tonto e malicioso como um macaco.

Mas, se por desgraça teima em não largar do copo, desviemos a vista que é triste vermos o nosso semelhante espojado, no meio da imundície, como um porco.

ATÉ SEM FÓSFOROS

L. P. SILVEIRA DE LEMOS

NA enorme sala de aula, muito clara, os alunos ouviam, imóveis, muito atentos, as palavras de D. Hilda. Era no dia 25 de Agosto e comemorava-se o nascimento de um grande homem.

— Caxias, dizia ela, o grande general brasileiro, tão valente, generoso, leal e enérgico, deve ser um exemplo para todos nós! Praza aos céus que vocês venham a ser tão úteis à Pátria como soube ser o Duque de Caxias!

D. Hilda calou-se e as crianças bateram palmas, entusiasmadas.

Carlos ficou impressionado. À tarde, quando chegou em casa, ainda trazia duas rugas entre as sobrancelhas e enquanto a mãe, atarefada, lavava no tanque as últimas peças de roupa, êle, sentado no chão de terra batida, olhava sem ver, pensativo, para as duas irmãzinhas que brincavam, não muito longe.

Na corda dansavam alegremente várias peças de roupa, mas não havia alegria no quintalzinho modesto. Um canteiro de tomates, só. E perto um fogão rustico onde cozinhava o feijão.

D. Joana voltou-se de-repente para o filho.

— Ande, Carlos; está na hora de entregar a roupa. Vá lavar as mãos, já.

— Pois sim, mamãe.

— Meu filho, disse D. Joana, passa pela farmácia e vê se "seu" Joaquim quer repetir aquela receita do remédio de seu pai.

— E o dinheiro, mamãe?

— Diga que quando papai melhorar êle pagará a conta toda.

Carlos saiu e enquanto caminhava, acabrunhado, de cabeça baixa, ia remoendo seus amargos pensamentos.

— D. Hilda é engraçada: como é que a gente pode ser homem como o Duque de Caxias? General e duque é só para os ricos... Não vê que gente pobre pode ser alguma cousa!... E' só operário, e se quizer...

Parou, desanimado, e encostou-se em um muro esburacado que mal cercava um enorme terreno baldio que era uma espécie de "terra de ninguem" onde os garotos, aos domingos, jogavam futebol. Aquela hora lá estava apenas um escoteiro cozinhando qualquer cousa em uma pequena fogueira. Sentindo-se observado, o rapaz levantou a cabeça, olhou-o e sorriu, exclamando alegremente:

— Você chegou a tempo, rapaz. Estou doido por uma companhia. Quer jantar comigo? Eu me chamo Renato.

Carlos, aproximando-se e sentindo o cheirinho convidativo de batatas fritas, teve uma forte tentação, mas, como era orgulhoso, resistiu-lhe.

— Obrigado, já jantei. Mas continue. Meu nome é Carlos. Podia ser João, também — um João Ninguem qualquer...

— Ora, Carlos, você está com cara de quem está achando o mundo torto. Vamos: coma esta batata e conte que mal lhe fez êste pobre planeta.

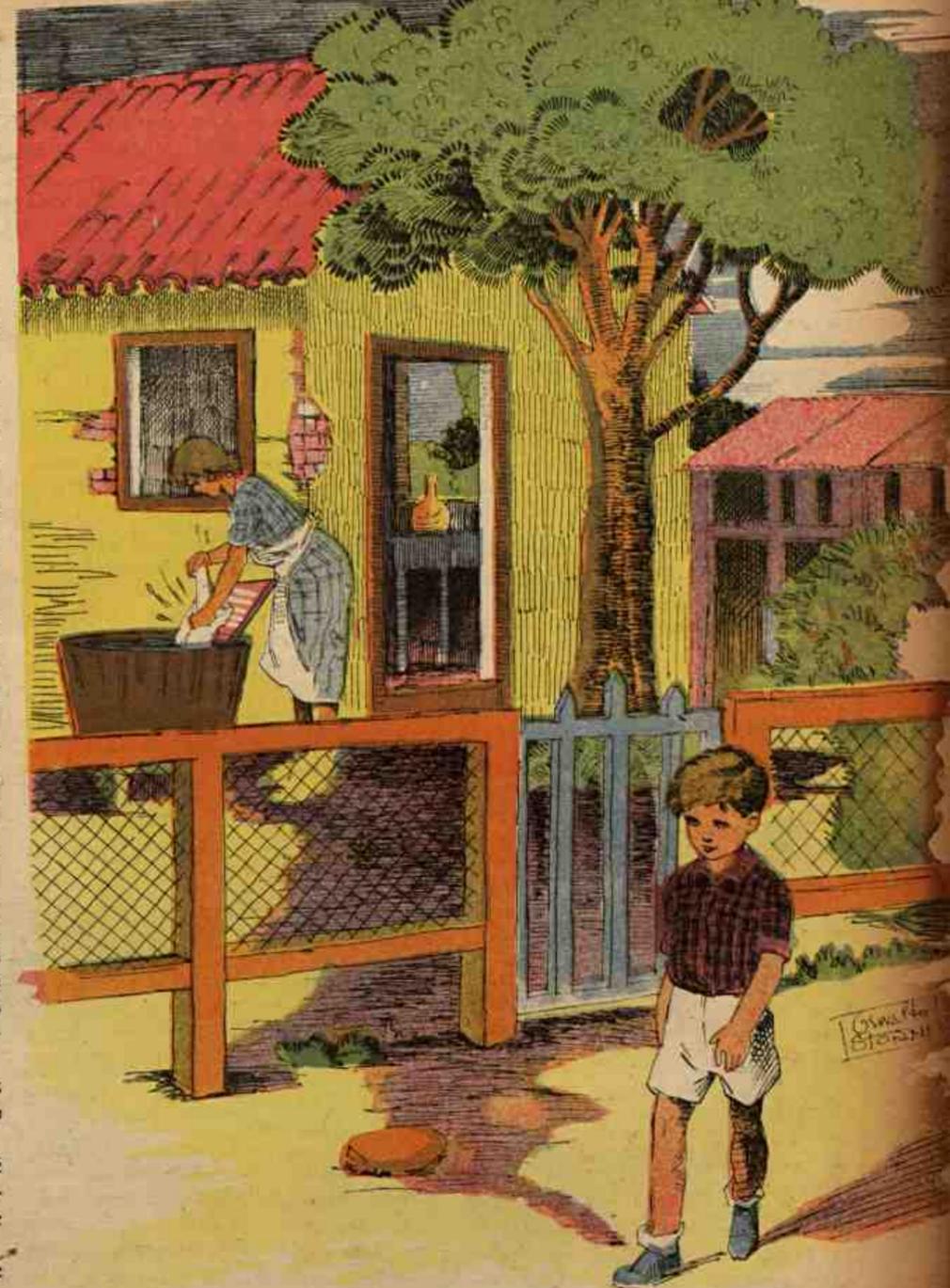
O convite era tentador e a fome negra: o menino não resistiu mais. Estava ótima, a batata, mas a fome de Carlos era velha e exigia muito mais para que êle se reconciliasse com a vida.

— Você tem razão, disse finalmente. Êste mundo está torto, mesmo. Para uns, tudo. Para outros, nem feijão na mesa para o jantar. Eu queria ver se o Duque de Caxias podia ser duque se nascesse pobre...

Renato, que levava uns talheres numa lata, parou, de garfo no ar, e olhou-o surpreso:

— Talvez não; mas o caso é que êle não nasceu duque. Foram seus gloriosos feitos que lhe deram o titulo.

— E': mas se a familia dêle não fosse tão conhecida...

— E que me diz de Floriano Peixoto, que nem dinheiro nem prestigio tinha para cursar a Escola Militar? E José do Patrocínio, que nasceu escravo? E Machado de Assis, que foi paupérrimo, tendo de ganhar a vida como tipógrafo? E Nilo Peçanha, de origem humilima, que chegou a ser Presidente da República? Isso para só falar em alguns brasileiros de que me lembro no momento, porque se fôssemos buscar todos êles e mais os estrangeiros... eu acabaria sem voz...

Carlos, de cabeça baixa, calára-se. O escoteiro olhou-o com sorriso de simpatia.

— Como é! O mundo ainda está torto?

— Eu não sei, não... disse a custo o outro, com um suspiro.

Renato levantou-se, como a encerrar o assunto, e exclamou com ar malicioso:

— Está bem: consertaremos o mundo mais tarde. Agora vamos ver êste fogo que se apagou enquanto conversávamos.

Carlos: estou vendo que você é um rapaz inteligente e prestativo. Você é capaz de acender de novo o fogo enquanto vou procurar gravetos?

— Oh! pois não! Arranjarei fósforos lá adiante, na venda de "seu" Chico.

Enquanto o menino ia buscar os fósforos, Renato, ficando só, pegou em dois pedaços de madeira e atritou-os; saltou uma faísca, depois outra, e em menos de 5 minutos o fogo crepitou de novo.

— Desta lição êle não se esquecerá... — murmurou, com um meio sorriso.

Pouco depois Carlos chegava, afobado da corrida, e ao ver a fogueira estacou, decepcionado.

— Ora! Eu fui tão longe buscar os fósforos e você já os tinha aí! Bonito papel para um escoteiro!

Renato olhou-o, sério e firme.

— Você se engana, Carlos. Eu não tinha fósforos; tinha só dois pedaços de madeira, vê você? Eu também sou pobre e preciso poupar 20 centavos. Por isso aprendi que, quando se quer, "até sem fósforos se acendem fogaréus"... E lembre-se sempre, Carlos: Ter iniciativa é isso: "fazer grandes cousas com pequenos recursos".

Fez-se um pequeno silêncio. Carlos olhava ao longe, pensativo.

— Até sem fósforos... — murmurou êle baixinho. Depois, animando-se de repente, encarou com decisão o companheiro.

— Você tem razão — disse êle — e sua voz vibrava — Deus tirou o mundo do nada. Isso é um símbolo. Os grandes homens são os que sabem fazer milharais dos grãos de milho que encontram perdidos no quintal. Mil vezes obrigado, Renato; a lição valeu. Você é um "taco", rapaz! Até logo!

Deu-lhe um aperto de mão caloroso, pulou o muro e saiu correndo.

Renato gritou-lhe, fazendo das mãos porta-voz:

— Volte, Carlos! Tome os fósforos que você esqueceu!...

— Não preciso mais dêles, obrigado! — respondeu alegremente Carlos, desaparecendo ao longe, na esquina...

* * *

Já se passaram alguns dias. Vamos dar um pulo na casa de Carlos, leitorzinho amigo? Vamos lá. Dê-me o braço. Chegámos. Não nota você uma ligeira mudança? Não?! Ora, você não viu bem...

Observe: a sala de jantar, que também é cozinha, não está tão suja...; há uma toalha enfeitando a mesa e flores na jarra nova. Você nem tinha reparado na jarra, não é? Pois é nova, sim, e foi Maria quem comprou. Não me olhe tão espantado, querido leitor; foi a Maria, sim. Com que? Bem, é segredo, mas se você promete que não conta nada a ninguem... Chut... Ouço passos... Não posso mais falar: lá vem ela. Esconda-se de-pressa nas cortinas... ela está entrando. Ouçamos:

. . . .

— Um, dois cruzeiros... e vinte, quarenta... centavos. Três cruzeiros, Maria! Podes comprar hoje o açucar e o leite. E as outras balas estão prontas?

— Estão, sim; e embrulhadas também. Já podes vendê-las.

— Estão tão boas quanto as de ontem? Não te esqueças nunca do nosso lema: "Hoje melhor que ontem e pior que amanhã".

— Ora, Carlos... E' claro que não me esqueço! Já me viste algum dia fazer cousas mal feitas? E' por isso que nunca me faltam encomendas... Mas vai logo, que mamãe já vem e ainda não entreguei a roupa.

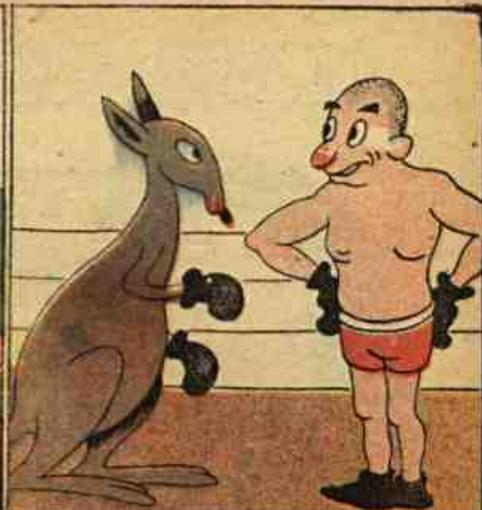
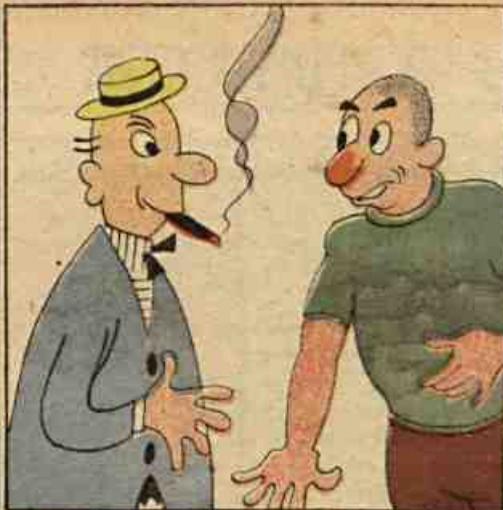
— Que estavam vocês confabulando, Maria?

— "Segredo de Estado", mamãe; é uma surpresa para logo mais. Não; para já. Aí vem Carlos de novo. Conte à mamãe, Carlos, que ela está morrendo de curiosidade.

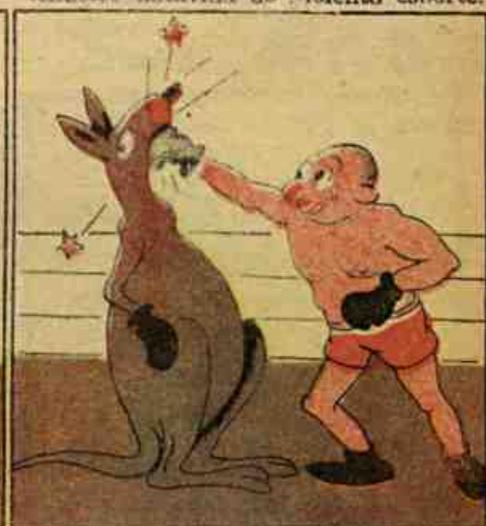
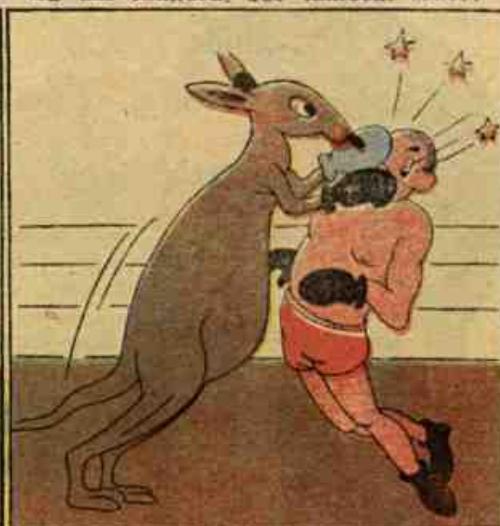
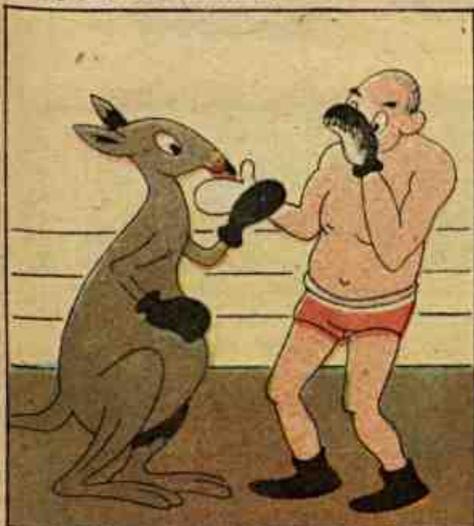
— Veja por seus olhos, mamãe. Cá estão os embrulhos. Estas roupas são para mamãe, os remédios para papai e as frutas para nós todos. E quer ouvir uma bela novidade? A conta da farmácia está paga!

— Meus filhos queridos.... Mas Carlos, onde foste buscar dinheiro para comprar isso tudo?

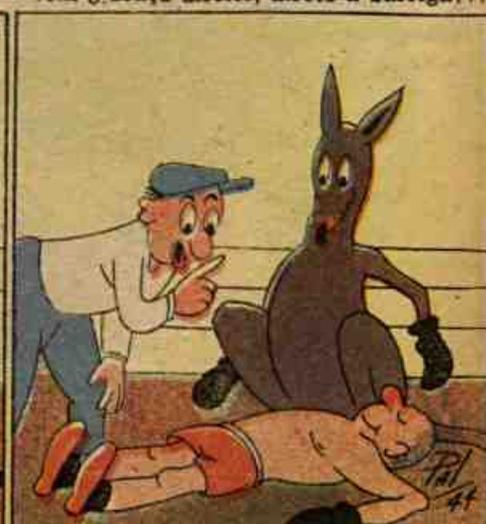
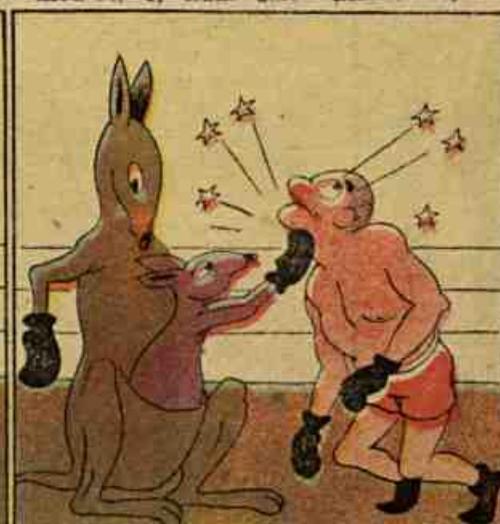
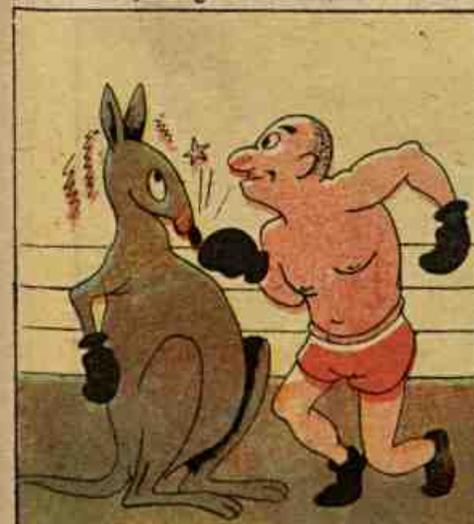
— Pode ficar tranquila, mamãe: foi "honestissimamente". Maria e eu somos tão "tacos", que até *sem fósforos podemos acender fogueiras*... E isso é "café pequeno", mamãe. Ainda compraremos uma casa...

— Tome cuidado com êle, mamãe: Carlos está aí, está um general...

Chico Sôcoduro era um grande campeão de "box". Não havia quem resistisse aos seus sôcos, que eram mais fortes do que a rabanada de uma baleia, que é considerada a pancada mais forte de tôdos os animais.

Tão famoso era o homem que, um dia, um emprezário americano convidou-o para uma luta sensacional, oferecendo-lhe gorda bôlsa com milhares de dólares. Chico Sôcoduro teria de lutar contra um cangurú, que também era...

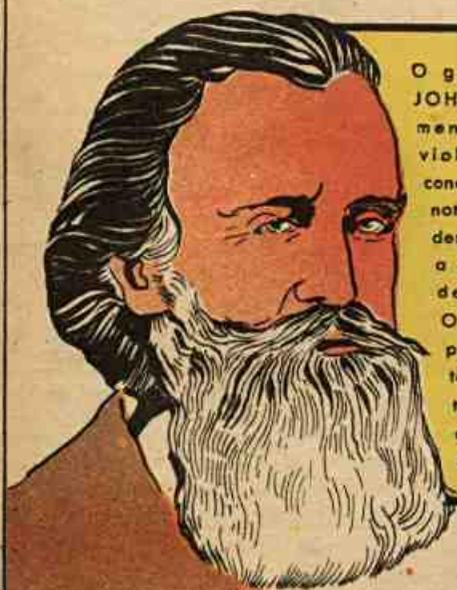
...pugilista. Não é preciso dizer que a luta foi logo aceita. Quando Chico Sôcoduro subiu ao tablado e se viu frente ao Cangurú, não acreditou muito que aquele bicho desajeitado e barrigudo entendesse patavina do violento esporte.

Assim que soou a campainha para o início da luta, os dois adversários avançaram um para o outro, e como dois galos de briga começaram a medir-se cautelosamente. Chico Sôcoduro cobria o rosto e o cangurú cuidadosamente...

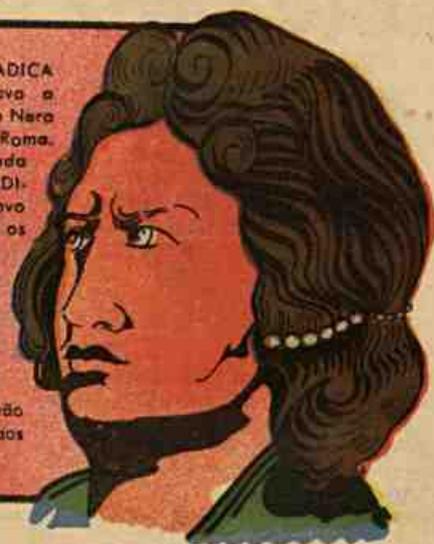
...defendia a barriga. De repente, a multidão que enchia o estádio, e que para vocês está invisível, agitou-se numa grande vaia, pedindo mais violência; prá que?! O Cangurú entusiasmou-se, e, num salto acrobático,...

...atingiu em cheio o delicado rosto de Sôcoduro com as duas mãos, fazendo-o ver estrêlas. Sôcoduro cambaleou daqui, cambaleou dali, e quando avançou para o Cangurú, parecia até um leão. Vinha com o braço direito, direto à barriga...

...do bicho, mas, um golpe de ar, ou cousa que o valha, desviou o dito e o sôco foi indiretamente atingir o queixo do Cangurú. O sôco foi tão violento que a multidão que enchia o estádio julgou que fosse um tiro de canhão e alguns espectadores chegaram a fugir. Aproveitando o estado de sonolência em que...

...o Cangurú ficou, Sôcoduro já ia desferir-lhe um esquerdo na barriga. Mas, oh! surpresa desagradavel! Vejam vocês o que aconteceu ao nosso Sôcoduro! Como êle, também, o Cangurú defendia a sua bolsa onde trazia bem guardado o filhote que, na horinha "h", apareceu milagrosamente, e pum!

Como vocês estão vendo, o sôco foi tão inesperado e certeiro que liquidou logo o campeão. O juiz, que era muito camarada, contou até 1999, mas não adiantou, pois, lá no chão ficou o nosso Sôcoduro, que perdeu o cartaz, perdeu a bolsa e quase perdeu a vida.

NOMES QUE A HISTÓRIA GUARDOU

O grande músico alemão, JOHANNES BRAHMS, ainda menino, acompanhava um violinista ao piano em um concerto público, quando, notando que o piano estava desafinado, conseguiu, tocando a partitura de cór, suprir a deficiencia do instrumento. O famoso violinista Joachim, presente ao concerto ficou tão impressionado com o talento do jovem músico que resolveu orientar sua educação artistica.

BOADICEA ou BOADICA (VITORIA) governava a Grã-Bretanha quando Nero era imperador de Roma. Derrotado e chicoteada pelos romanos, BOADICA levantou o seu povo revoltando-se contra os opressores, expulsando-os do solo pátrio. Mais tarde, entretanto, foi derrotada pelos romanos em terrivel batalha perto de Londres, suicidando-se para não se entregar viva aos vencedores.

JOHANN GUTEMBERG, o pai da imprensa, viveu uma vida de privações e morreu em extrema pobreza sendo enterrado com esmolas de uma igreja. O primeiro livro que imprimiu com os tipos moveis de sua invenção, foi uma Bíblia em latim de 1282 páginas, conhecida como a Bíblia dos 42 linhas, por conter 42 linhas em cada página.

Brutus foi um cidadão romano cujo nome passou à História associado ao de Julio Cesar. Apezar de auxiliar Pompeia em guerra contra Julio Cesar, este perdoou-lhe depois da queda de Pompeia, nomeando-o governador da Gália (atual França). Convidado por CASSIUS, BRUTUS aderiu a uma conspiração traindo o seu amigo Julio Cesar. Ao ser assassinado por Brutus, Cesar não se defendeu proferindo a celebre frase: TU QUOQUE BRUTUS? (Até tú Bruto?)

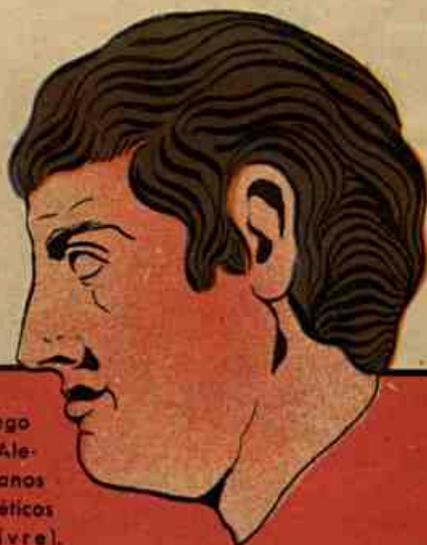
MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA, o grande escritor espanhol, alistou-se muito cedo no exército e na batalha de LEPANTO foi ferido no braço esquerdo, ficando aleijado, "para maior gloria do braço direito"—como êle dizia. Ao voltar para a Espanha, foi capturado por piratas ficando prisioneiro na Algéria durante 5 anos. Na prisão escreveu sua obra famosa, "Don Quixote", que só veio a ter grande sucesso um século depois de sua morte.

NOMES QUE A HISTÓRIA GUARDOU

GUILHERME MARCONI — o célebre inventor da telegrafia sem fio, foi sempre um espírito muito prático e empreendedor. Conseguiu, aos 21 anos, com material deficiente, transmitir pela primeira vez uma mensagem sem usar fios, a uma distância de uma milha. Detentor do premio Nobel de Fisica, foi tambem um patriota, servindo no exército e marinha italianos durante a guerra passada.

JAMES MONRÖE, o grande americano que engrandeceu os Estados Unidos com o seu mandato presidencial, foi o primeiro americano a bradar contra a influência europeia sôbre as nações americanas. Sua doutrina — o monrõismo — estabelecia que os povos do novo continente deveriam marchar unidos para a construção de um futuro livre de guerras e fortalecido pelo trabalho e amor à pátria. Durante a presidência de MÖNROE, os Estados Unidos se enriqueceram com mais 5 estados e o território de Flórida.

ROAD AMUNDSEN foi um grande explorador de rincões desconhecidos. Natural de Borge, Noruega, começou a estudar Medicina mas logo abandonou esta carreira jogando-se ao mar em busca de aventuras. Foi o 1º homem a alcançar o Polo Sul, a 16 de Dezembro de 1911, e sobrevoou o Polo Norte em 1926, no dirigivel "Norge".

ÁTILA passou à história com o apelido de "flagelo de Deus". Rei dos hunos, uma tribu bárbara que invadiu a Europa, devastando a França e a Belgica, foi finalmente derrotado pelos romanos no campo de Chalons, numa das mais terríveis batalhas da história. ÁTILA morreu de apoplexia por excessos na mesa, e foi sepultado à noite, sendo os coveiros decapitados, de acordo com o costume da época, em 453.

ARISTÓTELES — filósofo grego de Stagira, foi preceptor de Alexandre, o Grande. Aos 50 anos fundou a escola dos peripatéticos (aulas dadas ao ar livre). Correndo risco, por questões políticas, de ser obrigado a tomar veneno, como aconteceu a Sócrates, abandonou Atenas proferindo a célebre frase: — "Não darei aos atenienses ocasião de cometerem um segundo crime de injustiça contra a Filosofia."

A filosofia chamada natural, de Aristóteles, influenciou o mundo por mais de 2.000 anos.

AMBIÇÃO CASTIGADA

Conto de
WALTER SPALDING

Era uma vez um principe, cujo pai estava quasi cego. Todos os médicos do lugar deram-no por perdido, confessando-se impotentes para curar o bom e velho rei.

— Talvez nalguma outra terra exista quem possa curá-lo, — diziam.

E o principe se poz a caminho, em busca de um médico ou remedio que salvasse seu pai e rei da cegueira que ameaçava amargurar-lhe os ultimos anos da vida terrena.

Amparar os cegos é uma das grandes obras de misericórdia, porque ser cego é estar morto em vida. Por isso o principe foi correr mundo em busca de um lenitivo que fosse para o bondoso rei.

Ao chegar a uma pequena cidade do vizinho reino, Doré, — era assim que se chamava o pricipe — viu que, em plena rua, seis homens espancavam brutalmente a cacete um misero defunto.

O principe sentiu-se revoltado com aquela cena selvagem. Mas como não estivesse no reino do seu pai, conteve a revolta que lhe ia no intimo e limitou-se a perguntar porque assim profanavam um cadaver.

— Porque morreu sem pagar-nos — responderam.

E o principe soube que era lei naquêle reino espancar-se o cadaver de quem morresse sem ter podido pagar as dividas contraídas, ainda que a isso o tivesse levado uma peste, um terremoto, ou outra cousa qualquer em que não poderia influir de fórma alguma o pobre defunto.

O principe, que não tinha mau coração, e que facilmente se comovia, sobretudo perante cenas como aquela, pagou aos credores, mandou enterrar o cadaver do pobre homem e seguiu seu caminho.

Ao entrar numa picada, já noite cerrada, encontrou um moço muito lindo, de cabelos brilhantes, que lhe falou:

— Para onde vais, bondoso principe Doré?

— À procura de remédio para meu pai que está cegando. Venho de longe e em vão o procuro.

Então lhe disse o moço dos cabelos brilhantes.

— Tem fé, meu principe. Teu pai será curado. Mas para isso só há um remédio: é lavar os olhos do rei com água em que tomar banho um papagaio do Reino dos Papagaios

— Onde fica êsse Reino, meu bom moço?

— Vês aquêle Cruzeiro lá no céu, ao longe? Pois é na terra que fica sob o lindo cruzeiro que do céu bendiz a linda Pindorama. À meia noite entra no Reino. Verás muitos papagaios, cada qual mais lindo, em gaiolas de ouro, prata e diamantes. Deixa de lado todos esses e nem lhes toques siquer. Leva aquêle que vires bem num canto à direita do reino, numa velha gaiola de latão. E com a água em que êsse papagaio se lavar, banha as vistas de teu pai...

O principe agradeceu e partiu.

A meia noite entrou no Reino dos Papagaios e ficou deslumbrado. Nunca vira tanta beleza e tão grande riqueza. Não se se conteve o principe. A ambição que lhe dormia n'alma, despertou. E não teve forças para resistir à tentação.

— Para que levarei o papagaio da gaiola de latão, tendo aqui tantos em gaiolas de ouro, prata e diamantes? E depois, todos dormem e ninguém me verá nem saberá siquer quem o levou.

E saiu com o papagaio da gaiola mais rica.

Mas quando ia transpor a fronteira do Reino, um estranho ruido despertou a ave que se poz aos gritos:

— Socorro! Socorro! Que me levam! Que me roubam!

E todos os papagaios cercaram o principe que se desculpou como poude e disse para que queria o papagaio.

— Pois bem, — disseram-lhe eles, — vai ao Reino das Espadas e traze uma à cinta e te daremos o papagaio.

Triste e envergonhado o principe partiu. Caminhou todo o dia, e quando a noite chegou, apareceu-lhe novamente o moço dos cabelos brilhantes.

— Onde vais, formoso principe Doré, assim tão triste?

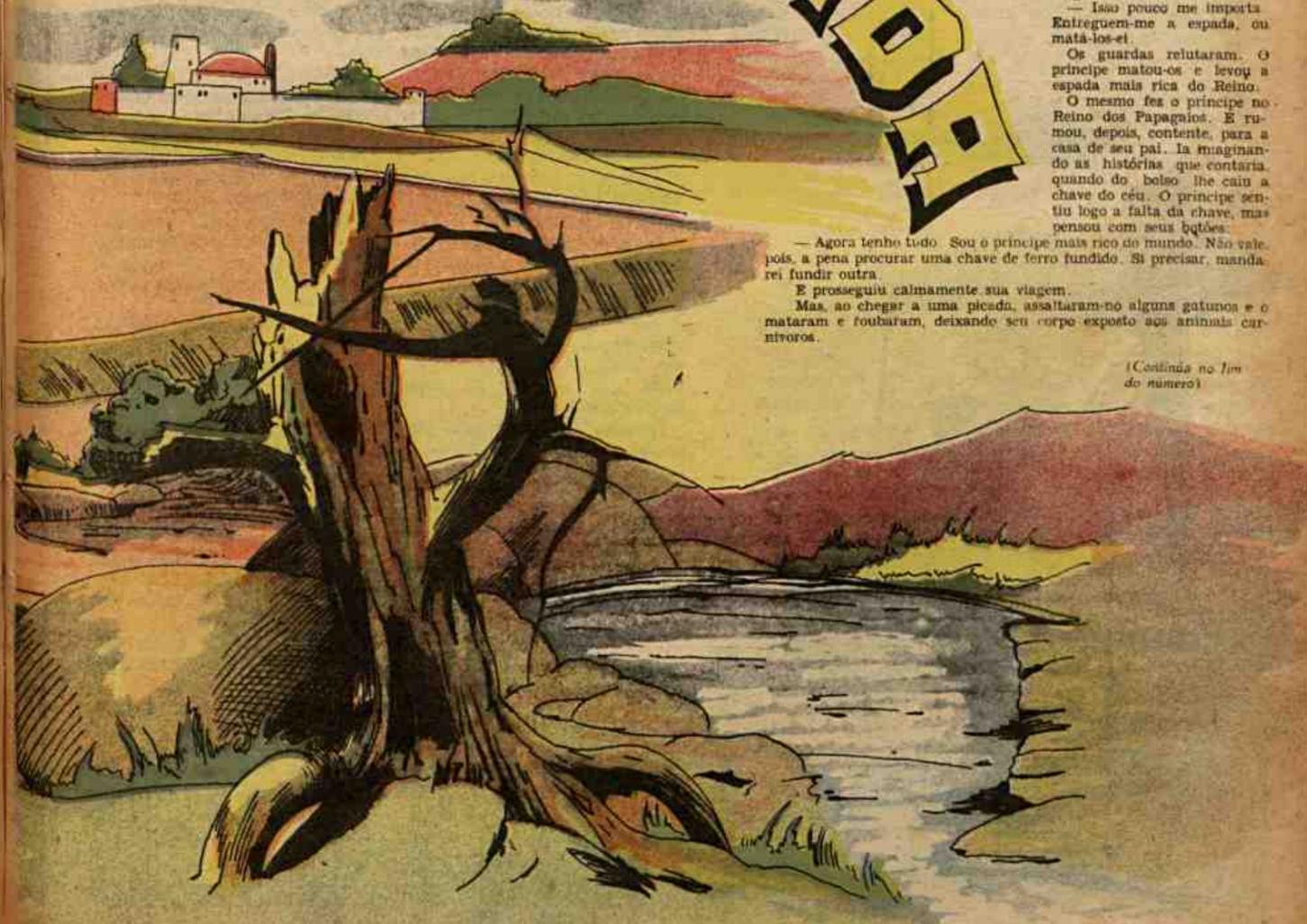
— Ao Reino das Espadas. — E contou ao moço dos cabelos brilhantes o que lhe acontecêra, mas omitindo o principal, isto é: que não lhe obedecêra e quizera levar a gaiola mais rica.

E o moço lhe disse então:

— Fizeste muito mal e fazes mal ainda. É muito feio mentir; e além disso a mentira acarreta grandes máguas e, como a ambição, será sempre castigada. Arrepende-te, pois, do que fizeste, principe Doré, e vai ao Reino das Espadas que fica lá por detrás daquela montanha. Entra à meia noite e leva a espada de niquel, tôda lisa, que acharás num canto, logo à entrada. E não toques nas outras.

O principe agradeceu e partiu.

Chegou ao Reino das Espadas e ficou encantado. Nunca vira espadas tão lindas, tão finas e tão ricas! Viu a espada de niquel e pensou:

— Quem leva esta, leva aquela. Não é a mais fina nem a mais rica. Por tão pouco não ficarão zangados.

E levou uma espada de prata com pequenas incrustações de ouro. E no seu intimo dizia: — Mais tarde virei buscar aquela de ouro puro, massiço, cravejada de brilhantes.

Mas ao sair do Reino, a espada caiu e fez um barulho enorme, despertando os guardas. O principe foi preso. Mas, explicando o caso e desculpando-se, conseguiu que o soltassem. E disseram-lhe:

— Si precisares esta espada, vai ao cimo daquela montanha iluminada e traze de lá a chave do céu. Só assim serás atendido.

E o principe partiu. Caminhou todo o dia e quando de novo escureceu, apareceu-lhe o moço dos cabelos brilhantes:

— Para onde vai, meu principe, assim tão abatido?

— Buscar a chave do céu no cimo daquela montanha.

— Meu principe! Meu principe! Porque desobedeceste outra vez?... Não precisas ir até lá. Eu trago aqui a chave do céu. Toma-a e vai. Lembra-te de teu pai que dentro de poucos dias estará completamente cego si não voltares com o papagaio. Nunca exijas mais do que te derem. Sê prudente e tem fé. Vai, porque não te aparecerei agora.

— E quem és tu que assim me segues e proteges?

— Sou a alma daquêle pobre cujo cadaver estavam espancando e cujas dividas pagaste.

O principe Doré, profundamente agradecido, despediu-se do moço dos cabelos brilhantes e partiu outra vez para o Reino das Espadas.

Pelo caminho examinava a chave do céu. Era uma chave simples, de ferro fundido. Nela liam-se as seguintes palavras: **"Pureza e humildade. Constância e sinceridade. Abnegação e caridade. Fé e piedade".**

O principe leu, releu e disse:

— Tudo isso quero praticar. Quero ser bom entre os bons, para que digam: o principe é um santo.

Falava nêle a vaidade. E assim pensando, chegou ao Reino das Espadas.

Aí mostrou a chave aos guardas e os guardas, então, quizeram dar-lhe a espada de prata. Mas o principe que esquecêra todos os bons propósitos porque não rezára e não os fizera com o coração posto em Deus, dominado pela vaidade e pela ambição, apoiado no poder da chave, exigiu que lhe dessem a espada mais rica do Reino.

— Mas nós seremos prejudicados si tal fizermos. Seremos réus e condenar nos-emos infalivelmente, — disseram os guardas.

— Isso pouco me importa. Entreguem-me a espada, ou matá-los-ei.

Os guardas relutaram. O principe matou-os e levou a espada mais rica do Reino.

O mesmo fez o principe no Reino dos Papagaios. E rumou, depois, contente, para a casa de seu pai. Ia imaginando as histórias que contaria, quando do bolso lhe caiu a chave do céu. O principe sentiu logo a falta da chave, mas pensou com seus botões:

— Agora tenho tudo. Sou o principe mais rico do mundo. Não vale, pois, a pena procurar uma chave de ferro fundido. Si precisar, mandarei fundir outra.

E prosseguiu calmamente sua viagem.

Mas, ao chegar a uma picada, assaltaram-no alguns gatunos e o mataram e roubaram, deixando seu corpo exposto aos animais carnivoros.

(Continúa no fim do numero)

OS DOIS COELHINHOS

LEVY ROCHA

ERAM dois coelhinhos bonitinhos; um branco da côr da neve e o outro preto como o carvão.

O branco era arteiro demais, brigador com os seus irmãos, fujão de casa e desobediente. O preto era bomzinho, obediente e muito comportado. Só tinha um defeito: a gulodice. Nisso, não havia quem o vencesse. Quando comia, não pensava em deixar para os outros, querendo sempre o melhor para si. Uma vez, bebeu tanto leite, mas tanto, tanto, que até perdeu a côr, ficou branquinho como a própria bebida. Ao dar pela história, tornou-se triste, a princípio, mas lembrando, depois, que poderia enganar a mãe, enquanto ela não descobrisse, cometendo as mesmas faltas do irmão, fugindo enquanto êle estivesse em casa, e fingindo inocência quando o acusassem de qualquer culpa, rápidamente se alegrou. E correu para se comparar com o mano, para ver se estava mesmo igualzinho, mas este, como nos outros dias, fugi... para a vadiagem. Resolveu então esperar. De tardinha, já na hora de dormir, apareceu um coelhinho preto e êle logo que o viu ficou preocupado, pensando: será que aconteceu também alguma coisa com o meu irmãozinho? Logo que o tal se aproximou, êle, o coelhinho que era da côr da noite escura, perguntou:

— Quem é você?

— Ué! sou o seu irmão, então não está me reconhecendo?

— Como eu o poderia reconhecer si você era tão branquinho e agora me aparece da côr do fundo de panela?! Onde é que você andou?

— Eu é que não posso concordar que você seja meu mano. Si não fosse êsse capote eu nem teria respondido à sua pergunta. Vamos, comigo não aconteceu nada, apenas estive brincando o dia inteiro num monte de carvão e me sujei desta maneira, mas isto não é nada, vou tomar um banho e você verá que eu sou eu mesmo; mas, que aconteceu com você?!

Então o coelhinho guloso contou o seu caso enquanto o irmão se banhava, gastando o sabonete inteirinho sem clarear um tico.

— Como é que vai ser agóra? — pensavam os dois, quase a chorar.

— Há um jeito — lembrou o preteado — vamos fingir que não aconteceu nada até enjoarmos de passar um pelo outro. Depois, você vai rolar no carvão e eu tomo indigestão de leite para ganharmos a nossa côr de verdade.

E foram dormir, porque já estavam com sono.

Acontece que era no dia vinte e quatro de dezembro, véspera do Natal.

Os coelhinhos estavam tão preocupados com o que aconteceu com êles que nem se lembraram da grande data, e dormiram. De madrugada, veio Papai Noel com o saco de brinquedos, pé-ante-pé, para não acordar os dois, que roncavam.

Chegou, arriou o saco pesadão e começou a coçar a barba: "Que presente havia de dar para cada um?" Lógo raciocinou: — "Bem, para o pretinho, que é bom, obediente e comportado, eu vou deixar êste cineminha e este rádiozinho, mas para o branco... Huum... este é vadio, fujão, arteiro e brigador, não merece presente!

— E foi-se embora.

De manhãzinha, quando os dois acordaram, viram o presente e se lembraram do Natal, começaram a pular de contentes, mas o coelhinho que ficára branco pela manía de comer tudo sózinho, com gulodice, não encontrando nenhum presente para êle, começou a chorar e quis logo correr para o monte de cartão mas o outro o interrompeu, dizendo:

— Não convém correr, porque eu resolvi não mudar mais.

Deus me livre de passar por mau! Que adianta a liberdade de andar átôa, para ser chamado por tôda gente de vadio?

Agora eu vou ser bom; estude outro meio!

Mas o coelhinho, coitado, não encontrava meio nenhum de resolver a sua situação e só sabia era derramar mais lagrimas.

Porém, uma fada que tinha ouvido a conversa, apareceu e disse:

— Coelhinho que nasceu da côr da neve, você promete ser bom de verdade, por tôda a vida?

— Ora, se prometo! — respondeu êle.

— Então você está chorando átôa! — disse a fada, para o outro. — Não vejo mudança nenhuma na côr em vocês! Olhem mais na luz, abram a janela!

Abriram e ao se olhar viram que a fada tinha razão.

Aumentando ainda a alegria do pretinho, o branco regenerado entregou-lhe os presentes, dizendo:

— Toma, são teus, por merecimento.

No ano que vem também terei os meus.

E os dois cresceram sempre bons e foram sempre felizes.

DESLEALDADES

— É hoje! E' hoje! Hei de tirar nota melhor do que a de Álvaro! — pensava Mário, de si para consigo, numa alegria mal contida.

Alvaro, por um motivo qualquer, não tinha tido tempo para resolver os problemas que o professor passara na véspera e como era o primeiro aluno da classe, estava aborrecidíssimo.

Mário ia aproveitar a ocasião. Não lhe convinha que Alvaro se apresentasse sem o trabalho, pois, explicando-se, seria de certo desculpado pelo mestre, por ser essa a primeira vez que faltava ao dever.

Depois de alguma tergiversação, Mário aproximou-se do colega e disse-lhe:

— Olhe, não há razão para você estar triste. Resolvi todos os problemas. Pode copiá-los e não perderá uma nota otima na série das suas, nem deixará de agradar ao mestre. Hein? Não seja tolo!

Não sem relutância, devida aos escrúpulos de seu caráter leal, Álvaro deixou-se infelizmente vencer pelas insinuações de Mário.

A hora da aula de problemas, corrigidos já todos os trabalhos, o professor, como de costume, começou a dizer as notas. E cousa estranha!, Álvaro tinha tirado nota muito baixa e Mário a melhor de tôdas!

Enfim! Enfim, pela primeira vez, conseguia êste suplantar o colega!

Como se explicaria o fato? Pois se Álvaro tinha copiado os roblemas de Mário! Alguma denúncia? Não, de certo. Não era possivel; ninguém tinha visto cousa alguma do que se passara e, demais, nesse caso, o professor não haveria de deixar tudo em silêncio.

E' que Mário, ao perceber que Alvaro não tinha resolvido os problemas, fizera, à pressa, uma cópia do seu trabalho, onde substituíra algarismos, de propósito, nos cálculos, e esta cópia é que apresentara a Álvaro. Contudo, à hora do recreio, fingindo-se admirado e aborrecido, foi dizer a Alvaro, que comia tristemente a sua merenda:

— Ora, Álvaro! Que pena! Como é que você foi enganar-se tanto ao copiar os problemas?

Álvaro, porém, cuja sagacidade o levara a tudo advinhar, mas que se calara por bondade, respondeu:

— Enganar-me ao copiar?! Eu?! Meu engano foi outro, muito diverso...

— Como?

— Ter acreditado em sua lealdade...

Mário enrubesceu, mas fez-se de desentendido. E nunca mais se falou nisso.

Nenhum castigo, porém, é tão severo como o da conciência. Mário andava pesaroso, cheio de remorso e vergonha. Não tinha coragem de pedir perdão a Alvaro, mas sentia que não voltaria a ficar satisfeito consigo mesmo, se não fosse perdoado. Andava sempre cabisbaixo e distraído, retirado dos colegas. Via-se mais ou menos desprezado por todos êles, porque, afinal, tinham vindo a saber do seu máu procedimento.

Um dia, não pôde mais conter-se: procurou Álvaro, falou-lhe do seu arrependimento. Álvaro passou-lhe o braço pela cintura, bondosamente, e disse:

—Sempre fui e sou seu amigo. Afinal, meu caro, em rigor, também tenho culpa no cartório, também tenho do que me arrepender e mereci aquela nota ma, pois não deveria consentir em ser desleal para com o mestre, para com meus outros colegas, para comigo mesmo, apresentando um trabalho copiado...

Foi bom que me acontecesse o que me aconteceu... Ficou-me na conciência bem claro que a deslealdade é uma feia mancha no coração. Sejamos bons amigos, corretos em tudo.

LUIZ GONZAGA FLEURY

A PROMESSA DOS SETE PATINHOS

DONA Pata, que passava os dias a lavar as roupas dos filhos, enquanto lavava cantava assim:

"Meu Deus, até quando
passarei a vida
lavando e lavando?

Porque Dona Pata possuia nada menos de sete patinhos, todos êles muito bonitos e pequenos. Tôda a gente dizia que dava gôsto vê-los, e até Dona Pata, que muitas vezes brigava com êles por serem pouco asseiados, sentia orgulho quando todos os elogiavam.

Mas isso não sucedia sempre, e naquele dia a boa senhora estava de muito mau humor.

— Vejam só que filhos tenho! Passam o dia deitados no chão, sujando-se e depois sou eu quem sofre as consequências, lavando e lavando!

Os sete patinhos se aproximaram em fila e, ocultando-se, para que a mãe não os pudesse ver, puseram-se a observá-la.

— Quando compreenderão êsses garôtos — ela prosseguiu, falando consigo mesma — que é muito feio e anti-higiênico andar sujo?

Além do mais, ignoram o sacrificio que representa para mim ter que lavar tudo isto...

E quasi chorando Dona Pata continuava a se lamentar.

Os sete patinhos olhavam uns para os outros, sem saber o que dizer. E não sabiam, também, o que fazer, quando novamente ouviram a voz materna.

— Bem sei que todos êles me querem muito e que, embora travêssos, são bons. Às vezes me fazem zangar por gôsto, sem saber o quanto sôfro quando ralho com êles.

Os patinhos se tornaram a olhar, cada vez mais confusos e envergonhados.

— Eu não sou o piór de todos — murmurou um.

— Nem eu — disse outro.

— Nem eu...

— Nem eu...

E, assim, os sete trataram de se convencer de que, na realidade, não tinham a culpa. Mas o que primeiro havia falado, e que na realidade era o mais sériozinho e compenetrado, murmurou:

— É inútil que tratemos de nos acreditar bons, quando não o somos.

Todos temos a culpa de que nossa mãezinha sôfra e passe o dia lavando o que nós sujamos.

Porque si...

— Tens razão — disseram os outros.

— Nêsse caso, que levantem os bicos aqueles que estiverem arrependidos e prometam formalmente se portar bem.

Sete bicos se levantaram ao mesmo tempo.

Então os sete patinhos, em fila, rodearam Dona Pata e se ajoelharam diante dela.

— Mãezinha — disseram em côro — vimos prometer à senhora que de hoje em diante nos portaremos bem e não sujaremos mais nossas roupas.

E, assim como prometeram, cumpriram.

Como todos possuiam muito bom coração e não podiam ver Dona Pata sofrendo, daí por diante foram sempre patinhos exemplares. Mal se sujavam, corriam êles próprios para a agua, para se lavar. E a mamãe não teve mais que ir para a beira do tanque, lavar e lavar...

O BRASIL é um índio forte,
de enduape à cinta e de cocar à testa,
que espreita, levemente, o nascer da alvorada,
e sai para pegar o sol, que é um "sangue de boi"
que fugiu da gaiola verde da floresta...

É o Brasil, que no íntimo das matas,
bebe a água dos límpidos regatos,
e de joelhos no chão, reza no céu tranquilo
que se debruça azul na Lagôa dos Patos...

É o Brasil das tardes sonolentas,
é o Brasil dos mulungús
erguendo para o céu as corolas sangrentas!
É o Brasil das grimpas e das grotas,
das cachoeiras e das quêdas dágua,
é o Brasil dos bandos de gaivotas...

É o Brasil manchado de ouro pelo pau darco
e de sangue pelos cardos nús,
que são chagas abertas
nas mãos oblongas dos mandacarús!

É o Brasil da pororóca, que ruge
como uma explosão tremenda de pedreiras
que se esfacelam tôdas!
É o Brasil que nunca fez o mal,
é o Brasil de alma grande e boa
que dizem ter sido achado ao léu, jogado àtôa,
descoberto por Alvares Cabral...

É o Brasil que da lombada dos cerros
atira para o céu flechas de sol
e planta tacapes de luz na ponta dos penedos!

É o Brasil do estouro da boiada...

É o Brasil dos pássaros risonhos,
que de alma sossegada
reconduz ao pastor a ovelha tresmalhada
de todos os rebanhos...

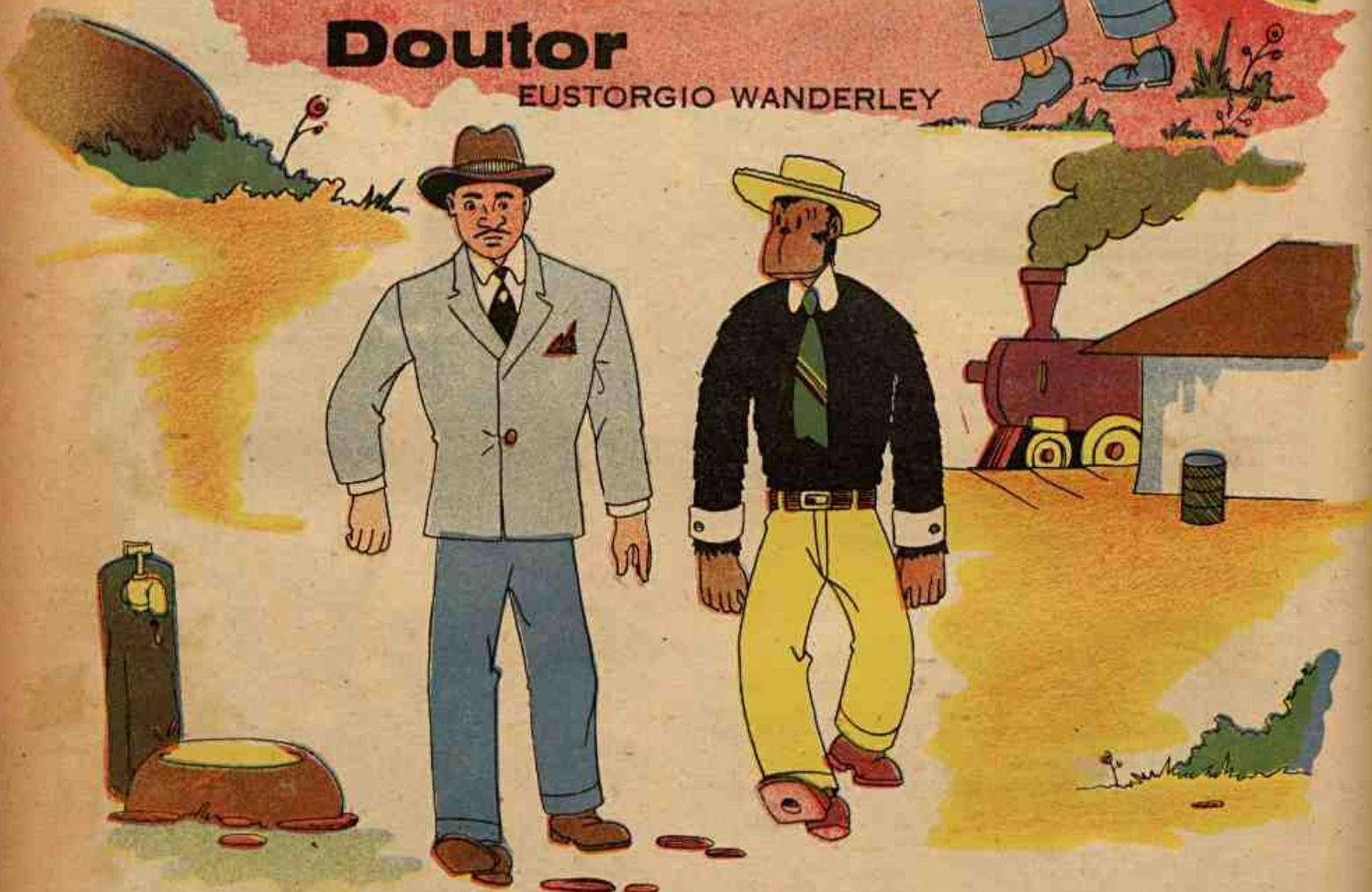
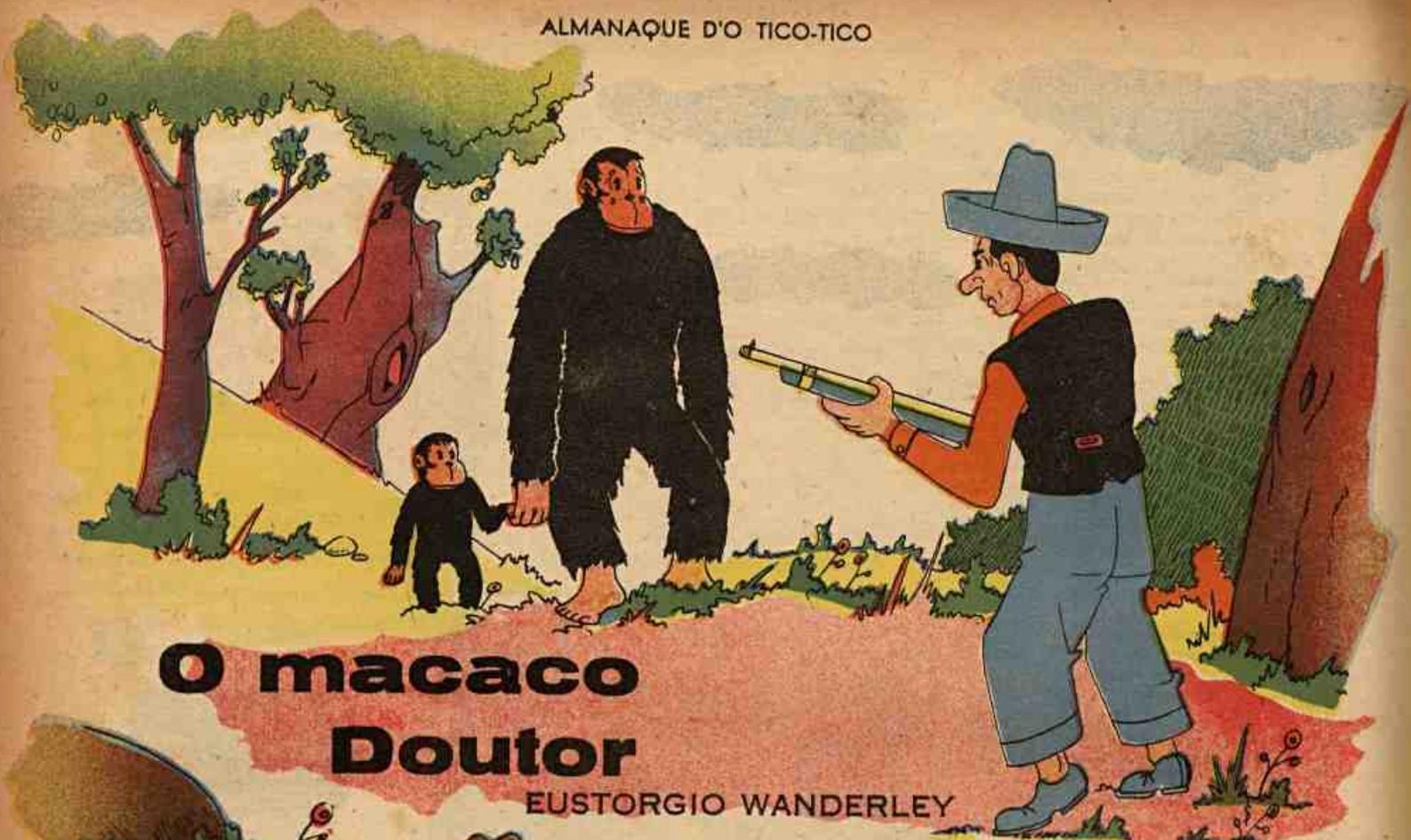
É o Brasil tresnoitado,
que nas noites enluaradas
vibra pela alma sertaneja
na bôca das violas...
É o Brasil que nasceu dentro do ouro,
que tem no coração das florestas bravias
o tesouro
das minas de prata de Robério Dias...

É o Brasil que tem um céu límpido como a sua alma...
é o Brasil do firmamento azul,
que tem no esplendor das noites consteladas
cinco estrelas no céu:
o Cruzeiro do Sul!

É o Brasil que não temeu nem teme,
que mostra para o céu de mãos crispadas,
do bandeirante audaz Fernão Dias Paes Leme
a luminosa ganga de esmeraldas!

É o Brasil de cocar à testa
e enduape à cinta,
é o Brasil sadio e forte,
que já pintou de sangue o solo, como tinta,
e nunca recuou ante a sombra da morte!

O macaco Doutor

EUSTORGIO WANDERLEY

AINDA muito pequenino, o macaco fôra apanhado na mata por um caçador que, diante do gesto da macaca, suplicando-lhe, quase, que não matasse o macaquinho, seu filho, se limitou a carregá-lo vivo, dando-o depois para criar a um médico que usava experimentar certos medicamentos, vacinas e outros, — nos macacos, pela semelhança do organismo desses quadrúmanos com o organismo do homem.

Aquele macaquinho, porem, era muito inteligente e o doutor teve pena de o sacrificar à ciência, não lhe inoculando o germe de nenhuma doença, poupando-o às suas experiências.

Pela sua docilidade o macaquinho vivia sôlto no consultório do médico, seguindo, muito atento, os movimentos do esculápio e, não poucas vezes, procurando imitá-los, com essa tendência para a imitação nata nos macacos, dando origem ao verbo "macaquear" sinônimo de imitar.

Alguns meses se passaram e o macaquinho crescera, coincidindo isso com a ida do médico para o campo,

afim de gozar umas férias ao seu constante trabalho. Levou consigo o macaco.

Chegando ao campo, e vendo a mata igual áquela onde nascera, o macaco sentiu a nostalgia da liberdade e fugiu para o arvorêdo.

Sua chegada causou admiração a todos os demais bichos, surprêsos pelas suas habilitadades.

Os animais da mata raramente adoecem. Vivem de acôrdo com a natureza e "morrem de velhos", isto é, quando, naturalmente, gastos pelo tempo, seus orgãos deixam de funcionar.

Acontece, entretanto, que uma queda inesperada, ou o ferimento de algum espinho, os fazem sofrer.

Foi o que sucedeu ao tatú, que se feriu em uma das patas dianteiras ao escavar, fortemente, o chão.

O macaco, ao saber disso, lavou o ferimento, e lhe aplicou umas compressas de água fria, imitando tudo que vira o doutor fazer aos seus clientes em tais casos. O tatú ficou bom e o sucesso do macaco foi completo.

A fama da sua habilidade se espalhou pelos quatro cantos da mata e começaram a afluir doentes.

Alguns, de fato, enfermos, outros, porém, doentes imaginários.

Animado pelo primeiro sucesso, o macaco atreveu-se a abrir a barriga do porco do mato que era um dos tais doentes imaginários.

Tendo comido demasiadamente sentiu violentas dôres no ventre e se queixou ao "doutor" macaco.

Armado de um pedaço de osso cortante e ponteagudo o macaco furou e cortou a barriga do porco "para ver onde estava a dor", provocando forte hemorragia que trouxe a morte do comilão.

Diante daquele insucesso o macaco fugiu, não querendo mais ser "doutor"...

A moralidade desta fábula é que "ninguem deve se atrever a praticar aquilo que não sabe, e tambem que os comilões são sempre castigados pelo seu feio máu-habito.

Fôrça de vontade

JANJÃO era um menino preguiçoso e pouco dedicado aos estudos.

O professor déra-lhe um problema de arítmética para resolver, em casa, mas, como êle era máu aluno, encontrou grande dificuldade.

Tentou a primeira vez. Não deu certo. Desanimou. Foi para o fundo do quintal e deitou-se em baixo de uma árvore.

Estava distraído, olhando para os bichinhos do capím, quando sua atenção foi despertada por um passarinho, muito bonito, que procurava levar no bico um raminho sêco. Mas o fardo era muito pesado.

O passarinho conseguiu levantar vôo a uma pequena altura, mas teve que retroceder, pois não suportou o peso do ramo.

Êle está construindo um ninho, pensou Janjão. E, novamente, o passarinho levantou vôo, levando no bico o ramo sêco. Desta vez, conseguiu ganhar mais altura, porém deixou caír outra vez o fardo que era muito pesado.

— Que teimosía, disse Janjão. Êle já viu que não póde com a carga, e está perdendo tempo, atôa...

Porém o passarinho voltou novamente e, cheio de ânimo, tomou o ramo no bico, levantou vôo e, talvez ajudado pelo vento, ganhou mais altura e continuou voando em direção ao ninho.

Janjão se pôs a refletír, e ficou envergonhado da sua fraqueza.

— Eu também vou tentar, quantas vezes forem precisas, e hei de resolver o meu problema!

E tanto fez, que encontrou a solução!

Naquele mês, o seu boletim estava cheio de notas ótimas!

HINO DA INDEPENDÊNCIA

LETRA DE AUTORIA DE
EVARISTO DA VEIGA

Já podeis, da Pátria filhos,
Vêr contente a mãe gentíl:
Já raiou a Liberdade
No horizonte do Brasil.

Côro:

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Revoavam sombras tristes
Da cruel guerra civil;
Mas fugiram apressadas
Vendo o anjo do Brasil.

Côro.

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Mal soou na serra, ao longe,
Nosso grito varonil
Nos imensos ombros, logo,
A cabeça ergue o Brasil.

Côro.

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Não temais ímpias falanges
Que apresentam face hóstil,
Nossos peitos, nossos braços,
São muralhas do Brasil.

Côro.

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Parabens, ó Brasileiros!
Já com garbo varonil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil.

Côro.

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Os Reis Magos

NO mesmo tempo em que um anjo anunciava aos pastores de Belém o nascimento do Salvador, uma estrêla extraordinária aparecia aos povos do Oriente.

Três principes, geralmente designados pelo nome de *Magos* ou *sábios*, compreenderam que êste astro maravilhoso era a estrêla profetizada por Balam e anunciava o nascimento do libertador de Israel. E logo puseram-se a caminho, seguidos de numerosa companhia, para apresentar-lhe suas homenagens.

Guiados pela estrêla, chegaram a Jerusalém e perguntaram: — "Onde está o rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrêla no Oriente e viemos adorá-lo".

Esta notícia causou grande perturbação ao rei Heródes e a tôda a cidade de Jerusalém. Chama os magos e os interroga com cuidado; reúne depois os doutores da lei, intérpretes das santas Escrituras, e por êles sabe que o Messias deve nascer em Belém.

Heródes então dissimula suas criminosas intenções e envia os magos a Belém: — "Ide, disse-lhes, informai-vos exatamente e quando encontrardes, vinde participar-mo para que eu vá também adorá-lo".

De novo os magos se puseram a caminho; a estrêla que se ocultára à sua entrada em Jerusalém, reapareceu e ia diante dêles guiando-os até o lugar onde se encontrava o Menino Jesús. Entraram na gruta e encontraram Jesús com Maria, sua mãe; prosternando-se, adoraram-no, e depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes ouro, incenso e mirra.

Alguns dias depois os piedosos viajantes voltavam ao seu país, mas sem passar por Jerusalém, pois que receberam em sonho uma ordem do céu para não ir ter com Heródes.

Todos os anos, no dia 6 de Janeiro, a festa da *Epifania* nos recorda a visita dos magos ao Menino-Deus.

A DILIGÊNCIA É A MÃE DA FORTUNA — *CERVANTES*

OS GRANDES EPISÓDIOS DA MARIZ & BARROS

ESTAVAMOS no ano de 1866. O Brasil se encontrava em guerra com o Paraguai, governado pelo tirano Solano Lopez, cujos sonhos de domínio continental levaram-no a provocar a tremenda luta que, durante cinco anos de penosos sacrifícios, perturbou a paz americana.

A esquadra brasileira, sob o comando supremo do almirante Marquês de Tamandaré segue para o bombardeio do forte de Itapirú e reconhecimento do rio Paraná, enquanto o exército combatia em Corrientes. Mariz e Barros, que já recebera o cognome de "Invulnerável", teve o comando do "Tamandaré".

O bravo marinheiro realizou admiráveis feitos nesse serviço de reconhecimento. Com seu entusiasmo de moço, atirou-se ao perigo, sem receiar as consequências. Desafiava a morte, animado pelo seu grande amor ao Brasil. Bateu se com o forte de Itapirú, "cuja guarnição o desafiava de sôbre o passadiço, onde, vermelho de entusiasmo, Mariz e Barros dava incessantemente voz de fogo".

O "Tamandaré" e o "Brasil" enfrentavam sozinhos aquele forte paraguaio, desde 10 horas até às 16. A luta assumia proporções épicas. Os nossos canhões caiam sôbre a cidadela inimiga, causando-lhe estragos formidáveis. A esta altura, os paraguaios silenciaram o fogo, dando a impres-

NOSSA HISTÓRIA

O HERÓI DO "TAMANDARÉ"

são de que a vitória dos brasileiros era incontestável. Os navios então, retiraram-se do local das operações.

Mariz e Barros ansiava por levar ao comando em chefe a notícia do êxito da luta. Súbito, uma granada cái sôbre o "Tamandaré", penetrando pela portinhola da casamata e "leva em estilhaços as correntes que a defendiam e as converte em outros tantos projéteis que, recochetando, dentro, nas paredes da casamata, ferem 34 pessoas".

O heróico comandante do "Tamandaré" estava tomando as providências que o momento exigia, quando outra bala o atinge, estraçalhando-lhe uma das pernas. Conduzido para o hospital de sangue, instalado a bordo do "Onze de Junho", Mariz e Barros vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica pelo Dr. Carlos Frederico. E' necessário cortar-lhe a perna.

O intrépido marinheiro recusa o clorofórmio. Pede um charuto e, com o mesmo estoicismo, o mesmo sangue frio tantas vezes demonstrado em face ao inimigo, submete-se à dor da operação, sem um gemido, sem uma contração.

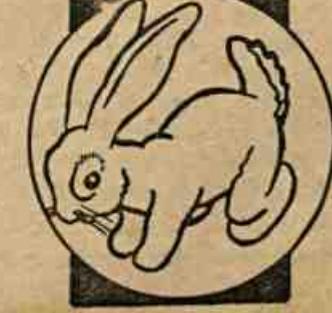
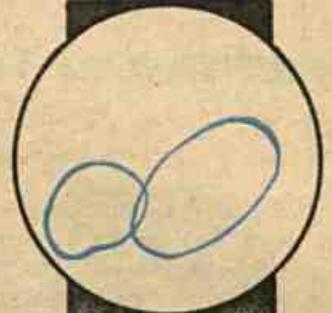
A 26 de março de 1866, o bravo comandante do *Tamandaré* viu chegar seu derradeiro momento. Ninguem mais dorme, no hospital marítimo, mas ninguem se atreve a interromper o silêncio de uma dôr muda e de uma esperança sufocada. Só o guerreiro descansa do peso da sua armadura. Abriu os olhos. Falou... Sente que é chegada a hora da sua jornada infinita. E diz:

— Mãe... esposa... filhos... amigos... nunca vos esquecerei... Meu pai... sempre honrei o teu nome.

E sorriu com o sorriso de conciência, lançou um último olhar em torno de si, como que se despedindo do teatro de sua glória e partiu, caminho da eternidade, levando ùnicamente do mundo as palmas virentes dos seus triunfos e a corôa imarcessível do gênio que sempre lhe ornou a fronte de herói".

O 1.º tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros era filho do almirante Joaquim José Inácio, Visconde de Inhaúma. Nasceu a 7 de Março de 1835. Tomou parte na campanha do Estado Oriental, na luta contra Aguirre. Era condecorado com a Ordem da Rosa e a do Cruzeiro. Possuia também a cruz da "Legião de Honra", da França.

O nome de Mariz e Barros é um simbolo da Marinha de Guerra do Brasil. O destino não quiz que êle chegasse a ser um almirante e nem a possuir um titulo de nobreza, como seu pai. Mas, na galeria dos Marcílio Dias, dos Greenhalgh, êle resplandece como um exemplo a marinheiros e almirantes, um grande exemplo de intrepidez, de heroísmo, de audácia, de patriotismo.

AMÉRICO PALHA

NOITE SANTA

CONTO DE SELMA LAGERLÖFF

NAQUELA noite um pobre saiu a implorar auxílio, batendo de porta em porta:

— Socorrei-me boas almas! Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso de acender o lume para aquecer minha esposa e o pequenino. Dai-me um pouco de brasa, pelo amor de Deus!

Mas era alta noite. Tôda a gente estava a dormir, e ninguém lhe respondia. De repente o homem avistou, ao longe, um clarão, e, caminhando para lá, encontrou uma fogueira acesa, e à volta dela um rebanho de carneiros brancos dormindo, e um velho pastor a guardá-los, também mergulhado no sôno.

Quando o homem que andava em busca de brasas chegou ao pé dos carneiros, a bulha dos seus passos acordou três canzarrões que dormiam aos pés do pastor. As largas bôcas dos rafeiros abriram-se; mas nenhum som saiu delas. O homem notou que o pêlo dos ferozes animais se eriçava e que as suas presas aguçadas luziam ao clarão da fogueira. E logo se atiraram assanhados contra êle. Um abocou-lhe uma perna, outro a dextra, e o terceiro segurou-o pela garganta; mas as mandíbulas dos molossos ficaram inertes, e o homem não foi mordido.

Quis êle, então, aproximar-se mais do fogo, para de lá tirar algumas brasas. Mas os carneiros eram tantos e estavam deitados tão juntinhos, que não havia como passar por entre êles. Foi-lhe forçoso pisá-los para avançar; e nenhum dêles acordou, nem se mexeu.

Quando o homem chegou ao pé da fogueira, o pastor, que dormitava em sua enxerga de peles, ergueu-se impetuoso e irado. Era criatura ruim e mal encarada. Ao vêr ali o desconhecido, agarrou, lesto, enorme pedra e arremessou-a contra êle. O perigoso seixo partiu direito ao homem; quando ia, porém, atingi-lo, desviou-se e foi espatifar-se no chão.

Unindo os pontos numerados pela sua ordem, de 1 a 27, você completará o desenho e verá porque a menina vem correndo, e para onde se dirige.

Então o homem, aproximando-se do pastor, falou-lhe assim:

— Compadece-te de mim, amigo, e deixa-me levar algumas brasas.

Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso acender o lume, para agasalhar minha esposa e o pequeno.

O primeiro impulso do pastor foi o de uma recusa cruel; pensou, porém, nos cães que não tinham ladrado nem mordido, nos cordeiros que não tinham fugido, na pedra que não tinha querido ferir o homem. E sentiu um terror vago, indefinível.

— Leva o que quiseres — respondeu, sêcamente.

Ora, o lume estava agora quase a apagar-se. Nem ramos a arder, nem achas grandes. Só havia um monte de brasas miúdas, e o homem não tinha pá, nem qualquer outra coisa em que pudesse levá-las. Ao ver isto, o pastor repetiu:

— Podes apanhar as brasas que quiseres!

Mas no íntimo regozijava-se, maldoso, ao ver que o homem não poderia levar um braseiro nas mãos nuas. Mas o outro abaixou-se, afastou as cinzas, tomou de uma porção de carvões incandescentes e pô-los numa aba esfarrapada da túnica. E as brasas não lhe queimaram a veste e ficaram a brilhar nela como rútilos rubis. E o desconhecido partiu.

O pastor, vendo tudo isto, disse consigo:

— Mas, que noite é esta, em que os cães não mordem, e os carneiros não se espantam, e a pedra não fere, e as brasas não queimam?

Foi ao encalço do homem e interrogou-o.

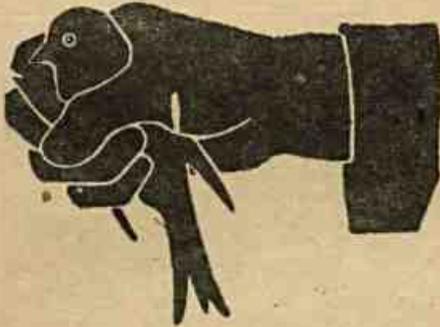
— Que noite é esta, em que até as próprias coisas se mostram inclinadas ao amor e à piedade?

O homem respondeu:

— E' a noite de Natal, meu amigo. Jesús, o Salvador, acaba de nascer.

QUEM SE HUMILHA É SEMPRE EXALTADO

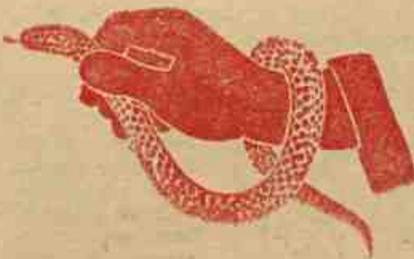
E' preciso saber segurar os animais

MUITAS pessoas não se atrevem a segurar em animais, pela mais simples das razões: porque não sabem como pegar. Mas não há ninguem que se não possa vêr alguma vez no caso de ter que agarrar algum e, por conseguinte, a arte de segurar qualquer irracional, que as circunstâncias nos ponham entre as mãos, é

mais necessária do que se poderia supôr.

E' arte que devem conhecer a dona de casa, o médico, que para os seus estudos necessita de certos animaisinhos dos que se empregam

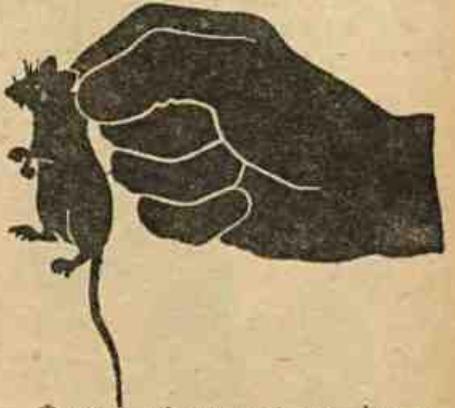
na vivissecção; o caçador, se por acaso se apodera de um animal vivo; o simples amador de canários,e tc., etc..

São poucos os amigos dos gatos que saibam como hão de agarrar êstes simpáticos felinos para não lhes fazer mal nem deixar que êles o façam. Geralmente agarra-se-lhes pela péle do pescoço ou pelas patas dianteiras, processos ambos que impelem o animal a fugir. A verdadeira forma de agarrar um gato consiste em lhe pôr a mão debaixo do ventre, de modo que êste descanse sôbre a palma aberta, enquanto o dedo polegar se aplica sôbre um costado do gato, os dois últimos dedos sôbre o costado oposto, e o indicador e o do meio sôbre o peito.

Seguro desta maneira, o gato rarasv ezes tenta fugir; encolhe apenas as patas trazeiras para se suster melhor, enquanto deixa pender indolentemente as dianteiras.

Desta mesma forma se podem agarrar os cães pequeninos. O processo de agarrar a pêle do pescoço deve reservar-se para os coelhos. E' muito frequente agarrar êstes pelas patas; mas dêste modo, se o coelho tiver verdadeiro empenho em se livrar, pode chegar a virar-se para traz e a morder aquele que o leva ou, pelo menos, dará umas sacudidelas, até conseguir fugir.

O mesmo processo usado para os coelhos deve ser usado para os ratos.

As gravuras desta página são, entretanto, tão claras, que dispensam muitas explicações.

Elas nos ensinam como segurar, em caso de necessidade, um pombo, um canário ou outro pássaro de pequeno porte, um galo — ou galinha — e até mesmo uma cobra. Está claro que não basta saber como se agarra ou segura: é preciso ter visto fazer, ter experiência. No caso da cobra, por exemplo, é *assim* que se segura. Mas para chegar a essa posição é preciso saber como aqui, afim de não ser picado por ela.

Êsses ensinamentos nos levam, todavia, a outro bem mais importante: não devemos nunca segurar um animal de modo que lhe causemos dôr, mal estar ou raiva.

Os animais são sensiveis e merecem que sempre os tratemos bem.

MALTRATAR OS ANIMAIS É INDICIO DE MAU CARATER

UM policial recebeu do Chefe de Polícia 6 fotografias do mesmo ladrão, em poses diferentes, para que o procurasse e prendesse.

Poucos dias depois, enviou ao chefe uma parte, que dizia: "Recebi as fotografias dos 6 bandidos. Já prendi 5. Os outro, está difícil...

HORA DE RECREIO

Era uma vez...

Um avarento. Tão avarento, que usava óculos mas olhava por cima dos vidros, para não os gastar...

Um surdo-mudo que usava luvas de box para dormir. Fazia isso porque estava habituado a "falar" com as mãos e não queria falar dormindo...

Um escritor que escreveu um "Tratado do cultivo da coragem" mas não tinha coragem de procurar editôr para o livro...

— Que quer dizer esta fórmula: H dois SO quatro?
— Eu... eu... tenho aquí na ponta da lingua...
— Então cuspa depressa! E' ácido sulfurico e queima sua bôca!

Confundiram...

EM um salão os convidados resolveram divertir-se jogando prendas. E organizaram um jogo. O "jogo da cara feia". Aquele que fizesse a cara mais feia, ganharia um prêmio que foi combinado antes.

Tôda a gente fazia força para ganhar. Era tanta careta feia, horrivel!!

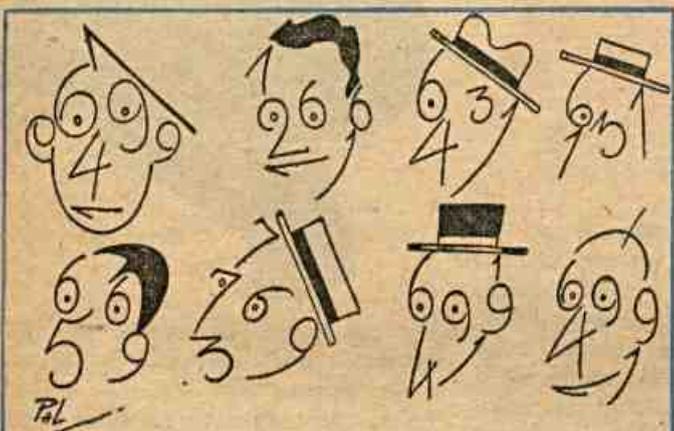
Por fim, o rapaz que devia dar o prêmio se encaminhou para uma velha que estava a um canto e disse:

— O prêmio é seu. A senhora ganhou!

E aí senhora, furiosa, levantou-se e disse:

— O senhor está enganado! Eu não estava na brincadeira! Esta cara é a minha de sempre.

Com um lapis vá cobrindo os riscos brancos inúteis, até ficar só a figura.

Estas caras tôdas são feitas com algarismos. E vocês, querendo, poderão imaginar outras mais, ainda. E' só ir combinando uns algarismos com os outros.

Juquinha está elogiando o pai, que é pintor.

— Papai pinta tão bem, que fez um retrato de titio, *tão parecido que o tem que tirar da moldura todos os dias, para fazer-lhe a barba!*

QUE AMIGO!

Queixava-se Emilio de Menezes, certa vez, ao alfaiate Almeida Rabelo, de não poder comparecer a certos lugares por falta de um fraque.

—E aquêle com que você andava há tempos? — indagou o alfaiate.

— Êsse não presta mais; não tem botões.

— Pois, traga o fraque, que eu lhe prego os botões — propôs Almeida Rabelo.

Dias depois aparecia Emilio na alfaiataria, com um embrulho pequenino que arrancou da algibeira:

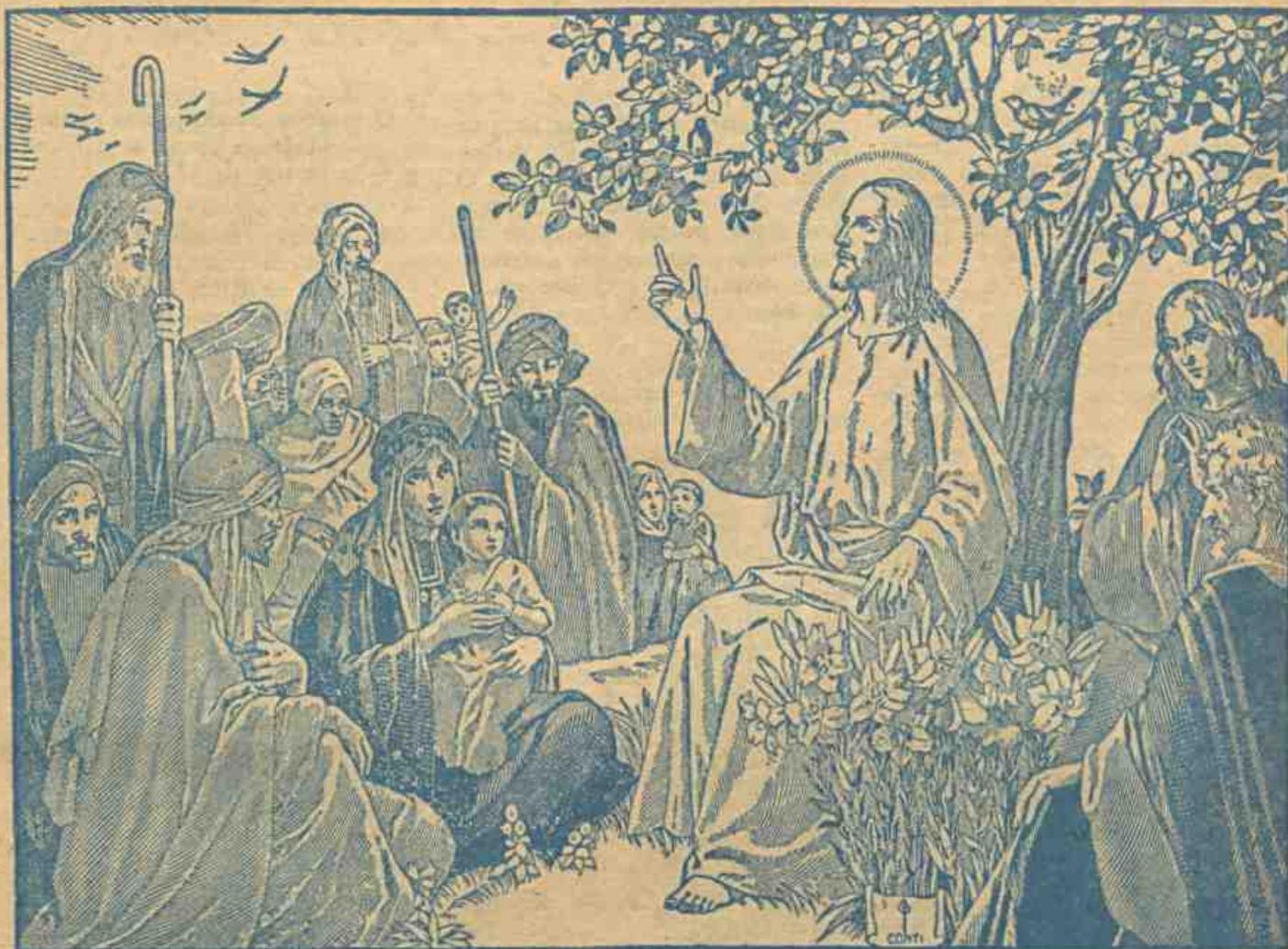
— O' Rabelo — chamou.

E, dando-lhe o embrulho:

— Prega-me um fraque nestes botões, sim?

Qual das crianças é a dona da "panqueca", que caiu em cima do armário?

Procure encontrar, seguindo os fios.

Êle!

Antonieta Alves Santos

Doce como as auroras de Setembro;
pálido como os lírios de novembro;
êsses lírios dulcissimos, nevados,
que despontam no dia dos Finados,
tinha em Sí, mais fragrância, mais ainda,
que as folhas novas da palmeira linda!

Desde ao nascer, angelical, sorrindo,
lançou olhares de inocente amôr,
tanto a Gaspar e Baltasar — que lindo! —
como ao culposo e negro Melchior!
Por tôda a vida, a reis ou pobrezinhos,
a bons ou maus, repleto de afeição,
com todos repartia iguais carinhos,
com todos repartia o coração!

Olhava: o seu olhar tinha doçura!
Falava: a sua voz tinha magia!
Sorria: o seu sorrír tinha ternura!
Êle — justo e feliz — resplandecia!

Êle curava os cegos e os dementes;
Êle evangelizava almas descrentes;
Êle perdoava, qual nenhum mortal
soubera conceder perdão igual!

Por Êle, a sedutora Madalena
fez-se uma santa cândida, serena!

Êle apontára ao povo deshumano
a piedade do Bom Samaritano!

Êle ensinou o Amôr, a Caridade!

Revelou tôda a sua Perfeição,
amando o encanto da Simplicidade,
sendo Operário como os pobres são!

Êle fez o que os Sábios reunidos,
desde o início do mundo não fizeram!
em termos novos, nunca proferidos,
disse mais que os Filósofos disseram!

Tendo cumprido as leis do Seu Destino,
Êle, aos céus ascendeu envolto em luz,
porque não era humano, era Divino:
JESÚS!!!

O primeiro português que pôs o pé em terra, por ocasião do descobrimento do Brasil foi Afonso Ribeiro, criado de D. João Tello, que vinha a bordo para ser degredado na Índia. Foi a 25 de Abril de 1500.

Os primeiros brasileiros que foram a Portugal, foram dois tupiniquins que Gaspar de Lemos levou para aquele reino. Gaspar de Lemos foi o homem que Pedro Alvares Cabral mandou ao seu rei, com a notícia do descobrimento.

A primeira *Bandeira* que penetrou no interior do Brasil foi dirigida por Pero Lobo, com 80 homens, enviada por Martin Afonso de Souza, em 1531.

A primeira Santa Cas de Misericordia que se fundou no Brasil, foi na vila de Santos, hoje cidade. Fundou-a Braz Cubas, em 1543.

A primeira capital que teve o Brasil foi a cidade da Bahia, fundada por Thomé de Souza em 1549.

O primeiro bispo que teve o Brasil foi D. Pedro Fernandes Sardinha. Chegou à Bahia em 1542.

A primeira epidemia de que há notícia no Brasil, foi a que acometeu os Tamoios, do Rio de Janeiro, em 1556. Morreram para mais de 800.

A primeira pessoa que os portugueses enforcaram no Rio de Janeiro foi o francês Jean Bolés. O Padre Anchieta (diz um historiador) para poupar sofrimento ao condenado, ensinou ao carrasco como devia fazer, pois êste era... calouro.

Os primeiros cavalos que chegaram ao Brasil, vieram importados de Cabo Verde. Custava, cada um, doze mil réis.

As primeiras esmeraldas do Brasil foram achadas por Garcia Rodrigues Pais, em Novembro de 1683.

A primeira obra que se fez com o ouro do Brasil, foram duas medalhas, uma para o capitão-mór da capitania do Espirito Santo, João de Velasco Molina, e outra para Antonio Rodrigues Arzão, em 1693.

O primeiro terremoto que se sentiu na cidade da Bahia, teve lugar a 4 de Janeiro de 1724.

A primeira sociedade literária que houve no Brasil foi a que se estabeleceu na Bahia em 1724, sob o titulo "Academia Brasilica dos Esquecidos".

O primeiro recenseamento que se fez no Brasil foi em 1776.

O primeiro chefe de polícia do Brasil foi o desembargador Paulo Fernandes Vianna, com o título de Intendente Geral da Policia do Rio de Janeiro em 10 de Maio de 1808.

A primeira linha de vapores que se estabeleceu no Brasil, foi a de navegação entre a Côrte e Niterói, que começou a funcionar em 1835.

Os primeiros camelos importados para o Brasil, foram mandados vir pelo Sr. José Ferreira Lobo, fazendeiro do Rio de Janeiro, em 1830.

A primeira estrada de ferro que se inaugurou no Brasil foi a de Mauá à Raiz da Serra, em Abril de 1854. Por ter sido iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, êste recebeu o titulo de Barão de Mauá.

A primeira fábrica de pólvora que teve o Brasil foi estabelecida na fazenda de Rodrigo de Freitas, onde é hoje o nosso lindo Jardim Botânico.

UM ELEFANTE AGRADECIDO

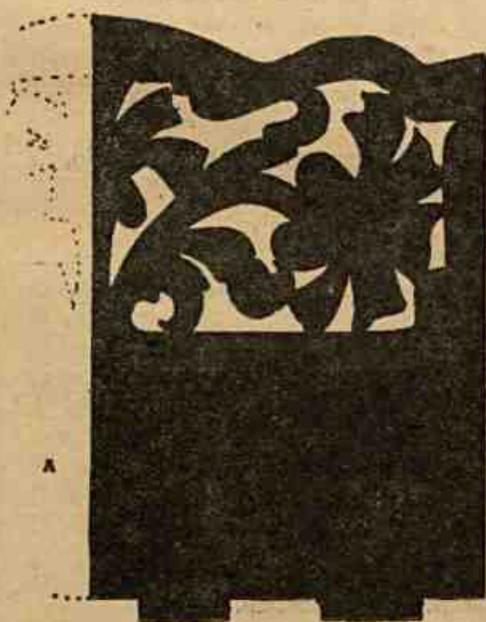
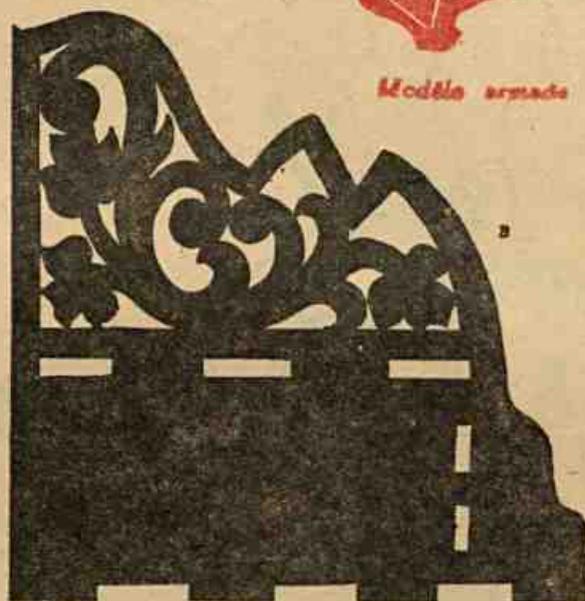
GANHOU COMIDA E PAGOU O BENEFICIO

FABRIQUE O SEU "PORTA-CANETAS"

COM papelão forte, ou madeira apropriada, de acôrdo com os moldes que aqui oferecemos, vocês podem fazer um lindo "porta-canetas". Depende de paciência e habilidade.

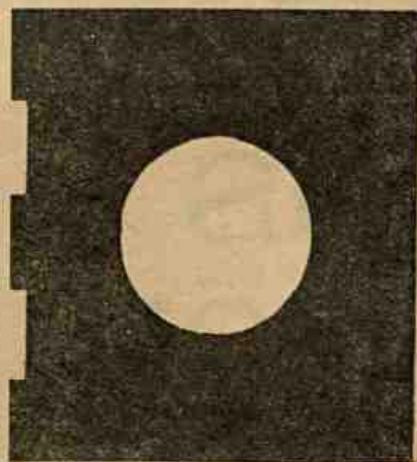
Compõe-se da parte de trás, A, que deve ser duplicada (só está aí a metade, vejam bem !); as laterais B, que devem ser duas (aí só está uma); a base C, que também deve ser completada (é só a metade); a dianteira D (que está completa e o tampo E (que deve ser duplicado, repetindo-se o orifício para o tinteiro).

O calado, isto é, os recortes devem ser feitos cuidadosamente com um canivete bem afiado .

Modêlo armado

Na Avenida

Um homem vai pela Avenida e, a certa altura, quase é atropelado por um auto.

— Eh ! — grita êle ao que vai guiando. — Você não sabe dar sinal?

— Dar sinal eu sei — diz o outro. — O que ainda não sei é dirigir direito !

TÔDA TEIMOSIA DEVE TER UMA FINALIDADE ÚTIL

UMA BELA PÁGINA DA POESIA PORTUGUESA

OS BOIS

DE

AFONSO LOPES VIEIRA

OS bois! Fortes e mansos os boisinhos
— leões com corações de passarinhos!

Os bois! Os grandes bois, êsses gigantes,
tão amigos, tão úteis, tão possantes!

Vêde os bois a puxar pelas estradas,
aquelas pesadíssimas carradas...

O corpo dêles, com o esfôrço, freme,
e o carro geme, longamente geme...

O carro geme, geme longamente
e os bois vão a puxar cansadamente...

E à noite, pela estrada tão sozinha
O carro geme, geme e lá caminha...

e parece, na noite, envolta em treva,
que é o carro a chorar por quem o leva...

Vêde o boi a puxar à velha nora
que parece também que chora, chora...

A nora chora, e o boi cansadamente
anda à roda, anda à roda longamente

e parece na tarde êrma que expira
que é a água a chorar por quem a tira...

Mas vêde os bois, também nessa alegria
de trabalhar na terra à luz do dia!

Vêde os bois a puxar o arado agora,
que o lavrador conduz p'lo campo fóra!

E um canto de amor no ar se espalha
E' a terra a cantar por quem trabalha!

O arado rasga a Terra, e os bois, passando,
com seus olhos a vão abençoando...

Sem as suas fadigas e canseiras,
não teriam florido as sementeiras!

E sem a sua fôrça, e a sua dôr,
não estava rindo a Terra toda em flôr!...

E por onde os bois lavraram
as fontes frescas brotaram,
as árvores verdejaram,
os passarinhos cantaram,
as flores lindas floriram,
os campos reverdeceram,
os pães cresceram
e os homens sorriram!

KOMANTARÍ E SÃO SEBASTIÃO

(Por Frei LUIZ PALHA O. P.)

KOMANTARÍ meu velho amigo! Velho cristão Karajá... Nosso Senhor já o levou. Havia sido chefe de aldeia. Renunciando ao posto de comando o velho vivia agora na "aldeia" de *Uachuré*.

Respeito assim para o missionário mostrava como não vi em nenhum outro indígena. Tinha afeição ao padre, que chamava invariavelmente "Papai".

Fazia-se bem entender em português. De natural loquaz era interessante palestrador. Fôra êle que me contára várias lendas karajás, com pormenores marcados de observador perspicaz.

Levou-me certa vez, em viagem de desobriga até São Vicente, na sua tosca embarcação de tronco de cedrohi. Passâmos em Santa Isabel, arraial situado ao pé de grande cachoeira. Fui à igrejinha, e lá, como é praxe ao missionário, para a instrução cristã da alma do selvagem, mostrava-lhe diversas imagens dos santos, a propósito lembrando-lhe alguma verdade da fé.

De súbito Komantari estanca. E franziu os sobrolhos. Avistára a estátua de São Sebastião cravejado de setas. Fica com pena. E, quando vem a saber que é a imagem do seu Padroeiro de batismo (êle se chama Sebastião) carrega o semblante ainda mais, e dá repetidos muchochos de despeito e quase de raiva contra os máus que atiraram tanta flecha em seu "São Sebastião", em Bastião como êle diz.

— "Ah! papai, me diz êle, arfando de emoção, ah! papai, isso foi kaiapó! Ah! êsses kaiapós!"

O kaiapó é a raça inimiga do Karajá, inimiga de sempre, de convicção, de morte. E na ocurrência, a idéia de flechas malvadas evoca na mente karajá do meu Komantari a idéia da fereza dos seus inimigos de sempre.

— "Ah! kaiapós!"

Não sei bem se Komantari teria muito entendido as razões do martírio do grande taumaturgo militar, tais como eu lh'as disse... Sei que a pena foi grande no Sebastião Komantari pelo sofrer que havia suportado São Sebastião.

E resmungando e mal humorado Komantari se foi repetindo entre dentes:

— "Ah! diabos! Se eu estivesse lá, vocês não teriam feito isso!..."

Que São Sebastião tenha recebido amorável a homenagem do seu pupilo Karajá.

Meu velho amigo Komantari já não vive. Já Deus o levou. Nosso Senhor tenha na sua glória êsse pobre Karajá cristão que foi bondoso e corréto amigo dos missionários.

> Tens tempestade? E' que semeaste ventania.
> Planta roseiras: terás rosas noite e dia...
> MARQUES DA CRUZ

> Em tudo o que de belo e bom o mundo tem,
> Uma só cousa excede as mais — fazer o bem.
> MARQUES DA CRUZ

Com o verbo PÔR

Oferecemos aos nossos leitores a seguinte curiosidade que prova até que ponto os linguistas teem sabido pôr em atividade a sua inteligência.

Apoiando-nos no verbo pôr, temos que:

A galinha — põe
O homem — propõe
O vaidoso — antepõe
O operário — compõe
O teimoso — contrapõe
A testemunha — depõe
O químico — decompõe
O industrial — expõe
O intriguista — indispõe
O intrometido — interpõe
O ajuizado — repõe
O orgulhoso — sobrepõe
O caluniador — supõe
O ladrão — transpõe
O viajante — ultrapõe
E... Deus — dispõe.

Foi Jesús Cristo!

Julia Lopes de Almeida

QUANDO a serva desceu à fonte para lavar as visceras da ovelhinha matada pelo seu senhor, deixou-lhe cair, por descuido, o coração no caminho.

Aconteceu que logo por alí passou um bando de rapazes que se pôs a jogar com êle atirando-o ao ar, ou fazendo-o rolar pelo chão aos ponta-pés. Eis que, em um dêsses arremeços, surgiu diante dêles, como por encanto, um moço de olhos tristes que lhes disse:

— Com um coração não se deve brincar!

Riram-se os adolescentes retrucando que êsse era dum bicho irracional e não teria servido por isso jamais de abrigo a sentimentos que o dignificassem.

— Vêde, — disse o homem, suspendendo entre os dedos o coração e mostrando-o aos rapazes atônitos.

O pobre músculo já encarquilhado e denegrido, fizera-se transparente como cristal e iluminado por uma doce luz interior. Os desgostos porque tinha passado apareciam agora nêle representados por pequeninas imagens vivas e expressivas: recem-nascido, tiravam-lhe o leite que lhe competia, para darem aos filhos das mulheres; ainda pequena caminhára por montes e vales atraz da mãe até o campo em que, à sua vista a mataram e em que ela ficou balindo, desesperadamente a dôr da sua orfandade; depois, já adulta, no rebanho, a doida impressão de vêr o cão do pastor a que se afeiçoára lutar com um lobo em sua defesa até ser arrastado pela féra montanha acima; e a tristeza de assistir aos máus tratos inflingidos ao carneiro bravo, seu amigo, e as caminhadas forçadas para o curral, quando o seu gosto seria ficar pascendo ou dormindo sôbre a relva cheirosa; e as tósas a que a submetiam e que a deixavam a tiritar; a aquela continua ameaça de morte que a fazia recuar espavorida diante de qualquer gesto dos guardas até que a arrastaram definitivamente para o matadouro...

Tinha ou não tinha sofrido o coração da ovelha?

Comovidos os rapazes ergueram os olhos e viram que o homem dos olhos tristes tinha a fronte circundada por um hálo luminoso... E, como desaparecesse como tinha aparecido, os pequenos ajoelharam-se compenetrados:

— Foi Jesús Cristo! Foi Jesús Cristo!

Na Escola

— Quantas patas tem o cavalo?
— Quatro.
— Muito bem! Logo, o cavalo é um quadrúpede! E você, quantos pés tem?
— Dois.
— Portanto, você é...
— Maria Tereza...

O princípio de ARQUIMEDES

Arquimédes nasceu em Siracusa, no ano 287 A. C.; foi, em Alexandria, discipulo de Euclides, o geómetra. Voltando à sua cidade natal, Arquimédes tornou-se célebre por numerosas descobertas. Em geometria, achou a expressão da superficie e do volume dos corpos redondos (esfera, cilindro...); em mecânica atribue-se-lhe o parafuso sem fim, as rodas dentadas..., êle estabeleceu a relação da alavanca cujo poder multiplicador ilimitado compreendeu, pois pôde dizer: "Dai-me um ponto de apoio e eu suspenderei o mundo". Estudou o equilibrio dos liquidos e é no seu "Tratado de corpos flutuantes" que

Arquimédes — (Busto existente no Museu de Nápoles).

se acha o enunciado do princípio de seu nome. A descoberta do princípio de Arquimédes é relatada da seguinte maneira:

Hieron, tirano de Siracusa, tendo feito executar uma corôa de ouro pelo seu ourives, desconfiou que êste substituira uma parte de ouro por um peso igual de prata. Perguntou a Arquimédes como verificar a substituição, sem prejuizo da corôa. Absorvido por êsse problema, Arquimédes viu, num clarão, a solução do mesmo, sentindo o impulso da água, impulso tanto mais forte quanto maior fôr o volume; — a prata, com maior peso, ocupa maior volume que o ouro — a prata sofrerá impulso maior.

Cheio de alegria, Arquimédes pulou da banheira e precipitou-se pelas ruas de Siracusa, gritando: "Eureka! Eureka!" (achei), exclamação que se tornou proverbial.

CANTO DA JUVENTUDE

Manoel Bandeira

Juventude brasileira,
Trabalhai de coração
Pelo esplendor da bandeira,
Pela glória da nação!

Companheiros, cantai a beleza,
A virtude, a constância, a energia:
Se estais tristes, cantai na tristeza!
E se alegres, cantai na alegria!

Juventude brasileira,
Trabalhai de coração
Pelo esplendor da bandeira,
Pela glória da nação!

Os sentidos fazei-os escravos!
Não temais os caminhos mais duros.
Ponde os olhos no exemplo dos puros!
Ponde os olhos no exemplo dos bravos!

Juventude brasileira,
Trabalhai de coração
Pelo esplendor da bandeira,
Pela glória da nação!

Defendei-vos do orgulho insensato.
Se vencerdes, triunfai com brandura.
Se sofrerdes, sofrei com recato,
E se amardes, amai com ternura!

Juventude brasileira,
Trabalhai de coração
Pelo esplendor da bandeira,
Pela glória da nação!

Batalhai pelo solo fecundo
Onde abristes os olhos à vida:
Pátria, terra mais bela do mundo!
Pátria, mãe respeitada e querida!

Juventude brasileira,
Trabalhai de coração
Pelo esplendor da bandeira,
Pela glória da nação!

Prefiro obedecer!

SKETCH INFANTIL

de Regina Melillo de Souza

PERSONAGENS: MARGARIDA E LÚCIA

(*Ao subir o pano, Margarida está em cena, e estuda a cartilha*)

MARGARIDA (soletrando) — Re-mo... Ra-mo... Ra-to... O rei toma rapé...

LÚCIA (entrando) — Margarida! Você não vem brincar? Estamos esperando!

MARGARIDA — Agora não posso, Lúcia. Mamãe me mandou estudar.

LÚCIA — Que pena! Estamos brincando no jardim, sabe? O Pedrinho, o Paulo e a Joaninha também vieram. Vamos jogar uma partida de barra a bola. Só falta você...

MARGARIDA — Gostaria muito de ir, mas preciso obedecer à mamãe...

LÚCIA — Tenho uma idéia. Vou pedir à sua mãe, que a deixe brincar!

MARGARIDA (esfregando as mãos de contente) — Então vá depressa, Lúcia!

LÚCIA — Volto já. (sai.)

MARGARIDA — Oh! estou tão satisfeita!... Quando os primos estão em casa, tenho tanta vontade de brincar... Eu gosto de estudar, lá isso é verdade. Quando eu crescer, quero saber ler e escrever como a mamãe... Mas é tão bom brincar!... Depois, ainda sou pequena. Tenho tempo para estudar e aprender.

LÚCIA (entrando) — Margarida!

MARGARIDA (anciosa) — Você pediu?

LÚCIA — Está tudo resolvido...

MARGARIDA — Que bom!...

LUCIA — Venha. Vamos brincar!

MARGARIDA — Você falou com a mamãe?

LÚCIA — Não falei, mas tudo se arranjou.

MARGARIDA — Não compreendo...

LÚCIA — Procurei falar com a sua mãe. Não a encontrei. A empregada me disse então, que ela está na sala, com algumas visitas...

MARGARIDA — E então?

LÚCIA — Voltei. Para que melhor ocasião? Você brincará conosco e ela não saberá de nada!

MARGARIDA — Oh! isso não!

LÚCIA — Por que?

MARGARIDA — Porque não costumo desobedecer à minha mãe!

LÚCIA — Mas a sua mãe não saberá de nada, Margarida. Você brincará um pouquinho só. (Toma-lhe a cartilha das mãos.) Venha!

MARGARIDA — Não... Não posso ir. Gostaria muito de brincar com vocês, mas prefiro obedecer.

LÚCIA (com raiva) — Você só me fez perder tempo. Se não quer mesmo brincar, fique sozinha aí... (sai.)

MARGARIDA (pensativa) — Sim... eu poderia brincar. Mamãe de nada saberia. Mas Deus que tudo vê ficaria triste comigo. Eu cometeria um pecado, desobedecendo à mamãe... (Olha pela janela.) Estão todos no jardim... Divertem-se... Mas eu devo estar mais contente do que êles. Fui corajosa! Mostrei à Lúcia que sei obedecer. E dei um bom exemplo! (suspirando). Gostaria tanto de brincar! Mas não faz mal. Prefiro obedecer! (Senta-se, e abrindo a cartilha, continúa a soletrar enquanto o pano desce lentamente.) O ra-to roeu a ra-pa-dura... O rê-mo é de pau...

CURIOSIDADES DO CALENDARIO

O ano comum — que não é bissexto — termina sempre no dia da semana em que começou.

•

OS dias de Natal e Ano Bom são sempre os mesmos dias da semana.

•

NENHUM século póde começar em quarta-feira, sexta-feira ou sábado.

•

DE 28 em 28 anos os calendários são iguais, e as datas cáem nos mesmos dias da semana.

•

FEVEREIRO, Março e Novembro começam no mesmo dia da semana.

•

ÁGUA

A água é mais necessária à vida do que os alimentos. Cêrca de dois terços do peso total do corpo são representados pela água. Muitos alimentos, em natureza, possuem elevada quantidade de água (pepino, 96%; tomate, 94%; cenoura e leite 88%; carne, 77%; espinafre, aspargo, 993%; couve-flôr, 92%; brocolo, 90%).

•

O GULOSO

— *Ah, pai! Isso eu não quero! Quero um homem inteiro!!*

A CAUSA

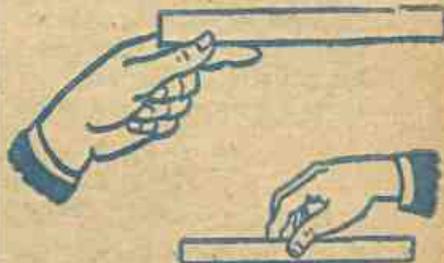
BASTOS TIGRE

— Por que motivo o cão agita o rabo?
Pergunta Mr. Show, um grave inglês,
A um sujeito que arrota orgulho e gabo
De saber tudo e fala como três.

— Ora, (diz êste) sem maior exame
Dou-lhe a razão mais clara do que o dia:
Se o cão o rabo agita, espanta enxame
De moscas que a arrelia.
Claríssimo, pois não?

— Perdão!
Torna sorrindo Mr. Show; mas, quando
Moscas não há e nem sequer mosquitos,
Vê-se o cão agitando
Da mesma sorte o rabo!
— Devéras é exquisito,
Torna o sujeito, e, de um minuto ao cabo,
Confessa, francamente,
Que não acha razão mais concludente.
— Pois o motivo eu vô-lo dou,
Diz Mr. Show
Fleugmàticamente:
Pelas leis da mecânica se explica
Êste fato, comum aos animais,
Que no caso do cão se verifica:
O cão agita o rabo porque é mais
Pesado do que o rabo... eis a razão.
Se o contrário se désse e se o animal
Fôsse mais leve do que o rabo, — a conclusão
Era fatal —
Seria o rabo, então,
Que agitaria o cão...

Você é esperto?

Aqui estão duas provas curiosas para se medir a esperteza de alguém... Primeira: recorta-se uma tira de cartolina de 20 centímetros por 5 de largura, e pede-se à "vítima" que a coloque

em pé, como indica a figura menor Claro que é difícil, mas... a solução você mesmo encontrará à página 140...

A outra prova é realizar o desenho que aqui está, sem levantar

tar o lapis do papel. Está cruel, não é mesmo? Mas a solução está, também, à página 140, e depois de olhar para ela você dirá que é fácil...

— Mamãe fale com o papai, que eu também quero brincar um bocadinho!!

O DEVER É GOSTAR DO QUE SE TEM DE FAZER — GŒTHE

HINO NACIONAL

Letra de OSÓRIO DUQUE ESTRADA
Música de FRANCISCO MANUEL DA SILVA

I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu risonho e límpido

A imagem do Cruzeiro resplandece.
Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores.
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores",

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde-louro dessa flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

NEGÓCIOS DE GATOS

AQUI estão dois problemas sôbre gatos. Você gosta de gatos? Pois, então, veja se os resolve. Tente solucioná-los por si, raciocinando cuidadosamente. Si, por acaso, não acertar, procure a solução na pagina 140 dêste Almanaque.

PRIMEIRO PROBLEMA

Dois gatos caçam dois ratos em dois minutos. Quantos gatos são precisos para caçar seis ratos em seis minutos?

SEGUNDO PROBLEMA

Seis gatos caçam seis ratos em seis minutos. Quantos gatos são precisos para caçar sessenta ratos em sessenta minutos?

A RECOMPENSA DO PAGÉ

NA misteriosa Amazônia, há muitos anos, uma grande tribu de índios era senhora de vastas terras, onde estranjeiro nenhum, branco ou índio, ousava pôr os pés.

Eram um povo valente, guerreiro e indomável, e suas malócas estavam cheias de troféus.

Em plagas visinhas, também habitando vastas extensões outra tribu vivia do seu trabalho livre em plena selva, plantando, pescando, caçando.

Eram inimigas irreconciliáveis. E de tempos a tempos seus guerreiros se enfrentavam, em combates violentos, sem que tais batalhas decidissem sôbre qual deveria ser senhora absoluta da terra banhada pelo Rio Mar.

Certa vez, após uma dessas refregas, foi feito prisioneiro um velho pagé.

Apiedou-se dêle, entretanto, a filha do Morubixaba. Seu coração jovem se encheu de dó pela sua velhice. E a moça índia não sossegou enquanto não veio, alta noite, à prisão, para libertá-lo, afim de que voltasse à sua taba e ali vivesse em sossêgo seus últimos dias.

O pagé, uma vez livre, quiz saber qual o maior desejo daquela que lhe trazia a liberdade.

— Sou feia... — queixou-se a índia. Gostaria de ser bela, de encantar com a minha presença. De que me serve ser a filha do Morubixaba, de que me serve ser boa e ter bons sentimentos, se ninguém me quer, por não ser bonita?

— Não fales assim... — disse o pagé. Os bons sentimentos valem por si sós tôda a beleza da terra. Mas, sendo moça, é justo que desejes ser bela... Hei de te mandar, rio abaixo, algumas flores. Elas te darão a beleza por que anseias.

Ensinou-lhe, então, o segredo daquelas flores. E, curvado para o chão, pelo peso dos anos, partiu.

DIAS depois, vogando rio abaixo, uma piroga veio encalhar na ribanceira onde as jovens índias se costumavam banhar. Não trazia passageiros: estava cheia de flores.

A filha do Morubixaba reconheceu naquilo o cumprimento da promessa do velho. Apanhou as flores e extraiu delas, como lhe fôra ensinado, o suco, que era como um leite. Usou-o no rosto, nos braços, no colo. E o milagre se realizou! Aquelas flores eram as Flores de Colônia, que dão origem ao "Leite de Colonia", o afamado aformoseador da cutis, que remove manchas, renova o frescôr natural e estimula a vida da pele, usado hoje por todas as pessoas que desejam ter aspecto agradável e atraente.

Leite de Colonia
PARA O EMBELEZAMENTO DA MULHER
LABORATORIOS LEITE DE COLONIA STUDART & CO.
MANAOS - RIO
LABORATORIOS STUDART

A PRINCESA DÁLIA

Conto de

CECILIA MARIA DO AMARAL PRADA

Selecionado no Concurso de Contos d'O TICO-TICO.

TODOS invejavam a princesa Dália. Era bonita: cabelos côr de ouro, olhos azul do céu, tez alva e rosada. Era rica: os seus domínios estendiam-se a perder de vista por campos férteis, onde cantavam os trabalhadores colhendo as espigas douradas. Era poderosa: a suas ordens estavam centenas de sérvos que, por ela, arrostariam perigos imensos, transporiam montanhas altíssimas e combateriam dragões em antros infernais. Seu palácio era magnífico, tinha vastas salas, móveis dourados, tapetes e estofos riquíssimos; seus trajes eram suntuosos, bordados a ouro e prata e engastados de pedras preciosas. A sabedoria e o talento lhe sobejavam. A ricos e a pobres, a poderosos e humildes, a todos, enfim, era motivo de inveja. Mas não era feliz; quantas e quão dolorosas lágrimas não derramava na solidão da noite, ao lembrar que também tivera a ventura de ser mãe e que não mais estava ali com ela o querubim amado!... Raptara-o uma fada má e o levara para bem longe... Debalde o haviam procurado servos e soldados: tudo havia sido inútil!...

O marido de Dália havia morrido já, e ela se conformára amando o filho. E agora nem êsse lhe restava!...

. . . .

Numa noite em que chorava tristemente, apareceu-lhe numa nuvem dourada, resplandecente de luz, linda em seu manto verde, a fada Esperança, e assim lhe falou:

— Eu sou a Esperança, a fada que conforta o coração humano na dôr e o faz ditoso, o bálsamo que cura as feridas da alma. Combato o Desespero. Acalma-te e ouve: "Teu filho não morreu; parte em busca do castelo do Gigante Sacrifício, e aí ser-te-ão dadas notícias dêle".

E desapareceu.

Dália ergueu-se radiante, vestiu-se ricamente, mandou preparar sua melhor carruagem e, seguida por numerosos servos, pôz-se a caminho.

Ao avistarem gente, os criados, pressurosos, indagavam se não conheciam o castelo do Gigante Sacrifício. Alguns respondiam não conhecer tal castelo; outros, porém, afirmavam que seguindo sempre aquele caminho haviam de chegar a uma estrada, pela qual alcançariam o castelo.

Passaram-se alguns dias. Quando raiava a madrugada fresca do décimo dia de viagem o séquito parou diante de uma estrada estreita e cheia de espinhos, em cujo umbral lia-se: "Estrada do Sacrifício".

Dália desceu da carruagem, resolvida a continuar o caminho a pé, já que a pouca largura da estrada não lhe permitia fazê-lo sinão dêsse modo. Não dera, porém, dois passos quando no meio duma capoeira vizinha surgiu uma horrenda cabeça; parou assustada, enquanto um lampeiro anãozinho pulava na estrada.

— Para traz!... — bradou para a multidão de servos !— aqui não entra sinão essa senhora — e indicou a princesa — com duas escravas fiéis. Mais ninguém.

Os criados, pesarosos, despediram-se de Dália e voltaram para o castelo, aguardando a volta de sua senhora.

As roupas régias da princesa, rasgando-se nas touceiras de espinhos, não tardaram a se reduzirem a farrapos; os sapatinhos de cetim estragaram-se nas pedras e Dália teve de continuar descalça a fatigosa caminhada, pois não permitiu que as sérvas lhe dessem seus calçados.

Como o caminho era longo, só depois de muitos e muitos dias, nos quais sofreram fome, sêde e frio, é que avistaram o belo castelo do Gigante Sacrifício. Mas, para atingi-lo era mistér transpôr um precipício. Dália agarrou-se aos ramos duma árvore frondosa que se achava à beira do abismo e, imprimindo um forte balanço ao corpo, tentou pôr os pés do outro lado; isso, no entanto, não foi tão fácil; só na terceira vez é que pôde conseguir o seu intento; as criadas seguiram-na.

Nos cabelos louros da princesa ficára uma fôlha verde; ao retirá-la uma das sérvas reparou que nessa fôlha havia uma inscrição em letras douradas: "O verdadeiro amôr é o que suporta os maiores sacrifícios".

— Guarda essa fôlha, talvez nos seja útil — observou a princesa.

Foi-lhes de fáto útil, pois ao chegarem ao castelo o guarda pediu-lhes a senha. A criada, apresentou-lhe, então a fôlha e êle, aceitando-a como senha, introduziu as peregrinas num vasto salão onde, num trôno reluzente, achava-se o Gigante Sacrifício.

— Que viestes fazer? — interrogou o colosso com voz grave e solene.

— Sou a princesa Dália, e...

— Não importa dizerdes quem sois. Para mim o valor é sempre o mesmo; seja o sacrifício do mais humilde, como o do mais rico. Que quereis?

— Procuro meu filho. Disse-me a fada Esperança que vós podeis dar-me notícia dêle.

— O filho que procurais foi raptado pela perversa fada do Bosque e por ela encerrado num rochedo à beira do mar. A chave dêsse rochedo está dependurada na corrente que a fada tem ao pescoço. Uma vez que, aberto o rochedo, essa chave seja atirada ao mar, a feiticeira perderá todo o poder sôbre o menino.

— Mas como farei para ter em minhas mãos essa chave?

— Dou à fôlha que vos serviu de senha o poder de adormecer a fada ruim. Vós, fazendo um sacrifício ainda maior do que todos os outros, ireis sòzinha em demanda dêsse castelo maldito. Ser-vos-á fácil tirar a chave, uma vez que tiverdes adormecido a velha; correreis, logo em seguida ao rochedo negro, ladeado por dois carvalhos, na praia a leste dêsse castelo, onde estarão já vossas sérvas. Abrireis, então, o rochedo dando sete voltas, com a chave, para a direita; vosso filho está adormecido dentro da pedra; para o despertar cantareis aquela doce canção que cantaveis quando êle era pequenino: Acorda meu anjo inocente"., porque do contrário êle ficará sempre adormecido!

— E, como devo fazer para chegar até o castelo da fada do Bosque?

— Seguireis pela estrada vermelha que fica à direita do portão principal do palácio; vossas sérvas, para irem à praia seguirão pela estrada da esquerda. Depois que sairdes do castelo do Bosque, em vez de retrocederdes pelo mesmo caminho, atravessareis os campos que ficam atraz dêsse castelo e vos achareis na praia, perto do rochedo.

A princesa agradeceu ao Gigante as informações dadas e pôs-se a caminho.

. . . .

Depois de um trajeto longo e penoso a princesa avistou, finalmente, o castelo do Bosque; foi-lhe fácil penetrar nele, pois a sentinela, um horroroso dragão, dormia profundamente e não percebeu sua chegada.

Dália percorreu salas e mais salas vasias sem encontrar ninguém. Já estava quase desanimando, tinha já certeza de que a bruxa não se achava no castelo quando ouviu rumor numa sala vizinha. Aproximou-se e, olhando pelo buraco da fechadura, pôde vêr a velha cochilando, sentada num tapete no meio do salão; a seu lado, num fogareiro enferrujado, ardiam algumas brasas; a fumaça elevava-se em espirais cinzentas e saía por uma chaminé metálica. Dália, achando oportuna a ocasião, abriu devagarinho a porta e pé ante pé aproximou-se da velha; esta, porém, levantou-se de um salto, tentando agarrar a princesa pelo pescoço. Mas se as fôrças da bruxa eram superiores às de sua adversária, esta, por sua vez, possuia tal agilidade que, desviando-se habilmente, conseguia tornar nulos os golpes da velha. Esta última, per-

(Conclue no fim do Almanaque)

Leda

Leda

minha comida, para ma roubar. Com você aqui, já agora eu não poderia viver tranquilo; assim é que, agora mesmo, rua! E faça o possivel para que eu não torne a vê-lo, nunca mais, em minha casa!

Comepapel, choramingando, exclamou:

— Isto são horas de um rato sair?! Tôda a gente anda lá por fóra! O gato está aí por perto...

— Fóra! — repeti. — Não quero ladrões em minha casa! — Espere, por favor! Espere que venha a noite...

— Nem mais um segundo! — gritei, aborrecido de verdade. Fóra o preguiçoso!

GALOPINHO

CONSTANCIO C. VIGIL

CHAMAM-ME Galopinho, porque ando sempre apressado. Vivo em um buraco que fiz no chão do jardim.

Um dia, recebi a visita de um amigo, chamado Comepapel.

— Tenho que mudar-me — êle me disse — porque no meu bairro já não se póde mais suportar o cheiro de cachorro ratoneiro, e venho pedir-lhe que me deixe ficar em sua casa, ao menos até que encontre outra para ficar.

Respondi que ficasse comigo, uma vez que se portasse decentemente.

Durante a noite saí para meu trabalho, como de costume. Várias vezes entrei e saí, e meu hóspede dormia a bom dormir.

Quando amanheceu, começou a bocejar de fome, mas eu não lhe disse nada. Fingi que dormia e fiquei a cuidar. E então vi, com surpresa, que se dirigia para minha cama, junto à qual havia algumas poucas provisões para eu passar o dia.

Achava-se já muito perto, quando de repente me mexi, e o malandro fugiu e se deitou.

Pouco tempo depois tornou a se pôr de pé, e veio andando para os lados da comida, pouco a pauco, e... ...zás ! fiz um movimento e êle voltou para a cama.

Assim aconteceu várias vezes, até que, por fim, eu me levantei e comecei a falar de coisas diversas e a comer tranquilamente meu lanche.

O máu amigo me olhava de lado e bocejava de inveja e de fome.

Na manhã seguinte tudo se repetiu. Mas na quinta vez que Comepapel se ia apoderar de meus alimentos, levantei-me e lhe disse:

— Ofereci hospitalidade a um amigo e a uma pessoa decente; mas não a um larápio como você, que está aí a morrer de fome por ser preguiçoso. Eu trabalho e procuro com que me alimentar, e você espera que eu traga

Chorando de dar pena, Comepapel saiu de minha casa. O gato estava perto e dormia como dormem os gatos — de um geito que vêem mais que estando acordados... Comepapel hesitou e se decidiu a trepar por um monte de terra afim de passar para o outro lado e se esconder; mas, de repente, encontrou-se ante as terriveis garras... Eu tremia de horror, sem pôr para fóra de casa mais que o olhar... Senti muitíssima pena, mas não havia remédio.

A tôdas as pessoas que são como Comepapel, mais dia, menos dia, acontece a mesma coisa. Não vão para o estômago do gato, mas vão para o cárcere, que é a mesma coisa com nome diferente.

(Do livro Marta y Jorge)

A PESCA DO PERÚ

LUCI, Regina, Cindinho e Zéca, primos amigos que eram, resolviam seus problemas, em comum, sempre que isso era possivel.

Estavam na véspera do Natal, e para os garotos, o problema mais importante era o seguinte: não tinham uma boa ceia para aquela noite, pois a família dêles era muito pobre, e os garotos davam tratos à cabeça com o fito de conseguirem melhorar o rancho.

— Um perú! — exclamou Cindinho, acompanhando a frase com um suspiro e o inevitável lamber de beiços.

— Atè uma perúa servia, não é verdade, Cindinho?

— Deixa-te de gracinhas. Perú ou perua estão muito distantes e parece-me que esta noite nos teremos de contentar com qualquer feijoada, ou uns bifes de caçarola.

— Eu vou ter lagosta — disse a Regina, que sempre teve queda para as grandezas.

— Vai ter, "brisa" — interrompeu Luci, que se aborrecia com as ostentações imaginárias da priminha.

— Não se zanguem, meninas — interveio o apaziguador Zéca — A gente vai dar um jeito, e não seja eu mais o "Zéca Espertalhão" se nós não metermos o dente num perú. Vocês conhecem a Dona Delfina?

— Você espera que ela nos ofereça o bichinho para nossa ceia? Escute, "seu" Zéca — Não estará com febre? Certamente delira

— Não deliro, não — logo mais, quem vai ficar doente, somos nós todos, com uma indigestão de perú de fórno.

— BOAS-Festas, D. Delfina — como tem passado?

— Mas que meninos... — Veem para me pregar alguma peça, ou já ma pregaram?

— D. Delfina: por favor, não pense isso de nós.

— Que é que vocês querem, seus indisciplinados?

— Ora! Viemos desejar-lhe umas festas felizes e, ao mesmo tempo, vêr a sua casa, que é a mais distinta do bairro. Nunca nos cansamos de a admirar. Ainda agora viemos da casa de D. Araci, residência vulgar, que só tinha de engraçado um avestruz, a assar no espeto.

— Um avestruz, Zèquinha?

— Exatamente. Ela nos disse que a alimentação de pessoas distintas, era constituida por animais que geralmente não são utilizados para êsse fim.

— D. Araci é maluca! Eu sempre disse isso.

— Se ela o é, não está sòzinha. A D. Zulmira, mulher do açougueiro, tem jacaré com môlho de "mayonaise" para logo, de noite. A D. Manuela tem uma duzia de araras no fôrno, e a D. Sinhá uma tartaruga. Só a D. Jacinta é que tem perú. Mas, a senhora sabe como ela é...

— Se sei! — Uma sirigaita sem nenhuma elegancia. O marido está farto de ganhar dinheiro e ela vai comer perú!

Ouçam, meninos: eu sei que vocês não são ricos e por isso resolvi dar-lhes um perú assado, que é ave para gente humilde. Vão buscá-lo à cozinha. Adeuzinho.

* * *

O marido de D. Delfina, quasi fica louco! Pois não é que sua "cariosissima metade", queria por fôrça que êle lhe comprasse um elefante, membro indispensável de um circo, afim de que o dito paquiderme figurasse na ceia do Natal, como prato de resistência?!!

E foi assim que os nossos amiguinhos paparam um belissimo perú, graças à vaidade de D. Delfina.

A HISTÓRIA

Texto e desenho de **MAURO QUEIROZ**

NÃO sei se você conhece Lin-Fú. Talvez sim, porque todos aqueles que gostam dos chineses já ouviram falar nêle.

Esta pequena história conta como esse rapaz conseguiu vencer na vida. Vamos ouvi-la.

Lin-Fú é filho do povo chinês, dêsse povo amado que nos tem dado prova de sua sabedoria, de sua coragem, do seu amor pelas coisas belas do mundo.

Seus pais como quase todos os chineses, eram simples e pobres. Tinham muita vontade de ver o filho formado numa das Univesidades da China, porem era para eles impossivel mantê-lo ali. Lin-Fú tinha já feito, com muito custo, os estudos básicos. Agora com seus pais, irmãos e parentes que moravam ali perto plantava e replantava a terra que dava de comer àquela gente.

Os dias rolaram com as chuvas daquela temporada. Todos os chineses teem ótimas e felizes ideias depois dessas chuvas. Assim foi Lin-Fú. No primeiro dia que o sol apareceu para secar o chão, que era lama, Lin-Fú teve uma ideia.

Procurou seu pai, que estava contente em ver um céu tão claro, e disse-lhe o que pensava.

Lin-Fú achava que aqueles objetos de sua casa, que não se usavam mais, objetos simples e comuns para seus olhos obliquos de oriental, seriam curiosos para os olhos dos ocidentais. Aqueles objetos feitos manualmente não tinham, por acaso, feito a fortuna de vendedores de coisas chinesas nos portos do litoral da China?

Convenceu, tambem, sua mãe da verdade daquelas idéias.

A lama ainda não tinha secado quando Lin-Fú partiu. Levava consigo um burro carregado de coisas velhas, coisas que fizeram rir muita gente que morava alí por perto.

Lin-Fú não se importou com os risos e atravessou meia China. Êle e seu burro.

Dificuldades não lhe faltaram durante a viagem. Arranjar o que comer era dificil, porque a China passava por uma crise terrivel.

Mas Lin-Fú, como todos os chineses, soube vencer as adversidades, e lá está êle, em frente de um marinheiro americano, procurando vender a meia dúzia de estrangeiros aqueles exquisitos objetos.

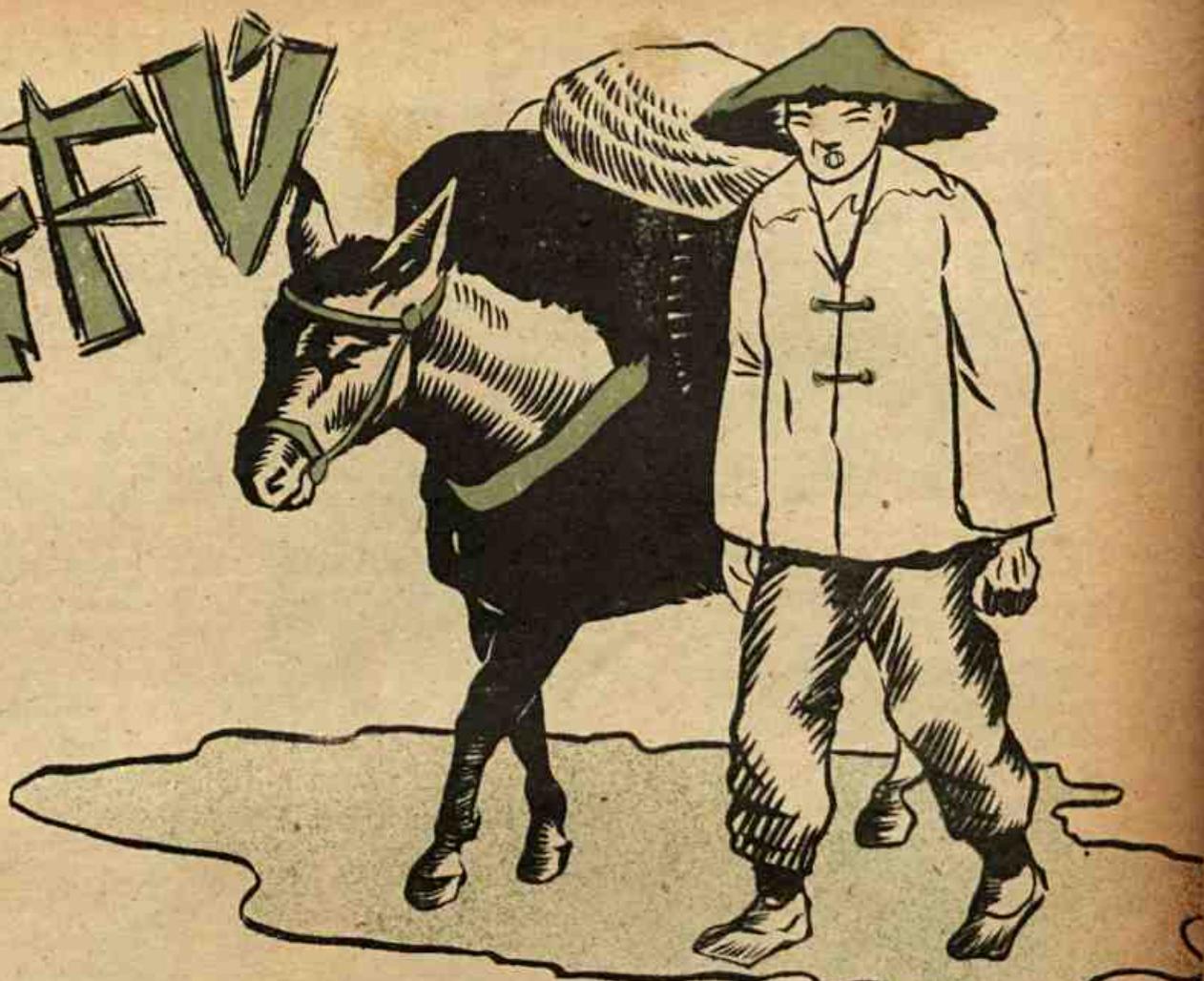
Vendeu-os todos por bom preço. Con-

de LIN-FÚ

seguiu dinheiro que désse para um ou dois anos de Universidade, e imediatamente ingressou numa delas.

Foi assim que o nosso chinês conseguiu se instruir. E' assim que os chineses vão se educando para os dias que virão.

Para você ver, meu menino, que, quando se quer aprender, vencem-se tôdas as dificuldades.

Sirva esta pequena história de Lin-Fú para que você não tenha medo de enfrentar as coisas difíceis que vão aparecendo no meio da vida.

Se um dia você achar difícil dizer uma verdade a seus pais e procurar mentir com medo das consequências, lembre-te de Lin-Fú que venceu coisas piores, e vença, também.

A CARTA

Personagem:

MANOEL

Trajo de operário: blusa, boné. Entra vagarosamente com uma carta na mão.

DE quem será? De minha mãe, talvez.

O mestre entregou-m'a dizendo apenas: "E' tua".

Aqui deve estar o meu nome. Quem o terá escrito? Estas letras Manoel Vicente... e as outras? as que estão dentro? (*Fica um momento pensativo*).

Se eu soubesse ler! Nem posso receber a benção de minha mãe, tenho-a aqui na mão e nunca a descobrirei. (*Rasga o envolucro e põe-se a olhar a carta com tristeza*): Quanta coisa deve haver aqui! Todas as linhas estão cheias, as letras apertam-se como as árvores na mata. Quanta notícia! E eu ando com os olhos como dois cegos perdidos sentindo a multidão, sem poder vê-la e saber o que faz. (*Depois de uma pausa*):

Doença? Ah! meu Deus... estará doente minha mãe!? (*Fita agudamente os olhos na carta*). Há, talvez, nestas palavras, um chamado aflito para que eu vá imediatamente receber o derradeiro beijo e a derradeira benção. Oh! minha mãe...

Mas não é possivel! Meu coração teria adivinhado. Tenho tido sonhos tão lindos e sempre com ela... (*Calmo*): Não, devem ser recados, conselhos... (*Olhando em torno*). Se aparecesse alguem... Mas eu tenho tanta vergonha de confessar que não sei ler, é tanto quasi como dizer que não tenho alma, como os brutos.

E há um colégio na minha terra. Minha mãe quiz que eu aprendesse: levou-me ao mestre, um velho de grandes barbas brancas. Fui, uma vez, à aula, mas certo menino, filho de uma viuva que vivia a matar-se por êle, seduziu-me dizendo que descobrira na mata uma jaboticabeira carregada. Fomos... depois, com medo do castigo, nunca mais tornamos ao colégio.

Saiamos todos os dias, mas, em vez de irmos à aula, seguiamos para a mata e lá ficavamos até a tarde procurando ninhos, armando arapucas e... (*olhando a carta*): Que dirão estas letras? Se eu fosse rico, dava, sem pena, metade da minha fortuna para decifrar o mistério destas linhas. (*Resignado, encolhendo os ombros*): Sou um infeliz.

E há tanta gente que sabe ler. Quando eu vejo passar um menino para o colégio, sinto os olhos humedecerem-se-me de inveja. Ah! aquele vai para a felicidade, vai buscar a chave de todos os segredos e eu continuo a minha vida triste, na prisão estreita da ignorância, olhando a terra e o céu como o que vê o mundo por entre os varões do cárcere.

Agora, por exemplo, aqui estou sem saber se tenho na mão uma boa nova ou uma sentença, se há aqui sorrisos ou lágrimas.

Sou como um escravo humilde que depende de um senhor severo e avaro — tenho de submeter-me ao que sabe e, para andar na vida, como nem sequer conheço o meu roteiro, imploro aos que passam a misericórdia de me mostrarem o caminho. Quem sabe lêr é como o piloto que conhece as estrelas do céu e por elas se orienta nos mares mais desertos... Eu, pobre de mim, nem posso mover-me de um lugar para outro sem socorro. (*Triste*): Minha mãe... Será dela? De quem será? Enfim... que fazer?

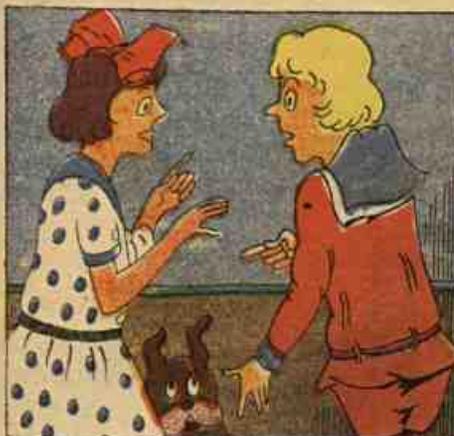
Se vier algum segredo, outro o saberá. Não posso viver livremente, ter a minha independência, hei de sempre andar rendido a outrem, a quem saiba ler, ao senhor.

Ela me perdoará o ter eu posto um terceiro entre a nossa ternura... Sou tão infeliz que nem posso receber diretamente o suave carinho de minha mãe.

Sou como o aleijado que, para gosar o aroma de uma flôr, tivesse de pedir a alguem que a colhesse no ramo. Pago para que me interpretem as cartas onde há linhas cheias de beijos, outras cheias de lágrimas, outras cheias de bençãos. O homem lê à pressa porque não sente, porque só tem em vista o dinheiro do ajuste e eu, mais tarde, olhando a carta, nem sei onde fica o nome de minha mãe para beijá-lo, tanto como beijava outrora o rosto venerando.

Será dela?...? Quem m'a lerá? O homem da ferraria, mas é tão avaro... pede tanto...! (*Tirando algumas moedas do bolso*): O que me resta é tão pouco, mal chega para o jantar... (*Encolhendo os ombros*): Jantarei amanhã... hoje... que fazer...? a carta é de minha mãe e eu não sei ler. (*tristemente, saindo*): não sei lêr e o ferreiro é cruel...

COELHO NETTO

AVENTURAS DE CHIQUINHO

Naquela noite, véspera de natal, como acontece todos os anos, era grande o rebuliço em casa de Chiquinho. Êle e a prima Lili trocavam opinião sôbre os presentes que desejariam ganhar do Papai Noel. A Lili menina de juizo e...

...estudiosa, queria ganhar bons livos, e Chiquinho tinha a grande ambição de possuir uma bicicleta. O Benjamim tambem tinha lá as suas ambições, e escreveu uma carta ao Papai Noel que dizia assim: "Papai Noel. Eu queria que...

...você désse um jeitinho de arranjar um remédio para vêr se eu fico com a pele mais clara um pouquinho, pois eu estou muito queimado do sol. Aceite um abraço bem apertado do Benja". Dona Tininha, a cozinheira, apezar dos seus...

...oitenta anos de idade, disse a Chiquinho que só queria que Papai Noel lhe désse muita saúde e muitos anos de vida. E, com os olhos cheios de saudade, contou uma porção de histórias bonitas relembrando o Natal de outros tempos,...

...tempos bons que não voltam mais. O Jagunço também estava contente, pois sabia que, como nos outros anos, o Papai Noel lhe traria latas de salchichas, biscoitos e outras guloseimas. E andava a pular pela casa quando o "pelado",...

...papagaio implicante, lhe soltou uma piada. Jagunço ficou danado porque, como cachorro não fala, não podia responder! Todos se deitaram cêdo naquela noite, deixando aos pés da cama os sapatos e os bilhetes. Vocês, que também...

...teem esperando o Papai Noel, já sab[illegible] horas custam o passar em tais oca[illegible]gonia! Finalmente bateu meia no[illegible] todos já dormiam quando, pela chaminé, começou a descer Papai Noel carregando às costas o saco de brinquedos. Seu Filogônio, o fiel guarda noturno do bairro, que, mesmo dormindo, está vigilante, vendo aquêle vulto no telhado pensou tratar-se de um ladrão. Vendo sair da chaminé grossos rolos de fumaça seu Filogênio botou a bôca no mundo, e chegou a acordar o pai de Chiquinho que é um homem que tem um sôno tão pesado que chega a quebrar...

...o estrado da cama. Pouco depois do alarme chegavam os valorosos soldados do fogo. Rápido, como um macaco, um bombeiro subiu logo para o telhado, armado com uma grossa mangueira, e começou a esguichar fortissimos játos de água pela chaminé abaixo. Em poucos minutos não havia mais fumaça, mas o bombeiro continuava a mandar água e mais água para dentro da chaminé. Seu Filogônio, armado com um revólver do tamanho dêsses revólveres de fita de cinema que dão duzentos tiros sem mudar de balas, perto da lareira esperava o ladrão, enquanto o pai de Chiquinho...

...e o Jagunço, que também acordára com o barulho, assistiam de longe. De repente um calafrio fez tremer seu Filogônio, mas... não de médo, e duas pernas apareceram! Quando puxaram o intruso para fóra da lareira, todos ficaram de bôca aberta! O suposto Papai Noel não era outro senão o Chiquinho, que ali estava, agora, todo negro de fuligem, molhado até os ossos, com o corpo cheio de arranhões e um grande galo na cabeça. Por mais essa travessura, de conseqüências tão desagradáveis Chiquinho sofreu o castigo merecido: não ganhou a bicicleta que tanto desejava!!

O SINO DE OURO

Maria Matilde tinha um sonho: fazer construir rente à baía de São Marcos, na sua linda cidade de São Luiz do Maranhão, uma torre muito alta, muito alta, encimada por um enorme sino de ouro com os nomes de todos os Estados do Brasil, formados com pedras preciosas. Quando o sino badalasse, reboariam na atmosfera as suas sonoridades acompanhadas pelo ritmo das ondas, e quando os astros o iluminassem, rutilaria no espaço esplendidamente.

Mas a velha louca parecia não ter vintem de seu. Morava num casebre em ruína, vestia-se de trapos imundos, comia só raizes e ervas do mato e bebia água na concha da mão encarquilhada e ossuda. Não tinha dinheiro para as necessidades da vida, porque, se lhe davam uma esmola, ela corria a escondê-la para o sino de ouro — e ia iludir a fome com os sobejos atirados pela caridade, ou um rabo de peixe chupado à porta de um pescador. Ninguem o sabia, mas o seu colchão estava tão cheio de moedas, que lhe magoava o corpo miserável, a ponto dela preferir estender-se no chão duro, sôbre uma esteira esgarçada.

Lá tinha a sua idéia fixa, e para realizá-la seria preciso uma fortuna! A sua torre de ouro,

com um sino cravejado de pedras preciosas, maravilharia o mundo inteiro... Em casa ou na rua a visionária falava só gesticulando, movendo no ar os dedos nodosos de unhas grandes.

As crianças fugiam atropeladamente ao vel-lhe, de longe, o busto esguio; os adultos afastavam-se daquela imundicie, e ela passava sem ver ninguem, resmungando: — Quando o sino

de ouro fizer: ba-ba-laão! ba-ba-laão! — todo o mundo dirá: — E' o coração do Brasil que está batendo... Que lindo é e como bate bem! E ela ria-se, sacudindo os longos braços magros,

a repetir pelas ruas socegadas. — O coração do Brasil está parado... quero fazê-lo palpitar com fôrça... Ba-ba-laão... Dão! Dão!

Uma noite de chuva e de relâmpagos, Maria Matilde chegou encharcada e tremendo com o frio da febre à sua choça; mas, logo ao entrar, esbarrou com uma pobre rapariga da vizinhança, que se ajoelhou chorando, a seus pés.

Qual não foi o seu espanto! Se ninguem a procurava nunca... Uns tinham medo da sua morada de louca; supunham-na outros feiticeira, bruxa, o diabo em pessoa!

Ela parou no umbral, estarrecida; a outra exclamou de mãos postas:

— Maria Matilde, tem dó de mim! Minha madrasta, aquela má mulher, expulsou-me de casa e aos meus irmãozinhos, que foram mendigar por essas ruas quase nús...

E' por êles que eu choro. Dá-me um filtro, Maria Matilde, para abrandar o coração de minha madrasta e fazer com que meu pai abra a sua porta aos filhos pequeninos, que são inocentes e estão passando fome, sofrendo frio, com medo do escuro, por essas praias. Se fôr preciso o meu sangue para salvar os anjinhos, toma-o! Abre-me as veias, aqui tens o meu corpo!

E a moça desnudava-se oferecendo os pulsos e o colo suplicemente.

Maria Matilde, de olhos arregalados, dobrou-se toda sôbre a linda cabeça da moça:

— Darás a vida por teus irmãos?
— Darei a vida.
— Jura!
— Juro! Aqui me tens, mata-me, se para

bem dêles a minha morte fôr precisa. Dizem que és feiticeira, mas o que tu és é surda! Não prolongues a agonia de meus irmãos, Maria Matilde! Aqui me tens!

Conto de JULIA LOPES DE ALMEIDA

A velha considerou a rapariga com espanto; depois, rapidamente correu ao catre, sumiu as mãos trigueiras nos rasgões da enxerga e atirou punhados de moedas, vertiginosamente, para o regaço da moça.

— Teus irmãos estão nús? Toma, vai comprar agazalho para êles! Têm fome? Dá-lhes pão... muito pão... Toma! Toma! Toma! vai para junto dêles, boa irmã. Vai com Deus!

A moça aparava aquelas moedas inesperadas num delírio de felicidade; a velha deu-lhe tudo, tudo; depois, empurrou-a violentamente pela porta fora, fechou-se por dentro e desatou a chorar.

Como haveria ela agora de comprar o sino de ouro e construir a sua alta torre rutilante? Teria de recomeçar pelo primeiro vintem... e as costas doiam-lhe tanto...! Ao menos nessa noite poderia dormir sôbre o seu colchão... O que a fazia tremer eram aquelas cobrinhas de gelo que andavam a passear pela sua espinha... a cabeça estalava-lhe.

Era febre! Maria Matilde debateu-se toda a santa noite, com os lábios secos, os olhos em fogo, as roupas ainda alagadas de chuva, unidas aos membros doloridos.

Pela madrugada serenou; e rompia a manhã gloriosa, quando ela ouviu a voz dulcíssima de um anjo dizer-lhe à cabeceira:

— Construiste esta noite a tua torre e por ela subirás ao céu!

Maria Matilde atirou para fora do catre as pernas finas, aconchegou aos rins os molambos da saia, aos ombros, os farrapos de um chale e correu ansiosa para a praia.

A cidade dormia ainda; só os passarinhos despertavam cantando. No largo mar azul o sol nascente espelhava uma coluna de ouro tão larga

e tão longa, que ninguem poderia calcular-lhe as dimensões.

No ar voavam gaivotas até além, às nuvens de ametistas e de rubis, que engrinaldavam no horizonte a torre deslumbrante. Era a pedraria do sino que reluzia! Sumindo nela os olhos felizes e fascinados, Maria Matilde sacudiu os longos braços, gritando vitoriosa, antes de cair redondamente na areia fria: — Ba-ba-lão! Ba-ba-lão! Dão... Dã... ão!

Quando a miragem do sol se desfez já a louca tinha subido pela torre de ouro até ao céu!

O astrólogo do rei

Reinava na França Luiz XI, cuja maior tarefa foi a unificação do país, que estava quase totalmente nas mãos de varios senhores feudais, e se não levou o seu trabalho, até ao fim pelo menos realizou-o em grande parte.

Luiz XI, além de ser de uma avareza sem limites, imensamente supersticioso não possuia quaisquer escrupulos para atingir os seus nem sempre justificados fins.

Tinha êle em sua côrte um astrólogo, indivíduo muito esperto, que o informava se os astros eram propicios aos seus empreendimentos.

O pseudo ledor de estrêlas ia enganando o soberano conforme podia, e até uma certa altura com sorte descomunal, que um dia quase acabou, por querer o charlatão jogar com um "pau de dois bicos."

Desejando o duque de Borgonha obrigar o seu soberano a fazer-lhe diversas concessões, que não convinham ao monarca, subornou o astrólogo, o qual convenceu Luiz XI a encontra-se com o seu pouco submisso

súdito. Este, logo que apanhou o rei dentro de seus Estados, aprisionou-o.

O rei de França, furioso com o astrólogo, resolveu enforcá-lo mesmo nos aposentos em que se encontrava, e nos quais gosava de liberdade quase absoluta.

Depois de feitos os preparativos, e chamada a vitima, o rei recebeu-a á porta da casa que lhe servia de prisão e perguntou:

— Tu, que previste a morte do meu chancelér, e acertaste, vais-me dizer, direitinho, a data da tua morte!

O infeliz astrólogo sabia muito bem a sorte que o esperava e, num esforço para salvar a pele, tratou de meter a do rei no negocio: — Magestade — respondeu êle — tanto quanto posso prever, morrerei vinte e quatro horas antes da vossa morte e é minha consolação e grande honra esperar o meu soberano no outro mundo. Diante desta saída, por medo ou pelo que fosse, Luiz XI mandou soltar o expertalhão...

Ovos

Larva

Ninfa

Zangão

Abelha mestra

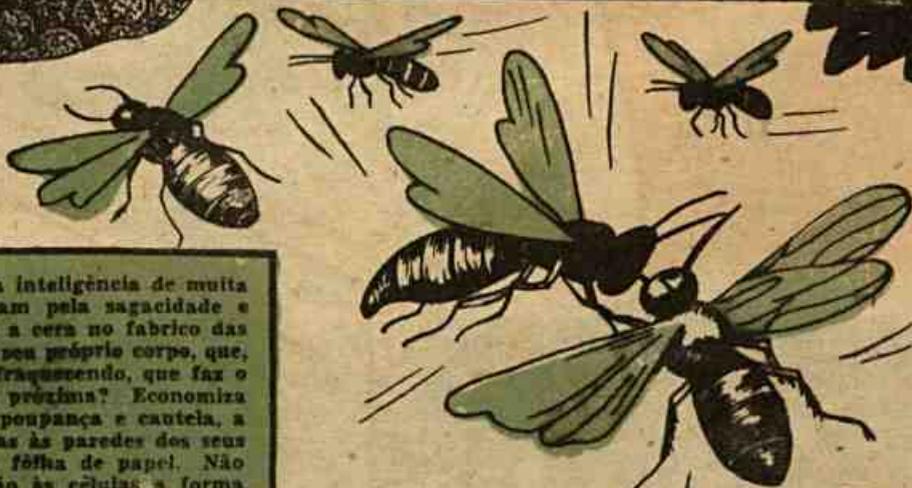
Abelha

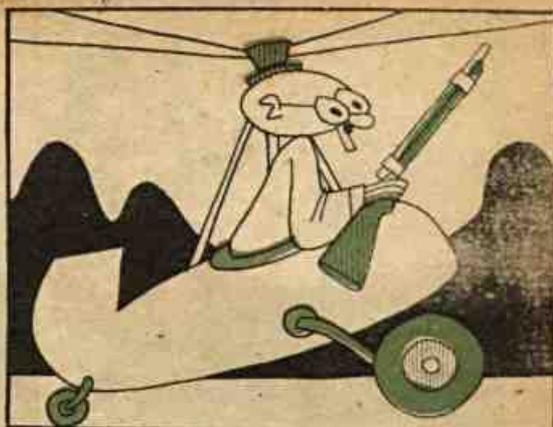
SE é admirável o enxame zumbidor, pelas manhãs claras de sol, na azáfama da colheita e do transporte das provisões de que as abelhas precisam para fabricar o mel saboroso, cresce o nosso enlêvo quando as surpreendemos a construir, com arte, previsão e economia, os seus lindos favos. A abelha, para os fazer, retira do próprio corpo o material necessário — a cera. Observamos com atenção o ventre de uma delas. Veremos que é êle formado de vários anéis encaixados uns nos outros. Por baixo do ventre, na dobra de separação de cada dois anéis contíguos, está uma fábrica de cera. Elas são oito, ao todo. Transpiramos e a nossa transpiração produz o suor. A abelha também transpira por essas dobras da pele, nesses oito pontos de sua face ventral e a sua transperação produz a cera. Não tarda que alí se forme uma plaquinha, uma lâmina de cera que a abelha retira, escovando os flancos com as patas. Começa, então, a mastigar, a amassar, com um pouco de saliva, a cera até deixar com flexibilidade, espessura e consistência necessária.

Vai agora começar a construção da casa do mel. Quanta perícia nesse trabalho delicado!.

Divide-se cada favo em diversos compartimentos — os alvéolos ou células. Cada um dêles é uma coluna de seis faces ou um prisma hexagonal. A abelha, à medida que apronta os alvéolos, os vai colocando um ao lado do outro com uma perfeita regularidade. Terminado um favo, ela o suspende verticalmente ao teto do cortiço. Não basta um. São precisos muitos para o sustento das povoadoras da colméia, de 20 a 30 mil. Em cada um dêles, trabalham centenas de abelhas que gastam, às vezes, um dia para o construir.

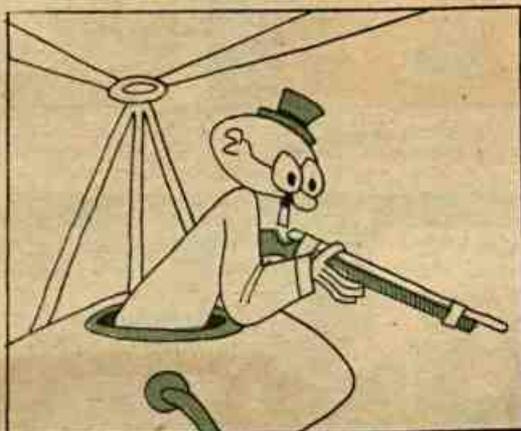
Suspensos da abóbada da colméia, uns em face dos outros, paralelos, ficam entre êles espaços livres, que são as ruas e praças da cidade das abelhas. Por alí estão elas a circular como gente atarefada, que não tem tempo para prosa. Isto de "escorar esquinas", preguiçar nas soleiras, atravancar passeios não é com elas. Quem tarde anda, elas parecem saber, pouco alcança. Vão de porta em porta, aqui para descarregar o mel, alí para armazenar a cera, acolá para levar a comidinha das larvas.

A arquitetura das abelhas é admirável pela harmonia e beleza das suas linhas que parecem feitas a compasso. O favo e os seus alvéolos, obra do instinto maravilhoso, revelam um traçado, um arranjo, uma construção que escapa à inteligência de muita gente. As abelhas ainda nos admiram pela sagacidade e previsão com que produzem a gastam a cera no fabrico das células. Retirando-a de si mesmo, do seu próprio corpo, que, a transpirar para produzir, se vai enfraquecendo, que faz o inseto para se defender de u'a morte próxima? Economiza a cera. Não a esperdiça. Para esta poupança e cautela, a abelhas não dá a grossura de muralhas às paredes dos seus alvéolos. Cada uma é fina como uma fôlha de papel. Não param aí as abelhas previdentes. Dão às células a forma mais econômica, a que exige menor despesa de cera. Dão-lhes o feitio de um prisma hexagonal, porque, exatamente, e êste o preferivel. Não gasta muita cera e deixa o alvéolo bem espaçoso.

AVENTURAS DE TINOCO CAÇADOR DE FÉRAS

por Théo

1 Aquela do guarda-chuva para caçar jacaré não é nada! — disse Tinoco a Mister Brown. O senhor sabe como é que eu caço leões, agora?

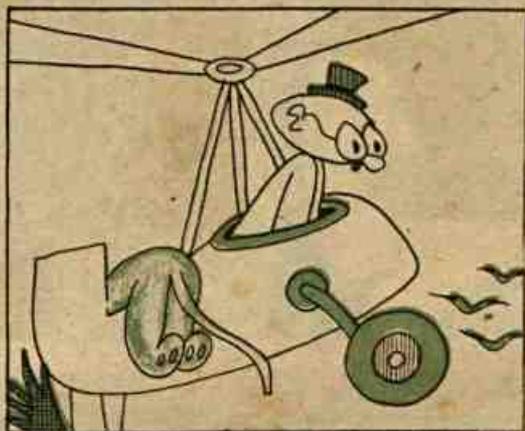
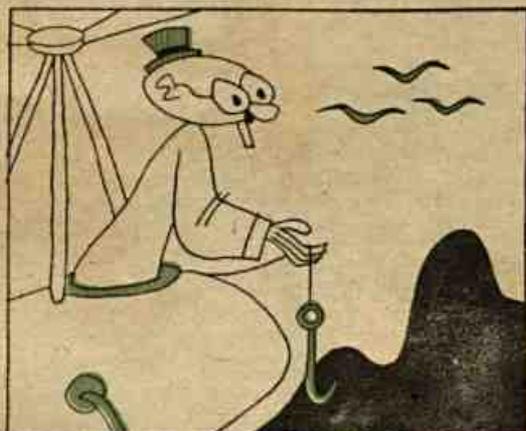
2 E' fácil, divertido, elegante, sem risco, emocionante e moderno. Comprei um auto-giro. Baratinho, sabe! A gasogênio.

3

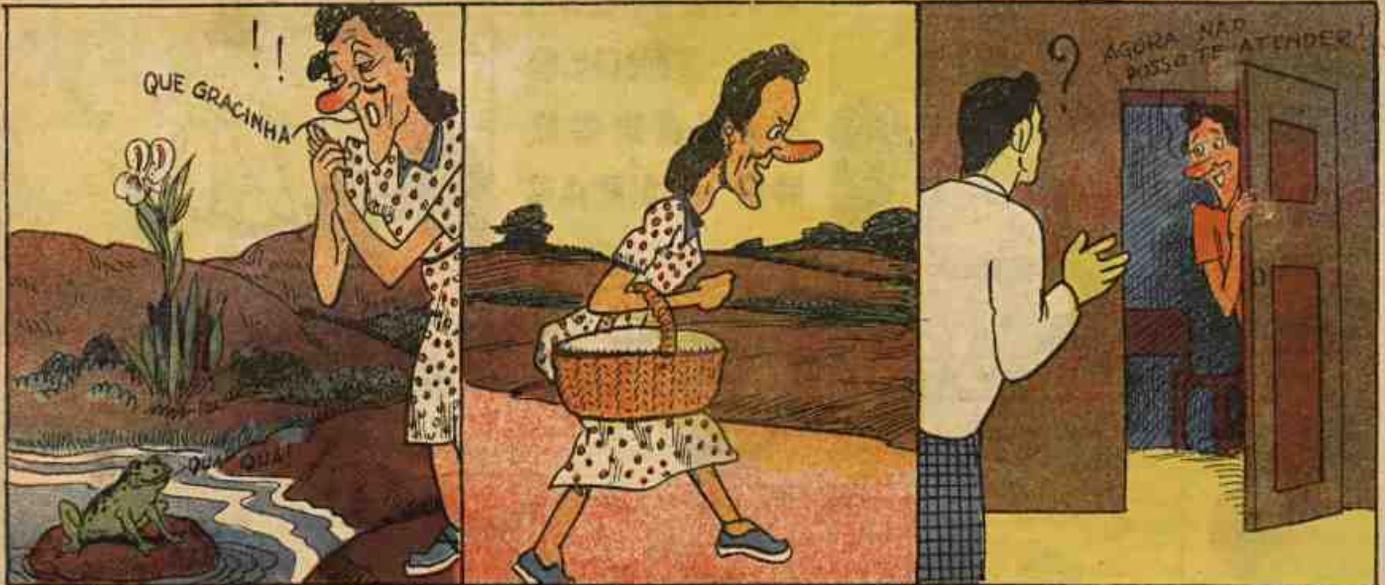
Com tôda a calma entro no auto-giro, giro o auto e enquanto êle gira bem alto eu giro, do alto, o olhar pelas selvas.

4

O engraçado é que sempre avisto um leão; coincidências... E o leão, que nunca me viu, se espanta e fica de bôca aberta... Então, eu...

5

...faço fogo. O infeliz cái. Eu desço o aparelho, vivamente emocionado. E, com o auxílio de um anzol apropriado, pesco o cadáver leonino!

6

E regresso, Mister, cheio de vida e heroicamente feliz!! Já cacei assim, em Jacarépaguá, nada menos de 777 leões... E os bôbos ainda ficam parados, quando apareço!!

Aventuras de Zé Macaco e Faustina

Faustina foi ao sitio de um compadre, e lá, ouvindo o coaxar dos sapos, no banhado, ficou enlêvada!

Como tem um temperamento altamente artistico, imaginou logo uma coisa sensacional, abafativa mesmo!

Ao chegar em casa, de regresso, trancou-se na sala, e, tôda misterios, não deixava entrar ali nem o próprio marido!

Zé Macaco, que já lhe conhece a fôrça de imaginação, só fazia pensar no que iria sair dali!!

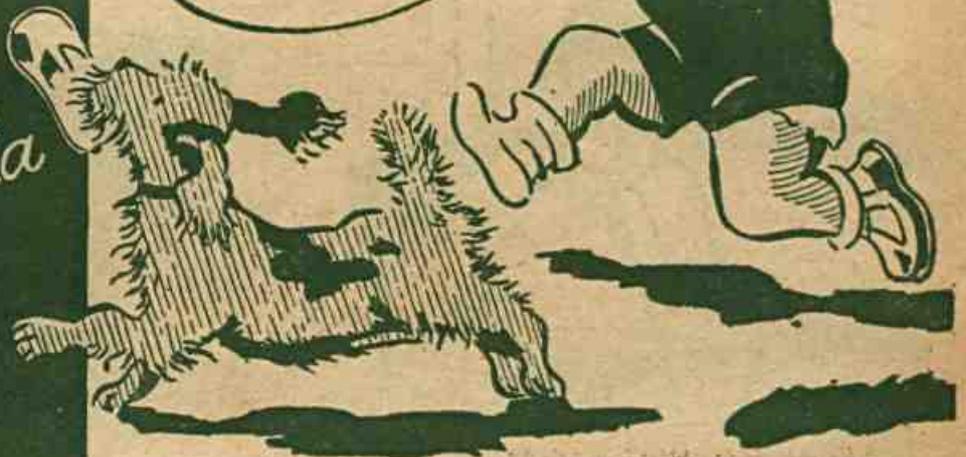
Afinal, a bomba estourou: Madame Macaco ia dar um concêrto sapo-musical, iniciativa que prometia sucesso.

E o dia chegou, em que a festa se devia realizar. A hora marcada, começou a execução. Notável!

Quando, porém, começaram a se ouvir os aplausos, os sapos não tiveram cerimônia: assustados, começaram a fugir.

E os convidados, assustados por sua vez, fugiram, também numa confusão de hora de tomar bonde! Foi um horror!!

Como sempre, Faustina desapontou, coitada! Mas Zé Macaco sempre acha palavras com que consolar a mulherzinha!

A sapataria mais querida da cidade

INSINUANTE
uma galeria à sua disposição

A maior e melhor sapataria da America Latina

CARIOCA, 48 E SETE SETEMBRO, 199-201

O XAROPE da SABEDORIA

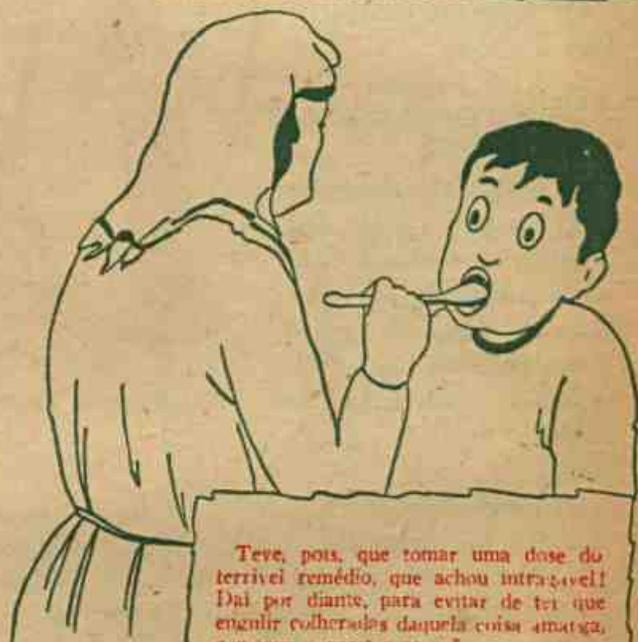
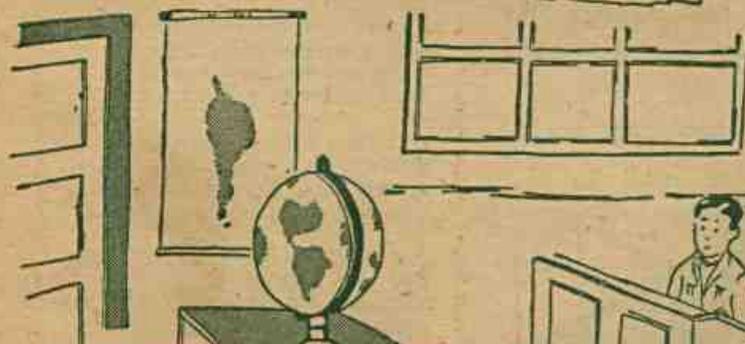
Era uma vez um menino chamado Julio, que gostava de muitas coisas. . . menos de estudar. Só gostava de ler livros de historias, de correr, de ir ao cinema, jogar bola. . Mas quando se falava em aritmética, geografia, francês, historia pátria, fazia cara feia e ia dizendo logo que não gostava destas coisas.

Os pais de Julio, naturalmente, viviam tristes com isso, sem saber o que fazer com aquele filho mau, que não queria fazê-los felizes. E o pior é que Julio não percebia que até os colegas, por causa disso, falavam dêle, na escola.

"Eu gostaria de estudar", — dizia êle, às vezes. "Mas não sei o que acontece comigo: leio, leio e não guardo nada!" " — E' que não prestas atenção! — dizia o pai". Lês as lições com o pensamento em outras cousas!"

"Isso deve ter um remedio! dizia a mãe de Julio. E um dia foi visitar uma senhora, que fôra sua professora, e era muito sabida e inteligente. Ao chegar, contou-lhe o que se passava com o filho.

— Teu filho está muito doente! — disse a velha professora. Seu mal é devéras lamentavel, mas tem cura. Seu mal, a doença de que êle sofre, é a preguiça, mal que tem feito a infelicidade de muita gente. Mas eu te darei um remédio para êle

Aqui tens um xarope — continuou, — que o porá bom. E' o xarope da sabedoria. E' muito ruim de tomar. E' amargo, mas é infalivel. Cada vez que teu filho não souber uma lição, tu lhe darás uma colherada. Antes de acabar este vidro, êle estará curado.
A mãe de Julio regressou a casa cheia de esperanças. Como tôda mãe, o que ela mais desejava, na vida, era que seu filho fosse estudioso, inteligente, e fizesse papel bonito no colégio, tirando sempre os primeiros lugares.
Em casa, explicou ao filho que tôdas as vezes que êle não soubesse a lição teria que tomar uma colher do xarope da sabedoria.
Julio foi estudar mas, como sempre, não aprendeu nada, só pensando no futebol...
Teve, pois, que tomar uma dose do terrivel remédio, que achou intragável! Daí por diante, para evitar de ter que engulir colheradas daquela coisa amarga, começou a prestar atenção ao que lia, e começou, por isso, a saber as lições.
Só teve que tomar mais duas colheres do remédio. Dentro de pouco era um aluno igual aos outros. Tomou gosto e chegou a ser o primeiro da classe! Os pais estavam radiantes! E' como estudou com atenção, aprendeu e não precisou mais tomar o tal xarope...

A aposta do bôbo

ERA uma vez um fidalgo muito rico e muito preguiçoso, que gostava de ficar o dia inteiro — às vezes a noite também — sentado em sua alta cadeira, a fazer perguntas ociosas à sua pequena côrte.

Um dia — dia de chuvinha, por sinal — lembrou-se o nosso Conde de perguntar:

— Qual é a profissão que tem mais adeptos?

Os cortezãos começaram logo a discutir:

— A de ferreiro.

— Não! Os alfaiates são mais numerosos!

— Nada! Os sapateiros estão em todos os lugares!

Satisfeito, gozava o Conde o efeito de sua pergunta, quando notou que o bôbo da côrte estava quieto a um canto, de sobrolho franzido, pensando.

Interrogou-o:

— Em que pensas?

— Senhor, eu poderei provar que a profissão que tem mais seguidores é a de médico...

— Médico? Aposto contigo 50 ducados como não poderás prová-lo!

O truão fechou a aposta e a conversa mudou para outro assunto.

No dia seguinte vinha pela rua o bôbo com a cara enrolada num

Texto e desenho de
PAULO VINCENT

enorme lenço, apoiado numa bengala tôda torta.

A primeira pessoa que encontrou, um guarda, perguntou-lhe o que tinha.

— Uma dôr de garganta que me mata — e torceu o rosto como se sentisse uma grande dôr.

— Só isso? Pois olhe: você faça um gargarejo com limão e sal, que é um santo remédio!

Fingindo tomar nota da receita, o bôbo escreveu o nome do guarda num caderninho.

E assim foi. Todos que o encontravam davam uma receita que era "um santo remédio". Ao chegar ao palácio, já havia mais de cem nomes no caderno.

Ao vê-lo, assim enrolado, o Conde exclamou:

— Que é isso? Que é isso? Você, doente! Que tem?

— Ai! Sr. Conde, não me aguento mais de dôr de garganta!

— Ora, você aquêça um pouco de água...

Soltando uma formidável gargalhada, gritou o truão:

— Até o Conde é médico! Veja esta lista. De minha casa até aqui encontrei mais de cem médicos! O Conde entra, agora, na lista...

E foi assim que o bôbo da côrte ganhou a aposta.

SALTADOR... INFELIZ

SONHO

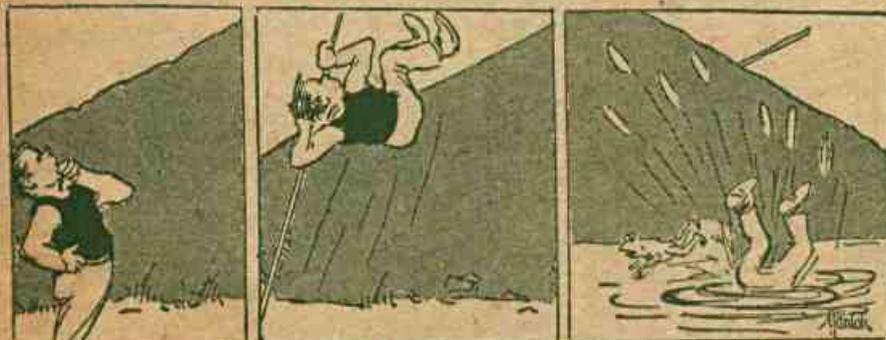
Não te recordas, mãezinha,
Daquela tarde encantada,
Quando o sol ia fugindo
Atrás da serra dourada?

Não te lembras, mamãezinha,
Que, sob a grande mangueira,
Vovó contava as histórias
De uma bruxa feiticeira?

Pois hoje sonhei, querida,
Que aquela velha mangueira
Já não dava a sombra longa
Que chegava à cordilheira.

Sonhei que a mangueira amada,
Em luta com um furacão,
Tombara em meio do campo,
Jazia, morta, no chão.

E fiquei triste, mãezinha
Em pensar que os passarinhos
Já não terão na mangueira
O paraíso dos ninhos.

CARLOS MANHAES

Passatempos e Quebra Cabeças

ESTA À PROCURA DO CAMINHO

O pobre africano que você aí está vendo, ausentou-se do acampamento e se perdeu por ter ido longe demais. Quando quis voltar, não achou o caminho. Bem que correu, procurando. E olhe lá que êle conhece a terra africana como ninguem! Nasceu e se criou ali! Pois, nem assim! Agora, é preciso alguem encontrar, para que êle regresse, a estrada que deve tomar... Veja se a encontra.

UMA GALINHA QUE PÕE OVOS POR ENCOMENDA

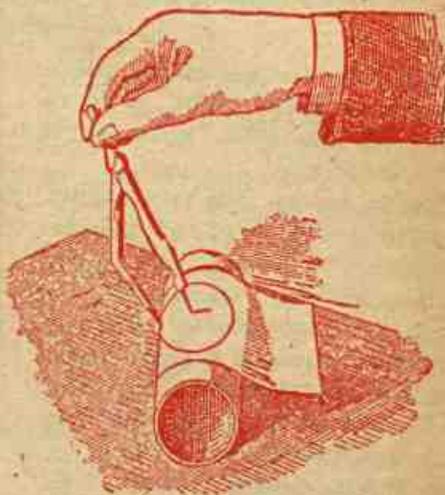
Fixem a vista com persistência no ovo preto durante uns 20 a 30 segundos.

Olhem a seguir para o ninho e lá verão aparecer dentro um lindo ovo branco.

TRAÇAR UMA OVAL COM COMPASSO

UM meio muito prático de traçar ràpidamente uma oval com o compasso, consiste em enrolar a fôlha de papel sôbre uma superfície cilíndrica, um rôlo de madeira ou de cartão, por exemplo, e efetuar, em seguida, o traçado com a abertura que se desejar.

A figura, que seria um círculo se a superfície fôsse plana, será, nestas condições, uma oval.

Os fotógrafos amadores podem empregar êste processo cômodo para recortar os retratos em forma de medalhão

BONECOS PARAQUEDISTAS

Ótimo divertimento para uma tarde de chuva! O aparêlho que lança os "paraquedistas" consiste tão só em dois pedaços de papelão forte, de 10 x 15 centímetros. Mais ou menos a um centímetro (mais para mais que para menos) da parte superior, e na parte central de cada papelão, faz-se um buraco. Faz-se atravessar pelos dois um elástico, em cujas extremidades se dão nós, para que não sáiam de novo.

Os bonecos são figuras recortadas, coladas sobre papelão.

Metendo-se os bonecos entre os dois papelões, usa-se o elástico para fazê-los saltar pelo mesmo processo da funda, ou bodoque.

BEBIDA MEDIDA U

Se você colocar o que aí está na sua cabeça, ninguem zombará de você, antes acharão muito natural. Por que? Que é que aí está escrito em forma de enigma? (Se não descobrir, procure a página 140).

O prefixo «ITA»

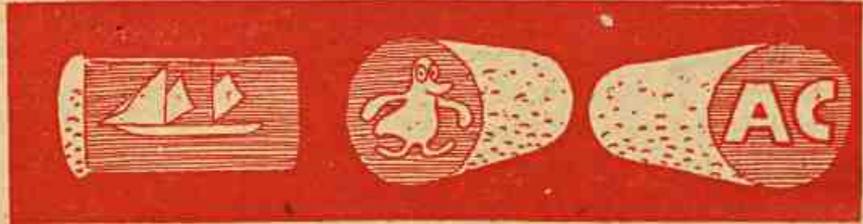
e sua significação

O prefixo "Ita" que no tupí guaraní designa rocha, pedra, entra na formação de muitos vocabulos do idioma nacional.

Vamos ver os mais interessantes. "Itacoatiara", pedra pintada; "Itacolomí", menino de pedra; "Itacumba" ou "Itacurumbi", calhau cu seixo miudo; "Itaipava", pedra que atravessa a agua; "Itaimbé", pico alcantilado; "Itamembeca", pedra esponjosa, esponja; "Itamotinga", quartzo brilhante; "Itaoca" ,pedra furada, caverna; "Itapeba", pedrão abruto no litortal ou à margem de rio; "Itaparica", cercado de pedras; "Itapecerica", pedra escorregadia; "Itapicurú", lageado; "Itapira", salto de pedra; "Itaquí", pedra aguçada ou pontuda; "Itararé", sumidouro de agua por entre rochas; "Itauna", basalto negro, pedra preta.

Como claramente se percebe, todas essas palavras precedidas de "Ita", trazem a ideia nitida de pedra ou rocha. Além disso, esse mesmo prefixo entra na formação dos nomes de algumas especies botanicas cujos frutos ou cuja casca fazem evocar a rocha ou a pedra, tais como "Itapeuá", "Itapinima", "Itambá", "Itajubá", "Itacava" e outras.

CARIMBOS

FEITOS COM CORTIÇA

Usando rôlhas, ou pedaços de cortiça da boa, sem buracos, podem-se fazer carimbos formidáveis!

Primeiro se deixa mergulhada a cortiça em água, para facilitar o corte. Pouco tempo basta.

Depois, desenha-se o motivo ou monograma, mas sempre que se tratar de letras serão escritas *ao contrario*, para que sejam reproduzidos direito.

Com cuidado, utilizando um canivete bem afiado, retira-se a cortiça nas partes exteriores e interiores do desenho feito, afim de que o que se desenhou fique em relevo, e possa ser impresso.

Como tudo, nesta vida, isto depende muito de jeito, calma, paciência, persistência e cuidado.

Com pressa, com afobação, nenhuma dessas pequenas coisas interessantes, que distráem e adextram as mãos e ativam a inteligência, e que oferecemos no nosso Almanaque — e sempre em O TICO-TICO — poderá ser feita. A paciência é a primeira virtude que devemos cultivar para ter êxito na vida!

UMA VAIDOSA EM JUPITER

Se uma moça, vaidosa de sua esbelteza, na perfeição dos 54 quilos, se transportasse a Júpiter, que tem tão grande massa que 1400 Terras poderiam caber nele, ficaria bastante aborrecida com a mudança de peso.

Júpiter é tão grande que sua gravidade é duas vezes e meia a da Terra e os 54 quilos da jovem passariam a 108 naquele longinquo planeta.

OS PRINCIPAIS IDIOMAS

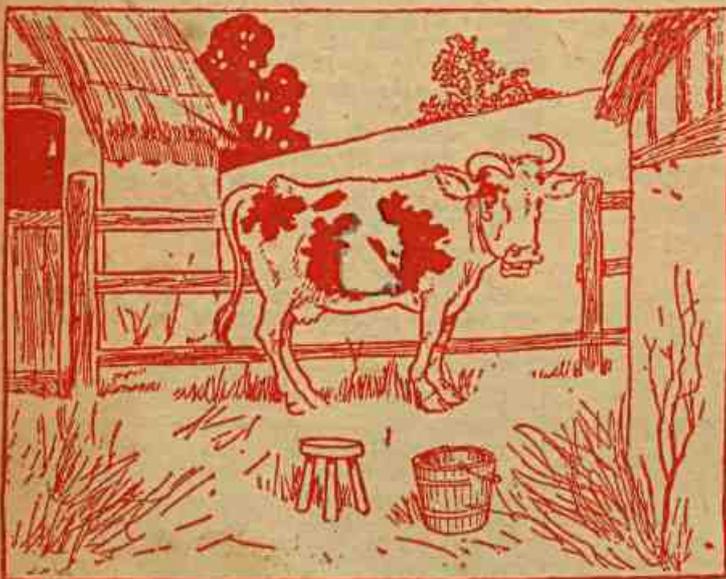
De acôrdo com os dados compilados pelos membros da Academia Francesa, existem no mundo nada menos de 2.796 idiomas. Os dez principais, segundo informes fornecidos recentemente pelo Departamento de informações de Guerra dos Estados Unidos, são os seguintes, com o número de pessoas que deles se utilizam:

Inglês	260.000 000
Hindustão	160.000.000
Russo	145.000.000
Espanhol	115.000 000
Alemão	98.000.000
Japonês	76.000.000
Francês	70.000.000
Bengali	62.000.000
Italiano	52.000.000
Português	50.000.000

Os quatrocentos milhões de chineses falam nove dialetos principais, sendo que o mandarim é o mais usado.

Onde?

Onde estará? Quem? A moça que estava ordenhando esta bonita vaca.

Ordenhar é tirar leite. Não sabia? Pois foi bom: aprendeu. Agora, procure a mocinha.. Ela está aí, bem à vista. Ache-a...

Qual a ORIGEM?

A origem do almanaque é antiquíssima e se supõe que foram os egipcios os primeiros que os usaram.

Nas paredes do sepulcro do faraó Ramsés IV, perto de Tebas, e que data do século treze antes de Jesús Cristo, havia um almanaque com indicações astronômicas relativas às estrêlas que se viam daquela cidade.

Os antigos gregos e romanos tiveram também seus almanaques feitos em mármore, pedra ou madeira, nos quais se gravavam indicações a respeito das tarefas agricolas de cada mês do ano.

Os caldeus, assirios, vândalos, godos, chineses e hebreus tinham almanaques, mas êstes não se populari-

zaram e estavam reservados aos magos e sacerdotes.

A invenção da imprensa, que revolucionou o mundo, havia de pô-los ao alcance de todos, aperfeiçoando-os também até transformá-los em uma obra quase literária, pois além dos conhecimentos úteis se acrescentaram poesias, lendas, contos e artigos assinados por escritores de tôdas as espécies.

A igreja incluiu nos almanaques cristãos os nomes dos santos, isto é, daquêles que se festejam cada mês.

●

Os primeiros almanaques de parede apareceram em 1492.

O povo começou a se familiarizar com êles e a tê-los por guia em vários assuntos, como sejam as festas religiosas, indicações sôbre as fases da lua, etc.

Entre os mais antigos Amanaques do Brasil, está em lugar de destaque o Almanaque d'O Tico-Tico, que êste ano aparece pela 39ª vez, tendo, portanto, trinta e nove anos de existência!!

Uma glória maior

(Tomam Parte: A PROFESSORA e PEQUENOS DISCIPULOS) *CENA ÚNICA*

Uma alvorada alegre em terras do Brasil. Grandes matas; ao fundo morros altos, de onde as torrentes tombam em catadupa. Flôres em profusão e pássaros.

UM MENINO:
— E' grande a nossa terra!
UMA MENINA:
— Oh! tamanha, tamanha...
A MESTRA:
— Bem; mas que há de maior na terra brasileira?
PRIMEIRA CRIANÇA:
— Sei: é o rio!
SEGUNDA CRIANÇA:
— A floresta!
TERCEIRA CRIANÇA:
— A montanha!
QUARTA CRIANÇA:
— A cachoeira!
PRIMEIRA CRIANÇA:
— E' o rio, é o rio! Oh! reprezado — num segundo
o Amazonas decerto alagaria o mundo!
TERCEIRA CRIANÇA:
— Não; é a serra! Ela vai cobrindo a terra inteira...
e por tôda a extensão do seu escondedouro,
por entre os socavões de cada cordilheira
há riquezas de ferro e pedraria e ouro!
SEGUNDA CRIANÇA:
— E a floresta? E' tão forte e tão viva a floresta
tão viçoso o seu verde e florido aranhol,
que, por leguas afóra, ah! nem por uma fresta
se vê sob ela o sol!
QUARTA CRIANÇA:
— E a catarata, então! Onde a força gigante
como a água desta terra em seus saltos profundos?
Como rola Iguassú! E' horrenda e deslumbrante...
O sol abre na espuma um iris deslumbrante
e o vale é como um céu onde tombassem mundos!
A MESTRA:
— Não, meus filhos! Maior que as águas e que os montes—
alvorece uma luz nos nossos horizontes:
(dirigindo-se à Primeira Criança)
é a Raça — cujo ardor tem a força dos rios
borbulhantes, soberbos, correntios,
num cântico sonoro!
(falando à Terceira)
— Raça de bronze com a fôrça de granito
dêstes montes enormes no infinito,
iluminados como um meteóro...
(voltando-se à Segunda)
— Seu coração é cheio de fervor
como uma alegre e pródiga floresta
que fosse enorme e eternamente em flor!
(voltando-se para a Quarta)
— Sua voz, de perdão na hora funesta,
de redenção na hora do terror,
libertou negros sorridentemente
porque seu coração é forte e ardente
como uma cachoeira de ouro e amor.
Rompeu as brenhas aniquiladoras
traçando com seu sangue a nossa história
Varou o sertão brejoso na bandeira,
Pobre e só, venceu hordas invasoras,
E amalgamou a Pátria Brasileira
com dôr e sacrifício, até a vitória!
O que há de maior na terra ilimitada
é a Raça humilde, mas heróica e pura,
que enfrenta a natureza denodada.
Raça de homens de audácia e de Mães de ternura,
ardentes de coragem,
certos do seu destino em ascenção,
que hão de erguer nesta terra, indómita e selvagem,
maior que a propria terra, uma grande Nação!

(Enquanto a Mestra fala a aurora se acentúa e no céu largo vai surgindo o sol).

MURILLO ARAUJO

OS TRÊS VALENTES

VIVIAM em certa cidade três homenzinhos que se chamavam Pim, Pam e Pum.

Pim tinha um nariz comprido e fino que se afastava tanto de seu rosto que parecia estar com pressa de chegar sempre antes de seu dono.

O nariz de Pam era revirado para cima, como uma cópia do Pão de Açúcar. E o de Pum era comprido e revirado para uma banda, como se tivesse dobrado uma esquina.

Certo dia se encontraram casualmente os três. E, como eram amigos, logo se estabeleceu entre êles animada conversa.

— Não sabem apreciar os nossos méritos — disse Pum. Entretanto, tenho certeza de que nós três temos muito valôr!

— Ora, se temos! — exclamou Pim.

Não precisa ir mais longe. Esta manhã, ainda, matei um rato, sem que ninguem me ajudasse.

— E eu ontem matei uma barata — exclamou Pam.

— E eu, o outro dia, deixei sem vida uma rã — acrescentou Pum, para não ser menos que os outros.

— Esplêndido! — disse Pim; mas tenham em conta que o rato que eu matei era enorme. Em minha vida nunca vi outro maior!

— Pois a barata que eu matei era colossal! Tive que sustentar com ela verdadeira luta!

— Não creio que fosse tão grande como a minha rã! — atalhou Pum. — Se vocês a vissem!!

— Tudo isso está muito bem — retrucou Pim. — Mas saibam que o rato que eu enfrentei era tão forte e feroz como um leão. Brigava como um leão e rugia como um leão. Tive que sustentar com êle verdadeira batalha, e várias vezes me cravou as garras nas pernas! Acho, mesmo, que era um leão de verdade! Contudo, eu o matei de um só golpe! Fui um valente!

— Imaginem — disse Pam — que a barata que eu venci tinha um focinho tão grande como a tromba de um elefante dos grandes! Era, mesmo, grande como um elefante. Quanto mais penso no caso, mais me convenço de que era um elefante. E, apesar disso, eu a reduzi a manteiga, com o pé.

— Pois se vocês tivessem visto a batalha que eu sustentei com a rã!! — acrescentou Pum. — Era enorme! Parecia um tigre. E me tratou como um tigre trata os caçadores! Só mesmo um tigre muito feroz seria capaz de lutar daquêle jeito, de modo que estou convicto de que não era rã e sim um tigre de Bengala, mesmo.

— Palavra que somos uns valentes! — exclamou Pim. — Creio que devíamos sair a correr mundo, em busca de fortuna. E para que tôda a gente saiba quem somos, colocaremos cartões em nosso chapéus, explicando o que temos feito.

— Combinado! — disseram os amigos.

E no dia seguinte os três se encontraram no mesmo ponto, para dar início à excursão, em busca de aventuras e de fortuna. Pim levava em tôrno do chapéu um cartão em que se lia **"O matador de leões"**. Pum ostentava uma fita cuja inscrição dizia: **"O matador de elefantes"**. E, por fim, Pum exibia um cartão no chapéu, onde estava escrito: **"O matador de tigres"**.

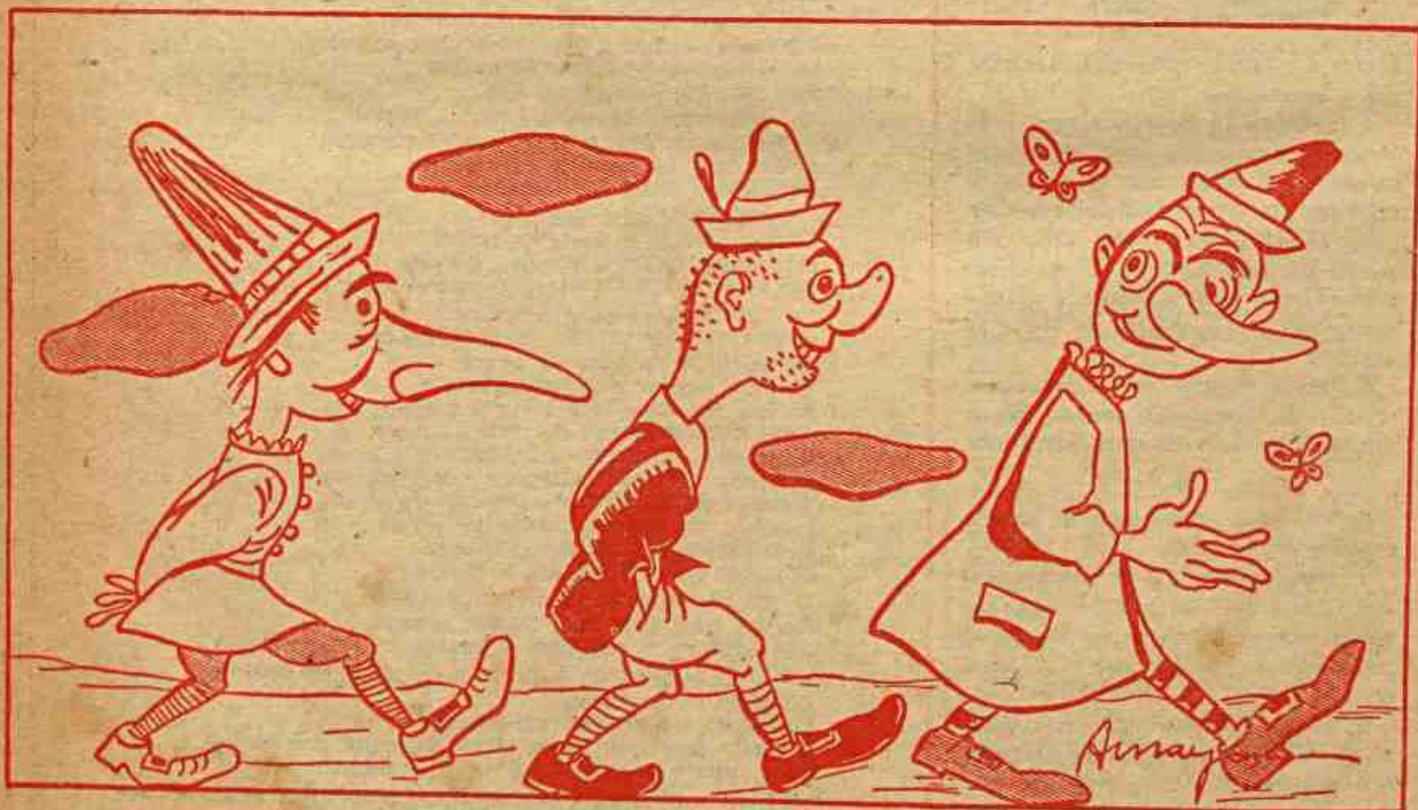
Uma vez que se cumprimentaram, empreenderam a marcha, procurando dar aos respectivos semblantes o maior aspecto de ferocidade possível.

MEIA hora apenas havia que tinham partido, quando se encontraram com uns meninos que voltavam da escola, e que começaram a rir às gargalhadas, das suas exóticas figuras. Pim disse a um dos meninos que deviam ser mais respeitadores, mas os rapazes estavam mesmo achando graça e seguiam seu caminho ainda a rir.

— Palavra de honra! — disse Pim — pouco faltou para que eu virasse bicho com aquêles insolentes! De boa se livraram êles!

— Eu também estive ali-ali para me zangar! — exclamou Pam.

— E eu! — concluiu Pum.

Continuaram a viagem os três amigos. E ao cabo de bom pedaço de tempo, chegaram às proximidades de uma granja.

— Vários patos se interpuseram no caminho, e à vista dêles os três amigos se detiveram repentinamente.

— Amigos — disse Pim — parecem animais ferozes!

— Ferozes como águias! — continuou Pam.

— E são águias, mesmo! completou Pum.

— E' melhor a gente voltar e procurar outro caminho — prosseguiu Pim. — Assim evitaremos causar dano a êsses pobres animais. Aquêle alvitre pareceu muito justo aos companheiros, e os três voltaram em direção aposta, até encontrar um caminho transversal, pelo qual avançaram.

Ao fim de pouco tempo, encontraram-se com vários camponeses que pareciam atemorizados mas que, ao lêr os letreiros que os três valentes traziam nos chapéus, demonstraram cobrar novo ânimo.

— Que sorte haver encontrado os senhores, bons viajantes! — disse um dos homens. — Fugiu-nos um touro feroz! Os amigos querem vir pegá-lo?

— A que distância se encontra êle? — perguntou Pim, tremendo.

— Sim: a que distância? — interrogaram os dois companheiros.

— Mais ou menos a um quilômetro.

— Tragam-no aqui e nós o mataremos no mesmo instante — disse, corajosamente, Pim.

— Mas é que não nos atrevemos a chegar perto dêle! — explicaram os camponios. — E' uma verdadeira fera!

— Sinto muito... porque tenho que matar hoje uns leões, muito longe daqui, e não me posso demorar — disse, então, Pim.

— E eu, uma grande manada de elefantes, na mesma localidade que o meu companheiro — disse Pum.

— E quanto a mim, dei minha palavra para ir matar uma duzia de tigres, no mesmo lugar — acrescentou Pum.

E os três se encaminharam em direção oposta à indicada pelos camponezes.

NO dia seguinte, chegaram a um campo, onde havia vários coelhos brincando.

— Que bichos ferozes serão aquêles? — perguntou Pim, estacando.

— Parecem tigres... disse Pam.

— Parecem, não! São tigres! — disse — Pum.

— Vamos dar-lhes caça- — propôs Pim — num rasgo de coragem. — Vamos nos expôr a um grande perigo, mas isso nada é em comparação com as façanhas que já temos levado a cabo!

— Arrisquemos nossas vidas uma vez mais! — concordou Pam. — Avante!

— A morte ou a glória! — exclamou Pum, tomando de ardor belicoso.

E os três correram na direção dos coelhos que dispararam a tôda a carreira, pelo campo. Um dos fugitivos, um velho coelho cinzento, deteve-se no meio da carreira e, levantando-se sôbre as patas traseiras, fez-lhes frente.

Os três heróis se detiveram bruscamente.

— Parece um papa-homens! — disse Pim, retrocedendo um pouco.

— Vai saltar sôbre nós! — continuou Pam.

— Se vai! — concluiu Pum.

E os três fizeram meia volta e saíram correndo desabaladamente. Na carreira em que ia, Pim meteu um pé no buraco de um coelho e caiu a fio comprido. Pam tropeçou nêle e achatou o nariz ao cair sôbre o companheiro. Pum caiu também, tropeçando nos dois.

Quando se levantaram, Pim tinha um enorme galo na testa, o nariz de Pam estava inchado e parecia um pimentão, e Pum tinha no rosto um enorme arranhão produzido por um alfinete que Pam usava no laço da gravata.

Seguindo seu caminho, chegaram a um lugar onde havia um moinho de vento. Os três ficaram maravilhados ao contemplá-lo, pois nunca tinham visto semelhante coisa.

Aproximaram-se cautelosamente e o moleiro saiu ao encôntro dêles. Perguntaram que "monstro" era aquêle e o moleiro, que era um camarada alegre e brincalhão, respondeu que aquilo era um aparelho para fabricar vento.

— Que cousa estupenda! — comentou Pim. — E eu, que tantas vezes me interroguei de onde poderia vir o vento!

O moleiro não pôde conter uma gargalhada.

— Vão embora daqui, seus simplórios! — disse-lhes — Se não, eu lhes arrancarei os narizes!

Os três se puseram a correr, mortos de mêdo, até que se detiveram, cansadíssimos.

— Calma, meus amigos; não vos assusteis assim — disse Pim, que tremia como uma folha. — De boa nos livramos nós!

Depois de descansar um bom pedaço, seguiram seu caminho até chegar a um campo onde havia um espantalho.

— A ocasião se nos apresenta, companheiros! — gritou Pim — Deixem-me só! Vou mostrar a vocês até onde chega minha coragem, pondo por terra aquêle gigante!

— Nós te acompanhamos! — responderam os amigos. — Não te podemos abandonar no momento do perigo!

E caminhando corajosamente os três, em direção ao espantalho, derrubaram-no por terra, pisoteando-o furiosamente.

Nêsse momento apareceu um lavrador, que ficou furioso vendo o que tinham feito com o seu espantalho.

Os três valentes, então, saíram a correr, a tôda a velocidade.

E tanto correram, tanto correram, que se prederam de vista para sempre...

(Tradução de M. M. Bma)

AQUI ESTÃO AS SOLUÇÕES

dos passatempos e problemas propostos neste Almanaque

NEGÓCIOS DE GATOS

(SOLUÇÕES)

À primeira vista tem-se a impressão de que cada gato apanha um rato em 1 minuto. Mas não.

Cada par de gatos apanha um par de ratos em um par de minutos. Logo, em 6 minutos (que são três pares de minutos) o mesmo par de gatos terá tempo de apanhar, três vezes, um par de ratos. Logo, a solução do 1.° problema é: são precisos só 2 gatos.

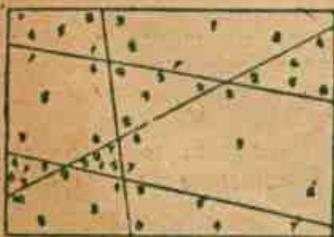
•

PARA o 2.° problema vale o mesmo raciocínio. E a solução será: 6 gatos bastam.

Procure as Profissões

AS PROFISSÕES ERAM ESTAS

1) *DENTISTA*
2) *NOTÁRIO*
3) *TRADUTOR*
4) *JUIZ*
5) *QUÍMICO*
6) *AGRONOMO*
7) *MILITAR*
8) *MÉDICO*
9) *VETERINÁRIO*
10) *FARMACÊUTICO.*

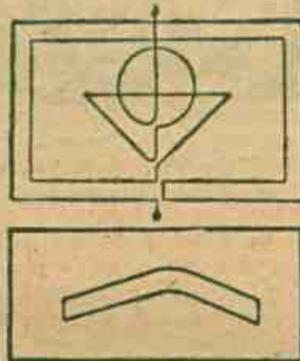
UMA DIVISÃO

Mostre que é bom detetive

(SOLUÇÃO)

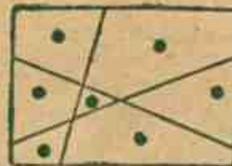
O detetive Ramiro achou, no corredor, fóra do quarto, no bolso da capa, a chave do quarto do morto. Ora.André não podia ter fechado o quarto por dentro tendo a chave ficado lá fóra, no bolso da capa.

Logo, quem fechára a porta fôra Alberto, ao sair, depois de assassinar o coitado. Donde se vê que "o crime não compensa".

Você é esperto?

(SOLUÇÕES)

Aqui estão as soluções da página 113.

•

DIVIDA AS MAÇAS

Solução do problema da página 68.

QUE VAI POR NA CABEÇA?

(SOLUÇÃO)

CHAPÉU

PASSATEMPO DA SALADA

São os seguites os ingredientes da nossa salada:

1) Alface
2) Cebola
3) Tomate
4) Azeitona
5) Batata
6) Cenoura.

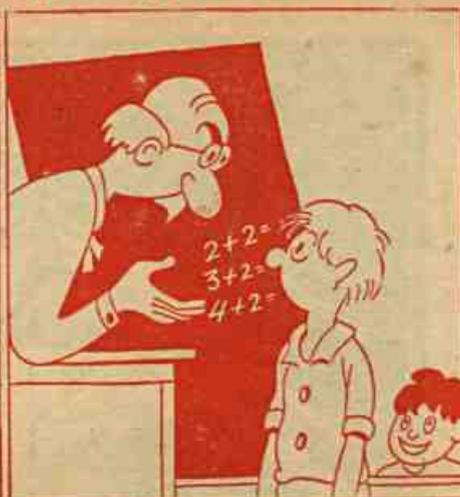
Os signos do Zodíaco

(SOLUÇÃO)

1.° Aquario. — 2.° Aries, — 3.° Cancer. — 4.° Capricornio. — 5.° Escorpio. — 6.° Géminis. — 7.° Leo. — 8.° Libra. — 9.° Piscis. — 10.° Sagitario. — 11.° Tauro. — 12.° Virgo.

Muitos dêstes passatempos você pode passar adiante, para se divertir e divertir os seus amigos.

O LICÔR MARAVILHOSO

Manequinho era um menino medroso como êle só. Rara era a noite em que não acordava aos gritos, amedrontado por fantasmas que os seus olhos viam até na claridade, pois só dormia de luz acesa. Quando chegava a hora...

...de levantar-se, era com grande sacrifício, pois sentia-se com o corpo muito cansado. O resultado, era que no colégio estava sempre cochilando na carteira, sem prestar atenção às lições. O professor ralhava, os colegas zom...

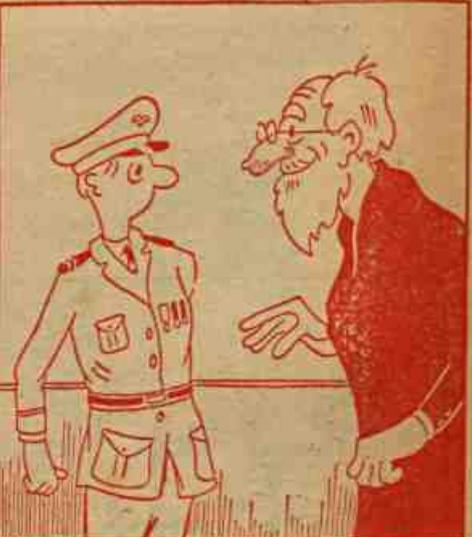
...bavam. Quando os outros meninos, alegres, a cantar e a pular, voltavam para as suas casas, o Manequinho ficava no colégio, de castigo estudando as lições. E' o pobrezinho esforçava-se por aprender; mas, não havia geito! Tudo...

...esquecia, sentia tonteiras, a cabeça rodando. Quando saía à rua para fazer qualquer cousa, os moleques davam-lhe em cima, ameaçando-o com pancada e chamando-o com uma porção de apelidos. E o Manequinho não reagia porque...

...o medo não deixava. Correndo para livrar-se chegava em casa quase botando o coração pela bôca. E não estava aí só o seu sofrimento. Até mesmo seus pais muitas vezes o repreendiam severamente privando-o de passeios e de ...

cinema. E viviam bastante contrariados pois reconheciam que não podia fazer do filho o que tanto desejavam: um aviador, para servir ao Brasil. Um dia, Manequinho estava muito triste, quando dêle se aproximou um velhinho...

...que morava ao lado da sua casa, que todos os garótos chamavam de feiticeiro. E o velho falou: — Meu filho eu sei qual a razão da sua tristeza, mas você não é culpado de nada que acontece. Vou dar um licôr mágico, para você tomar, e tudo mudará. Seguindo os conselhos do bom velhinho, o Manéquinho nas horas marcadas tomava as doses do maravilhoso licôr. No fim de pouco tempo era outro.

... O enfezadinho Manéco era agora forte com "Tarzan", e os outros meninos ficavam doidinhos de inveja vendo a sua possante musculatura. Nos estudos progredia de forma assombrosa! Em todos os exames e provas sempre obteve os primeiros lugares. E, para satisfação dos seus pais, ingressou na aeronáutica. Dentro de pouco tempo era entre a oficialidade, um dos mais competentes, tendo merecido várias condecorações por atos...

...de bravura e abnegação. Tôda essa gloria, porém não fez com que o Manéco esquecesse o velhinho. Um dia foi vê-lo, e êle então lhe revelou o segredo daquela transformação, dizendo: — "Todos os meninos do Brasil que quiserem ser como o Manéquinho, sigam o meu conselho: Tomem o "Elixir de Inhame Goulart" que depura, fortalece e engorda, dando saúde, porque a vida, com saúde é outra coisa!".

A Ignorância

E' tréva de cegueira. Cada letra do alfabeto que nela sôa é com uma centelha na escuridão. Duas que se reunam em silabas rebrilham. Juntando-se as silabas em palavras alumiam. Reunidas as palavras em frases aclaram e vai por elas o homem através do negrume e chega ao livro que é uma porta de dois batentes que abre para o espledor solar.

E toda a vida se lhe desvenda e nela todos os encantos.

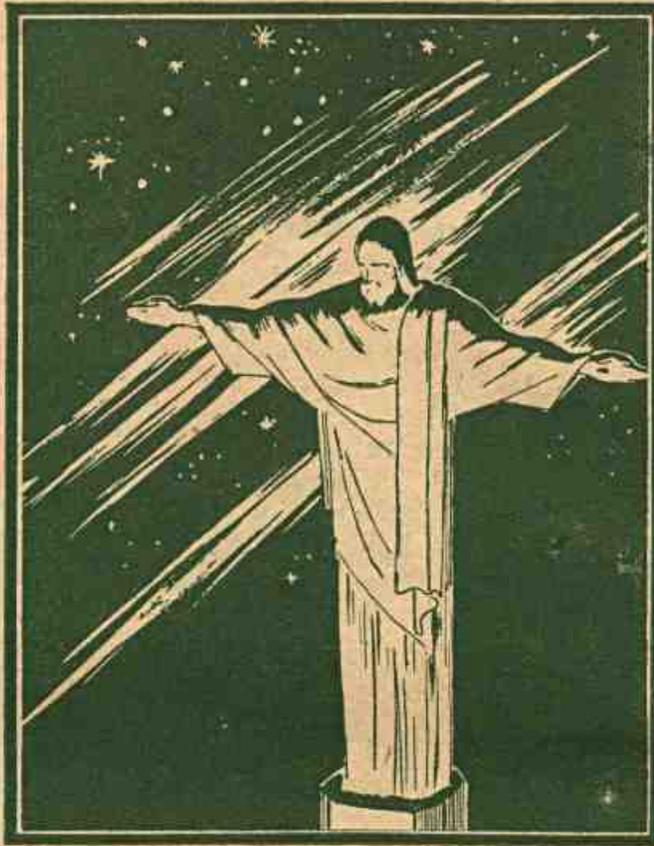
Vai ao passado, percorre o presente, inclina-se sôbre o futuro. Acha os caminhos todos desimpedidos e neles entra sem receio, sendo em todos como senhor, independente porque não precisa de auxilio de mão alheia nem de conselhos que o orientem.

Reconhece a sua fôrça, usa dos seus direitos, cumpre todos os seus deveres e, levado por vontade própria, dirige-se ao que lhe convem e apraz.

Tendo o segredo para abrir todas as portas da Ciência e da Poesia, que são os livros, vai por elas de maravilha em maravilha como se atravessasse os salões deslumbrantes de um palácio encantado.

O ignorante é um escravo cego e carregado de ferros que mendiga nos degraus da escada do palácio, ouvindo as músicas que soam e os louvores dos que passam.

E, quanto mais ouve falar em esplendor, tanto mais negra lhe parece a escuridão em que vive.

COELHO NETO

Cristo no Corcovado

Do pico alcantilado,
Tocando quase a cúpula de anil
Nossos Jesus amado
Proteje as terras lindas do Brasil,

Braços em cruz,
As mãos divias sôbre nós espalma,
Parecendo dizer o Bom Jesus:
"Reine, perene, no Brasil a calma".

Que dêsse trono que domina o espaço,
Donde nos abre os braços sobranceiros,
Queira Jesus unir no mesmo abraço
Todos os brasileiros!

LUIZ DE MELLO

QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO...

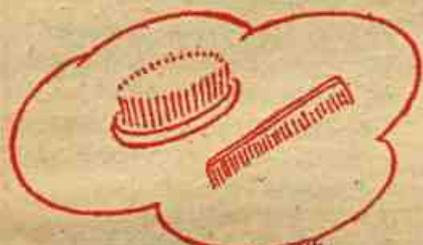
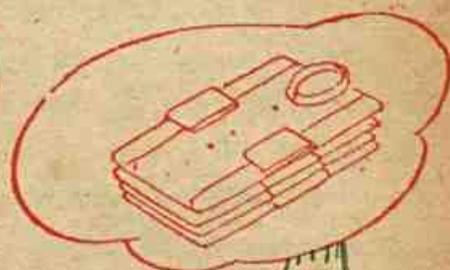
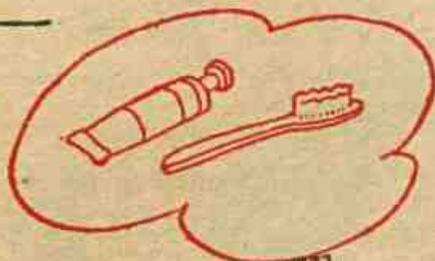
O primeiro parque zoológico foi fundado pelo imperador chinês Wu-Wang e data do ano 1150 A. C. Os romanos e os gregos não o conheceram. O jardim zoológico reapareceu na Idade Média, encontrando-se apenas nos conventos ou destinando-se à caça. Somente em 1828 foi instalado em Londres o primeiro jardim zoológico cientificamente organizado.

A VIAGEM DE "SEU" PANCRÁCIO

Legendas de **GALVÃO DE QUEIROZ**

(BONECOS DE LINO PALACIO)

1

"Seu" Pancrácio vai viajar
e a mala está preparando.
Antes, porém, de a fechar,
fica a pensar, recordando:

2

Já pus a escova de dentes,
guardei a pasta também...

3

Não esqueci as camisas:
levo quatro, e chegam bem!

4

Estão cá o pente, a escova
para escovar os cabelos...

5

Botei meias, botei lenços,
não esqueci os chinelos...

6

Navalha... pincel, o crême
de barbear, o sabonete...
Pronto! Não falta mais nada!
Já completei o "toilette"...

7

E "seu" Pancrácio, confiado
na memória colossal
foi para a porta da rua,
chamou um auto. (o coitado
anda no mundo da lua!)
sem reparar que esquecêra
justamente o... principal.

História da Petéca

UM dia, estava um casal de agricultores na sua horta, com os três filhos, que se chamavam Bitú, Bitó e Bité.

Enquanto os pais trabalhavam, reunindo verduras de várias qualidades, para carregar um carroção que devia ser levado à feira, Bitú, Bité e Bitó, já tendo ajudado no que lhes competia, começaram a brincar.

Foi então quando Bité, que era a menor, apanhou um grande nabo, ainda com as folhas, e jogou para cima, gritando aos irmãos para que o aparassem.

O nabo subiu bem alto e, ao cair, veiu com a raiz para baixo e a folhagem esvoaçando.

Bitú deu um salto, e aparou-o na palma da mão, fazendo-o subir de novo, para tornar a cair da mesmesma forma e ser aparado por Bitó.

Dessa forma, ficou êle no ar, subindo e descendo, e entre os irmãos se estabeleceu verdadeira competição para não o deixar cair ao chão.

As crianças gostaram do novo jogo. Tanto que, ao regressar da horta, levaram para casa a planta, afim de com ela continuar a brincar no dia seguinte. E' assim aconteceu.

Mas os nabos que destinavam aos seus torneios, sempre apodreciam ou murchavam.

E foi então que a boa mamãe dos garotos teve a idéia de fazer, com couro e penas de galinha, uma coisa que tivesse o formato da planta, e servisse para os seus filhos jogarem, sem apodrecer nem se estragar.

O êxito foi completo!

As crianças, querendo batisar o novo brinquedo, deram-lhe o nome pitoresco e engraçado de *petéca*.

E aí está como foi que apareceu, no mundo maravilhoso dos brinquedos das crianças, a primeira petéca.

ANOS BISSEXTOS

Quando o mês de fevereiro tem 28 dias, os anos dizem-se comuns e têm 365 dias; quando fevereiro tem 29 dias, os anos dizem-se bissextos e têm 366 dias.

Saber-se-á se o ano é bissexto se o número formado pelos dois último algarismos da direita fôr divisivel por quatro. Assim, os anos de 1752, 1884 e 1928 foram bissetos. Serão bissextos os anos de 1956, 1964 e 1980.

Se o ano fôr centenar, só será bissexto quando o número que exprime a totalidade das centenas seja divisivel por quatro. Assim, o ano 2.000 será bissexto mas o ano de 1900 não o foi.

Gigantes Célebres

EM 1817, um escritôr francês, Henrion, publicou uma memória, na qual procurava provar que Adão tinha a altura de 39 metros. Abrahão não tinha, já, mais que 6 e Moisés, 4 metros.

Diversos achados de ossos gigantescas pareciam comprovar a asserção até que Cuvier demonstrou que êsses ossos pertenciam a mamutes e a mastodontes.

Todavia, houve homens de uma altura considerável. Walter Parson media 2m.25; um alemão de Leipzig, chamado Muller, grande favorito da côrte de Luiz XIV, media 2m.40.

Em Londres apareceu Bamfield, chamado o gigante de Stafordshire, que media 2m.10.

Cornelius Marath, irlandês, media 2m.30. Seu esqueleto acha-se conservado no museu de Dublin.

Charles e Patrick O'Brien, também irlandeses, o primeiro media 2m.45 e o segundo 2m.55.

Os condadôs inglesês de Yorkshire e Lancashire, têm fornecido homens e mulheres de uma estatura extraordinária, como Toler, que tinha 2m.55.

Louis Frans, francês media 2m.25; Joaquim Eleicequi, espanhol, 2m.35; o chinês Chang, 2m.55; o grêgo Amanal, 2m.33; a alemã Mariana, 2m.45.

ONDE ESTÁ BARATINHA?

Zé Macaco e Faustina estão à procura do Baratinha, que se escondeu. Onde está o queridinho do casal? Procure-o, para se distrair.

Conselhos aos nadadores

— Evitar sempre os sitios perigosos, principalmente no principio.

Não mergulhar sem conhecer bem o fundo, e depois de mergulhar têr o cuidado de voltar logo à superficie para respirar.

Nos redemoinhos, que faz muitas vezes a água, deixar-se arrastar até ao fundo, e ao vir acima, procurar desembaraçar-se imediatamente do perigo por um movimento de vigoroso impulso.

Não se meter na água antes de concluida a digestão, isto é, três horas pelo menos depois de qualquer refeição, mais ou menos abundante.

Despir-se devagar, e mergulhar com resolução e inteiramente, só depois de sentir uma certa frescura na pele.

Não prolongar o banho em excesso, tornar a vestir,se ràpidamente, e pôr-se a caminho.

A melhor ocasião de se tomar banho é das sete às oito horas da manhã. Não há nisso, porém, inconveniente em outra qualquer hora do dia.

É êrro acreditar-se que é máu tomar banho durante as caniculas; o que é máu ou nocivo é fazê-lo em água estagnada ou cheia de ervas aquáticas. A melhor é sempre a do mar ou corrente, de fundo arenoso.

Como dizer os nomes da semana?

— Como poderá você — perguntava um camarada a outro — indicar seis dias da semana, sem dizer "segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, e sábado?

— Ora, — respondeu o outro — muito facilmente: "Traz-ante-ontem, ante-ontem, ontem, hoje, amanhã e depois de amanhã".

A princeza Dália

(CONCLUSÃO)

adversária tombou adormecida. A princesa procurou e achou a corrente e, achando-a, apoderou-se ràpidamente da chave do rochedo encantado.

Nesse momento o dragão que se achava à porta do castelo acordou sacudido por um frêmito exquisito e desabalou em louca corrida em direção à praia. E' que a chave estava especialmente confiada à sua guarda e como tal, no momento em que foi roubada despertou, por um poder mágico, o seu dorminhoco guarda.

Dália, uma vez possuidora da chave, pôs-se a caminhar através dos campos; desejaria voar, para mais depressa estreitar o filho nos braços. Mas, tudo parecia estar contra ela, pois que lhe aconteceu de deixar cair a chavezinha num fundo atoleiro de onde, por mais que fizesse, não a poderia tirar. Desolada, começou a chorar. A boa fada Esperança, porém, teve dó dessa pobre mãi e, a seu mando, um passarinho alvo como a neve mergulhou no brejo e conseguiu retirar de lá a chave, que depositou nas mãos da princesa. E, caso interessante! — a alvura da penugem do pássaro não se maculou ao tocar no barro, nem a chave saiu também suja, pelo contrário, saiu mais limpa do que se tivesse caído em água límpida.

. . . .

Quando Dália chegou à praia já lá encontrou o dragão, postado à entrada do rochedo e vomitando labaredas sinistras. Não trepidou, porém; avançou para êle, pronta para o que désse e viesse. O monstro, reunindo as fôrças, investiu furioso, mas como a moça ràpidamente se refugiára atráz de um dos grossos carvalhos que ladeavam a rocha, essa investida foi-lhe desastrosa, pois o resultado foi dar uma cabeçada no tronco da árvore; meio tonto de dôr e cégo de raiva, tentou investir mais uma vez, mas batendo no outro carvalho, cambaleou; depois, ergueu-se vacilante e aproximando-se do mar, mergulhou na imensidade azul.

Dália não perdeu tempo. Cantando "Acorda meu anjo inocente" deu sete voltas com a chave de ouro na fechadura do rochedo e pôde, finalmente, ter em seus braços o filho querido. Logo depois teve o cuidado de mandar a chave para o fundo do mar, a fim de fazer companhia ao dragão. No mesmo momento em que as águas se fechavam sepultando a chavezinha, ouviu-se um terrivel estrondo o castelo da fada do Bosque ia pelos ares, justamente com sua malvada dona.

Achando exquisito que só por bater nos carvalhos ficasse o dragão abatido, a princesa aproximou-se das duas árvores, e pode lêr em seus troncos as palavras "Amor" e "Sacrifício". Ao bater na primeira, não se déra por vencido o monstro, mas ao encontrar a resistência da segunda perdeu completamente as fôrças. Compreendeu então, que o amor sem sacrifícios nada vale.

Tratou da volta ao castelo. Pensava em mandar as criadas na frente; seguiria atráz com o filho. Apareceu, então, numa carruagem de marfim e ornada de magnificas flores, vinda do céu, a fada Esperança.

"Vinde comigo — falou. — Eu vos transportarei ao vosso castelo. Dóra em diante vivereis tranquilos, ninguém mais vos molestará, pois o amor que vence os maiores obstáculos é digno de recompensado".

Radiante de alegria, com o filho nos braços, subiu a princesa para a carruagem. Subiram também as duas criadas; haviam fielmente seguido sua patrôa e eram, porisso, dignas de serem transportadas na carruagem da fada, juntamente com sua senhora.

CONCLUSÕES DOS CONTOS das páginas coloridas

O carro cintilante foi subindo, subindo, até desaparecer numa nuvem rósea e dourada, que num abrir e fechar de olhos, o levou ao castelo da princesa Dália.

Até hoje a fada Esperança continúa a espalhar flores e sorrisos por toda parte; não há ninguém a quem deixe de dizer uma palavra boa, a quem deixe de dar um lenitivo às penas; é ela quem acompanha o homem até a última hora, não deixando perecer o sentimento a que deu o nome e que é um fragmento de seu verde manto protetor do mundo.

•

Ambição castigada

(Vem da pág. 91)

O velho rei já nada mais enxergava e os irmãos do principe Doré saíram à sua procura. Encontraram o cadaver do irmão e não o reconheceram.

— Quem será êste pobre que assim foi morto e abandonado? — Enterraram-no e proseguiram. De repente, sôbre uma árvore viram um lindo papagaio que lhes disse:

— Levai-me convosco e na agua de meu banho lavai os olhos do rei. E êle ficará curado.

Assim fizeram. E o velho rei ficou completamente bom e todo reino se sentiu feliz.

Só do principe nada mais se soube além do que dêle dizia o lindo papagaio real com bico de ouro e penas de esmeralda, rubis e prata:

— Ao principe Doré o diabo levou. Quiz tudo e tudo perdeu, porque a mentira, a vaidade, a ambição e a violência atraem sôbre si a cólera de Deus.

•

As Moedas de Ouro

(Vem da pag. 27)

MAL amanheceu, ainda no lusco-fusco dos primeiros clarões do dia, poz-se de pé, com a sacola apertada contra o peito, e saiu do tugurio, abandonando-o para sempre.

Começou, logo depois, a desfazer-da fortuna. Tudo o que via — comprava. E pagava em ouro. Em pouco, a sacola esvasiara. E em lugar de um maltrapilho havia, agora, um homem rico, elegantemente trajado, dono de um palacio. A moeda de ouro, que êle achara na noite de frio, continuava, obedientemente, a multiplicar-se em outras.

O tempo rodou. Passaram-se meses. O homem, com os bolsos pesados de moedas de ouro, entrou nos teatros e ricos restaurantes, participando da alta roda. E esqueceu-se de que, uma noite ao pé da escadaria da igreja, refletira que, se algum dia fosse milionário, parte do seu dinheiro seria destinado a mitigar a fome dos mendigos da cidade.

Um dia, curiosamente, subiu a escadaria da igreja onde, durante tantos anos, esfarrapado e faminto, recolhera, para seu sustento, a esmola da caridade alheia.

Transpôs a porta da igreja, com um passo de homem soberbo. A prata e o ouro das imagens e dos altares não mais o impressionaram, como no tempo em que, envergonhado de seus andrajos, espiava medrosamente, de soslaio, o interior suntuoso da Casa de Deus. Toda aquela prata e todo aquele ouro eram, agora, para êle, de pouco valor, comparados com a fortuna que lhe dava a sua moeda miraculosa: bastava atirá-la ao chão algumas vezes, para que êle tivesse todo o ouro e toda a prata que via nos altares e nas imagens, nos nichos e nas paredes do templo.

Ao sair da igreja, cheio de presunção e de orgulho, ouviu uma voz humilde que lhe suplicava:

— Uma esmola pelo amor de Deus...

(Conclúe na pág. seguinte)

Olhou. Era um velhinho, de barbas brancas e longas, que lhe estendia imploratìvamente o chapéu na escadaria.

O homem rico mergulhou a mão no bolso, procurando o dinheiro; só achou moedas de ouro. Mirou-as, remirou-as. E considerou, com a sua consciência de milionário, que uma moeda daquelas era demais para ser dada como esmola a um mendigo. Então, avaramente, guardou outra vez no bolso as moedas, e disse ao miseravel:

— Deus o favoreça...

E foi embora, no seu automovel de luxo.

Nesse mesmo dia, à tarde, de volta a seu palacio, verificou que gastara todo o dinheiro que levara consigo ao saír. Como de costume, tornou a recorrer ao milagre da moeda. Atirou-a ao solo, como fazia das outras vezes. E não ouvia, como de costume, o tinido do metal sobre o chão. Recuou para traz, assombrado, num pressentimento trágico. E tremia da cabeça aos pés. No chão, a moeda era um montículo de barro. Tentou recompô-la, nervosamente. Foi tempo perdido. A terra escorregava-lhe, dos dedos. E desaparecia, misturando-se ao pó do solo.

E foi assim que o homem rico começou novamente a ser pobre. Perdeu o palacio. Perdeu os criados. Perdeu os amigos. Perdeu o fausto e luxo. Perdeu o orgulho e a presunção.

Tempos depois, com o seu paletó andrajoso, voltou ao último degráu da igreja e passou a arrastar a vida com niquéis que lhe dão. E hoje está absolutamente convicto de que o pobre velho de barbas brancas, a quem não dera a esmola de uma moeda de ouro, não era pobre nem era velho: era Deus, que se disfarçava em mendigo, para ver se realmente êle merecia a fortuna que lhe dera.

— Era Deus em pessoa! — afirma o mendigo a quem quiser escutá-lo.

E fecha a cara, furioso, se alguém desconfia que êle está mentindo.

A cidade em que, durante o século passado, havia enorme quantidade de cães era Constantinopla, na Turquia. Os habitantes deixavam-nos reproduzir-se à vontade. Êsses cães chegavam a tomar conta das duas ruas e a defendiam contra incursões de cães de outras localidades, não raro dando origem a brigas tremendas, que muito divertiam o povo. Os cães em Constantinopla eram tolerados porque se encarregavam do serviço gratuito de limpeza. Entretanto ali eram rarissimos os casos de idrofobia.

René Descartes (leia-se Dêcarte) foi um filósofo, geômetra e físico francês, nascido em 1596.

Foi um dos criadores do método experimental, ainda hoje usado.

No estudo da matematica superior, nome e seus principios são frequentemente usados.

Descartes morreu em 1630.

Na velha provincia de Junan, na China, existe o monte Gunio, uma pedra famosa porque tem o feitio de um nariz humano, com duas cavernas a maneira de fossas nazais e de onde brota, em uma, agua quente, noutra, agua fria.